



WILD LOVE

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

ELSIE SILVER

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



WILD LOVE

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

ELSIE SILVER

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



WILD LOVE

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

ELSIE SILVER

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

Rosie Belmont tem me enlouquecido há anos. O tipo bom de loucura. O tipo ruim de loucura. Mas, principalmente, o tipo de loucura que vem quando se deseja a irmã mais nova de seu melhor amigo e se sabe que não se pode tê-la.

Depois de viver em uma metrópole, ela volta a Rose Hill como uma tempestade.

Linda, bagunçada e caótica.

E basta um pedido desesperado de emprego com os olhos arregalados para que eu a contrate.

A *Forbes* pode ter me rotulado como o bilionário mais sexy do mundo, mas tudo o que me interessa é abrir meu novo estúdio de gravação. Algo que é interrompido quando fico cara a cara com uma jovem que afirma que sou seu pai biológico.

Agora, passo meus dias equilibrando os negócios com a criação de uma criança mal-humorada de 12 anos, enquanto tento desesperadamente manter minhas mãos longe da irmãzinha do meu melhor amigo.

Prometo manter Rosie à distância. Tento limitar-me a fazer caretas e a contar piadas mal-humoradas. Mas com ela as discussões verbais são apenas preliminares – atrito que se transforma em fogo intenso.

Sei muito bem que não devo cruzar essa linha.

Mas não devo e não posso são duas coisas muito diferentes.

E a única coisa que eu realmente não posso fazer é resistir a ela.

CAPÍTULO UM

Ford

— Cara. A *Forbes* nomeou você o bilionário mais sexy do mundo.
— Meu melhor amigo, Weston Belmont, anuncia o título com um toque extra para zombar de mim. Ele faz parecer que sou uma stripper prestes a subir ao palco.

Eu o ignoro e concentro-me em desempacotar a caixa de produtos de limpeza que está aos meus pés.

— Ford. — Ele balança a revista brilhante para mim. — Isso é loucura.

Meus olhos voltam-se para West e dou a ele o olhar mais vazio que posso reunir. Ele descansa na cadeira de encosto alto com as botas levantadas na minha mesa. A sujeira espalha-se pelo fundo, tornando este lugar uma bagunça ainda maior do que já é.

— É uma loucura, tudo bem. — Apoiando as mãos nos quadris, viro-me para examinar o antigo celeiro que será a sede do meu novo estúdio de gravação e produtora. Estou chamando de celeiro, mas é mais um anexo vazio e empoeirado. Buracos cor de ferrugem no chão levam-me a acreditar que antigamente existiam estábulos nele. Agora, é principalmente um espaço aberto grande e bagunçado, com uma pequena área de cozinha perto da porta da frente, separada por um corredor longo e estreito.

De qualquer forma, fica a poucos passos da casa principal da fazenda, em um enorme terreno inclinado, bem nos limites de Rose Hill.

E quando você abre as portas do antigo celeiro, a vista é simplesmente espetacular.

O lago encosta na linha inferior da propriedade, pinheiros

emolduram ambos os lados, fazendo com que pareça um oásis privado. A extremidade da pequena cidade montanhosa fica a apenas cinco minutos daqui. Além disso, são montanhas irregulares que se estendem por quilômetros e quilômetros de natureza intocada do Canadá.

O local é lindo. Mas tudo na propriedade está em mau estado. No entanto, tudo tem muito potencial. Posso ver isso claro como o dia. Hospedagens para os artistas. Móveis antigos. Wi-Fi irregular. Nada de paparazzi.

Rose Hill Records. Nomeada em homenagem à cidade que aprendi a amar.

Produzi *um* álbum de sucesso e agora estou com saudade. Quero fazer isso de novo e, para minha sorte, um fluxo de artistas também quer uma chance. Estou animado para ser criativo todos os dias. Ouvir música todos os dias. Fazer as músicas ganharem vida todos os dias.

Especialmente *aqui*.

Rose Hill é o lugar perfeito para construir uma casa e começar o negócio que sempre sonhei.

Um refúgio pessoal onde não preciso usar um terno abafado ou reportar-me a acionistas que não se importam com nada além dos resultados financeiros ou ser perseguido pela imprensa por ser o *bilionário mais sexy do mundo*, como se isso fosse algum tipo de conquista.

— Diz aqui que você se recusou a comentar.

Se eles nomeassem West como o bilionário mais sexy do mundo, ele tiraria proveito disso.

Eu? Recuso-me a comentar e venho para uma cidade pequena onde posso iniciar um novo empreendimento sozinho. Eu odeio a atenção.

— Na verdade, fiz um comentário antes de dizer que me recusava oficialmente a comentar.

West bufa. — Oh, isso deve ser bom.

Minha bochecha se contrai. Ele sabe. Ele me conhece melhor do que quase ninguém.

— Eu disse a eles que sou apenas um bilionário e que sou mais atraente do que as outras 2.500 pessoas da lista. Eles querem escrever um artigo sobre o aspecto menos interessante da minha vida. Então, sem comentários, porque esse feito não merece. Um cara convencionalmente bonito e rico diz não, obrigado, porra.

— É tão estranho que eles não quiseram publicar essa frase charmosa sua, Ford. Um verdadeiro quebra-cabeça.

Dou de ombros e ignoro o golpe. Falar sobre dinheiro deixa-me desconfortável. Tive bastante disso durante toda a minha vida e agora passei muito tempo perto de pessoas que fazem minha infância parecer escassa. Nunca achei que fosse uma característica especialmente impressionante em qualquer pessoa que conheci. Na verdade, é exatamente o oposto. Quando você tem muito dinheiro, as pessoas agem de maneira diferente ao seu redor, e se você ficar obcecado demais com seu próprio dinheiro, pode transformar-se em um verdadeiro pedaço de merda.

Por que alguém iria querer ler um artigo sobre o quão rico é um cara?

Eu também nunca floresci sob os holofotes. A atenção torna-me mal-humorado e sarcástico, e o que já me disseram, *rude* ou *fora de sintonia com os sinais sociais*. Embora eu não tenha certeza se iria tão longe. Eu chamaria isso de direto e diria que outras pessoas se ofendem com muita facilidade.

Ao contrário de West, não pareço tão simpático. Estou ciente da percepção, mas não estou particularmente preocupado em mudá-la. Quem me conhece sabe melhor. E não estou perdendo o sono por causa das opiniões de quem não me conhece.

Eu abaixo-me, pego o espanador e atravesso a sala. Minhas botas com cadarço amarrado batem no chão de madeira desgastado

enquanto caminho até o fogão vintage de ferro fundido no canto. Teias de aranha e troncos parcialmente queimados preenchem o espaço abaixo dele, e pergunto-me há quanto tempo eles estão lá, quem os colocou lá, que história eles poderiam contar. Se eles não fossem tão desagradáveis, eu os deixaria. Para ser franco, sinto-me um pouco como um intruso arrogante invadindo para deixar tudo novo e brilhante.

Eu poderia pagar uma pessoa para fazer esse trabalho pesado, mas contratar alguém em quem posso confiar parece uma montanha íngreme demais para escalar. Além disso, há um certo fascínio em construir algo com as próprias mãos. Sim, tenho o dinheiro, mas não *preciso* gastá-lo quando sou perfeitamente capaz. Quando tenho ambição e dedicação.

Trabalho duro – foi assim que acabei sendo dono de um dos bares mais movimentados e dos principais locais de música ao vivo de Calgary. Foi assim que acabei fundando um aplicativo de streaming de música que catapultou minha conta bancária para uma estratosfera desagradável. Meu pai tinha muito dinheiro, muitos contatos e poderia ter-me ajudado facilmente, mas não ajudou. Ele estava determinado a que minha irmã e eu aprendêssemos o valor do dinheiro.

Mas a que serão atribuídos todos os meus sucessos daqui em diante?

Dinheiro. Conexões. *Sorte*. E eu não acredito em sorte.

— O que é essa foto sua? — West segura a revista do outro lado da sala. — Parece que você está se escondendo atrás da gola aberta da jaqueta.

— Eu estava.

— Por quê?

Abençoado seja ele. Sua testa franzida e cabeça inclinada revelam sua confusão genuína. Para alguém como ele, não faz sentido por que eu não me deleitaria com a notícia. Ele é grandioso, divertido, um

grande exibicionista – e amo tudo isso nele. West também tem um bom coração e é confiável para todos. Ele é genuíno em um mundo com tantas pessoas que não o são. Ele encontrou-me lendo à beira do lago quando criança e começou a falar comigo como se me conhecesse. Não parou desde então, por mais improváveis que sejamos como amigos. Há algo em nós que simplesmente... prendeu.

Durante vinte anos ficamos presos.

— Porque eu não queria que minha foto fosse tirada. Não gosto disso.

— Por quê? Você precisa que eu diga o quão bonito você é?

Eu zombei. — Porque eu estava andando pela rua para encontrar minha irmã para tomar um café, não para uma sessão de fotos.

Ele ri. — Quero dizer, teria matado você sorrir?

— Sim. — Olho para a lareira, com o espanador na mão, tentando descobrir como diabos vou fazer tudo que está na minha lista.

— Você vai precisar de uma pá para aquele forno. Não um espanador.

— Obrigado, West. Estou tão feliz que você esteja por perto para dar sua opinião.

Ele solta um suspiro exagerado. — Vai ser como nos velhos tempos. Só você e eu nos metendo em problemas.

— Você se meteu em problemas. Eu assisti.

— Eu lembro-me de Rosie indo junto, apenas falando merda com você o tempo todo. Deus, nada deixou-me mais orgulhoso dela. — Meu corpo para com a menção de sua irmã. *Rosalie*. Não coloco os olhos nela há uma década, mas meus ombros ficam tensos mesmo assim.

Eu viro-me para West. — Ela não tem seu mestrado e algum emprego chique em Vancouver agora?

Eu já sei que ela tem. Eu a procuro de vez em quando – só para ter certeza de que ela está feliz, é claro. West a menciona quando

conversamos, mas nunca em detalhes. São só generalidades, atualizações de nível superficial. Mas então, por que ele contaria ao seu melhor amigo algo mais aprofundado sobre sua irmã mais nova, que foi morar na cidade?

É melhor eu não perguntar.

Ele acena com a mão, como se Rosie desferir socos quando adolescente fosse o feito mais impressionante para ele. — Aqueles foram os melhores verões. Eu sempre fui um panda tão triste quando você voltava para a cidade para estudar.

Eu também odiava. De volta à cidade, de volta à escola com crianças que, ao contrário de West, tratavam-me como se eu fosse diferente deles. De volta à pressão de ser filho de um dos guitarristas mais reconhecidos do mundo. Rose Hill era meu refúgio favorito quando criança, e parece que nada mudou para mim aos trinta e dois anos. É como se o tempo tivesse parado aqui. Ninguém aqui trata você como se você fosse rico, famoso ou mesmo especial. Todo mundo simplesmente cuida de seus negócios. Esse ar fresco da montanha deve dar a todos a perspectiva que parece faltar às pessoas da cidade.

Mas o meu apego a esta área é mais do que isso. Sinto-me atraído de volta a este lugar num nível muito mais profundo. Às memórias que guarda.

— Bem, este ano você não terá que chorar por isso, West. Você está oficialmente preso comigo.

Jogo o espanador de volta na caixa, aceitando o fato de que talvez precise contratar alguém para ajudar a colocar este lugar em funcionamento se quiser gravar aqui em breve. A casa principal agora está habitável – eu mesmo a atualizei totalmente durante o inverno –, mas este prédio está muito pior.

— Porra, sim. Vou colocar você no meu time de boliche.

— Não. Absolutamente não. Você me disse que é noite dos pais e eu não sou pai. — Eu chuto o que pensei ser um inseto morto, mas agora tenho certeza de que são excrementos de rato. — Tem talvez

uma manada inteira de ratos aqui.

— Não creio que os ratos andem em rebanhos.

— Seja lá como chamam, não acho que me qualifiquem como pai.

— Isso é bom. Na verdade, somos apenas Sebastian e eu, presumindo que ele esteja na cidade, e então temos você...

— Você não me tem...

— E então temos Crazy Clyde.

— Quem é Crazy Clyde? Eu não acho que você pode mais simplesmente chamar as pessoas de loucas.

— Ele é o cara que mora do outro lado da montanha – praticamente um eremita – porque acredita em todas as teorias da conspiração conhecidas pelo homem. Suas histórias são as minhas favoritas. E ele se apresentará como Crazy Clyde, então deixarei que você o corrija.

Pisco para meu amigo. Isso parece meu pesadelo.

— Eu não vou jogar boliche com você, West.

Ele zomba e descarta minhas palavras com um movimento de mão. — Você diz isso agora. Mas você sempre disse não às minhas travessuras quando criança também. E então você estaria lá. Cabelo emo nos olhos, empurrando aqueles óculos enormes até a ponta do nariz. — Ele sorri para mim, dentes brancos perfeitos brilhando perto de sua barba áspera. — Carranca temperamental em seu rosto. Provavelmente algum livro obscuro de poesia debaixo do seu braço.

Não posso deixar de rir com sua descrição precisa enquanto balanço minha cabeça. — Foda-se, Belmont.

— Olhe para você agora...

Meu dedo indicador aponta diretamente para ele. — Nem diga isso.

Enquanto ele fala, suas mãos fazem movimentos amplos e dramáticos no ar. — O bilionário mais sexy do mundo.

— Odeio você

— Não. Você me ama. Eu sou a luz do sol para o seu mau humor.

Minhas sobrancelhas se juntam. — O quê?

— É uma coisa nos livros de romance...

Uma batida na porta o interrompe, e nós dois nos viramos para olhar através do celeiro, em direção à frágil porta da frente, em um corredor estreito que vira bruscamente para a cozinha.

— Quem estaria aqui? — West sussurra como se estivéssemos com problemas.

Talvez estejamos. Estou na cidade há pouco tempo, trabalhando na casa principal, então não tenho ideia de quem possa ser. Minha irmã Willa entraria sem avisar. Meus pais ligariam. Meu melhor amigo está sentado à minha frente.

A verdade é que não tenho mais ninguém na minha vida que se preocupe comigo o suficiente para dirigir até aqui.

Eu mantenho meu círculo fechado e confio em poucos. O fascínio de Rose Hill é que os paparazzi não querem passar o dia todo dirigindo para *talvez* conseguir uma chance.

— Não sei. — Dou de ombros e os olhos de West arregalam-se como os de uma coruja enquanto ele encolhe os ombros de volta.

Outra batida.

— Posso ouvir vocês sussurrando aí dentro — diz uma voz feminina que não reconheço do outro lado da porta de madeira.

Minha cabeça vai primeiro para Rosie, mas essa voz parece jovem demais para ser dela. Então, com um suspiro pesado, vou em direção à porta e a abro.

Diante de mim está uma garota. Ela está vestindo jeans preto rasgado. Chuck Taylors preto. Uma camiseta enorme do Death From Above 1979 – uma das minhas bandas favoritas. A roupa apresenta alguns buracos intencionalmente desgastados. Seu cabelo preto está preso em duas tranças, uma em cada ombro, complementadas com

uma franja reta em um corte na testa. Tudo isso é complementado com uma expressão nada impressionada em seu rosto. A alça superior de uma mochila JanSport está pendurada em seus dedos.

Eu não sei quantos anos ela tem. Jovem. Parece aquela idade estranha e confusa pouco antes de você se tornar adolescente – com base em seu olhar taciturno e na espinha considerável em seu queixo. Ela cruza os braços e arrasta o olhar do meu rosto até os pés antes de voltar para cima.

— Quem é você? — Não quero parecer um idiota quando digo isso. Afinal, ela é apenas uma criança.

Seus lábios achatam-se e ela pisca uma vez, lentamente. — Sua filha, idiota.

Agora é minha vez de piscar lentamente. Ouço a cadeira de West rolar pela madeira e seus passos pesados enquanto ele se aproxima.

— Perdoe-me? — eu digo. Ouvi as palavras, mas meu cérebro não está processando seu significado.

— Você é meu pai — ela diz e revira os olhos. — Biologicamente falando.

Mas não há nenhuma maneira. Não há absolutamente nenhuma maneira. A mera declaração coloca-me na defensiva. É ridículo.

Um artigo estúpido da *Forbes* sobre minha conta bancária e as baratas saem rastejando. Conheço essa história muito bem. Quase sinto-me mal pela garota. Ela é muito jovem para fazer isso sozinha. Alguém *deve* tê-la mandado fazer isso.

— Escute, seja qual for o seu nome, não tenho certeza do que você quer de mim, mas posso adivinhar. E você está latindo para a árvore errada.

— Meu nome é Cora Holand. Seu nome é Ford Grant Junior e você é meu pai biológico.

— Oof, deixe o Junior de fora — West murmura atrás de mim. — Ele odeia isso.

Não dou uma olhada ao meu amigo. Em vez disso, olho para a garotinha sarcástica falando besteiras na minha cara. Ela tem muita coragem. Eu vou dar isso a ela. — Isso é impossível. Eu nunca fodi Morticia Addams.

Sua cabeça inclina-se e seus olhos rolam novamente. Ela mal reage. — Realmente original, nepo baby¹. Nunca ouvi essa piada antes. — Ela vasculha sua mochila. Preta, *é claro*. Com um floreio, ela tira uma folha de papel estampada com um logotipo que reconheço.

A empresa para a qual envie o DNA para que eu pudesse completar uma árvore genealógica como presente para minha mãe.

— Que tal um copo descartável de papel? — ela continua. — Uma placa de Petri²? Um tubo estéril? Você fodeu com algum desses por algum dinheiro em algum momento da sua vida?

Sinto cada gota de sangue descer até meus pés enquanto meu estômago revira e minha cabeça gira.

Porque sim, na verdade, eu fodi.

West dá um tapa no meu ombro, apertando-o com firmeza enquanto passa por mim e sai pela porta. — Certo, bem, vejo você no boliche, eu acho.

E então eu fico aqui.

Sozinho.

Olhando para uma jovem que pode muito bem ser minha filha biológica. E sinto que o que posso realmente ser é o pai mais despreparado do mundo.

CAPÍTULO DOIS

Rosie

Sorrio de volta para a sala de reuniões cheia de gente.

Meu chefe.

O chefe do meu chefe.

O chefe do chefe do meu chefe.

Eu queria tanto acertar essa apresentação. Acho que consegui. Não, eu *sei* que consegui. Mas você não pensaria assim com base nos olhares vazios e nos acenos ausentes. Não é como se eu esperasse uma ovação de pé, mas alguns tapinhas nas costas poderiam ter sido legais.

Em vez disso, é quase estranho.

— E, bem... — Limpo as mãos na frente da minha saia lápis, um sinal de como estou nervosa. — Essa é a minha opinião sobre a aquisição com base na pesquisa que fiz.

Mais olhares vazios.

— Então, obrigada por terem vindo ao meu TED Talk³. — Eu rio da minha própria piada, mas ela sai estridente e desesperada e me faz estremecer internamente.

Olho para Faye, meu membro favorito da equipe administrativa, que está anotando as atas das reuniões. Ela aperta os lábios para abafar uma risada e dá-me um discreto sinal de positivo.

Pelo menos Stan, o presidente da empresa e também meu chefe, tem pena de mim o suficiente para rir levemente. Mas ele ri de quase tudo que eu digo. Depois lambe os lábios e olha para os meus seios.

Então, com mais um breve sorriso, pego a pilha de papéis da mesa à minha frente e volto correndo para o meu lugar na mesa da sala de reuniões. A pressão sólida do encosto da minha cadeira me faz

suspirar enquanto relaxo nela.

Enquanto alguém da contabilidade faz a sua vez, Stan inclina-se em minha direção, provavelmente para reclamar que a compra de outra pedreira custará dinheiro à empresa, ignorando completamente o fato de que isso também lhes renderá mais dinheiro.

— Você foi ótima. Uma garota tão inteligente.

Meus lábios contraem-se enquanto tento engolir um estremecimento. *Uma garota tão inteligente* me dá vontade de vomitar em sua cara calça bege. Mas engulo meu vômito, forço um sorriso estranho no rosto, como se estivesse lisonjeada com sua condescendência. — Obrigada, Stan.

A reunião arrasta-se em um borrão chato de pessoas conversando, planilhas em projetores e eu tentando me convencer de que eventualmente vou adorar esse trabalho. Tenho muitos empréstimos estudantis para me permitir pensar o contrário.

Este é o melhor trabalho de todos!

Repito o sentimento em minha cabeça, pensando em meu salário considerável. Como me sentirei adulta quando estiver livre de dívidas. Sou a pessoa mais educada da minha família. Trabalhando na cidade em uma empresa de materiais de construção listada na Fortune 500.

Vivendo o sonho.

Antes que eu perceba, a reunião terminou e a maioria das pessoas saiu da sala – Faye sussurrou *you arrasou* em meu ouvido antes de partir – exceto eu. Ainda sou a funcionária mais nova na sala, o que significa que serei eu quem fará a limpeza após a reunião de produção. Enquanto estou arrumando a sala, Stan, que ainda está sentado à mesa, faz um gesto em minha direção.

— Preciso de você por um momento, Rosie.

— Rosalie — eu corrijo. Porque Stan não me conhece bem o suficiente para chamar-me de Rosie.

Ele apenas ri, como se meu pedido fosse divertido.

Stan é o melhor chefe de todos os tempos!

Se pensar nisso muitas vezes, talvez eu acredite nisso também.

— Você pode mostrar-me neste mapa exatamente de qual propriedade você estava falando? — ele pergunta. — Aquela que faz fronteira com o nosso poço atual?

— Claro.

Quando fico ao lado dele, ele tem um mapa de imagem de satélite na tela de seu laptop, ampliado ao máximo, como se ele não conseguisse nem descobrir em que país estamos.

— Posso? — pergunto, apontando para o mouse. Ele balança a cabeça e levanta as mãos, recostando-se na cadeira, mas sem sair do caminho.

Eu afasto-o e abaixo-me, manobrando o mapa para onde ele precisa ir. Com alguns cliques, amplio e mudo até que o contorno da propriedade em questão apareça.

— Ali. — Aponto para ele assim que sinto uma mão na minha bunda.

A mão dele.

Eu congelo, chocada com o contato e com a ousadia absoluta deste homem. Ele poderia ter alegado que estava tocando meu cóccix ou algo igualmente ridículo, mas então ele desliza a palma grande e carnuda sobre a curva da minha bunda. Seus dedos percorrem o meio, prestes a cavar, quando me viro abruptamente e bato em sua mão.

Ele tem a audácia de olhar-me com olhos arregalados de menino, como se fosse inocente. Isso me irrita.

Ele me irrita.

Eu me transformo de Rosie amigável em Rosie *eu vou matar você*. Afinal, você não cresce como única irmã de um cara como Weston Belmont e entra na idade adulta sem um lado desconexo, pelo menos parcialmente intacto.

Meus ombros ficam rígidos e o gelo endurece minha voz. — Stan,

se eu quisesse que você me tocasse, diria a você.

— Rosie...

— Mas agora terei que contar ao RH. Você é um porco.

Ele parece surpreso com minhas palavras, com a rapidez com que pego meus pertences e corro em direção à porta.

Você poderia pensar que ele pediria desculpas, imploraria por misericórdia, mas em vez disso, ele diz: — O RH está fora por hoje. Você terá que esperar até amanhã.

* * *

— Você parece cansado.

Ryan sai cambaleando do nosso quarto e me dá um sorriso bobo. Espero que o redemoinho de borboletas se espalhe pelo meu estômago, mas elas não vêm.

— Estou — diz ele, indo imediatamente para a cafeteria.

Não tenho certeza de onde ele estava ontem à noite. Voltei para um apartamento vazio depois de uma sessão noturna de agitação no escritório enquanto terminava algum trabalho. O RH realmente estava ausente durante o dia – eu sei porque passei por seus escritórios várias vezes, o que só aumentou minha ansiedade.

Quando cheguei em casa, abri uma garrafa de vinho e olhei para a cidade. Sob o céu escuro e coberto de nuvens e a garoa interminável da Costa Oeste, os carros serpenteavam pelas ruas molhadas do centro de Vancouver com um som suave e sibilante que era quase calmante. Depois disso, comi uma tigela de pipoca no jantar e contemplei minha vida.

A maioria das garotas ficaria preocupada com o paradeiro do namorado. Elas provavelmente explodiriam seus telefones e exigiriam saber onde estavam e com quem estavam. Mas eu não tinha tal inclinação.

Eu gosto de Ryan. Sempre gostei de Ryan. Desde o primeiro dia, ele sentou-se ao meu lado e lançou-me aquele sorriso torto e infantil característico do primeiro curso de finanças do meu programa de mestrado. Tudo sobre nosso relacionamento depois disso foi fácil. Amigos e colegas de estudo, colegas de quarto e a partir daí... mais.

Então eu simplesmente nunca mais fui embora.

Às vezes, pergunto-me se tudo foi um pouco fácil *demais*. Passamos de colegas de quarto a parceiros de uma forma que parecia simples e óbvia. Agora estamos nos sentindo colegas de quarto novamente e pergunto-me o que mudou e como nunca percebi isso acontecendo. Pergunto-me se o doce e adorável Ryan percebeu ou se eu sou o problema.

Pergunto-me... você sente que está perdendo o amor? Ou você simplesmente acorda e percebe isso um dia?

— O que você fez? — pergunto. — Eu nem ouvi você entrar.

Ele puxa o segundo assento na ilha do nosso elegante apartamento de dois quartos. — Sim. Só voltei às três e você estava desmaiada. Alguns figurões da sede me levaram com os caras para tomar cerveja depois do trabalho, e uma coisa levou à outra.

Ele ri com bom humor e bagunça meu cabelo. Alguns dias isso pode parecer doce. Mas depois do que aconteceu comigo ontem, parece... condescendente.

Dou-lhe um sorriso frágil e aliso meu cabelo. Ryan é um cara legal. Eu lembro disso o tempo todo, nas pequenas coisas. Sinto-me culpada por essas pequenas coisas estarem me irritando e ainda mais culpada pelo que essa irritação pode significar.

Ele é como um golden retriever. Feliz, tranquilo e despreocupado o tempo todo. E às vezes, quando ele acidentalmente baba em mim ou deixa cabelo na minha camisa preta, como uma espécie de idiota grande e feliz, tenho vontade de gritar com ele. Mas ele é tão bem-intencionado que eu não grito.

Eu ignoro, porque nossas vidas estão muito ocupadas para que eu

me preocupe com isso agora. Ryan é tudo que eu deveria querer e não quero jogar fora um relacionamento de vários anos com um cara legal, tudo porque estou sobrecarregada e nervosa.

Isso parece precipitado. Pode ser uma fase. Eu poderia arrependê-lo. Sempre fui a filha responsável da minha família. Eu não faço movimentos impensados.

— Divertido — acrescento sem sentimento. Porque um bando de caras da indústria do petróleo saindo pela cidade não parece melhor do que um bando de caras da indústria da construção fazendo exatamente a mesma coisa.

Ambas parecem situações excelentes para agarrar bundas.

Minhas bochechas esquentam quando me lembro da sensação da mão de Stan sobre a curva do meu corpo. Sempre pensei que seria capaz de ignorar algo assim. Quando ando de metrô, as pessoas esbarram em mim o tempo todo. Mas com ele foi a intenção – o caminho que seu toque tomou.

Pareceu *errado*. E fiquei muito tempo acordada pensando nisso. Percebi que ouvi a inspiração aguda e irregular de sua respiração atrás de mim enquanto seus dedos se cravavam.

Aquele pequeno suspiro foi o que me estimulou a agir.

Aquele pequeno suspiro se repete em meus ouvidos. Isso faz minha pele arrepiar. Isso faz-me não querer mostrar meu rosto no trabalho. Parece que isso não deveria me incomodar tanto, mas incomoda. Não tenho certeza em quem confio o suficiente para contar. Eu poderia contar para West, mas sei como ele reagiria e não quero que ele vá para a cadeia.

Então, eu opto por Ryan. Doce, adorável e confiável Ryan.

— Tenho algo sobre o qual esperava poder saber sua opinião.

Ele para de rolar a tela do telefone para olhar para mim, com uma expressão tranquilizadora no rosto. — Sim, amor. Claro.

— Então, ontem, no final daquela grande reunião para a qual

estava me preparando, você sabe qual?

Seus olhos ficam colados na tela, mas ele balança a cabeça. — Sim, claro. Você está andando por aí murmurando essa apresentação baixinho há pelo menos uma semana. Aposto que você arrasou.

— Certo. Sim. É essa mesma. E correu bem. Mas então... — Meus dedos torcem no meu colo, xícara de chá esquecida no balcão diante de mim. Tenho toda a atenção voltada para Ryan enquanto tento reunir coragem para contar isso. Mas Ryan está atento ao que parece ser um vídeo de um guaxinim tomando banho de espuma.

— No final da reunião, eu estava mostrando algo ao meu chefe, Stan. E ele me tocou. Bem, ele agarrou minha bunda.

Minha garganta fica apertada quando Ryan levanta a cabeça em minha direção. — Ah, merda — é a primeira coisa que ele diz, mas há um toque de diversão nisso. Como se isso fosse de alguma forma engraçado.

— Sim. Ah, merda.

Ryan endireita-se com meu tom conciso, finalmente parecendo preocupado. — Você acha que ele pretendia? Tipo, foi de propósito?

A ponta do meu nariz dói por ser a primeira coisa que ele pergunta. — Sim, foi de propósito.

— Droga. Você está bem? — Ele desliga o telefone e me dá toda a atenção, embora eu esteja descobrindo que gostaria que ele não tivesse feito isso. Achei que queria a atenção dele, mas agora estou me contorcendo sob o olhar dele. Acontece que era mais fácil falar sobre isso sem ele olhando para mim.

Concordo com a cabeça rapidamente, com segurança, para encobrir o fato de que não sei se realmente estou bem. — Eu disse a ele que levaria isso para o RH, mas eles já tinham ido embora. Então agora estou me preparando para entrar lá e avisá-los.

Ele solta um suspiro alto e mexe-se no banquinho, colocando a mão na minha perna antes de dizer a pior coisa que já me disse. — Merda, Rosie. Desculpe. Eu sei o quanto esse trabalho é importante

para você. Você acha que seria melhor fingir que nada aconteceu? Essas grandes empresas — seus dedos roçam minha coxa antes de apertá-la, e eu me sinto recuar ao seu toque — elas ficam o mais longe possível do escândalo. E ainda é uma posição relativamente nova para você... detestaria ver isso em risco.

Estou atordoada em silêncio. Pisco para o homem com quem vivi nos últimos dois anos, uma mistura de fúria e devastação torcendo dentro de mim.

Minha boca move-se e meu corpo também, mas não em conjunto com o que sinto por dentro. — Sim. Claro que sim. Não gostaria de arriscar nada.

Concordo com a cabeça enquanto dou um tapinha em sua mão, que ainda está na minha perna. Mas não tenho certeza de quem está tranquilizando quem aqui.

Tudo que sei é que a reação de Ryan não é a que eu queria dele.

É por isso que pego a mão dele e a removo do meu corpo.

— Estou feliz que você concorde. Acho que continuaria com meu trabalho se eu fosse você.

Se eu fosse você.

— Mm-hmm — é tudo que consigo dizer enquanto afasto-me dele.

— Eu sei, querida. Eu sei. — Ele tenta apertar meu ombro de forma tranquilizadora e uma onda de desconforto toma conta de mim. Eu não quero ser tocada. — Depois de trabalhar na indústria há tanto tempo quanto eu, você aprenderá que temos que deixar de lado algumas coisas se quisermos ter sucesso.

Em resposta, zombo e faço uma nota interna para deixar de lado o assédio sexual no futuro. É um sentimento especialmente desagradável vindo de alguém que passou a noite fora recebendo vinho e jantar dos figurões de sua empresa. Eu sei que Ryan acha que o que ele acabou de dizer é bem-intencionado e de apoio, mas isso me dá vontade de dar um soco na cara dele.

A doce, profissional e com MBA⁴, Rosie Belmont, não bate nas pessoas, então engulo a vontade e murmuro *obrigada* antes de ir embora.

A disparidade entre nossas experiências é uma lança em meu coração, mas não uma que eu necessariamente queira desferir em Ryan neste momento. Não posso dar-me ao luxo de ser imprudente.

Mas o fato de ele nem parecer chateado? Isso é importante.

Eu não precisava de alguém para ir lá e dar uma surra em Stan, mas estaria mentindo se dissesse que não teria gostado. Teria sido bom sentir que o homem com quem compartilho minha vida está me protegendo. Que ele defenderia minha honra – por mais ridículo e antiquado que isso possa parecer. Mesmo a menor faísca de ferocidade em relação à minha segurança, a injustiça de tudo isso, teria sido suficiente.

Inferno, eu teria me contentado com um abraço.

Eu não recebo nenhum dos dois.

Quando vou sair mais tarde naquela manhã, Ryan me faz um sinal de positivo e diz: — Vá buscá-los, tigre — por trás da porta de vidro do box.

Sinto-me mal no trem durante todo o caminho para o trabalho.

Começo a tremer no elevador até o nosso andar.

Mantenho os olhos baixos, sabendo que se conseguir chegar à privacidade do meu pequeno escritório, poderei recuperar a compostura atrás de uma porta fechada.

Mas sou interceptada por Linda do RH. Ela tem uma expressão de desculpas pintada em todo o rosto antes mesmo de qualquer palavra surgir em seus lábios. — Bom dia, Rosalie. Assim que estiver acomodada, você pode vir ao meu escritório?

— Sim, claro. — Minha voz falha quando eu aceno.

Trocamos sorrisos forçados, mas quando me afasto dela, uma lágrima grande e gorda rola pelo meu rosto. Porque eu sei exatamente

o que está por vir.

CAPÍTULO TRÊS

Ford

Cora e eu passamos a última hora nos degraus da frente do celeiro em ruínas, examinando nossos resultados de DNA da árvore genealógica. Enquanto eu vasculhava a internet em busca de avaliações confiáveis sobre a precisão dos testes de parentesco, ela sentou-se em silêncio ao meu lado, esperando. Eu vi seus olhos revirarem quando digitei a mesma pergunta, só que com palavras diferentes.

Em minha defesa, *‘quão precisos são os testes de parentesco?’* pode trazer resultados diferentes dos que *‘os testes da árvore genealógica estão errados?’*.

— Então você tem certeza de que sou seu pai biológico? — A pergunta parece estúpida aos meus ouvidos, mas estou tendo dificuldade em processar esta notícia.

— Com certeza. — Cora mexe nos cadarços dos sapatos, e eu fico olhando para os rabiscos que ela fez com marcador preto na ponta branca do tênis. Eu costumava fazer isso também. — Recentemente descobri que meus pais usaram um doador de esperma. E isso nos une.

Eu deveria abraçá-la ou algo assim? Parece meio assustador, considerando que não a conheço. Opto por obter mais informações.

— Você tem... você... — Passo a mão pelo cabelo, frustrado pela minha falta de palavras. — Você tem uma casa?

Seu suspiro de resposta é tão dramático, tão exasperado que sinto meus lábios se contraírem. Isso me lembra minha irmã, Willa.

— Então você veio me procurar...

— Sim. E encontrei você. Seu nome está no noticiário por causa da sua nova produtora e essas coisas. As crianças hoje em dia são muito boas com a internet.

— Eu só... sinto muito. Estou tendo dificuldade em processar isso. Eu não esperava, bem, você.

Suas unhas lascadas e polidas de preto traçam a ponta de borracha de seus sapatos coberta de rabiscos. — Você doou esperma. O que você esperava?

— Sair daquele prédio com os tão necessários cem dólares no bolso.

Um silêncio constrangedor desce entre nós. E a culpa se insinua. Preciso controlar minha atitude, não ser um idiota com uma criança. — Eu tinha dezenove anos. Não estava realmente pensando além disso. Nunca imaginei que pudesse haver uma criança por aí.

Ela zomba. — Você esqueceu de ter doado?

Encolho os ombros, com os cotovelos apoiados nos joelhos. — Mais ou menos. — Meus olhos se voltam na direção de Cora. — Desculpe.

Seus olhos reviram novamente, mas sua bochecha também se ergue por um instante. — Tudo bem. Achei que você estava carregado ou algo assim. Seu pai é um famoso astro do rock. Por que você precisou de cem dólares?

Uma risada ressoa em meu peito e abaixo minha cabeça. — Eu estava morrendo de vontade de ver o Rage Against the Machine em sua turnê de reunião. Mas meu pai, por mais rico e famoso que fosse, não financiou meu estilo de vida – ou o da minha irmã. Ele era muito bom em ensinar-nos lições de vida e evitar o efeito colher de prata. Naquela época, tinha acabado de começar a universidade e estava falido. Minha mensalidade estava paga, mas eu trabalhava em um bar para pagar o aluguel e comer. — Balanço a cabeça enquanto penso naquela conversa com meu pai. — Ele não me deu os cem dólares para os ingressos. Disse-me que pessoas trabalhadoras priorizam as

necessidades e às vezes ficam sem os extras.

Seus lábios se contraem e ela desvia o olhar. — Uau. Você realmente mostrou a ele.

Não respondo a isso porque me ocorre: terei que contar aos meus pais sobre Cora. Eu acho? Não sei por que ela está aqui ou o que ela quer.

— É quase como se Zack de la Rocha tivesse desempenhado um papel na minha concepção, e acho isso muito legal. E eles não saíram em turnê desde então, então quem pode culpar você, realmente? Investimento decente.

Eu rio agora, porque como não rir? — Aprecio sua lógica nisso.

Cora abre um sorriso, mas é triste. Ela me disse que tem doze anos. Mas ela parece sábia além da idade, cansada do mundo de uma forma que uma criança de doze anos não deveria estar.

Minha voz sai áspera quando digo: — Ok, vamos fingir que realmente sou seu pai biológico. O que traz você aqui à minha porta?

— Que porta? Este lugar é um lixão — ela murmura mal-humorada, e olho por cima do ombro para confirmar que é realmente um lixão sem porta.

— Na verdade, aquela é a casa. — Aponto para a casa em estilo artesanal além do celeiro. Não é perfeita, mas está perto. Nova e rústica ao mesmo tempo. O celeiro, entretanto? Sim, precisa de algum trabalho.

Mas sei que valerá a pena o esforço. A vista do lago, o cheiro de pinho na brisa. A primavera está no ar e, assim que tudo ficar verde, este lugar ficará impressionante.

— Meu pai morreu.

Essa única frase me faz parar no meio do caminho. Seus dedos ainda estão inquietos, os olhos ainda baixos, mas estou imóvel enquanto a observo.

— Sinto muito pela sua perda. — Deus, isso parece tão idiota. O

pai dessa garota morreu e transformo em um cartão clichê da Hallmark.

Mas ela não parece se importar. Na verdade, ela dá de ombros novamente. Aparentemente, é o movimento característico dela. — Ele ficou doente por muito tempo. Ele tinha ELA⁵, então sabíamos que isso ia acontecer, sabe? Não que tenha sido uma grande surpresa.

Engulo em seco, decidindo deixá-la falar em vez de me inserir no que claramente não é a minha história.

— Minha mãe... — Ela suspira, todo o seu torso subindo e descendo com a expiração pesada. — Minha mãe não está lidando bem sem ele. Eles eram namorados no ensino médio, mas me tiveram mais tarde na vida. Problemas para conceber e tudo mais. E não temos ninguém para nos ajudar.

A pressão esmaga forte e pesadamente contra meu peito. Parece que a bota de alguém está pressionando-me e que está colocando cada vez mais peso do seu corpo em meus pulmões. Esforço-me para manter a respiração regular, mas Cora parece não notar.

— Acho que ela precisa ir morar em algum lugar com... algum apoio. — Agora sua cabeça balança e posso vê-la pesando cuidadosamente as próximas palavras. — Tenho feito algumas pesquisas e tenho quase certeza de que ela está clinicamente deprimida. Tipo... mal. Então comecei a procurar lugares diferentes para ela, sabe? Talvez um centro de internação. Existem alguns por aí. Conversei um pouco com o conselheiro da minha escola sobre isso também. Mas como sou menor de idade, ela disse que eu provavelmente seria transferida para o sistema de adoção, a menos que conseguíssemos uma colocação de parentesco. Ela está fazendo-me um favor agora ao não ligar para o serviço social.

Agora é minha vez de abaixar a cabeça e traçar a ponta das botas, para ter algo para fazer com as mãos. Pergunto-me como devemos parecer agora, sentados lado a lado, imitando os movimentos um do outro.

— Acontece que você pode ser minha única família viva. Bem,

além da minha mãe.

Porra.

— Sem tias, tios ou avós? Alguém que você talvez conheça melhor do que eu?

Ela funga e dou-lhe a cortesia de não olhar em sua direção. Não conheço a criança, mas ela parece o tipo de pessoa que não gostaria que eu ficasse olhando para ela enquanto ela chora.

Sei que eu não gostaria isso. Talvez seja hereditário.

— Não. Ambos os pais eram filhos únicos. Os avós estão mortos.

— Ok. — Concorde com a cabeça, ainda olhando para nossos sapatos. — Ok.

— Ok, o quê?

— Ok, vamos levar você para casa. Talvez conversar com sua mãe.

Pelo canto do olho, vejo ela virar-se para me encarar. — Bem desse jeito?

Endireito-me e encosto-me nos degraus frágeis atrás de mim. Internamente, estou pirando. Não estou equipado para essa merda. Eu nem sei o que significa colocação de parentesco. O que isso parece. O que é necessário. Mas se eu sou a única coisa entre essa garota e o sistema de adoção, então, porra, como eu dormiria à noite se dissesse não? No fundo, sou mole demais para essa merda.

— Sim. Bem desse jeito.

Ela tem doze anos. Ela não precisa se preocupar com os detalhes. Isso é o que os adultos farão. Minha advogada. Minha advogada, Belinda, que vai me *matar* por isso.

Praticamente posso ouvi-la agora. Sua voz parece que ela fuma um maço por dia. Ela provavelmente vai me repreender por sempre ser um idiota furioso e depois escolher os momentos mais inoportunos para ter o maior sangramento no coração.

Ela não estará errada.

Então levanto-me, tranco a porta da frente do *depósito de lixo* e corro em direção ao meu Mercedes G-Wagon. — Vamos, garota — eu chamo enquanto aceno com a mão por cima do ombro. — Precisa de um banheiro? Um lanche? Podemos comer um hambúrguer no caminho. — Eu preciso me mover. Ir em frente. Preciso me esforçar o suficiente nesse caminho para não pensar muito sobre isso e encontrar mais razões pelas quais não deveria.

Porque no meu coração, sei que esta é a coisa certa a fazer. Não importa o quão insano pareça. Estou confiando no meu instinto.

Cora não está muito atrás de mim. Ela desliza para o banco do passageiro e posso senti-la olhando para mim. Provavelmente confusa pela forma como passei de compará-la a Wandinha Addams para o que diabos estou prestes a fazer agora. — Eu nunca diria não a um hambúrguer.

Enquanto procuro minha carteira nos bolsos, pergunto: — Você é alta o suficiente para sentar-se no banco da frente?

— Tenho doze anos.

Suspiro e pressiono o botão de partida, o zumbido do meu SUV enchendo a cabine silenciosa. — Parece que as crianças hoje em dia ficam na cadeirinha do carro até que possam beber legalmente, por isso estou tentando estar seguro ou algo assim.

Ela bufa e prende o cinto na trava. Pego-me olhando para o perfil dela, tentando identificar pedaços de mim mesmo nela. As frases sarcásticas são minhas, com certeza. Possivelmente o excelente gosto musical. Os cadarços pretos. Talvez até mesmo suas sobrancelhas pesadas que a fazem parecer carrancuda.

Sáímos da minha propriedade em silêncio, e só quando chego ao final da longa estrada arborizada é que percebo que não sei para onde estou indo. — Espere. Onde você mora?

Ela olha para baixo, escondendo-se sob um estremecimento. — Em Calgary.

— Isso... isso fica a mais de três horas de distância.

Ela morde o interior da bochecha antes de olhar para mim. — Sim. Desculpe.

— Como você chegou aqui? — Minha luz de sinalização está acesa, mas ainda não fiz a curva.

— Ônibus. Demorei a noite toda com as paradas.

— Sua mãe deixou você pegar o ônibus até aqui durante a noite?

Ela vira a cabeça e olha pela janela. — Acho que ela provavelmente dormiu enquanto eu saía e ainda não levantou da cama.

Paramos em frente a uma típica casa de dois andares em uma rua cheia de casas semelhantes. Há uma escola na mesma rua. Uma rede de hóquei fica na beira da rua, tacos e luvas empilhados em cima, como se algumas crianças tivessem sido chamadas para almoçar no meio do jogo.

Parece um bairro familiar perfeitamente normal. Um com calçadas limpas e carros intermediários.

A única coisa que parece diferente na propriedade de Cora é o gramado. Está cortado como todo o resto, mas as linhas não são muito retas. Há algo de desganhado no lugar em comparação com as casas próximas. As cortinas parcialmente fechadas no meio da tarde fazem com que pareça quase fechada, como se as pessoas que moram aqui estivessem de férias.

Mas eu sei que não estão.

Cora salta do veículo e bate a porta com mais força do que o necessário, depois caminha até a porta da frente. Eu sigo, olhando ao redor para ver se alguém está olhando. É surreal chegar com uma criança que eu não sabia que existia, vir a uma casa que nunca visitei e conhecer uma mulher que... usou meu esperma?

Esfrego a mão na barba por fazer enquanto aproximo-me da porta da frente.

— Desculpe pela bagunça — Cora murmura enquanto pressiona uma sequência de números na fechadura e entra na casa.

E ela não estava brincando. Paro na entrada e observo a casa de conceito aberto diante de mim. Meu escritório pode ser um lixo, mas esta casa parece uma caverna escura e obsoleta. A TV está transmitindo uma estação de notícias, alto o suficiente para que eu possa ouvir o âncora murmurando alguma coisa enquanto o relógio corre na parte inferior. A cozinha precisa de limpeza. Há uma caixa de pizza no balcão bagunçado. Leite deixado ao lado. Pratos sujos empilhados na pia.

Nada cheira podre *ainda*, mas cheira estagnado. — Sinta-se em casa — diz Cora. — Vou buscar a mamãe.

Então ela vira o corredor, sapatos calçados, pés batendo escada acima.

Permaneço de pé, sem jeito, na entrada – não sei como me sentir em casa aqui. O que eu gostaria de fazer é limpar e abrir as janelas, mas parece um exagero.

É engraçado como ser o bilionário mais sexy do mundo não prepara você para algo assim. Foi um título estúpido de ganhar e agora tenho provas. Cora não foi especialmente acessível durante a viagem. Sempre que eu perguntava sobre a mãe dela, ela virava-se e olhava pela janela antes de murmurar a resposta menos detalhada possível. Tenho a sensação de que ela está protegendo a mãe, protegendo-me à sua maneira. Evitando a conversa.

Reconheço o movimento, porque também o faço. Mas desta vez, estou entrando em uma situação que pode se desenrolar de muitas maneiras diferentes. Tudo poderia explodir de forma tão espetacular.

Pego meu telefone para verificar a hora. Espero mais dez minutos antes de verificar meu telefone novamente.

Então ouço murmúrios e dois pares de passos e, antes que eu perceba, estou diante de uma mulher que parece ter quase cinquenta anos – ela não pode ser muito mais jovem que minha mãe. Embora a

comparação com minha mãe termine aí. Achei que Cora parecia cansada, mas essa mulher parece *abalada*.

Ela aproxima-se com uma expressão atordoada no rosto, forçando um sorriso nos lábios enquanto levanta a mão flácida para pegar a minha. — Olá, sou Marilyn.

— Olá, Marilyn. Eu sou Ford — respondo suavemente, observando as roupas largas, o cabelo emaranhado e as rugas em seu rosto, provavelmente por causa do sono. Depois de verificar meu telefone, sei que ainda não são 14h, não é um horário típico do dia para dormir em uma terça-feira.

Pensando bem, Cora deveria estar na escola hoje.

— Prazer em conhecê-la — acrescento enquanto afasto-me da mulher.

Ela balança a cabeça, dando-me com outro sorriso. Desta vez é aguado. Combina com sua voz trêmula e com a lágrima perdida que escorre por sua bochecha. Corresponde às palavras que ela diz a seguir. — Cora me disse que você está aqui para nos ajudar.

Olhando para a expressão protetora de Cora enquanto ela se agarra à mão flácida da mãe, percebo que segui por um caminho onde não há como voltar atrás. A essa altura, eu deveria ter aprendido a proteger-me mais. Mas aparentemente ainda não aprendi a lição, porque já sei que investi o suficiente para não ir embora.

— Sim, Marilyn. Gostaria de ajudar da maneira que puder.

CAPÍTULO QUATRO

Rosie

Meus dentes batem em meu lábio inferior como uma palheta na corda de um violão. Agarro meu volante enquanto meus olhos permanecem fixos na casa do meu irmão, também a casa de nossa infância.

Depois de duas semanas deprimida, sem emprego, sem direção e cheia de autopiedade, estou oficialmente de volta a Rose Hill. A cidade onde cresci. A cidade para onde raramente volto. A cidade que eu não percebi que sentia falta até precisar desesperadamente do conforto de voltar para casa. Um lugar seguro para pousar enquanto cuido de minhas feridas e decido minha vida.

Acabei de subir a estrada íngreme de cascalho, a mesma onde caí quando era criança. Com os joelhos arranhados e sangue em meus tênis brancos novos, chorei enquanto meu irmão lavava-me como se eu fosse um cavalo. Fiquei arrasada, mas hoje rio ao lembrar-me disso.

É engraçado como um momento que parecia tão deprimente pode eventualmente fazer você sorrir.

Meu olhar vagueia pela fazenda que fica no extremo oeste da cidade. Penhascos acima da propriedade separam nosso terreno da rodovia. Essa via principal foi literalmente destruída pelas montanhas há muito tempo e agora uma cerca de arame presa à rocha impede que pedaços soltos caiam na estrada – ou em nós.

À esquerda, vejo o pitoresco lago. Isso me leva de volta aos passeios de barco durante todo o dia e às festas de adolescentes em suas margens no verão, patinação, pesca no gelo e corridas de snowmobile no inverno.

Olho para a direita e vejo a casa dos meus pais bem mais acima na colina. Apenas o topo do telhado aparece entre as árvores. Quando West assumiu o controle da fazenda, eles se mudaram, ou pelo menos foi o que alegaram.

A verdade é que eles passaram a vida inteira se preocupando com West, e não tenho certeza se conseguirão lidar com ele muito longe de vista.

Olhando de volta para a casa do meu irmão, respiro fundo para ter coragem de entrar lá e fingir que estou indo *muito bem*.

Pouco antes de perguntar se posso dormir um pouco.

— Foda-se, Rosie. Entre aí — murmuro antes de abrir a porta do meu carro e caminhar em direção à varanda da frente. Não me preocupo em trancar meu carro. Se alguém tiver coragem de caminhar até nossas terras para roubar minhas coisas, aplaudo sua coragem.

Juro por Deus, eu perguntaria a ele onde a consegui, porque a minha acabou.

Acho que não respirei fundo desde aquela respiração profunda no banco da frente. Agora estou apenas segurando-a enquanto estendo a mão para bater e acabar com isso. Pouco antes dos nós dos meus dedos fazerem contato, a porta abre e toda a respiração que eu estava prendendo é sugada dos meus pulmões.

Por Ford Grant.

Meu estômago cai aos meus pés com a sensação mais perturbadora.

Tenho que inclinar a cabeça para trás para encontrar seu olhar esmeralda. Ele sempre foi alto, mas agora ele é simplesmente... *grande*.

— Ford.

Ele me encara, e o peso do seu olhar faz meu coração bater forte nas costelas.

— Oi.

Suas sobrancelhas escuras se franzem e não posso deixar de notar

que seu cabelo, que costumava ser mais ruivo, escureceu na idade adulta. É um marrom profundo agora, o tom castanho-avermelhado só brilha quando a luz atinge na medida certa.

A barba por fazer bem aparada emoldura suas maçãs do rosto salientes. A pele bronzeada de sua garganta flexiona quando seu pomo de adão balança acima do V de sua camiseta cáqui.

Deus. Deve ter passado pelo menos uma década desde a última vez que o vi. Você pensaria que ele teria ficado menos estranho nesse tempo, mas aparentemente não. Porque ele está parado, olhando como se nunca tivesse me visto antes.

Então, estendo a mão e levanto um lado dos lábios. — Não tenho certeza se você se lembra de mim. Meu nome é Rosalie Belmont. Costumávamos passar julho e agosto conversando um com o outro enquanto perseguíamos meu irmão, Weston Belmont.

Ele balança a cabeça, o rosto impassível, quando pisa na varanda e estende a mão para mim, sua mão quente envolvendo a minha. — Certo. Rosalie. Devo ter ficado tão bom em ignorar você que esqueci completamente de você.

Uma risada sai do meu peito e lágrimas indesejadas acumulam-se em meus olhos.

Provocar nunca foi tão bom. Tão reconfortante.

— Ah, os bons velhos tempos. — As palavras são um sussurro enquanto deixo cair seu olhar penetrante e esfrego a ponta do meu nariz.

Não quero olhar para ele, porque, apesar de todas as suas palavras mordazes e fachada entediada, sei que Ford é uma boa pessoa e ele verá através de mim.

Ele estava lá quando Travis Lynch partiu meu coração. Foi me buscar em uma festa do outro lado do lago e levou-me para casa, lançando olhares em minha direção enquanto eu rabiscava coisas vis e imaturas sobre Travis em meu diário. E então ficou em silêncio quando abaixei a janela do passageiro e joguei-o no meio das árvores

em uma estrada escura e sinuosa.

Nunca conversamos sobre aquela noite. Não havia muito a dizer. O melhor amigo do meu irmão mais velho, que sempre me antagonizou, testemunhou meu colapso total por causa de um cara que atingiu o pico do último ano antes de me deixar na casa dos meus pais sem dizer mais nada.

Mas. Eu sei que ele viu o olhar devastado em meus olhos naquela noite – sei que ele ficou olhando um pouco demais. E sei que se eu encontrar seu olhar agora, ele o verá novamente.

— Tia Rosie!

Obrigada, Senhor. A voz de um anjo. Salva do inferno por tranças loiras. — Emmy!

Ela passa por Ford e se lança em mim com força suficiente para tirar o ar dos meus pulmões uma segunda vez, junto com uma lágrima gorda do meu olho. Eu afasto-a rapidamente. Mas por cima do ombro de Emmy, avisto Ford olhando para o caminho traiçoeiro da lágrima como se ela o tivesse prejudicado pessoalmente de alguma forma.

Reviro os olhos para ele e volto toda a minha atenção para a garotinha em meus braços. Quente e ondulante. — Droga, garota, pare com todo esse negócio em crescimento. — Eu a levanto com um grunhido. — Em breve não serei forte o suficiente para levantar você.

Ela gargalha e dá um beijo pegajoso na minha bochecha. Tento não me encolher. Eu amo minha sobrinha, mas estabeleço limites para rostos bagunçados e nariz escorrendo. Dá-me vontade de lavá-los com uma mangueira como West fez comigo.

Ainda esperando que o gene materno faça efeito, eu acho.

— O que você está fazendo aqui? — Emmy afasta-se para olhar para mim, uma palma rechonchuda e *pegajosa* em cada uma das minhas bochechas.

— Essa é a minha pergunta também — meu irmão anuncia, assustando-me enquanto sai de trás de Ford.

Aperto Emmy com mais força. Não hesito em usar uma criança de seis anos como escudo contra estes dois homens. — Surpresa? — eu grito para meu irmão com um sorriso totalmente exagerado no rosto.

Felizmente, West não gosta de aprofundar. Ele não gosta de compartilhar sentimentos, a menos que seja com os punhos, então ele sorri e segue em frente até me abraçar também, apertando sua filhinha entre nós.

— Você precisa dar banho nesse diabinho, West. Ela está pegajosa e cheira a suco de laranja.

— *Raspadinha de laranja* — ela corrige solenemente.

— Antes do jantar?

— Ei, ei, Rosie Posie. Você não pode aparecer do nada e julgar minha paternidade. Esta é a minha semana. Mia está sempre atrás de mim, então não preciso que você se junte também.

Arqueio uma sobrancelha. — Talvez Mia esteja pensando em algo mais do que sua bunda?

Emmy dá uma risadinha louca, claramente divertida por termos usado a palavra *bunda* tão casualmente.

Agora é a vez do meu irmão revirar os olhos. O casamento deles pode não ter funcionado, mas ele e Mia são excelentes copais, e eu os admiro muito por isso.

West ignora minha provocação e continua com seu questionamento. — Você apenas saiu de carro para uma surpresa ou vai ficar um pouco?

Antes de responder, coloco Emmy no chão e a vejo voltar correndo para casa, anunciando ao irmão Oliver que estou aqui. Meus olhos voltam-se para Ford novamente. Braços cruzados e queixo abaixado, ele está olhando com força suficiente para me enervar. — O que é você? Seu guarda-costas?

— Ah! — West dá uma risada. — Eu não preciso de um guarda-costas. E se precisasse, não contrataria o bilionário mais sexy do

mundo.

Meus olhos se arregalam e tenho que apertar os lábios para não rir. Eu vi o artigo – peguei e até li –, mas não quero dar a Ford a satisfação de saber disso.

— Ford Grant é um *bilionário*? Eles se referem a Junior ou Senior?

West ri, mas Ford geme e balança a cabeça. — Vou voltar para dentro. Vocês dois idiotas, divirtam-se aqui.

Eu o vejo se afastar, provavelmente um pouco perto demais.

Definitivamente um pouco apertado demais, com base na maneira como meu irmão dá um soco gentil em meu ombro. — É bom que não esteja olhando-o.

Deixo escapar uma zombaria brincalhona. — Tanto faz. Não é todo dia que você tem uma visão clara de... o que era? O bilionário mais sexy do mundo? — Faço questão de dizer isso alto o suficiente para que Ford me ouça.

West ri. — Brincando com fogo, irmã. O que Ryan diria?

Meus ombros contraem-se e engulo antes de voltar meus olhos para os do meu irmão, do mesmo tom de azul que o meu.

Então inclino minha cabeça de um lado para o outro quatro vezes.

West acena com a cabeça três vezes.

E isso é toda a conversa que teremos sobre isso.

É exatamente o que eu queria. Exatamente o que eu precisava. Não estou pronta para decidir nada sobre Ryan até limpar a cabeça e poder tomar uma decisão racional.

— Então, jantar? — meu irmão pergunta. — Quarto de hóspedes ou barracão?

— Sim para o jantar, e fico com o barracão, por favor.

Ele se vira e eu o sigo. O alívio inunda meu sistema. Eu sabia que poderia contar com West para me salvar de mim mesma. O que eu não

contava era com Ford fodido Grant com seus olhos de águia e bunda de um bilhão de dólares.

CAPÍTULO CINCO

Ford

— Aqui, deixe-me mostrar-lhe. Eu tenho um plano — Cora diz de onde está sentada no sofá ao lado de Oliver. Ela está mostrando a ele como construir um portal Nether ou algo assim no Minecraft. A terminologia está perdida para mim. Ele não diz nada, como sempre, mas posso dizer pela expressão em seu rosto que ele está encantado. Emmy espremeu-se do outro lado de Cora, mastigando o que deve ser sua terceira raspadinha do dia.

Eu? Sinto que estou vivendo em um hospício.

Depois de semanas colocando tudo em ordem, estou no primeiro dia como a colocação oficial de parentesco de Cora. Minha advogada me odeia por obrigá-la a fazer isso, e meu consultor financeiro acha que perdi o controle. Talvez eu tenha perdido.

Não fiz nada para colocar o estúdio de gravação em funcionamento, o que está me deixando nervoso. A lista interminável de coisas que preciso fazer mantém-me acordado à noite. Preciso de piso, paredes, pintura, aquecedor, ar-condicionado, eletricidade atualizada, alguma aparência de apelo do lado de fora. Todo o local precisa de uma reforma, sem contar o estande em si.

E agora a porra da Rosie Belmont entrou em cena com sua boca inteligente e olhos suspeitosamente lacrimejantes. E tudo que quero fazer é exigir saber quem a machucou para que eu possa consertar isso.

Carregar uma tocha secreta por esta mulher não é novidade, mas já se passou uma década. Nunca esperei que todos os sentimentos adolescentes voltassem com força total no minuto em que coloquei os

olhos nela novamente. Mas Deus, ela cresceu. Seus olhos ainda têm o tom de azul mais brilhante impossível. Quase cristalinos contra o tom dourado de sua pele – e ainda tão expressivos quanto costumavam ser. Eles escurecem de raiva, brilham de alegria e hoje nadaram de emoção. O cabelo dela sempre foi comprido, mas agora está mais comprido. Em camadas e ondulado, emoldurando seu rosto em formato de coração em uma queda selvagem. O mesmo loiro escuro de que me lembro, agora pintado artisticamente com pinceladas de ouro brilhante e uma estranha faixa perolada. É confuso, mas intencional. Combina com ela.

Foi o que pensei enquanto estava ali na porta da frente olhando para ela.

Bastou um olhar – um batimento cardíaco – e eu tinha dezoito anos novamente.

— Tudo bem! — West bate palmas atrás de mim e assusto-me. — O que temos para o jantar?

— Congelados! — Emmy grita de volta com o punho no ar. Ela parece quase selvagem e, para ser honesto, ela me assusta um pouco. Ela é uma miniatura de West, e criá-la é uma vingança cósmica pela merda que ele fez seus pais passarem.

— Absolutamente não, sua maluquinha. Você recebe vegetais e mais vegetais. Todos os outros recebem... — Ele para enquanto vasculha a geladeira.

Assim como minha casa principal, a casa de West é uma casa de fazenda em estilo artesanal. Rodapés grandes, janelas estreitas, uma espécie de chalé com todos os quartos no andar de cima e uma varanda com painéis de vidro na frente. A dele é amarela, enquanto a minha foi desmontada até as tábuas originais e coberta com esmalte externo para dar um toque mais rústico. A minha é principalmente modernizada por dentro; a dele está um pouco mais desatualizada.

— Bem — West suspira. — Podemos estar pedindo uma pizza de vegetais, porque Emmy me deixou sem comida.

Isso é tão West, sempre voando pelo fundo da calça⁶. Fecho os olhos e sorrio. Na parte de trás das minhas pálpebras vejo Rosie e repito a forma como as palavras faltaram-me enquanto eu a absorvia mais cedo.

E quando abro os olhos, vejo Rosie também. Ela está parada na porta da cozinha, olhando boquiaberta para o sofá. Ela deve ter acabado de se instalar no barracão e, quando sigo seu olhar, percebo que ela está olhando para Cora. E Cora está olhando de volta.

Sou um idiota por não as ter apresentado ainda, mas toda a conversa na varanda da frente confundiu-me.

— Ei. — Rosie aponta o queixo para Cora. — Eu sou Rosie. Irmã de West.

— Ei. — Cora imita o movimento. — Eu sou Cora, filha de Ford.

Estremeço. Não porque eu odeie o som disso. Nós simplesmente não conversamos sobre... não sei. Títulos?

Rosie cambaleia para trás enquanto absorve isso, então ela vira seus olhos azuis bebê para mim e sussurra não tão sutilmente: — *Uau. Parabéns por finalmente perder sua virgindade.*

Tudo o que posso fazer é olhar para ela. Realmente voltamos ao ponto em que estávamos quando adolescentes em questão de minutos. Tipo, ela ainda é engraçada e bonita e completamente fora dos limites, e eu ainda me sinto transportado de volta para o garoto estupefato que é estranho como o inferno perto dela.

É apenas uma questão de tempo antes que eu diga algo maldoso para mantê-la à distância. E ela vai retaliar dizendo que me odeia antes de voltar com algo igualmente sarcástico.

Esse é o nosso círculo vicioso habitual.

— Oh, bem, ele foi um doador de esperma para meus pais — Cora fala com naturalidade. — Então, pelo que sei, ele definitivamente ainda pode ser virgem. Seu sussurro não foi muito baixo, você sabe.

Fecho os olhos e massageio as têmporas. Essa garota é muito

esperta, muito ríspida, muito responsável. Ela vai ser a minha morte, e fui eu quem assinou na linha pontilhada para colocá-la sob minha proteção. Estou muito além da minha cabeça.

— O que é um doador de esperma? — Deixe que Emmy se fixe nessa parte.

West ri e tenta me resgatar com: — Emmy! Ollie! Vamos cuidar da nossa vida e ir nos lavar para jantar. Eu farei o pedido.

Fico grato por sua intervenção ao ouvir seus pezinhos afastando-se.

Quando finalmente abro os olhos, Rosie está olhando para mim. Lábios largos e rosados, e olhos azuis bebê, abriram-me em um formato de O perfeito.

— O quê? — pergunto, sabendo que ela tem um comentário sarcástico pronto para atirar em mim. Ela sempre faz isso.

Ela sorri, nunca desistindo dos meus ataques. — A genética é forte com isso. Eu gosto dela.

É Cora quem geme. — Eu estou bem aqui. É rude falar sobre uma pessoa como se ela não estivesse presente.

E eu suspiro.

Porque vai ser uma noite longa.

* * *

— Então, este é o seu quarto. — Olho para Cora, que está parada ao meu lado. É a primeira noite dela comigo, e estou debatendo-me de maneira espetacular na tentativa de tornar tudo menos estranho.

— Eu sei. Você já me mostrou.

Tenho certeza de que estou falhando.

Eu me dou um discurso estimulante silencioso para me recompor. Sou um homem crescido. Eu não deveria ficar tão nervoso perto dela.

Não sei o que diabos estou fazendo, mas deveria pelo menos estar equipado para fingir que me sinto preparado para isso.

— Certo, bem, eu estava prestes a dizer que também há um quarto de hóspedes no andar principal, se você preferir não ficar no mesmo andar que eu. Mas não tem banheiro privativo e eu acordo cedo, então pode ser perturbador.

— Por que eu me importaria em ficar no mesmo andar que você?

Eu faço uma careta. — Só quero ter certeza de que você está confortável. — Ela não se move. Seus braços estão cruzados, mas seus olhos se voltam em minha direção. Ela está me olhando de soslaio. — Você sabe, minha mãe pode estar fora de questão, mas ela fez todas as verificações criminais que pôde sobre você.

— Justo. Eu não a culpo.

— Eu gostaria de não ter dito a você que não tenho mais família. A ameaça de um tio há muito perdido na máfia poderia ter sido um bom ponto de segurança.

Eu bufo. Ela é engraçada. — Podemos fingir se você quiser.

Agora ela bufa também, e sinto uma pontada de sucesso por quase tê-la feito rir.

Passos silenciosos a levam ao centro do quarto sala. Eu a vejo girar lentamente, observando o que está ao seu redor. É basicamente a paleta de cores dela – paredes cinza-claro e uma cama feita de ferro forjado preto.

— O quarto está bem? Eu o arrumei e trouxe o básico para você. Mas podemos... decorar ou algo assim? Se você quiser? Arte? Roupas de cama? Livros?

— Eu realmente quero lençóis pretos.

Minhas sobrancelhas franzem quando observo a roupa de cama simples e roxa que optei. Achei que roxo seria escuro o suficiente.

Aparentemente, pensei errado.

— Ok. Vou ver o que posso encontrar. — Passo a mão pelo

cabelo, repreendendo-me internamente. Não sei como falar com uma criança de doze anos. Além disso, ela parece ter mais que doze anos.

— Está com fome? Existem lanches específicos que você gosta? Eu não sabia o que comprar, então resolvi esperar e ver quais são seus favoritos. Mas a casa está abastecida. Eu quero que você... sinta-se em casa.

Ela balança a cabeça, finalmente olhando para mim.

— Posso pegar um ovo cozido para você.

Agora é a vez dela de torcer o nariz. — Um ovo cozido? — Nunca pensei que pudesse sentir-me tão julgado por uma criança. Mas aqui estou. Justificando os méritos nutricionais dos ovos cozidos. — É um ótimo lanche. Rico em proteínas. Ajuda você a dormir bem.

Cora parece totalmente enojada.

— Também tem cereal.

Eu fico com uma sobrançelha arqueada por causa disso. — Que tipo?

— Aveia?

Seus lábios recuam em uma expressão provocante enquanto ela balança a cabeça.

— Lucky Charms? — Eu tento de novo. Eu os comprei contra meu melhor julgamento. O teor de açúcar é terrível, mas parecia algo que uma criança gostaria, com base no que vi com West e seus filhos.

Por essa sugestão recebo armas de dedo duplo, um quase sorriso e um *agora estamos conversando*.

Descemos as escadas e vejo Cora comer seu cereal na ilha da cozinha enquanto sou atingido pelo impacto total do que concordei em fazer. O nervosismo instala-se. A dúvida instala-se. E mais tarde, quando ela diz boa noite e fecha a porta, decido entrar na internet e encontrar alguns lençóis pretos para não estragar tudo.

CAPÍTULO SEIS

Ford

— O que você está fazendo aqui?

Rosie vira a cabeça de onde está sentada no final do cais, claramente assustada com a minha chegada. — Apreciando a vista.

Eu queria paz e tranquilidade para clarear minha cabeça esta noite. Eu sei que com Rosie aqui não vou conseguir nenhuma das duas coisas. Olho além dela para o lago escuro. Sem o brilho disperso das luzes solares que pontilham os pilares, a água ficaria totalmente escura. Mas conheço bem a vista, já que este cais fica perto da divisa de propriedade entre a minha casa e a de West. Embora não haja nada visível no horizonte neste momento, posso visualizá-lo quase perfeitamente.

— O que você está fazendo aqui? — ela pergunta.

Fico de pé, sem saber como agir perto dela. *Ainda*. Embora agora eu seja um homem de trinta e dois anos perfeitamente bem-sucedido e independente. — Vim me sentar no meu cais e fugir das novas realidades da minha vida no escuro, perto da água, onde é tranquilo. Exceto que você está aqui e nunca há silêncio onde você está, a menos que esteja planejando a morte de alguém.

Ela bufa, mas é indiferente. Então ela volta-se novamente para o corpo de água imóvel. — Primeiro, este não é o seu cais. É da minha família. Eu saberia, porque venho aqui há anos. Em segundo lugar, não planejo a morte de pessoas.

Ando em direção a ela e opto por não lhe dizer que, de acordo com o levantamento topográfico, este cais, de fato, está na minha propriedade. — Justo, você é mais do tipo que pratica crimes

passionais. Mas passei anos pensando que você planejou a morte de Travis Lynch detalhadamente nas páginas daquele diário.

Ela ri, mas não é claro e arejado como eu me lembro. Há um peso em Rosie agora que não corresponde às minhas lembranças dela. Ela pode ser três anos mais nova, mas sempre nos acompanhou durante a adolescência. West nunca a excluiu, e ela sempre foi a *garota da moda* em Rose Hill – popular a ponto de ser amada – se isso é uma coisa.

Como alguém que era mais solitário, ela sempre pareceu assim para mim. Só tive a experiência do verão em Rose Hill quando criança. De vez em quando, vínhamos passar o Natal ou uma ou outra escapadela de fim de semana, mas a vida da minha família era na cidade. O consultório da minha mãe, a banda do meu pai. Ele saía em turnê e Willa e eu íamos para a escola. Mas o verão era sagrado. Meus pais criaram isso de propósito. Passávamos esses dois meses aqui em Rose Hill e era a melhor fuga.

Quando me tornei adulto é que comecei a passar mais tempo aqui só porque queria. E quando a cidade se tornou demais decidi mudar-me para cá permanentemente.

— Sim. Tenho quase certeza de que escrevi um parágrafo inteiro avaliando se seria mais humilhante para ele se eu cortasse seu pênis ou seus testículos.

— Sinistro. O que você decidiu? — Eu me agacho, colocando a mão nas tábuas de madeira para sentar. Vários metros nos separam, mas nossas pernas ficam penduradas na beirada enquanto nos sentamos lado a lado, apreciando a vista das luzes das casas que pontilham o outro lado do lago.

— Esqueci.

— Isso é uma vergonha. Eu o vi no supermercado outro dia.

— Sim? — Ela não olha na minha direção, mas posso dizer pela mudança em sua voz que ela está entretida. — O que diz sobre mim o fato de que espero que ele tenha envelhecido mal?

— Diz que você pode tirar a garota da cidade pequena, mas não

pode tirar a cidade pequena da garota.

Com isso, ela suspira.

— E que você ainda é tão má quanto costumava ser — acrescento.

Agora ela ri. Começa como um soluço suave e transforma-se em mais. Isso se transforma na risada de uma Rosie mais jovem. Aquela que ocupava cada centímetro de espaço de uma sala apenas entrando e sorrindo.

— Ah, Ford. Obrigada. Ser insultada por você parece tão certo. Por favor, não me diga o que isso diz sobre mim.

Meus lábios se contraem e minhas pernas balançam no ritmo das dela enquanto procuro o que falar a seguir. — Então, como vai a vida na cidade? Parece que você se mudou e ficou longe. Trabalho. Namorado. Apartamento. O que traz você de volta agora?

— Oh, sim? Você volta aqui com frequência? Soube que você comprou um bar e fundou um aplicativo de streaming de música de grande sucesso. Imaginei que você também seria uma espécie de vigarista da cidade.

Eu apenas dou de ombros. Gramophone é o aplicativo do qual ela está falando. Começou como um projeto universitário que fiz com um grupo de amigos – até transformar-se em muito mais.

Explodiu de mais de uma maneira.

— Eu fiz todas essas coisas, sim. Achei que comprar o bar onde trabalhei durante a faculdade me daria um projeto apaixonante. E assim foi por um tempo. Então surgiu o aplicativo. E isso também arranhou um pouco a coceira.

— Mas agora não?

Dou de ombros. — Gin and Lyrics teve mais sucesso do que eu esperava. Eu estava entediado, então contratei mais pessoas. Coloquei mais parâmetros em vigor. Agora o bar praticamente funciona sozinho. Comecei contratando apenas bandas que eu gostava, mas

quando ficamos ocupados o suficiente, comecei a contratar grupos que outras pessoas gostavam para manter o público chegando.

— Bandas que você não gosta.

— Sim. Negócios acima da minha preferência pessoal, mas tudo bem. Aquele bar não parece mais me pertencer, embora meu nome esteja na escritura. Estou feliz que isso faça outras pessoas felizes. Sempre terei orgulho daquele lugar.

Ela balança a cabeça, o corpo movendo-se para frente e para trás suavemente. — E o aplicativo?

— O Gramophone começou da mesma maneira. Mas claro que não era só meu. Eu tive parceiros. E passou a ser mais uma questão de fama e fortuna pessoal do que de música.

— Não é fã dessa vibe, imagino?

Eu suspiro pesadamente. Esta dói. Mais que o bar. Eu particularmente não gosto de falar sobre isso.

— Acho que quando a obsessão de uma pessoa por dinheiro supera seu compromisso com a integridade, não quero mais passar meu tempo perto dela.

Rosie cantarola pensativamente com a irritação em minha voz. Mas ela não pressiona por mais. Ela volta a me provocar – e é um alívio bem-vindo.

— Então agora você está totalmente recluso na terra abandonada ao lado? Você vai enterrar baús de dinheiro aqui? Isso é alguma coisa elaborada, excêntrica e bilionária, onde você deixa um mapa do tesouro para trás?

— Não. É uma coisa excêntrica e bilionária onde abro meu próprio estúdio de gravação e só trabalho com músicos que gosto ou em quem acredito. Tenho capital para lançar artistas que não podem se dar ao luxo de entrar no mercado, e as conexões para ajudar quem precisa de um lugar para fazer algo sem que seus rótulos de merda se intrometam. Com a internet e a distribuição de serviços de streaming não é o desafio de antes.

— E seu pai?

Suspiro. Cora chamou-me de bebê nepo, e por mais que eu odeie isso, ela não está errada. Separar meu sucesso do de Ford Grant Senior e de sua banda de rock mundialmente famosa, Full Stop, tem sido quase impossível. — Seu nome tem influência. Eu seria um idiota se não o convidasse a produzir algo em algum momento. Embora provavelmente iremos entrar em conflito a cada passo.

— Adorável. E ele já conheceu a neta?

Fico quieto. Eu sinto que mal a *conheci*. West sabe sobre ela e agora Rosalie também. E contei ao Sr. e à Sra. Belmont, só porque eles descobriram sozinhos depois de bisbilhotar. Depois de anos tendo que descobrir as travessuras de West, eles desenvolveram um sexto sentido para qualquer tipo de drama.

— Ainda não veio à tona.

— O quê?

— Eles estão viajando. Eu estava pensando em contar a ele e à minha mãe quando eles chegassem a Rose Hill. Eles estão passando o verão aqui, na casa deles.

— *Ford*. — Ela parece genuinamente horrorizada.

— O quê? Mal tive um minuto para entender esse desenvolvimento. Estou afogando-me em e-mails, ligações e promessas que fiz às pessoas de manter este lugar funcionando. Eu não imaginava que isso seria minha vida. Planejei reformar a casa e o escritório aqui sozinho, mas agora matriculei Cora na escola. Ela precisa de apoio. E nem sei ao certo quanto tempo ela vai morar aqui.

— Ela estará aqui em tempo integral?

— Ninguém planejou isso. A mãe dela está em profunda depressão depois de perder o marido. Foi assim que veio à tona a história do doador de esperma, eu acho. É por isso que Cora me localizou.

Rosie ri baixinho. — Garota engenhosa.

Suspiro e mergulho meu queixo. — Milyn ficou arrasada quando percebeu a forma como Cora a estava encobrindo. Conversamos com os médicos dela e com ela, e tive uma conversa franca. Ela não quer arrastar Cora pelos altos e baixos de seu tratamento inicial – não quer mais que Cora a veja desse jeito. Ela me pediu para deixá-la trabalhar para melhorar por um mês. Então, pelo menos durante esse tempo. E elas simplesmente... elas realmente não têm ninguém para ajudá-las, sabe? Nenhuma família.

— Merda, isso é pesado — Rosie murmura enquanto chuta os pés.

Tudo que faço é acenar com a cabeça e continuar desabafando.

— Sim. E mal consigo comprar salgadinhos e tentar encontrar os lençóis pretos que ela pediu. Os salgadinhos infantis são carregados com uma quantidade absurda de açúcar e cada jogo de cama preto que encontro parece todo brilhante, como se pertencesse a um filme pornô. Acredite em mim, passei quase uma hora vasculhando a internet.

Ela geme e cobre o rosto com as mãos, mas posso vê-la sorrindo.

— Você ainda precisa contar a eles.

Meus molares apertam enquanto eu peso o quanto realmente quero divulgar esta noite. Então conto a ela de qualquer maneira, porque não gosto da ideia de Rosie julgar-me pelas minhas decisões.

— Uma fã foi à imprensa quando Willa e eu éramos mais jovens, alegando que meu pai era o pai do filho dela. Não era verdade, mas foi uma bagunça. Lembro-me de meus pais discutindo e ele tendo que ir ao tribunal. Lembro-me da maneira como falaram sobre aquela mulher – sobre aquele bebê. Ele ficou furioso e minha mãe ficou ferida. No final deu tudo certo, mas não sei como eles vão reagir a isso.

Os olhos de Rosie estão arregalados, seu tom abafado. — Não me lembro disso.

— Você não lembraria disso. Foi pouco antes de começarmos a vir para Rose Hill. Esse único evento mudou a maneira como eles nos

criaram. A turnê dele parou e eles conseguiram seu lugar aqui para nos afastar da mídia.

— Eles podem precisar de um aviso. Tempo de processamento.

Eu gemo. Sou *eu* quem precisa de tempo de processamento. Tempo de processamento sem que meu pai se preocupe com isso, chamando advogados e investigadores particulares para desacreditar Cora e sua mãe.

Sou filho dele e ele faria isso para me proteger. Tal como estou a ocultar esta informação para proteger Cora.

Rosie força embora. Ela está sempre pressionando meus pontos doloridos. Forçando-me. — Você não pode simplesmente despejar isso para sua família, Ford.

E, infelizmente, sempre fui rude com ela. Esse tem sido meu mecanismo de defesa no que diz respeito a ela há anos. E é muito fácil voltar aos velhos hábitos.

— Ah, do jeito que você apareceu na porta de West com lágrimas nos olhos e nenhuma explicação para o que estava acontecendo?

Sua cabeça vira em minha direção e observo seu rosto na doca mal iluminada. Fios loiros escuros caem de seu rabo de cavalo alto e roçam as maçãs do rosto salientes que se estreitam em um rosto em formato de coração. Seus lábios são bem torneados, mas delicados. Olhos brilhantes. Nariz fino, mas perfeitamente reto. Ela reclamou do nariz quando era adolescente. Ela dizia que era muito grande, muito arrebitado. Mas para mim sempre foi uma de suas características mais marcantes.

Até hoje, ela continua sendo a mulher mais linda que já vi.

— Essas coisas não são iguais. Não devo a West uma explicação sobre o que está acontecendo na minha vida. Sou uma adulta independente. E ele é meu irmão.

— Uma adulta independente com um carro cheio de malas e bolsas, que está dormindo no barracão do irmão sem data prevista de partida.

Sua mandíbula fica tensa e seus olhos se estreitam. — Eu também não lhe devo uma explicação, Ford. E com certeza não preciso da sua aprovação. Não deveria estar atirando pedras, não quando você está sentado em uma casa de vidro.

Considero suas palavras, percebendo que minha preocupação por ela provavelmente soou condescendente.

— Falarei sobre isso quando estiver pronta — ela continua. — Mas fique tranquilo, também não foi assim que imaginei minha vida.

Quero dizer a ela que sinto o mesmo em relação à minha situação, mas ela não me dá oportunidade. — Obrigada pelo bate-papo. — Então ela levanta-se e vai embora. As tábuas chacoalham embaixo de mim enquanto ela avança, mas então seus passos cessam e tudo que ouço é o suave bater do lago abaixo de mim.

— Na verdade — sua voz corta a noite e sinto sua cabeça voltar em minha direção. — *Vá* você embora. Este é o *meu* cais e quero ficar sozinha.

Sorrio para a noite, porque isso parece exatamente algo que Rosie diria. Exatamente como uma briga estúpida que ela arrumaria comigo. O tipo de luta que eu sempre a deixei vencer.

E quanto mais as coisas mudam, mais elas permanecem as mesmas, porque com o sorriso ainda estampado em meu rosto, eu me levanto e ela passa por mim, seu corpo roçando o meu no caminho.

Ela senta-se bem no meio do cais, como se estivesse reivindicando seus direitos. Tudo o que ela precisa é de uma bandeira com o brasão da família que ela possa pregar em uma tábua.

Estou prestes a afastar-me, mas permito-me dar uma última olhada na direção dela. Ombros tensos, o nariz empinado. Eu a irritei, mas não *tanto*. Não o suficiente para impedir-me de voltar ao meu eu adolescente.

Eu abaixo-me e estendo a mão para envolver seus dedos em seu rabo de cavalo alto e saltitante.

Dou dois puxões firmes, observando a forma como a luz atinge a

coluna de sua garganta. Ela rosna de aborrecimento, mas isso não me assusta.

— Boa noite, Rosie Posie.

— Foda-se, Junior. Odeio você. — O velho insulto sai facilmente de seus lábios, mas não faz nada para tirar o sorriso do meu rosto. — Pensei ter dito para você sair do meu cais.

Relaxo minha mão e os fios sedosos de seu cabelo deslizam por entre meus dedos. Ouço o som suave de sua respiração quando a solto.

E então eu me viro e vou embora.

Este pode não ser o cais dela, mas se ela quiser, ela pode ficar com ele.

CAPÍTULO SETE

Rosie

Eu dormi no antigo beliche, onde costumávamos nos esconder durante uma tempestade ou fazer festas do pijama em grupo quando éramos crianças. Tem cheiro de madeira úmida. O beliche de baixo é apenas um pouco mais espaçoso que o de cima. Os lençóis são de flanela barata. E mesmo que um sapo-touro tenha coaxado lá fora enquanto eu adormecia, não consigo lembrar da última vez que dormi tão bem.

Estar de volta a Rose Hill é como sair do traje de garota da cidade que me forço a usar dia após dia, esperando me acostumar com a nova eu. Mas agora tirei a fantasia e sinto que posso respirar novamente.

É como se eu tivesse uma ideia na cabeça de como é o sucesso. Eu podia ver minha vida com muita clareza – a cena mais vibrante bem diante dos meus olhos. Tão real que quase conseguia estender a mão e tocá-lo.

Mas a cada dia que passava inserindo-me naquela cena, ficava cada vez mais desconfortável. Cada vez mais insatisfeita.

Questionei-me por que vencer não me trouxe maior satisfação. Continuei tentando convencer-me de que precisava de tempo para me ajustar à sensação de vencer. Afinal, finalmente consegui o que pensei que queria.

Quando estou a poucos passos do barracão, absorvendo a beleza selvagem que me cerca, isso me atinge com força total: não sinto falta da cidade.

O sol está brilhando, o ar está fresco e o lago brilha como uma folha de diamantes infinitos. Até mesmo o fardo esmagador dos meus

empréstimos estudantis e a debilitante falta de renda parecem mais toleráveis neste ambiente pacífico.

Isso. Isso é o que sentia falta. Isso é o que precisava.

À minha esquerda, posso ouvir Emmy levantando-se e correndo pela casa da fazenda. Mais acima na montanha, a fumaça sai da chaminé da nova construção dos meus pais. Eu sei que preciso fazer uma viagem até lá e informá-los – merda, até mesmo apenas dizer oi –, mas estou com medo disso até a ponta dos pés.

Não quero admitir para eles o quanto tudo desmoronou. West é quem sempre teve que confessar sobre cometer erros. Ser preso. Bater o carro durante uma corrida de arrancada. Bater em alguém. Ficar ferido. Só depois que ele teve filhos e começou seu negócio de treinamento de cavalos é que ele parou de dar-lhes cabelos grisalhos.

Mas eu? Eu sou a boa. Aquela que passa despercebida e cuida de suas coisas sozinha para que ninguém precise se preocupar.

Mas por mais que odeie admitir, estou cansada de lidar com minhas próprias coisas. De repente, percebi que estou extremamente cansada de ter tudo sob controle. É por isso que depois de duas semanas deprimida e enviando currículos para os quais não obtive resposta – ou que exigiam referência – eu disse a Ryan que iria para casa ver minha família. Não consegui olhá-lo nos olhos quando lhe disse que não sabia quanto tempo ficaria fora.

Isso foi há quase vinte e quatro horas, e recebi uma única mensagem dele perguntando se está tudo bem comigo. Quase me fez rir quando vi no meu telefone. Ele é tão agradável. Ele nem me pediu para ficar.

Faça o que for preciso, foi tudo o que ele disse.

Provavelmente já terminamos há muito tempo, mas gostamos demais um do outro para realmente desligar a tomada. Eu não odeio Ryan. Muito pelo contrário, na verdade.

Mas não sinto falta dele. E não queimo por ele. E tenho plena consciência de que gostar não é amor.

Esses pensamentos permanecem comigo enquanto faço a curta viagem até a cidade. Enquanto navego pelos penhascos sinuosos que levam à colina que desce até a rua principal, penso por que deveria voltar para a cidade. Sem emprego e sem namorado, o que há para mim?

Meus amigos são amigos dele.

Meu apartamento é, na verdade, o apartamento dele.

É deprimente se eu me permitir pensar nisso por muito tempo. As coisas que realmente são minhas, este carro e alguns diplomas de ensino superior, andam de mãos dadas com um saldo estonteante de empréstimos estudantis.

Rosie Posie está realmente ganhando.

Estacionar na frente do meu lugar favorito na cidade é um bálsamo. O que preciso é de chá do Bighorn Bistro. Café durante o dia e restaurante de comida servida nas mesa à noite. E o melhor chá já feito. Ninguém pode competir com as misturas escolhidas a dedo por Tabitha.

A porta do bistrô tilinta quando eu a abro. Cheira a croissants quentes e pétalas de rosa quando entro. O interior é um oásis, com plantas frondosas verdes, luzes cintilantes enroladas em largas vigas de madeira e enormes claraboias que deixam entrar toda a luz que você deseja. Longas mesas de madeira preenchem a área de jantar – tudo aqui é de estilo familiar. Algo sobre o qual os moradores locais reclamaram quando Tabitha abriu pela primeira vez, e algo que eles procuram agora. É possivelmente o único restaurante *legal* da cidade, mas a qualidade e a atenção aos detalhes são melhores do que qualquer coisa que já vi na cidade.

Duvido que Tabitha esteja aqui esta manhã, mas faço uma nota mental para entrar em contato enquanto estiver na cidade. Ela é alguns anos mais nova que eu, mas jogamos juntas no time de vôlei no colégio e ela passeava comigo e com meus amigos no verão. E como eu a convoquei com meus pensamentos, ela vira o corredor, enxugando as mãos em um avental branco, o cabelo escuro em uma

trança bagunçada caindo em volta do rosto. Ela ainda tem uma mancha de farinha na bochecha.

— Rosie! — Seus olhos passam de cansados a iluminados quando ela me vê, e não posso deixar de fazer o mesmo. Tabitha é o tipo de pessoa com quem posso entrar e continuar exatamente de onde parei.

Sempre fomos almas gêmeas, de certa forma. Ambas as nossas famílias esperavam que fôssemos as crianças *fáceis*, embora enquanto West era um pouco turbulento, sua irmã era realmente deprimida. Ela era *aquela* história de cidade pequena.

— Olá, Tabby. Surpresa? — Ofereço um encolher de ombros e um pequeno aceno. — Como você tem passado?

Ela bufa e os cabelos soltos ao redor de seu rosto voam para longe. — Cansada.

Eu rio. Parece uma parte normal da vida adulta que todos nós nos queixemos universalmente de como estamos cansados. Então, eu vou com isso. — Ouvi isso — respondo, com os olhos percorrendo a seleção de lindos doces atrás do vidro.

— Não. Como se eu estivesse cansada no próximo nível. Lembre-me de nunca ter um bebê.

Meus olhos voltam-se para o rosto dela. — Um bebê?

— Erika. — Ela diz o nome da irmã com um olhar duro, como se só isso respondesse à pergunta. E isso responde.

— Ela está bem? — Sinto-me estranha em perguntar, mas não perguntar parece pior.

— Se tudo bem significa morar na cidade, engravidar e constantemente deixar um bebê comigo enquanto ela sai para fazer sabe Deus o quê, então, sim. Ela está fabulosa.

— Um bebê? — Sei pouco sobre crianças pequenas, mas sei que você não as abandona o tempo todo. Mas Erika vem lutando há anos. A última vez que conversei com Tabby, ela mesma pagou o programa de tratamento da irmã e providenciou para ela um lugar seguro para

morar na cidade. Meu coração dói ao pensar que pode não ter dado certo.

Tabitha balança a cabeça para frente e para trás. — Ok, bem, ele tem dois anos. Aquele ditado sobre dois anos terríveis não é brincadeira. Felizmente os três estão no horizonte. Você sabia que eles os chamam de quase adolescentes? Tentando convencer-me de que isso parece melhor.

Uma risada seca fica presa na minha garganta, porque não sei mais o que fazer. — E seus pais? Eles não ajudam?

Ela faz uma careta, e lembro-me dela ter mencionado que seus pais estavam pensando em cortar todos os laços com Erika. Meu coração dói ainda mais agora.

— Rosie, você não precisa desse drama em sua vida. Você precisa de chá, certo?

Percebo que Tabitha está tentando mudar o rumo da conversa, então vou em frente. — Sim. Chá e um croissant. Mas por que não tomamos uma bebida quando você não está trabalhando ou cuidando de crianças? Eu pago. Você pode me contar todo o seu drama e eu lhe contarei o meu.

Todo o seu corpo cede de alívio. — Sim? Eu adoraria isso. Muito.

— É um encontro — falo alegremente.

— Quanto tempo você ficará na cidade?

Meus dentes apertam meu lábio inferior. Tenho evitado olhar muito de perto essa realidade. Dizendo a mim mesma que depois de uma breve pausa poderei voltar para a cidade revigorada. Manter meus antolhos tem sido uma estratégia decente até agora.

Mas esta manhã respondo antes mesmo de pensar nisso, antes de poder mentir para mim mesma ou pensar demais nas consequências.

Com a vista deslumbrante do barracão em mente, digo: — Indefinidamente.

Então olho para o meu recibo, percebendo que acabei de

prejudicar minha conta bancária simplesmente comprando chá e um croissant.

Eu preciso conseguir um emprego.

O pensamento me ocorre: eu poderia conseguir um aqui, em Rose Hill. Isso é o que uma garota com apenas dois dígitos restantes em sua conta bancária faria. Ela se tornaria uma mulher e iria procurar um emprego.

Decido na hora que vou dar um passeio pela rua principal depois disso e ver se algum local de trabalho na cidade chama minha atenção. Qualquer tipo de trabalho serviria realmente. Tenho orgulho da minha educação, mas nunca me senti acima de qualquer tipo de emprego. Sou uma trabalhadora esforçada e agora, mais do que nunca, o recebimento de um contracheque é meu maior motivador.

Alguém atrás de mim limpa a garganta com impaciência, assustando-me e entrando em ação, então sorrio desculpando-me com a minha amiga de infância enquanto afasto-me do caixa. — Obrigada, Tabby. Vejo você mais tarde — eu digo com um aceno amigável antes de virar-me.

Então saio para a fresca manhã de primavera, sentindo-me alarmanamente em paz com a perspectiva de conseguir um emprego *aqui*.

* * *

Quando Ford sai de seu SUV, engulo em seco.

Calça jeans preta desbotada.

Camisa preta desbotada.

Aviadores dourados empoleirando-se em seu nariz arrebitado.

É como a nova versão dele, sem o corte mullet e os óculos de aro metálico que ele usava quando criança. Naquela época, ele era alto e magro. Seus braços balançavam ao lado do corpo e o faziam parecer

Gumby⁷ quando andava.

Ele não apenas anda agora – ele *dá passos largos*. Bastou uma década para passar do idiota e cativante Ford ao Grande Idiota Bilionário Energético Ford.

Eu vejo-o entrar de onde estou perto da porta da frente do que presumo ser seu escritório, com base na descrição que West fez da propriedade na noite passada.

Nunca me senti desconfortável perto dele, mas estaria mentindo se dissesse que observá-lo na frente de seu SUV com uma carranca no rosto não causa emoção em mim. Do tipo que deixa minhas pernas um pouco fracas, deixa minhas bochechas um pouco quentes.

Então ele tem que estragar tudo conversando.

— O que você quer? Cora finalmente está na escola e tenho muito trabalho a fazer. Estou muito ocupado para dar um passeio torturante pela estrada da memória com você agora.

Sim, isso basta. Sexy Ford se transforma em Idiota Ford com muita facilidade. Estou prestes a jogar meu chá morno na cara dele só para surpreendê-lo, mas lembro que estou aqui com uma ideia.

Uma ótima ideia.

Uma ideia que eu *realmente* preciso que funcione, porque as vagas de emprego em Rose Hill são poucas e raras.

— Tenho uma proposta para você.

Ele coloca os óculos escuros no topo do cabelo escuro e despenteado e franze a testa em minha direção enquanto passa.

— Isso parece assustador — ele murmura enquanto desliza uma chave na fechadura desgastada da porta de madeira.

— Não, é perfeito. — Eu o sigo até o prédio empoeirado e úmido.
— Confie em mim. É uma proposta de negócio. E você não pode dizer não.

Isso faz com que ele se vire para mim, sua altura notável fazendo-me parar bruscamente na entrada. Ele tira os óculos escuros da cabeça

e mastiga delicadamente o pedaço de plástico na ponta do braço de metal.

Deveria ser nojento.

Mas acho isso atraente.

— Você está com fome ou algo assim? — Cruzo os braços e ergo o quadril. Eu me sinto como uma adolescente malcriada perto dele. É irritante que ele traga à tona esse meu lado.

Exceto que a maneira como seus olhos percorrem meu corpo não se parece em nada com quando éramos adolescentes.

Seu rosto permanece impassível enquanto o meu esquenta até virar um inferno.

— Eu não posso dizer não? — Ele ignora minha observação e morde o plástico novamente. — Isso não parece uma decisão de negócios muito inteligente.

Engulo de novo, mas desta vez minha garganta está totalmente seca e sinto minha boca cheia de algodão. — Ah, não, confie em mim. Esta será uma decisão de negócios muito inteligente.

— Certo. Você nunca me enganaria. Você faria isso, Rosalie?

Reviro os olhos e noto a teia de aranha no canto quando faço isso. — Por favor, não sou mais uma criança.

Seus olhos arrastam-se para baixo e para cima do meu corpo novamente antes dele suspirar e olhar por cima do ombro para a pilha de arquivos na mesa de madeira que serve como uma escrivaninha improvisada. — Eu não sei disso.

Tudo o que ele diz parece tão sarcástico. Isso imediatamente me irrita, mas não posso voltar a criticá-lo até que eu resolva isso.

— Eu tenho um MBA. Eu não iria encurralá-lo para que você tomasse uma má decisão de negócios.

Seus olhos verdes escuros estão de volta em mim agora, avaliando. — Ok.

Pisco algumas vezes. — Ok?

— Você disse que eu não poderia dizer não. — Uma covinha encantadora aparece em sua bochecha esquerda, mas apenas um flash. Lá por um momento e foi embora.

Ficando mais alta, dou um passo em direção a ele e respiro fundo, olhando suas botas desgastadas até que levanto meu olhar para encontrar seu olhar verde-floresta. Seu cheiro me envolve. Cedro. Não, sândalo. Eu não tenho certeza. Árvores. Madeira. O cheiro do incenso que queimei na minha fase hippie. E algo mais fresco, mais brilhante.

Com um aceno de cabeça, deixo escapar meu plano. — Você deveria me contratar.

Ele pisca e lentamente tira os óculos escuros da boca enquanto seus olhos saltam entre os meus. Eu levanto meu queixo e olho para ele, recusando-me a recuar.

— Eu posso ser sua assistente. Ou qualquer coisa. Vou limpar as teias de aranha. Sou um mago no Excel. Boa – não ótima – com orçamentos. Quem sabe, talvez eu possa transformá-lo em um trilionário? Ou posso ajudar com Cora! Ocupar-me franzindo a testa e olhando para o saldo da sua conta bancária? Sem problemas! Vou buscá-la na escola.

Ele continua olhando, suas feições não revelando nada. Eu deveria ter sido mais gentil com minha oferta. Talvez. Não, definitivamente. O tempo estende-se e minha língua passa pelo meu lábio inferior enquanto minha confiança diminui e o nervosismo aumenta.

Seu olhar segue a ponta da minha língua quase em câmera lenta.

Sua garganta balança e ele repete a melhor palavra do mundo. — Ok.

— Ok?

Ele encolhe os ombros e cruza os braços, os bíceps salientes contra o tecido fino da camisa surrada. — Lembra da parte em que você *acabou* de me dizer que eu não poderia dizer não?

Concordo. — Ainda esperava que você fosse um idiota e fizesse isso de qualquer maneira.

Seus lábios curvam-se e ele balança a cabeça enquanto vira-se e afasta-se de mim. — Rosalie, quando eu disse não para você?

E eu simplesmente fico aqui, atordoada.

Preciso de uma carona para casa depois desta festa. Quero ficar sozinha.

Eu preciso de um emprego.

Porque por mais que eu tente, não importa o quão idiota ele tenha sido, não consigo pensar em um único exemplo de Ford dizendo-me outra coisa senão *ok*.

CAPÍTULO OITO

Rosie

Encosto-me na lateral do meu carro em frente à Rose Hill Middle School. Ainda não está muito quente no início da primavera, mas encostar-me à tinta preta sob um raio de sol direto é uma maneira fantástica de enganar-me e sentir-me assim.

Quando Ford mencionou o horário de saída de Cora, imediatamente me ofereci para vir. Aquele celeiro fede, e quando sugeri que ele poderia querer contratar um empreiteiro profissional para trazê-lo para este século, ele parou de falar comigo. Como o menino mal-humorado de que me lembro. Mesmo que ele saiba que estou certa.

É por isso que eu mal podia esperar para sair de lá. Muita tensão. Um nó no estômago que me faz duvidar das minhas qualificações para esta posição. A lembrança de como meu último emprego terminou – que talvez eu não tenha sido contratada pelas minhas capacidades. Eu precisava de algum espaço para respirar. Longe de Ford. Respirar é sempre mais difícil perto dele. É também por isso que estou aqui mais cedo.

Meu telefone vibra no bolso de trás e eu o puxo para encontrar o nome de Ryan piscando na tela. Com um suspiro pesado, deslizo para responder.

Talvez o sol quente faça com que esta conversa seja melhor.

— Ei.

— Querida. Oi. Como está a visita à família? — ele diz, parecendo totalmente distraído. Eu sei que ele provavelmente está no trabalho agora, verificando e-mails ou revisando seu convite formal

para o Old Boys Club. Algo estala e ele claramente está mastigando. Isso não deveria me incomodar – todo mundo precisa comer –, mas o som é como pregos em um quadro-negro.

Provavelmente porque eu saí atrás de algo que claramente me chateou, e ele parece completamente perplexo com a coisa toda.

— Sim. Tudo bem. Vou jantar com meus pais esta noite.

— Legal. Diga oi para eles por mim.

Sim. Porque isso não será estranho. — Vou dizer. Então, ouça...

— Quando você está pensando em voltar?

— Certo, então... é isso. Eu meio que... consegui um emprego aqui.

A trituração finalmente para.

— Você conseguiu um emprego aí? — Ele parece chocado e eu imediatamente sinto-me culpada.

— Sim. — Meus lábios juntam-se e olho para o campo onde cresci jogando futebol. — Meio que caiu no meu colo. E bem, você sabe que estou tentando encontrar um emprego.

— Sim. Mas *aí*? — ele diz isso com uma zombaria que me irrita. Faz levantar-me um pouco mais alto. Sentindo-me na defensiva deste lugar. Tenho permissão para criticar Rose Hill – não é perfeita, mas é *minha*. Ele não é daqui, porém, e me incomoda que ele pense que tem permissão para falar merda sobre minha cidade.

— Sim. É uma ótima oportunidade. E preciso de espaço.

— Espaço?

Estremeço. Posso imaginá-lo agora. O ar de confusão infantil em seu rosto enquanto ele revira essa palavra em sua cabeça.

Espaço.

— Sim. Espaço.

Sou recebida pelo silêncio a princípio. — Isso é figurativo ou

literal? — ele diz, finalmente. — Gosta do espaço ao seu redor que você encontra aí fora? Ou espaço de mim?

Engulo em seco, pensando em todos os pais esperando para pegar seus filhos. Eles conversam alegremente e recebo um olhar estranho e curioso. Eu cresci aqui, claro. Mas não volto com frequência suficiente para me lembrar da maioria das pessoas.

— Eu acho que ambos — falo em um tom abafado. Mais silêncio.

— Sinto muito, Ryan. Eu só... quero ser sincera com você.

— Tem mais alguém?

Penso em todos os olhares sujos que Ford lançou-me esta tarde. E a maneira como ele puxou meu rabo de cavalo ontem à noite.

Balanço minha cabeça. — Não. Não tem.

Seu suspiro pesado me diz que ele está aliviado. Aquele lampejo de ciúme depois de parecer tão desinteressado ultimamente pega-me desprevenida. *Muito pouco, muito tarde.*

— Ok, bom. Ouça. Eu... posso ir visitá-la aí? Adoraria apenas sentar e realmente conversar sobre isso. Ver o que podemos fazer para dar o nosso melhor.

Eu quero dizer não a ele. Quero dizer a ele que terminamos. Quero dizer que não sou eu, é ele. Também quero perguntar a ele por que ele se sentiu tão confortável em varrer a situação de Stan para debaixo do tapete.

Mas também não quero falar sobre isso – com ninguém. E não quero ser *má* como Ford me disse que sou. Não quero tomar uma decisão tão definitiva quando já sinto me tão perdida. E não quero ser o tipo de mulher adulta que termina com um namorado de longa data por telefone.

— Sim, com certeza. Claro.

— Certo, ótimo. — Posso ouvir o sorriso em sua voz e o rangido de sua cadeira enquanto ele se ajusta nela. — Estou olhando minha agenda agora. O segundo fim de semana do próximo mês seria bom

para você?

Minha boca está tão aberta que uma mosca e toda a sua família poderiam se mudar. — No próximo mês?

— Sim. Tenho alguns projetos realmente importantes no momento. É impossível sair da carga de trabalho.

Muito importantes.

O fato dele marcar um encontro para me cortejar daqui a quatro semanas me deixa em silêncio. Se a situação não fosse tão dolorosamente sem graça, poderia ser engraçada. Se eu não estivesse tão ofendida, poderia rir. Ele deveria largar tudo e correr para cá. Para conversar. Para se desculpar por não esfregar minhas costas quando contei a ele o que aconteceu comigo no trabalho. Por não compartilhar minha raiva quando o RH me entregou uma carta de demissão idiota detalhando meu desempenho abaixo da média – o que convenientemente ocorreu após um de seus presidentes de empresa me agredir sexualmente.

O sinal toca e sou salva por ele, literalmente. Porque com mais paz, sossego e sol quente, eu poderia ter dito algo *cruel* para ele.

E sei que não sou perfeita. Sei que não tenho feito muito esforço para as coisas funcionarem entre nós ultimamente. Mas também posso ver que nenhum de nós quer exercer a nossa influência. Só estamos aqui porque estamos confortáveis. *Seguros*.

As portas se abrem e os gritos de crianças felizes enchem o ar.

— Claro. Vou verificar minha agenda — murmuro.

E então desligo. A agitação percorre meu corpo, seguida por um profundo sentimento de vergonha que nunca senti antes.

Pena, porque estou com vergonha de fazer qualquer coisa em relação a Ryan e meu antigo emprego. Pena, porque meu namorado há dois anos não sente vontade de me defender durante todo o desastre. Pena, porque eu não deveria deixar isso me incomodar tanto. Sou uma garota feliz, engraçada e divertida, Rosie Belmont, mas sinto-me como uma versão entorpecida de mim mesma.

Observo Cora enquanto caminha em minha direção em um par de Doc Martens desajeitados com uma carranca mortal no rosto.

Quase rio, porque ela se parece exatamente com Ford esta tarde. Mal-humorado e temperamental – e vestindo preto da cabeça aos pés.

— Cora! — eu chamo, levantando minha mão em um aceno. — Sou sua carona hoje! — Sinto o peso de mais do que alguns olhares sobre mim, mas os ignoro.

Seus olhos reviram e ela coloca os polegares sob as alças da mochila. — Você não precisa gritar — ela resmunga enquanto se aproxima.

— Quer que eu dance da próxima vez para que você possa me identificar no meio da multidão? — Dou-lhe uma cotovelada provocativa enquanto ela passa por mim.

Olhando por cima do ombro, ela balança a cabeça e aponta o queixo para alguns dos pais que estão esperando. — Não. Esses pais pervertidos de cidades pequenas gostariam demais disso.

Oh, garoto. Eu lembro-me dessa fase. Pensar que você é legal e adulto, quando na realidade você está repleto de angústia adolescente e de todos os estados de espírito conhecidos pelo homem. Uma pontada agri-doce me atinge quando a vejo subir no banco do passageiro da frente. Talvez ela e eu não sejamos tão diferentes, afinal.

É por isso que esboço um sorriso e abro a porta do motorista antes de sentar-me ao lado dela.

— Eu quis dizer a dança das galinhas, não um strip-tease — falo com falsa decepção enquanto coloco a chave na ignição.

Ela não responde, mas quando olho para ela, juro que vejo seus lábios se contorcerem.

— O que você está fazendo?

Estacionada em frente ao escritório de merda de Ford, Cora me encara com a testa toda franzida. Ela até se parece com ele quando faz isso.

— Pensando. — Minhas mãos giram no volante do meu Subaru.

— Parece que você vai estourar um vaso sanguíneo — ela diz casualmente, enquanto coloca um pouco de Juicy Fruit⁸ na boca.

— Essa é uma representação precisa de como me sinto por dentro também.

— É Ford?

Afundo no banco, apoiando as mãos no volante. — É toda a minha vida. Você sabe?

Ela balança a cabeça, e estou prestes a dizer algo como, *claro que você não sabe, você tem doze anos de idade, porra*, mas a expressão nos olhos dela me diz que talvez ela saiba.

— Meu trabalho. Minha situação de vida atual. Meu namorado. Ter que contar aos meus pais sobre tudo isso. Um vaso sanguíneo estourado seria literalmente a cereja no topo.

Ela anima-se com a menção do *namorado*. É sutil, mas está lá. A maneira como ela se inclina gradativamente para frente e inspeciona-me um pouco mais de perto.

— Você tem um namorado?

Eu suspiro e balanço minha cabeça. — Ótima pergunta. Continuo me perguntando a mesma coisa.

A decepção preenche seu suspiro de resposta.

— Você tem um namorado?

Ela faz uma careta para mim.

— O quê? Não é como se eu fosse contar isso ao seu pai – ou desculpe, Ford. Porra, desculpe. Como estamos chamando-o?

— Chefe?

Eu bufo. Ela é engraçada. — Pessoalmente, gosto de Junior.

— Ouvi dizer que ele realmente não gosta disso.

Eu inclino-me e dou a ela uma piscadela conspiratória. — Exatamente.

Seus olhos procuram meu rosto como se ela não tivesse certeza do que pensar de mim. Tenho certeza de que não transmito a vibração maternal que ela provavelmente está acostumada nas mulheres mais velhas. Estou muito bagunçada para isso agora. E sou muito velha para ser irmã dela. Talvez mais como uma tia legal. Alguém que aprecia não ter mãos pegajosas de suco de raspadinha sobre ela.

A companhia de Cora é uma lufada de ar fresco e não tenho certeza se estou pronta para deixá-la ainda. Também não hesito em admitir que ela pode tornar o que estou prestes a fazer a seguir um pouco menos tenso.

— Ei, quer ir comigo para a casa dos meus pais em vez de ver o Junior invadir e limpar um prédio que ele poderia facilmente pagar alguém para limpar para ele?

Ela sorri, virando-se para olhar pela janela. — Claro. Greta e Andy parecem legais.

— Ah, você os conheceu?

— Brevemente. Uma vez. Eles definitivamente emitem vibrações de avós.

— Provavelmente porque é isso que eles são.

Ela lança-me um olhar amargo e meus lábios se contraem. Esperemos que eles continuem a emitir boas vibrações de avós quando descobrirem que Rosie, *a boa menina*, saiu dos trilhos e desperdiçou sua chance de ter o trabalho, a casa, o cara e os dois vírgula cinco filhos de uma só vez.

Eu odeio decepcionar as pessoas.

A ansiedade agita minhas entranhas, mas forço um leve sorriso na

direção de Cora. — Vá contar a Ford para que ele não se preocupe com você. Vou esperar.

Então ela está saltando para fora do carro, com um pequeno pulo no passo que faz sua mochila quicar. Isso a faz parecer mais jovem do que as carrancas e a tagarelice poderiam sugerir. Eu sorrio para ela, esperando poder buscá-la na escola com mais frequência.

Em poucos momentos, ela está de volta.

Com a Ford a reboque.

Ela não olha para ele, porém, enquanto corre de volta para o carro e senta-se no banco do passageiro da frente.

— Por que ele está aqui?

Ela dá de ombros. — Disse que queria vir conosco.

Ford para, observando-a apertar o cinto com uma expressão de confusão em seu belo rosto. Sua cabeça gira lentamente enquanto ele olha para o banco de trás, e mal consigo evitar uma gargalhada. Duvido que ele se lembre da última vez em que sentou sua bunda elegante no banco traseiro de algo que não estivesse equipado com uma divisória de privacidade e um balde de gelo.

Apertei o botão para abrir a janela traseira do passageiro e gritei: — Quer que eu segure a porta aberta para você, Junior?

A maneira como sua cabeça se inclina. A maneira como seus braços se cruzam. A maneira como seus olhos se dirigem aos meus por cima do encosto de cabeça de Cora. Tudo pinga desdém.

E ainda assim, eu sorrio.

Sem outra palavra, Ford dá um passo à frente e abre a porta traseira. Quando ele dobra seu corpo alto no banco de trás, *quase* sinto-me mal. Meu hatchback Impreza é prático e divertido de dirigir, mas não foi feito para homens de sua estatura andarem confortavelmente no banco de trás.

— Não se preocupe, senhor. Não é longe. E se você estiver com fome, suspeito que deixei uma barra de cereais parcialmente derretida

no bolso atrás desse assento.

Ele continua lançando-me seu melhor olhar mal-intencionado pelo espelho retrovisor enquanto Cora joga Pokémon GO em seu telefone, tentando fingir que não me acha engraçada.

Então Ford avança. Ele puxa a barra de cereais, que deve estar vencida, rasga-a e dá uma grande mordida, tudo isso enquanto segura meu olhar. Sua mandíbula quadrada se move, a barba escura atraindo meus olhos para seus lábios por um instante antes de eles puxarem de volta. — Obrigado, Rosalie — ele diz. — Isso é delicioso.

CAPÍTULO NOVE

Ford

Rosie respira fundo antes de levantar a mão para bater na porta da casa dos pais. Não sei por que ela está batendo. Acho que ela simplesmente poderia entrar e se anunciar. Estendo a mão para apertar seu ombro como forma de segurança, mas anos de prática fazem efeito, e forço minha mão para baixo enquanto lembro internamente que sou seu chefe – não seu namorado.

Ainda assim, é impossível ignorar que algo está errado com ela. Eu simplesmente não consigo descobrir o quê. Ela é ela mesma, mas também arisca. Pelo menos o fato de eu comer uma barra de proteína já a fez rir. Valeu a pena, mesmo que eu não consiga tirar o gosto de aveia estragada da boca.

— Rosie, querida! — Greta Belmont balança a cabeça e pisca algumas vezes, como se seus olhos a estivessem enganando. — O que você está fazendo aqui? — Ela se recupera o suficiente para envolver a filha em um abraço apertado.

— Oi, mamãe. — Rosie a abraça de volta. Forte.

— O que você está fazendo aqui? — Andy diz logo atrás de sua esposa, um fio de suspeita entrando em seu tom.

Greta vira-se para dar um tapa no peito dele, um braço ainda sobre os ombros de Rosie. — Dê uma recepção melhor à sua filha quando ela aparece para nos surpreender!

Andy arqueia uma sobrancelha para sua filha. O homem é todo latido, sem mordida. Ele tem um coração grande e mole, mas não é conhecido por ser caloroso e confuso. — Como você está, Rosie Posie? — ele pergunta, olhando-a cuidadosamente antes de se aproximar

para dar-lhe um abraço gentil. Seus olhos azuis são iguais aos de Rosie e seu cabelo está ralo um pouco na parte superior.

— Estou bem, pai. — Há uma falha na voz de Rosie. Ela disfarça limpando a garganta e acrescentando *tudo bem*, antes de se afastar.

Sua mãe finalmente se vira, avistando o resto de nós que fomos arrastados nesta expedição. — E você trouxe Ford e Cora com você!

Greta parece feliz em me ver.

Andy parece confuso sobre o motivo de eu estar aqui.

Para ser justo, eu também estou. Talvez tenha sido a maneira como Cora olhou para as unhas lascadas quando anunciou: — Acho que Rosie está tendo um colapso mental. Além disso, irei para a casa dos pais dela com ela. Até mais.

Eu não ia deixá-la ter um colapso mental sozinha. Rosie olha por cima do ombro para mim, as bochechas corando um pouco antes de se virar. — Sim. Eu pretendia apenas trazer Cora, mas Ford se convidou. — Ela passa as mãos na frente da calça jeans como se estivesse limpando a poeira das mãos. — Então aqui estamos nós!

— Bem, entrem. Entrem. Vamos tomar um chá. — Greta pisca para mim. — Ou uma cerveja? Parece que me lembro de você e West fazendo isso quando eram mais jovens.

Andy olha com atenção. Ele não está carrancudo, mas também não há nada de acolhedor em sua expressão. Suspeito que seus sentidos de aranha também estejam formigando, como se ele soubesse que há algo *errado* com sua filha ferozmente independente e seguidora as regras, aparecendo do nada.

— Chá está ótimo.

Greta sorri e passa o braço por cima de Rosie, apertando a filha com força contra seu corpo. — Perfeito. Chá é o favorito de Rosie Posie.

Mordo o interior da minha bochecha enquanto entramos. Acho que a Sra. Belmont não viu a filha beber um gim-tônica como se

houvesse uma escassez mundial como eu.

Seguimos Andy até a sala de estar e não posso deixar de notar Cora observando o que está ao seu redor. A nova casa dos Belmont lembra uma grande caixa de concreto, moderna de cima a baixo. Exceto seus móveis.

Eles realocaram suas antigas peças de fazenda diretamente para seu novo lugar. Você pensaria que isso iria colidir com os modernos aparelhos de aço inoxidável e as paredes cinza-ardósia, mas há um certo charme eclético no local. Não acho que seja intencional, mas existe mesmo assim.

Os móveis têm personalidade. Cada almofada dos sofás de veludo com estampa floral cai ligeiramente no meio. A mesa de centro tem uma placa de vidro em cima de uma base ornamentada de ferro forjado. Por baixo, o tapete persa exala um clima descontraído, sua base branca acentuada com rosa e azul e um verde mentolado. Até as estantes de livros têm uma espécie de estilo vintage de casa de campo.

Greta acomoda-se no sofá de dois lugares com estampa de flores, perto da filha. Cora e eu ficamos em lados opostos do sofá, de frente para eles – o mesmo sofá em que desmaiei depois de muitas cervejas quando era adolescente, tenho certeza. E depois de colocar uma bandeja com um bule, xícaras e um prato de biscoitos amanteigados na mesinha de centro, Andy pega a cadeira La-Z-Boy de couro azul marinho, possivelmente a única peça de mobiliário desta década.

— Não há Ryan nesta viagem? — Greta pergunta enquanto inclina-se para servir a primeira xícara.

— Não — Rosie diz rapidamente, os olhos se voltando para os meus enquanto Cora come os biscoitos. — Não dessa vez.

— Oh, meu Deus. Este biscoito está tão seco — sussurra Cora para que só eu possa ouvir, segurando-o na frente do rosto como se fosse um espécime em um laboratório.

— Ele está bem? Esse garoto trabalha muito.

Os lábios de Rosie juntam-se e não consigo evitar a sensação de

que ela está evitando meu olhar. — Ele definitivamente trabalha demais.

— Demais? — Andy fala. Ele faz isso como uma pergunta, mas seus olhos fazem com que pareça mais uma afirmação. Como se ele *soubesse* de alguma coisa.

Greta envia-lhe uma reprimenda silenciosa enquanto Rosie pega um biscoito e o enfia na boca, como se isso pudesse impedi-la de ter essa conversa. — Provavelmente — ela murmura, rapidamente limpando uma migalha do lábio.

— O quê? — Andy diz, ainda olhando para sua esposa. — Ela aparece do nada, sem avisar, com Ford ao seu lado? Sempre esperamos que isso acontecesse.

Os olhos de Rosie arregalam-se comicadamente e então ela tosse como se o biscoito seco que acabou de engolir tivesse caído no tubo errado. Sua mãe lhe dá um tapa nas costas, o que não faz nada além de tirar violentamente migalhas secas de sua boca.

Foda-se, esta é a festa do chá mais estranha do mundo.

Com uma mão na garganta e a outra no joelho da mãe – um apelo silencioso para que ela pare de bater nas suas costas – Rosie luta para recuperar o fôlego.

— Talvez você devesse usar a manobra de Heimlich nela — Cora oferece, sem ajuda, do seu lado do sofá.

Rosie balança a cabeça. — Não, eu estou bem. — Ela passa as costas da mão sobre a boca e depois olha para o pai. — Primeiro, você sempre esperou que *o que* aconteceria? — Então ela olha para Greta. — E em segundo lugar, meu Deus, esses biscoitos estão tão secos que poderiam muito bem ser um bocado de farinha.

Cora acena com a cabeça antes de deixar escapar: *Preciso*.

Eu? Inclino-me para a frente, apoio os cotovelos nos joelhos e esfrego os dedos nas têmporas. Talvez consiga evocar uma razão estritamente platônica pela qual senti a necessidade de acompanhar Rosie a esta reunião como uma espécie de cavaleiro idiota de

armadura brilhante.

Exceto que todas as razões que surgem em minha mente são aquelas que não pertencem a elas. Aquelas as quais eu nunca poderia dar voz. Não há nada de platônico no que sinto quando se trata de Rosie. E estou mais feliz do que deveria estar por ela estar de volta à cidade.

— Quero dizer, é o jeito que vocês dois sempre brigam...

— Pai, vou parar você aí mesmo. Existem três razões pelas quais você está errado. Primeiro, Ford é o melhor amigo de West. Dois, ele é meu novo chefe...

— O quê? — Greta parece chocada.

Andy parece cada vez mais desconfiado. — E o seu trabalho chique na cidade grande?

Com um suspiro de derrota, Rosie levanta-se e olha nos olhos dele. — Não deu certo, pai.

Eles se encaram por alguns instantes, como se estivessem tendo algum tipo de conversa silenciosa.

Então Andy acena com firmeza.

Rosie oferece o mesmo de volta.

O resto de nós apenas assiste confuso.

— De qualquer forma — Rosie continua, acenando em minha direção com uma das mãos. — Assumi o cargo de assistente pessoal de Ford.

Assistente Pessoal. É isso que ela pensa? Admito que não fui muito conversador hoje. Algo em tê-la em meu espaço me deixou nervoso. Eu senti como se estivesse constantemente orientando-me em sua direção, como se meu olhar fosse atraído para ela contra a minha vontade.

Foi perturbador.

E isso impediu-me de contar a ela o que eu realmente imaginava

que ela faria pelo negócio.

— Não — eu digo, e ela para com a única palavra que atravessa a sala. — Estou contratando Rosalie como minha gerente comercial. Logo depois de termos uma entrevista formal amanhã, onde definiremos algumas regras básicas, e terei a oportunidade de ver o currículo dela.

— Ela tem MBA — diz Andy com orgulho.

Eu aceno e olho nos olhos dele. — Eu sei, senhor. Vi o perfil dela no LinkedIn. — Meus olhos voltam para Rosie, como sempre fazem. Ela está chocada demais para dizer qualquer coisa rude, o que é incomum, para dizer o mínimo. — E ela tem uma mente incrível para os negócios, tenho certeza. É por isso que vou contar com a ajuda dela para colocar a Rose Hill Records em funcionamento. Depois poderei focar no lado criativo, sabendo que os números estão em boas mãos.

Rosie pisca, a boca entreaberta.

— E quando ela voltar para a cidade? — Greta simplesmente aparece e me dá um chute hipotético no estômago sem um bom motivo. Atinge-me com o que sei que provavelmente é verdade. Meu estômago embrulha forte e rápido, assim como aconteceu quando Rosie saiu da cidade pela primeira vez.

Ela tem uma vida em Vancouver. Um *namorado*.

Eu sei que ela não vai ficar em Rose Hill por muito tempo.

Mas também não gosto de pensar nisso. Nunca vou admitir isso para ninguém, mas estou sentindo-me terrivelmente sentimental por tê-la tão perto novamente.

Rosie Belmont partiu para começar sua vida há dez anos e mal voltou. Isso esmagou-me quando ela saiu.

Não quero nem pensar no que isso pode fazer comigo agora.

— Tenho certeza de que ela poderia trabalhar remotamente. — Forço um sorriso e dou uma espiada em Rosie antes de acrescentar: — Se ela quiser.

A água fria corre sobre minha pele enquanto viro a cabeça para respirar fundo. Meus braços movem-se em movimentos longos e lentos enquanto meu cérebro corre solto. Nadar geralmente ajuda a clarear a cabeça, mas hoje, logo após aquela festa do chá, não está funcionando.

Eu penso em Cora.

Penso no mofo que encontrei hoje em uma parede do escritório quando tentei substituir um interruptor de luz.

Penso nos artistas que estão enchendo meu e-mail, querendo trabalhar comigo.

Penso em não ter data de inauguração à vista.

Mas acima de tudo, penso em Rosie.

É por isso que a voz dela me paralisa durante meu mergulho noturno.

— Você está me perseguindo, Junior?

Paro bruscamente enquanto respiro fundo e uso as duas mãos para tirar o cabelo do rosto.

No final do cais, Rosalie está aconchegada em um cobertor Navajo, saboreando um saco de batatas fritas. Olhando para mim como se eu fosse um idiota, como sempre.

— O quê?

— Você continua nadando além do meu cais. Eu estive observando você. Você simplesmente vai e volta entre este poste e aquela boia, uma e outra vez. Como um leão andando em sua jaula. Ou como um esquisito tentando me ver.

Para ser justo, sinto-me um pouco como um leão andando de um lado para o outro em sua jaula. E eu seria um mentiroso se dissesse que não pensei em vê-la.

— E está muito frio aqui fora. Você não ganha nenhum tipo de prêmio de herói por nadar no lago antes de junho.

Minhas pernas balançam e meus braços traçam o topo da água enquanto olho para ela. — Eu simplesmente gosto disso. Limpa minha cabeça. Cansa-me. Você deveria tentar algum dia. Isso pode torná-la mais agradável.

Ela coloca outro pedaço na boca, as pernas balançando na extremidade do cais. — Estou bem. Observar você se exercitando me faz sentir como se estivesse quase experimentando isso. Além disso, nós dois sabemos que nunca estarei de acordo com você e que a água está gelada nesta época do ano. Isso apenas pioraria as coisas. Não, obrigada, senhor.

— É bom para o meu metabolismo — respondo simplesmente, emergindo na água e olhando para ela.

Quando seus olhos vagam pelos meus ombros, eu desvio o olhar, arrepios aparecendo na minha pele, o coração batendo um pouco mais forte.

— Se você estiver com frio, vou deixar você se sentar no meu cais. Posso até compartilhar minhas batatas com você. Não adianta ter um bom metabolismo se você não pode comer batatas fritas sempre que quiser.

Eu sorrio. É pequeno, mas é um sorriso mesmo assim. — Deixe-me ver se entendi. Você vai *me* deixar sentar no *seu* cais e comer *suas* batatas fritas?

Ela dá de ombros e sorri de volta. — Sim. Preciso ser um pouco gentil com meu novo chefe.

Balanço a cabeça, mas também não digo não. Em vez disso, nado até a praia, pego minha toalha, coloco meu roupão e caminho ao longo do cais em direção a Rosie, sentando-me a uma distância segura dela.

Sua cabeça inclina-se. — Eu não vou morder, Junior. Isso é longe demais para compartilhar batatas. Ou devo jogá-las em você? Porque

não me oponho a esse plano. Abra bem a boca e vou fingir que estou mirando na sua boca.

Eu resmungo e apoio-me nas palmas das mãos, aproximando-me dela. Perto o suficiente para comer batatas fritas, mas longe o suficiente para manter as coisas profissionais. Ou familiar. Ou seja lá o que diabos a irmã mais nova do meu melhor amigo deveria ser para mim.

Ela segura o pacote, ainda olhando para a água.

— Ainda só come Old Dutch sour cream e cebola?

Eu deparo-me com uma risada suave. — Eu não posso acreditar que você se lembra disso. Mas sim. Elas estão ficando cada vez mais difíceis de encontrar na caixa. Às vezes, tenho que me contentar com o pacote. — Ela zomba de seu lanche.

— Isso importa?

— A caixa é mais charmosa. Também tem um gosto melhor, eu acho.

— Você acha? — Coloco uma na boca e é como um déjà vu instantâneo. Embora Rosie tenha comido essas batatas fritas a vida toda, eu nunca as comi com ninguém além dela. Ombros queimados de sol, sardas no nariz, toalhas molhadas, um bando inteiro de crianças aqui no verão empurrando umas às outras para fora do cais.

— Sim, é como Coca-Cola em garrafa de vidro – superior em todos os sentidos.

Balanço a cabeça enquanto pego outra batata. — Você não está errada.

Ela sorri, satisfação pintando suas feições. — Música para os meus ouvidos, Junior. Faz algum tempo que não ouço como estou certa.

O comentário é bastante improvisado, mas ainda faz minhas engrenagens girarem. Rosie é estudiosa e inteligente, e mesmo sendo uma grande conversadora de merda, ela é uma humana excepcional. Eu sei que ela é. Quem diabos está dizendo a ela que ela não está

certa?

— Onde está Cora? — ela pergunta entre mordidas, claramente não se importando em parecer afetada ou educada na minha frente. E isso é especial: alguém que me trata como se eu fosse *eu*. Ela me trata como se eu fosse apenas um cara normal e não o multimilionário mais sexy do planeta ou como diabos fui chamado por aquele artigo estúpido.

Não quero ser ele, e com Rosie não preciso ser.

— Escrevendo freneticamente em seu diário. Perguntei se ela queria vir até o lago comigo e ela me lançou um olhar feio.

— Ugh. Eu realmente deveria começar a escrever em um diário novamente. Tão catártico. Provavelmente será necessário se eu for trabalhar com você o dia todo, todos os dias.

Eu zombo e passo a mão pelo cabelo, observando a água ondular sob a brisa da primavera. — Não sei o que estou fazendo com ela. Quero dizer, tenho um teto sobre a cabeça dela e comida para ela comer, mas somos estranhos. Eu não sei ser pai.

— Eu não acho que ela precisa que você seja o pai dela. Ela tem um desses – ou tinha. Ela só precisa que você esteja ao seu lado da maneira que funcionar para vocês dois.

— Essa coisa toda é muito estranha, e nós dois sabemos disso.

Rosie assente, perdida em pensamentos, ainda chutando os pés de um jeito quase infantil. — Sim. Isso é. Mas às vezes estamos apenas fazendo o melhor que podemos, sabe? Isso é novo para vocês dois. Haverá um período de adaptação. E lembro-me de ter a idade dela, tão cheia de angústia e hormônios e de pensar que sabia muito mais do que sabia. Você precisa encontrar um ponto em comum com ela, algo que possam fazer juntos que não pareça... como lição de casa ou algo assim. Claramente, ela não gosta de nadar, mas do que ela gosta?

Eu bufo. — A cor preta.

— Preto é uma cor ótima.

— Rosie, preto não é uma cor. É uma sombra. E isso é maravilhoso vindo da garota que usa rosa quase exclusivamente desde que a conheci, aos nove anos de idade.

Ela ri. — Você é um nerd. E eu não uso *apenas* rosa. Atualmente meu sutiã e calcinha são vermelhos brilhantes.

Congelo por um instante e depois limpo o rosto com a palma da mão aberta. Solto um suspiro perturbado, fingindo que estou exasperado por ela quando na verdade só preciso de um momento para recuperar a compostura.

E para não imaginar Rosalie Belmont em lingerie vermelha brilhante.

Uma risada suave vem dela. — Acalme seus peitos, Junior. Foi uma piada.

Com isso, ela... joga uma batata na minha cara.

Seus olhos arregalam-se como se ela não pudesse acreditar no que acabou de fazer, e então ela ri com um movimento sutil de cabeça. — Eu juro que volto a ser uma criança malcriada de doze anos quando estou perto de você.

Eu rio, olho para minhas mãos e... jogo minha batata na cara dela.

— Ford Grant. Eu sei que você não fez isso — ela suspira as palavras, lutando para se controlar. Suas bochechas transformam-se em maçãs redondas e cor de rosa. Se eu tiver que jogar batatas fritas nela para fazê-la rir assim – o tipo de risada que machuca seu estômago e faz com que você seja expulso da aula – que assim seja.

Vou jogar batatas fritas em Rosie Belmont todos os dias.

Tudo o que faço é dar-lhe uma piscadela e lançar outra, que atinge o arco de seu lábio superior, deixando uma camada de creme e cebola em pó em seu caminho.

Ela joga a cabeça para trás e ri, aquele longo rabo de cavalo caindo em cascata em suas costas. Um pouco de umidade vaza pelo

canto do olho enquanto ela tira uma batata frita do saco, mas antes que ela possa jogá-la em mim, minha mão se estende. Estou rindo também quando meus dedos envolvem seu pulso delicado.

Nós dois estamos rindo quando eu a puxo para mais perto e pego a batata entre seus dedos. Ela cai em mim, e tudo desmorona sobre nós enquanto caímos e brigamos por isso como duas crianças por um brinquedo. O saco de batatas fritas é descartado do outro lado dela.

Sua palma livre pousa entre as lapelas grossas do meu roupão atoalhado, no meu peito nu.

E é aí que o riso para.

Seus olhos caem para onde sua pele pressiona a minha. Toda a brincadeira imatura entre nós desaparece, pingando entre as tábuas do cais e sendo levada pelo lago.

Quando meus olhos voltam para os dela, tenho a experiência completa de ver Rosalie Belmont lambe os lábios enquanto as pontas dos dedos curvam-se levemente na reentrância logo abaixo da minha clavícula. Ela está dando uma olhada boa, longa e flagrante.

E estou atordoado demais para me mover. Muito fraco para detê-la.

— Que porra vocês dois estão fazendo? — A voz de West, cortando o ar dourado do crepúsculo, faz seu olhar voar para encontrar o meu.

Nós dois ficamos sentados como se tivéssemos sido pegos fazendo algo errado.

Mal me recompus quando ela dá um tapinha no meu ombro como se estivesse consolando uma criança e sussurra: — Desculpe.

Sem nenhum aviso, ela empurra-me para fora do cais e para dentro do lago ao som da risada de seu irmão. Eu só desço abaixo da água por um momento antes de voltar à superfície.

— Dando um passeio pela estrada da memória — ela grita de volta para West enquanto ele caminha pelo cais com botas pesadas.

Os dois Belmont riem enquanto eu enxugo a água dos olhos e olho para cima. Aponto para Rosie, sem ter certeza do que aconteceu, mas com a certeza de uma coisa...

— Você vai pagar por isso, Rosie Posie.

CAPÍTULO DEZ

Rosie

Quando entro no prédio com cheiro de mofo que chamamos de escritório, estou pronta para enfrentar o dia.

Reduzi meu traje normal de trabalho, mas meu blazer é rosa-claro – rosa, eu acho – e isso me deixa feliz. Combinei com uma camiseta branca lisa, jeans folgados e um par de botas bege de camurça com salto grosso – espero que doam quando eu chutar a bunda de Ford por ser tão totalmente desconcertante.

O puxão de cabelo. A maneira como ele ficou estranhamente imóvel com a minha piada sobre calcinha vermelha. A maneira como ele arrastou-me para mais perto dele. A maneira como seu peito aparecendo por baixo do roupão me fez parar.

A maneira como ele deixou-me tocá-lo sem hesitação.

Sim. Eu vou chutar a bunda dele, tudo bem.

Ford já está aqui, sentado à velha mesa, com o telefone apoiado entre o ombro e a orelha. Ele parece relaxado – braços cruzados, pés estendidos, então ele está recostado. Posso ouvir vagamente alguém falando do outro lado da linha e, enquanto ele escuta, tento não olhar para ele ou para o que agora sei ser um peito duro sob seu suéter tricotado. Pulseiras de miçangas empilhadas em cima de um relógio que é brilhante o suficiente para chamar sua atenção.

Cabelo despenteado. Botas desgastadas. Sua barba por fazer um pouco mais longa do que ontem.

Ele é basicamente uma luz vermelha piscando. Há tantos motivos pelos quais não deveria deixar meu cérebro continuar.

Meu irmão. Meu talvez namorado, talvez colega de quarto. Preciso manter meus olhos no meu trabalho e não em qualquer transformação pela qual Ford passou na última década que o deixou exalando sexo.

Eu preparo-me quando lhe ofereço um aceno firme e viro com um novo senso de direção. Ou pelo menos uma nova noção de qual lado da estrada evitar desviar.

Mas quando realmente olho para o espaço, paro bruscamente. Bem em frente à mesa de Ford, a aproximadamente seis metros de distância, há outra mesa. Com outra cadeira. De frente para ele.

Basicamente, minha câmara de tortura pessoal. Devo passar o dia todo trabalhando enquanto enfrento a Ford? De jeito nenhum.

Vou em direção à mesa, mas paro quando meus olhos percebem o que está em cima.

A capa do livro tem um padrão de borboletas em um campo de flores. Elas dançam no topo das flores. A capa dura já foi brilhante, mas agora está um pouco manchada de água. Um pouco suja em um canto.

Coloco minha mão no peito, esfregando-a em círculos lentos e firmes enquanto olho para o meu diário. O mesmo que joguei pela janela anos atrás. O fecho de aço está quebrado, mas a fechadura em forma de coração ainda está presa aos dois anéis destinados a mantê-lo fechado. Mas agora, pode muito bem estar totalmente aberto.

Se alguém quisesse abri-lo, faria um passeio selvagem pelos meus pensamentos e sentimentos não filtrados. Na verdade, se bem me lembro, a primeira página diz algo como: *Leia por sua própria conta e risco. Eu posso ter falado merda sobre você aqui.*

Com alguns passos à frente, estou bem acima do livro e passo as pontas dos dedos sobre ele. Sentindo onde a capa muda de brilhante para fosca.

Meus olhos enchem-se de lágrimas e não sei por quê. Possivelmente porque estou cara a cara com um artefato perdido da

minha infância.

Viro a cabeça, o queixo roçando meu ombro enquanto espio Ford.

Seus olhos já estão em mim e ele não se incomoda em abaixar o olhar enquanto responde à pessoa ao telefone: — Esse é um ótimo plano. Por que você não fala com eles e depois volta a falar comigo? — Ele desliga sem se despedir. Para algumas pessoas, isso pode parecer rude, mas aposto que, na cabeça de Ford, é simplesmente eficiente.

— Você colocou isso aqui? — Aponto para o diário enquanto viro todo o meu corpo para encará-lo. Eu não o peguei ainda. Não tenho certeza se estou pronta.

— Coloquei. — Ele inclina-se para frente para jogar o telefone na mesa antes de retornar à posição recostada, levantando os braços e entrelaçando as mãos como uma rede atrás da cabeça.

Minha garganta fica seca. — Onde você conseguiu isso?

— Na beira da estrada. Você conseguiu evitar a vala e aterrissá-lo entre um tronco caído e um álamo.

Meu rosto se contrai em confusão, porque nem uma única parte disso faz sentido. — Ainda estava lá depois de todos esses anos? — Mesmo enquanto pergunto, sei que é a pergunta errada. Não estaria nesta condição depois de passar dez anos no chão da floresta.

— Não, eu fui lá um dia depois que você o jogou e procurei. — Sua cabeça inclina-se como se ele estivesse considerando suas próximas palavras com cuidado extra. — Precisei de algumas viagens.

Pisco, tentando entender suas palavras. — Você está dizendo que voltou mais de uma vez para procurar meu diário?

Ele dá de ombros. Uma afirmação silenciosa.

— *Por quê?* — Eu não consigo entender por que ele fez isso. O tempo. O esforço. Tudo gasto com a irmã mais nova de seu melhor amigo, que passava todos os verões fazendo o possível para irritá-lo.

Então me ocorre e aponto um dedo acusador. — Você queria ler,

não é?

Ele olha fixamente e eu ando em direção a ele, encantada por ter encontrado algo novo para provocá-lo. — Você leu meu diário, Junior? Foi interessante...?

— Eu nunca li. — Ele sente direito e se aproxima de sua mesa. Sem me dar uma olhada, ele abre seu laptop com desdém. — Eu não faria isso com você. Mas imaginei que você poderia querer isso um dia. Você já tinha ido para a faculdade quando o localizei e simplesmente esqueci. Não vi você desde então, de qualquer maneira.

— Você viu West.

Ele balança a cabeça, ainda evitando meu olhar. Se eu não soubesse, diria que Ford está nervoso agora. Envergonhado até.

— Você poderia ter dado a ele.

— Eu poderia — é sua resposta impassível.

E, de repente, sou eu quem fica nervosa. Este homem fez algo doce – até mesmo terno – muito tempo atrás, e não tenho ideia de como responder.

Ele claramente não queria que ninguém que pudesse lê-lo o tivesse. E West definitivamente teria lido, porque ele é esse tipo de perturbador de merda. Provavelmente também teria feito uma lista de alvos de todos os caras mencionados nela. Ou contado uma piada interna estranha na ceia de Natal.

— Uau. — Passo os dedos pelos cabelos cuidadosamente cacheados. — Você realmente queria me culpar por ter empurrado você para dentro do lago ontem à noite, hein?

Isso dá-me um estremecimento da bochecha dele e uma espiada tímida por baixo de sobrancelhas pesadas. — Está funcionando? Você se sente mal? — Seus olhos voltam para a tela logo após sua pergunta.

É a minha vez de olhar para ele com uma expressão vazia no rosto. Porque depois dessa revelação, Ford fez-me sentir muitas coisas diferentes.

E *mal* não está no topo da lista.

Sem palavras.

Afetada.

Confusa.

Ford quebra o silêncio sem olhar na minha direção. — Quando você terminar de encarar, você pode procurar um empreiteiro que não vai me enganar para destruir este lugar? Ah, e gostaria de ver seu currículo, principalmente para poder dizer que não menti para seus pais.

E decido que não me sinto mal por empurrá-lo para dentro do lago, afinal.

Nem um pouco.

* * *

Cora parece uma adorável nuvem de tempestade saindo pelas portas da frente da escola. Ford estava convencido de que, como sua gerente comercial, eu não precisava buscar Cora. Insisti e disse que isso torna mais fácil para ele trabalhar durante a tarde. Mas a verdade é que esta excursão diária me dá a pausa que preciso para não sentir o peso do seu olhar sobre mim enquanto trabalho. E gosto da Cora. Eu gosto da companhia dela. Ela me faz rir mesmo quando não estou com vontade, então pegá-la na escola parece uma distração, não uma tarefa.

Quando ela me avista, levanto as duas mãos como se estivesse prestes a acenar. Mas em vez disso, cruzo os polegares e os dedos e começo a dança da galinha.

Quando ela descobre o que estou fazendo, seus olhos arregalam e seus passos aceleram.

Coloco os polegares sob as axilas e começo a bater os braços, mas Cora está tão perto agora que não consigo conter o riso. Eu não a

conheço bem o suficiente para provocá-la assim, mas ei, temos que começar de algum lugar.

Alguém próximo deve estar nos observando, porque pouco antes de ela parar na minha frente, sua cabeça vira para o lado. — Para onde você acha que está olhando?

Seus olhos estreitam-se no homem, mas eu? Eu recebo risadas. Não o reconheço, mas não reconheço mais muitas pessoas em Rose Hill. Este lugar passou de um encantador retiro à beira do lago a uma movimentada cidade montanhosa nos últimos dez anos.

— Oi, Cora — digo calmamente enquanto a observo caminhar ao redor do carro e praticamente cair no banco do passageiro.

— Olá, Rosie.

Entro, coloco o cinto de segurança e ligo o motor para sair do estacionamento. — Como foi a escola hoje?

— Tudo bem, até você fazer a dança da galinha na hora da saída.

— Você acha que todas as crianças vão falar sobre mim amanhã? — Dou-lhe um olhar provocador e sei que ela se diverte, porque faz aquela coisa mal-humorada de apertar os lábios e virar-se para olhar pela janela.

— Você lembra-me meu pai às vezes. Isso é algo que ele teria feito.

Quando percebo que ela não está se referindo a Ford, faço uma pausa, mas decido que não adianta ficar na ponta dos pés. — Sim? Ele parece legal.

— Ele era — é sua resposta suave enquanto olha pelo vidro.

— Qual era o nome dele? — pergunto enquanto saio do circuito de saída e sigo para a rua tranquila do bairro.

— Doug.

— Bem, se Doug teria aprovado minha dança da galinha, continuarei fazendo isso.

Agora eu bufo. — Oh, sim. Ford é mais parecido com minha mãe. Você é o Doug nesse relacionamento.

Aponto para ela. — Exceto que não há relação entre mim e Ford. Apenas quase inimigos de infância que viraram chefe e empregada.

Cora lança-me um olhar que diz que ela me acha uma idiota. É uma de suas expressões melhores e mais praticadas, e admiro isso nela.

— Inimigos?

— Sim. É a descrição perfeita para nós. — Meus olhos voltam-se em sua direção, e ela volta a encarar-me como se eu fosse a pessoa mais idiota do mundo.

Tudo o que isso faz é me fazer sorrir.

— A escola foi realmente boa? Você está fazendo alguns amigos?

Ela dá de ombros. — Sim.

Ok, estamos no território de respostas de uma palavra. Voltaremos a isso outro dia. Ou darei um passeio casual pelos corredores e verei por mim mesma.

— E quanto às coisas com Ford?

Ele me irritou hoje. Achei que estávamos tendo um momento, uma conversa franca sobre meu diário, mas então ele fechou-se. E quando lhe entreguei meu currículo, ele o examinou minuciosamente. Sobrancelhas franzidas, caneta vermelha na mão enquanto ele a batia nos lábios. Eu o observei da minha mesa. Ok, olhei para ele da minha mesa. Então ele literalmente escreveu “CONTRATADA” no topo, caminhou até mim e deixou cair na minha mesa com um sorriso desagradável.

Cora dá de ombros novamente. — Ele é legal.

— É? — Não consigo esconder a diversão da minha voz. *Legal*. Eu amo que ela o veja dessa maneira. Muitas pessoas nunca o fizeram. Ele era muito cerebral, muito peculiar. As pessoas o rotulavam de muitas coisas nesta pequena cidade, mas legal não era uma delas. Embora eu

nunca tivesse dito isso, sempre achei que ele era.

Ela assente. — Sim. Nós não gostamos... — Sua mão gira diante dela enquanto ela procura as próximas palavras. — De falar muito? Eu acho. — Um encolher de ombros. E silêncio. Percebo que ela está pensando, posso praticamente ver as palavras na ponta da língua, então não digo nada. Eu apenas a deixo digerir.

— Mas eu adoro o Gramofone. Ouço todas as minhas músicas lá. E esta manhã eu o ouvi conversando com Ivory Castle. Ela era uma estrela pop adolescente idiota, sabe? Mas então ela gravou com ele, e ele deu a ela um som totalmente novo. Você já ouviu o novo single desse álbum? É tudo esfumaçado e corajoso, mas popular o suficiente para que pessoas com mau gosto musical ainda gostem. Ela toca violão e tudo mais. Ela é ótima. Você sabe, se você puder fingir que esses outros álbuns esgotados não existem.

Mordo a parte interna da bochecha com tanta força que juro que sinto gosto de sangue. Por trás de todo o seu sarcasmo, de alguma forma eu perdi o sério caso de adoração ao herói que essa garota tem com Ford.

— Isso é muito legal. Ele sabe de tudo isso?

Ela bate a mão no ar como se estivesse golpeando uma mosca. — Não. Ele geralmente apenas olha para mim como se eu o aterrorizasse.

Sinto uma pontada de simpatia por Ford – ele realmente não está preparado para isso.

— Não quero dificultar a vida dele, por isso não abuso da sorte. Ele está ocupado e é importante.

Agora sinto uma pontada de simpatia por Cora. Porque isso é tão identificável. Tentei tanto, por tanto tempo, passar despercebida com minha família que agora reconheço todas as maneiras pelas quais perdi uma conexão mais profunda com eles. Não quero dizer que estou ressentida com meus pais por me deixarem ser a criança invisível, mas isso certamente ensinou-me a não confiar neles... a não confidenciar nada a eles. E de muitas maneiras, eu fiz isso comigo

mesma. Vi a ansiedade que eles tinham em torno de West e decidi que não acrescentaria nada a isso.

Ao pensar nisso, senti-me muito sozinha. E não quero isso para Cora - nem para Ford.

— Ele não é tão ruim quanto parece às vezes — é o que respondo. — Você não pode considerá-lo pelo valor nominal – e sei que isso às vezes é difícil. Confie em mim, eu sei. — Porque é verdade. Apesar de todas as minhas reclamações sobre o cara, sei que ele é um bom cara. E sei como ele trabalha. — Mas você não torna a vida dele mais difícil, prometo. Não se torne um inconveniente quando você não é um. Ele pode não conhecer você bem ainda, mas ele quer, e só não tem certeza de como fazer isso.

Ela balança a cabeça severamente e caímos em um silêncio confortável. Enquanto ligo o rádio para a curta viagem de volta à Rose Hill Records, balanço a cabeça com um pequeno sorriso nos lábios.

Ele olha para ela como se ela o aterrorizasse. E ela olha para ele com estrelas nos olhos.

Mas os dois são parecidos demais para dizer uma única palavra um ao outro.

É adorável.

CAPÍTULO ONZE

Ford

— Eu disse que comeria qualquer coisa. — Em um banquinho no balcão da cozinha, Cora está absorta na leitura de um livro. Ela não se preocupa em erguer os olhos para responder à minha pergunta sobre suas preferências para o jantar. Ela simplesmente continua lendo. Enquanto esforço-me tentando descobrir o que ela gosta de comer para que eu possa fazer para ela.

Nós apenas tentamos ligar para a mãe dela no centro de tratamento, mas Marilyn não estava disponível, e isso a deixou desanimada – mesmo que ela não admita. Ela está tentando ser legal, mas posso dizer que ela sente falta da mãe e não a culpo de forma alguma.

É por isso que estou tentando melhorar.

— Se eu pudesse cozinhar qualquer coisa no mundo para você, o que você escolheria? — Tento esclarecer minha pergunta enquanto olho para a geladeira. É certo que nem tudo no mundo está aqui. Mas se ela me dissesse o que ela realmente gosta, eu poderia tentar algo semelhante. Quero dizer, merda. Eu poderia comprar.

— Qualquer coisa. — Eu a vejo encolher os ombros com o canto do olho e pergunto-me se foi assim que cresci. Eu saberia se me preocupasse em contar à minha família sobre esta situação. Minha mãe, meu pai, minha irmã tagarela. Todos teriam algo a dizer sobre isso. Tenho certeza de que todos eles também teriam bons conselhos. Mas eles também viriam com críticas. Tenho medo que me digam que eu não deveria ter feito isso com Cora. Que foi impulsivo. Que estou colocando-me em risco financeiro. Que não tenho obrigação de ajudar

nesta situação.

E eles estariam certos. Mas a verdade é que estou sentindo-me surpreendentemente protetor em relação a Cora.

Qualquer comentário crítico ou conselho sobre fazer menos do que já faço pode deixar-me quase selvagem. Como o modo papai urso completo. E é uma sensação desconhecida. Uma com a qual ainda estou lutando. Uma que está impedindo-me de procurar aconselhamento externo.

— Então, pernas de rã?

Seus olhos castanhos aparecem no topo do livro. — Claro.

— Fígado?

— Eu amo isso.

— Caviar?

— O filho rico está aparecendo.

Foda-se, isso foi engraçado. Passo a mão na boca para esconder meu sorriso.

— Cachorros-quentes?

Ela me dá um olhar confuso. — Sabe, esse é na verdade o alimento mais ofensivo da lista. Você tem alguma ideia do que há neles?

Entro na geladeira e inspeciono o pacote. — Restos de carne.

Cora apenas balança a cabeça. Mas ela finalmente não está ignorando-me por qualquer merda de terror de Stephen King que ela está lendo, na tentativa de ser a mais antiestereotipada possível.

— Eles serão menos ofensivos se os assarmos no fogo?

Por um momento, seus olhos brilham antes que ela volte a tentar parecer calma e não afetada. — Você tem coisas para fazer s'mores?

Sou um solteiro viciado em trabalho de trinta e dois anos. Claro que não tenho coisas para marshmallows. Mas apenas digo: — Eu não

tenho.

Ela provavelmente pensa que é ilegível, mas não perco a maneira como seus ombros caem.

— Posso ir comprar os ingredientes.

— Não. Tudo bem. Cachorro-quente no fogo parece ótimo. Vou pegar um suéter.

Depois que ela sobe as escadas, começo a resolver o problema. Porque se aquela garota quer fazer s'mores, ela os terá.

Um toque rápido na tela do meu telefone exhibe as informações de contato de Rosie e eu clico em ligar.

— Eu sabia que você estava me perseguindo — ela responde.

Reviro os olhos, de pé na minha cozinha grande e vazia, e vou direto ao assunto. — Você tem coisas para fazer s'mores?

— Cara. Você viu o barracão? Tenho um fogão elétrico, uma torradeira e uma chaleira no canto. Estou vivendo com a marca errada de creme de leite e salgadinhos de cebola, porque o supermercado aqui não tem estoque de Old Dutch.

— Ok, não importa...

— *Claro* que tenho os ingredientes para fazer s'mores.

— Você é uma bagunça, Rosalie.

— Tudo o que ouvi foi que você me acha gostosa.

Não digo nada sobre isso. Não há resposta segura. Especialmente quando meu pescoço fica todo vermelho com a simples menção.

— Posso passar por aí e pegar os ingredientes?

— Não.

— Não?

— Por que eu os compartilharia com você? Você é um multimilionário.

— Esse não é um termo real.

— Eu sei, mas soa mais satisfatório e ridículo.

Tento uma última vez. — Eles são para Cora.

Rosie fica quieta e então: — Oh. Bem, por que você não disse isso? Eu vou levá-los.

Então ela desliga na minha cara.

* * *

— Você sabe como acender uma fogueira?

Cora fica atrás de mim enquanto arrumo os gravetos e o jornal no fundo da fogueira.

— Eu sei.

— Pensei que você tivesse um mordomo para fazer isso por você.

Sento-me sobre os calcanhares, ajoelhando-me enquanto olho para o rostinho sarcástico de Cora. — Cara. Você e Rosie fizeram algum tipo de plano maligno para zombar de mim impiedosamente hoje?

Uma pequena risadinha que nunca ouvi dela sai. — Não. Mas eu gostaria que tivéssemos.

— Vocês, mulheres, vão me dar um infarto — digo, limpando o pó das mãos. — Você quer acender?

— Eu?

— Sim. Acho que adicionar piromania ao seu perfil de personalidade seria uma boa opção.

Cora não ri. Ela olha para mim, considerando minhas palavras. Pergunto-me se eu não deveria ter dito isso. Provavelmente não deveria estar criticando uma criança de doze anos.

A minha *filha* de doze anos.

Mas então ela diz: — Isso foi engraçado.

— Foi?

Outra pequena risadinha. — Sim. E quero acendê-la. Mostre-me como.

— Você nunca fez isso antes?

Ela dá de ombros. — Meu pai teve ELA.

Eu sei disso, mas não estou entendendo como isso tem a ver com acender uma fogueira.

— Então, tipo... ele ficou mais imóvel a cada ano, durante a maior parte da minha vida. Minha mãe cuidou dele. Eu fui junto. Não acampamos nem nada. Ou talvez tenhamos feito isso quando eu era jovem demais para lembrar.

Sem hesitar, decido que é isso que faremos – todas as coisas que ela nunca fez. Coisas simples. Coisas de infância. Coisas que a incluem.

Isso é o que Marilyn queria para ela.

— Bem, acredite ou não, meus pais adoravam acampar. Antes de comprarem a cabana aqui, quando eu tinha a sua idade, na verdade, íamos acampar o tempo todo. Inferno, ainda acampávamos mesmo quando eles compraram a casa deles.

— Seus pais têm uma casa aqui?

Concordo com a cabeça enquanto pego o isqueiro de braço longo que trouxe de casa.

— Posso conhecê-los algum dia?

Sua pergunta pega-me desprevenido. As pessoas geralmente só querem conhecer meu pai porque ele é, bem, ele. Famoso. — Você quer conhecer meus pais?

Outro encolher de ombros. Eu juro que suas articulações devem ser extremamente fortes com todo o encolher de ombros que ela faz. — Sim. Nunca consegui fazer a coisa toda dos avós. Talvez não seja tão ruim.

Pisco algumas vezes, tentando processar que ela quer conhecer meus pais para a experiência dos avós. Ela deveria ter cuidado com o que deseja, porque depois de vê-los com os filhos da minha irmã, sei o quanto eles são exagerados.

— Ok. Sim. Vou descobrir quando eles estarão aqui. — Não digo a ela que não contei a eles sobre ela, e de repente me sinto mal por não ter contado.

— Eu trouxe cervejas e s'mores! — Rosie anuncia, estourando minha bolha de culpa enquanto ela sai do lago.

A linha da cerca entre as duas propriedades não se estende até a água, então é mais fácil caminhar do que se preocupar em dirigir. Ainda assim, a presença dela me surpreende. Isso me leva de volta a quando éramos crianças, andando pela cidade em nossas bicicletas como a pequena gangue de desajustados que éramos. Aparecendo na casa um do outro sem avisar. Cabelo bagunçado, sujeira sob as unhas, cabelo descolorido pelo sol.

Nenhuma preocupação no mundo.

Rosie não se parece mais com isso. Ela está vestindo um casaco de lã felpudo, grande, branco brilhante, que lembra um cobertor. Seu cabelo está preso em um rabo de cavalo alto, preso por um elástico de veludo rosa neon. E ela completou o conjunto com meias de pelúcia, sandálias Birkenstocks e uma legging preta.

Algumas pessoas podem pensar que ela parece uma bagunça, como eu disse a ela antes. Mas acho que ela é simplesmente gostosa. Blazers e salto alto o dia todo, depois isso à noite. Acho que o que é atraente nessa dicotomia é que ela claramente usa o que quer – o que a faz se sentir bem – e fica ótima em tudo.

Não tenho a sensação de que ela se importa com o que penso dela, e acho isso muito revigorante.

Quanto mais eu a observo, mais um forte aperto toma conta do meu peito. Pressiono a palma da mão ali para aliviar a dor. Dispondo-me a não pensar muito sobre a reação do meu corpo.

— Oi! — Cora a recebe tão calorosamente que quase fico surpreso. O entusiasmo ao ver Rosie é inesperado, mas também... igual.

— Olá, minha pequena nuvem de tempestade — diz Rosie enquanto coloca suas bebidas e comida na grama.

Minha pequena nuvem de tempestade?

Ela vai até a fogueira onde estamos agachados e bagunça carinhosamente o cabelo preto de Cora. Cora revira os olhos, mas sorri timidamente para o chão. Deixe que Rosie atravesse quaisquer paredes ou gavinhas de desconforto. Esse é o dom dela. A capacidade de entrar em uma ambiente e fazer com que todos gostem dela, mesmo sem tentar.

Ela é o sol, o resto de nós somos apenas pedras idiotas orbitando-a.

— Olá, minha grande nuvem de tempestade — ela me diz, antes de virar os nós dos dedos no meu couro cabeludo e me dar um cascudo.

— Muito profissional, Rosalie.

Não me permito olhar para ela, mas congelo quando sinto a unha de seu dedo indicador traçar a concha da minha orelha. Eu sei que ela está sendo brincalhona, mas respiro fundo mesmo assim.

O que eu seguro quando ela se inclina, com o rosto próximo o suficiente para parecer pouco profissional. Sua respiração sopra em meu pescoço quando ela sussurra: — Não estamos no trabalho agora, *Junior*.

Eu olho para ela pelo canto do olho, mas Cora me interrompe.

Rindo.

— Ele realmente odeia isso, não é?

Eu sei que elas se referem ao apelido, mas ainda estou preso na sensação dos dedos de Rosie na minha pele. Eu não odiei essa parte.

Rosie afasta-se, encerrando o contato. — Oh, sim. Sempre odiou.

Trouxe uma bebida para você, já que não pode beber cerveja. — Rosie balança a cabeça como se estivesse pensando nisso. — Ainda. Você não pode beber cerveja *ainda*. Quando começamos, Ford?

— Só me lembro de você bebendo gim e tônica.

Ela suspira melancolicamente e cai em um toco vazio como seu assento. — Deus. Adoro gim e tônica. Removedor de calcinha.

Eu tusso, mas Rosie segue em frente, ignorando-me. — De qualquer forma, Cora, fui até a loja e comprei para você uma *root beer* que eles fazem na cervejaria da cidade.

— Você foi até a loja? — pergunto, pedindo a Cora que se aproxime para que possamos acender o fogo.

Rosie dá de ombros. — Quero dizer, sim. Eu não iria aparecer sem algo para Cora.

Cora ajoelha-se ao meu lado, e isso me faz perceber que, apesar de toda a sua grande atitude, ela ainda é muito pequena. Suas pernas próximas às minhas. Suas mãos envolvem o isqueiro.

Eu fico olhando para ela, lutando para abrir a trava de segurança enquanto acendo a chama. Percebo o quão jovem ela é, o quão sozinha ela está, que ela está aqui há dias, e eu passei esse tempo sendo estranho como o inferno perto dela.

— Aqui. — Estendo meu braço sobre seus ombros. — Eu cuidarei da segurança. Você aperta a ignição e acende o papel.

Cora acena com a cabeça e captura a língua entre os lábios em concentração. Parece uma coisa bastante simples, usando um isqueiro. Lembro-me dela sentada na cozinha mais cedo, lendo seu livro, ficando fora do caminho, sendo perfeitamente agradável, e percebo que ela está adaptada para ser receptiva a *qualquer coisa* apenas para tornar as coisas mais fáceis para seus pais.

— Pronto! Está aceso! Está acendendo! — ela grita de excitação enquanto sinto a ponta do meu nariz arder observando-a ficar excitada com uma simples chama.

— Ok, calma agora — digo enquanto ela segura a chama contra o jornal amassado. — Você vai soprar suavemente.

— Isso não vai apagar?

— Não, apenas com cuidado suficiente para espalhar a chama.

Ela não olha para mim, mas entrega o isqueiro e depois coloca as palmas das mãos nos tijolos que cercam o poço, soprando suavemente. Quando as chamas brilham, seus olhos também brilham. O mesmo acontece com tudo sobre ela, e *finalmente* sinto que estou fazendo algo por essa garota além de ser apenas seu tutor legal.

Eu também estou sorrindo. Mas não estou observando as chamas.

Estou observando Cora.

E quando olho para cima, os olhos de Rosie também estão brilhando. Exceto que ela está *me* observando.

CAPÍTULO DOZE

Rosie

Não posso ignorar o desejo ardente que sinto quando Ford afasta-se para preparar Cora para dormir. Minha mão mergulha no bolso e tiro meu telefone imediatamente e mando uma mensagem para Ryan.

Rosie: *Ei, eu sei que você provavelmente está no trabalho agora. Quero saber se sua agenda ainda está cheia ou se algo foi aberto. Sinto que precisamos conversar. Este fim de semana talvez?*

Olho para a tela iluminada do telefone e, em um minuto, vejo três pontos cinzas começando a aparecer. Eles começaram. E pararam. Vários segundos se passam e então eles recomeçam. Esse padrão continua por muito mais tempo do que o necessário para uma resposta simples. Mas vejo-me sentada aqui esperando que as palavras apareçam do mesmo jeito.

Ryan: *Ei, querida! Quem me dera poder. Saindo para a estrada para fazer algumas visitas, então nem estarei na cidade. Ocupado nesse momento. Ligo para você quando chegar em casa esta noite.*

Sinto uma necessidade momentânea de dizer a ele para esclarecer sobre as visitas, mas esse desejo é superado pela minha indiferença absoluta. Eu não me incomodo em responder. Em vez disso, enfio meu telefone de volta no bolso revirando os olhos e volto a aproveitar o calor crepitante do fogo na minha frente.

Estou totalmente perdida observando as chamas dançarem quando Ford acomoda-se no toco ao lado do meu. — Aqui — ele diz rispidamente enquanto enrola um cobertor em volta dos meus ombros. Pega-me desprevenida que ele trouxe um cobertor de sua casa só para mim.

Mas opto por não importuná-lo com isso. O coma alimentar me faz sentir mais tranquila do que o normal.

— Foi divertido. Obrigada por me convidar. — Ele é alto o suficiente e os tocos estão próximos o suficiente para que nossas pernas se alinhem e pressionem uma contra a outra.

Mas decido que é melhor não me fixar nisso.

Ele ri, baixo e rouco, enquanto olhamos para o fogo crepitante. O lago brilha na escuridão além de nós, e uma coruja pia em algum lugar nas árvores, sobre os troncos crepitantes.

— Eu não convidei você. Pedi ingredientes emprestados e você se convidou.

Eu sorrio com isso. — Ei, pelo menos eu trouxe cerveja.

Ele pega a sua e toma um gole profundo. De alguma forma, o som dele engolindo é hipermasculino. — Você poderia ter aparecido de mãos vazias e ficaríamos felizes em vê-la.

— Você quer dizer que Cora teria ficado feliz em me ver. — Eu o cutuco com o cotovelo, tentando levar esse momento de volta ao território lúdico. Porque há algo diferente em Ford agora.

Dez anos atrás, sua intensidade era estranha. Meio cativante, na verdade. Agora essa intensidade é... não sei. Isso faz me contorcer, como se eu não aguentasse ter toda a atenção dele em mim sem sentir coceira na pele.

— Não. Eu teria ficado feliz em ver você também.

É a minha vez de tomar um gole da cerveja que trouxe da cervejaria da cidade. Não está mais especialmente fria. O calor das chamas aqueceu a lata e ela perdeu um pouco da efervescência. Mas

eu engulo essa merda como se estivesse morrendo de sede no deserto.

— Você está diferente — é tudo o que consigo dizer.

Ele inclina-se mais perto, batendo o ombro no meu. — Você também.

— Provavelmente uma coisa boa, hein? — eu provoco, empurrando-o para trás. — Não gostava muito de mim quando éramos crianças, se bem me lembro.

Seus lábios erguem-se em um sorriso presunçoso, o olhar ainda preso ao fogo que ele acendeu com sua filha. Então ele se vira e olha nos meus olhos. — Você não está se lembrando corretamente, Rosie.

Meu coração bate forte. Não sei o que dizer sobre isso, então finjo que isso nunca saiu da boca dele. Acho que atribuí um significado mais profundo a isso na minha cabeça, e é por isso que fez meu estômago revirar. Provavelmente exagerei na forma como meu corpo se sentiu quando as palavras chegaram aos meus ouvidos – a forma como sua voz ressoou tão profunda que pude senti-la em meu peito.

— Acho que ela se divertiu esta noite. — Eu forço as palavras da minha garganta seca, assim como percebo que todos os nossos cotovelos e cutucadas nos ombros nos trouxeram muito mais perto do que deveríamos.

Nenhum de nós move-se para se afastar. Em vez disso, fico cara a cara com ele. Seus olhos escuros como floresta quase brilham, como o sol através de uma larga folha verde no verão.

Lambo meus lábios e seu olhar cai.

— Cora?

— Sim. Ela comeu. Ela riu. Ela falou um pouco sobre música. Eu acho... — Meu olhar percorre seu rosto e pergunto-me quando ele ficou tão bonito. Se ele mudou pouco a pouco ou se aconteceu da noite para o dia.

Ou talvez tenha sido eu que mudei.

Eu andava com muitos amigos de West. Inferno, eu até tive uma

queda por alguns deles. Mas com Ford, era diferente.

A atração por ele era menos física. Algo mais profundo. Ele era atraente para mim. Um espécime que eu nunca encontrei. Ele era intelectual e introspectivo, mas havia uma qualidade jovial nele, mesmo quando era um adolescente desengonçado.

Ele era um desafio. Inteligente e mordaz e sempre observando um pouco de perto demais.

Um mistério envolto em um enigma.

Ele não parecia *nada* como os meninos desta pequena cidade. E agora? Agora ele parece como nenhum homem que já conheci.

— Rosie? — Ele me dá uma cutucada verbal e percebo que parei enquanto olhava para suas feições esculpidas e viris.

Eu limpo minha garganta. — Sim. Desculpe. Acho que a música pode ser um bom ponto em comum para vocês. Ela falou um pouco sobre isso hoje quando eu a peguei. Acho que ela precisa sentir que não é um fardo para você.

Ele balança a cabeça e continua olhando para mim.

Minha pele fica com aquela coceira horrível e pergunto-me se sou alérgica a Ford Grant. Sua proximidade me dá arrepios.

Eu toco com a palma da mão na bochecha e seus olhos seguem.

Aparentemente, uma febre também.

— Por que você está olhando assim para mim? — Minhas palavras são um sussurro em uma noite já silenciosa.

Seu olhar encontra o meu, e desta vez é ele quem lambe os lábios.

Observo o movimento antes de acrescentar: — Você deveria parar.

Suas sobrancelhas escuras caem na testa, duas pequenas linhas aparecendo entre elas como se ele estivesse se concentrando. — Eu sei.

Meus dedos pressionam as laterais da lata de alumínio em minha

mão com força suficiente para ouvi-la amassar. Isso atrai meu olhar para baixo. Eu não aguento mais ficar olhando para ele de qualquer maneira.

— Você está solteiro? — No segundo em que as palavras saem dos meus lábios, odeio-me por dizê-las. Elas são suficientes para fazê-lo afastar-se um pouco.

Ouçõ a barba por fazer na palma da mão enquanto ele esfrega a mão na boca.

— Sim. E você?

Mantenho meus olhos baixos; minha respiração parece difícil. Como se fosse difícil não desmoronar sob o peso de seu olhar.

— Não sei.

E é verdade. Passei tanto tempo agradando as pessoas – evitando causar qualquer agitação – que tenho medo de decepcionar as pessoas de quem gosto. Mas eu sei que estou farta. Finalmente cheguei a um acordo com isso. Embora contar a Ford antes de contar a Ryan seria uma merda. No que diz respeito a Ford e à minha vida pessoal, vago é melhor. *Mais seguro.*

Ele levanta-se, desenrolando calmamente seu corpo poderoso, antes de dar um passo bem na minha frente e abaixar-se ao meu nível. Seus lábios estão a um passo de distância, seus olhos são tão profundos e penetrantes que não consigo segurar seu olhar.

Lentamente, sua mão sobe para segurar meu rabo de cavalo, assim como fez na outra noite. Mas esta noite, com um puxão lento, ele guia minha cabeça para trás, então sou forçada a olhar para ele. — Da próxima vez que você me perguntar isso, certifique-se de que esteja.

Então ele se vira e vai embora. Deixando-me atordoada e cambaleando ainda mais fora de controle do que já estava.

E quando volto para o barracão, estou muito agitada para dormir. Achei que a caminhada de volta iria clarear minha cabeça, mas só me deu tempo a sós para concentrar-me em nossa interação. Então, pego

meu antigo diário e agacho-me para uma caminhada pela estrada da memória. Ryan nunca liga e eu quase nem percebo. Estou muito empenhada em ler minhas reflexões adolescentes sobre Ford Grant.

Eu rio, choro e adormeço com o diário na mão e a luminária de cabeceira ainda acesa.

CAPÍTULO TREZE

Ford

— Eu me diverti ontem à noite — anuncia Cora no carro silencioso.

— Eu também.

— Podemos fazer de novo? Assar na fogueira? — Ela olha para mim, quase timidamente. Como se ela não estivesse acostumada a pedir o que quer. Ou como se ela achasse que eu poderia dizer não.

— Claro.

— Você poderia me mostrar como construir aquela pequena pirâmide com papel e gravetos?

— Devo me preocupar com seu súbito interesse em acender fogueiras?

Ela zomba e olha pela janela. — Foi agradável. Aconchegante. Foi muito... não sei. Campestre?

Entro na cidade, em direção à escola secundária. Eu sei exatamente o que ela quer dizer. Rodeada por natureza selvagem. Água. Estrelas. Você pode fazer uma fogueira na cidade, mas não é a mesma coisa. Muito arrumado, muito higienizado. — Eu também adoro essa sensação.

— Podemos tentar ligar para a minha mãe novamente hoje?

— Claro — digo, decidindo *ligar primeiro para a instalação* e garantir que ligaremos em um horário que garanta o sucesso.

Ela assente. E então eu aceno. Mas hoje, o silêncio não é estranho. Na verdade, sinto que fiz algum progresso ontem à noite.

Que estabelecemos uma pequena conexão no que de outra forma seria um arranjo realmente estranho.

— Até que horas você e Rosie ficaram acordados ontem à noite?

Rosie. Por mais que tente, não consigo parar de pensar no que quer que tenha sido aquele momento da noite passada. A expressão torturada em seu rosto enquanto observava meus lábios e eu me dizia que não deveria olhar para ela daquele jeito.

Cora me faz a pergunta casualmente, mas vejo seus dedos mexendo nas alças da mochila enquanto ela olha pela janela.

— Não por muito mais tempo. Ela foi para casa. Noite de trabalho ou algo assim. Você a verá depois da escola.

Ela vira-se agora, lançando um olhar suspeito em minha direção.
— Bom. Eu gosto dela.

— Eu também.

— É possível que eu goste mais dela do que de você.

Eu solto uma risada. — Eu não culpo você. Ela é muito mais simpática do que eu.

— Muito bonita.

Bom Deus. Estamos entrando em território perigoso. E basta uma rápida olhada para saber que Cora está encarando-me com muita intensidade para que o comentário seja inocente.

Dou de ombros. — Ela é Rosie Belmont — eu digo, como se isso explicasse sua aparência. Do jeito que ela é. Do jeito que ela sempre foi. — E a irmã mais nova do meu melhor amigo.

Então mudo de assunto assim que chegamos à fila de entrega. — Quer ouvir algumas gravações comigo neste fim de semana? Recebi várias desde que anunciei a nova empresa.

Posso dizer que a choquei. Mas também posso dizer que Rosie estava certa – uma faísca de interesse brilha em seus olhos castanhos.

Seu moletom preto enorme tem buracos onde ela enfia os

polegares. Ela aponta para mim e depois para si mesma. — Você quer ouvir música comigo?

— Sim. Achei que seria divertido.

— Sim, por favor — ela diz simplesmente. E então ela abre a porta e sai, mas antes de ir, ela coloca a mochila no ombro e vira-se para mim com um sorriso presunçoso nos lábios. — E só para você saber, todos os pais pervertidos na coleta notaram que ela é — seus dedos se curvam em aspas sarcásticas — *Rosie Belmont* também.

Ela sorri e bate a porta na minha cara.

Deixando-me pensando no fato de que agora sinto a necessidade de acompanhar Rosie até a escola para a saída diária.

* * *

— Por favor — Rosie choraminga enquanto gira na cadeira, olhando para o teto. Há algo infantil em toda a cena. O tom de sua voz, sua súplica dramática. Mas é a maneira como o cabelo fica atrás dela que me faz encarar. Marrom, dourado, prateado – é como se cada fio tivesse uma cor diferente e fosse mais escuro na raiz. Alguns vêm do salão, sem dúvida, enquanto outros provavelmente mudaram ao sol.

Namorei uma garota que não saía ao sol sem chapéu porque jurava que isso estragava sua cor. Eu não sabia. Mas eu gostava dela mais do que pelo cabelo.

Pena que ela gostou de mim pelo meu dinheiro.

— Não, ouça. O pagamento será sólido. Basta vir dar uma olhada no lugar. Você fez um ótimo trabalho na casa dos meus pais. Dentro do prazo, dentro do orçamento, tudo. Você é a nata dos empreiteiros.

Ela continua girando, e consigo distinguir a voz surda e profunda de alguém na linha.

— Eu sei que há outros empreiteiros na área, mas você os superou

por uma larga distância. Sem comparação. Você está um nível acima.

Outra volta na cadeira do escritório.

Em vez de observá-la, eu realmente deveria ir para pilha de e-mails que preciso responder. E tenho uma tonelada de equipamento de som para encomendar.

— Eu não estou cheia de merda. Pergunte a West – ele lhe dirá que este é um excelente trabalho. E se você for chamado por causa de um incêndio, tudo bem. Nós vamos nos virar.

Ela finalmente me olha, meu ombro apoiado na porta, e para de girar. Seus olhos movem-se para baixo e para cima, observando-me sem vergonha. Provavelmente como vingança pelo que eu disse a ela ontem à noite. — Sim, eu sei que West acha que é uma boa ideia. Mas West também acha que correr em uma estrada sem grades de proteção e com um penhasco de um lado é uma ideia inteligente. E você deveria ver esse cara. Ele está usando um Rolex. E ele arruma o cabelo para parecer que está despenteado, quando não está. Ele não vai juntar-se ao seu time de boliche. Você não iria querer ele.

Com uma rápida olhada no meu pulso, percebo o brilho do meu Rolex. Aquele que comprei para comemorar o fato de ter um milhão de dólares na minha conta de investimento. Todo o dinheiro que ganhei *sozinho*. Foi a primeira coisa estúpida e frívola que comprei com meu próprio dinheiro.

Eu adoro esse relógio.

E meu cabelo *está* despenteado, porque eu estava estressado enquanto dirigia de volta para cá, preocupado com o tipo de situação que estaria com Rosie depois do meu momento de insanidade na noite passada.

Eu realmente preciso parar de puxar o cabelo dessa garota.

Estico meu queixo para ela. — Esse é o empreiteiro?

— Sim, o empreiteiro de quem gosto e em quem confio — diz ela, levantando a voz incisivamente em benefício do empreiteiro.

Ouço o cara resmungando alguma coisa pelo receptor do celular dela.

— Ele disse que cuidará do seu escritório se você entrar para o time de boliche.

— Jesus. O que há com esses caras e seu estúpido time de boliche?

Sua mão levanta-se para cobrir o telefone como se eu tivesse totalmente dito algum sacrilégio. — Ford, aquele time de boliche é como o Fight Club ou algo assim. Apenas para convidados. Outros pais não são convidados. É *prestigioso*. — Ela suspira pesadamente e sussurra: — Não sei por que, mas eles levam isso a sério, então é melhor você começar a jogar se estiver planejando entrar.

Venho zombando do time de boliche de West há quase dois anos. E não ser pai me manteve protegido de qualquer convite. Mas agora?

Agora não tenho desculpa. Eu moro aqui. E, tecnicamente, sou pai.

Passo a mão pelo meu cabelo, bagunçando-o ainda mais. — Ok, diga a ele, tudo bem. Diga a ele...

Rosie abre a boca para falar, mas depois afasta o telefone do ouvido para olhar para a tela. — Ele disse: Vejo você hoje à noite às sete e depois desligou na minha cara.

— Quem é ele?

— Sebastian Rousseau.

— Eu o conheço?

— Não. Ele mudou-se para cá há um tempo. Ele é piloto de avião-tanque. Veio para a cidade para combater um incêndio florestal e adorou demais para ir embora. Ele trabalha no verão e consegue trabalhos de construção quando não é temporada de incêndios. Ele é meio assustador. Mas também legal.

— Por que ele é assustador?

— Porque ele é um idiota mal-humorado.

— Você me diz que sou um idiota mal-humorado.

— Bem, ao lado de Bash, você é um ursinho de pelúcia.

Reviro os olhos. — Bem, ligue de volta para ele e diga que não posso fazer isso esta noite. Preciso de tempo para encontrar alguém para cuidar de Cora. Não vou deixá-la sozinha quando ela acabou de chegar.

Rosie joga o telefone na mesa. — Eu vou ficar com ela.

— Você vai passar uma noite de quinta-feira com uma criança de doze anos?

— Por que não? É de alguma forma mais legal quando você faz isso?

Eu me irrita. Estou tentando parecer calmo, mas estava ansioso para estar com ela esta noite. Enquanto estressava-me com Rosie no caminho, também estava pensando em opções para o jantar.

— Eu disse a ela que cozinharíamos na fogueira novamente.

— Vou presenteá-la com pizza e um filme feminino. Ela é jovem. Ela vai se recuperar. Faça isso pela equipe, para não termos que trabalhar em um lugar que cheire a mofo. Você não está mais na cidade, Dorothy. Bons empreiteiros não custam um centavo a dúzia. Você pode calçar suas botas Frye de quinhentos dólares o quanto quiser – esses caras não aparecem do nada.

Dou-lhe um olhar seco e caminho até minha mesa. Quando jogo meu telefone e minha agenda ali, uma folha levanta-se enquanto o ar flutua por baixo dela.

Pego-a e noto os rabiscos confusos e tortuosos que preenchem a página. Quando meus olhos se fixam na data, percebo o que estou segurando. A borda rasgada, as linhas cinza-claro. Rosie, de dezoito anos, estava sentada no meu banco do passageiro, escrevendo exatamente nesta página.

Viro-me para olhar para ela e seus olhos já estão em mim.

Diversão torce seus lábios.

— Você arrancou isso do seu diário?

— Claro que sim. — Ela cruza as pernas, botas altas de couro preto terminando logo abaixo do joelho.

— Por quê?

— Porque na outra noite falamos exatamente sobre esta página. Você vai ler? Ou apenas ficar aqui procurando algo para discordar de mim? Você vai amar. Era terrivelmente maliciosa e crítica quando adolescente. Tipo, até eu estou horrorizada com minhas próprias escolhas de palavras.

Baixo os olhos para o papel e leio as primeiras linhas.

Querido Diário,

Travis Lynch é um pedaço de lixo humano.

Olho para Rosie. — Tem certeza de que tenho permissão para ler?

Ela cruza os braços e seu suéter de tricô solto estende-se sobre os seios de uma maneira que eu não deveria notar. — Seria estranho colocar na sua mesa se se eu não quisesse que você lesse.

Isso é tão nós. Tentamos ser legais um com o outro e acabamos trocando golpes verbais. Balanço a cabeça em frustração e olho para a página.

Querido Diário,

Travis Lynch é um pedaço de lixo humano. Esta noite, eu apareci inesperadamente na festa na casa dele, entrei e o encontrei com o pau na garganta de alguma vagabunda das férias de verão. Ouvi dizer que brócolis deixa o esperma com um gosto ruim, então espero que Travis esteja comendo todas aquelas verduras que ele tanto adora.

Paro para dar uma espiada em Rosie, que está observando-me

extasiada. — O brócolis realmente faz o sêmen ter um gosto ruim?

Com uma risada leve, ela dá de ombros. — Não sei. Nunca coloquei essa teoria à prova.

Eu rio e continuo lendo.

Ford (que geralmente é um idiota total) veio me buscar quando liguei para ele chorando. A viagem deveria ter levado vinte minutos, mas ele chegou em dez. Significa que ele já devia ter saído, então sinto-me menos mal por ter arruinado a noite de sexta dele. Com base na maneira como ele não olha para mim agora, acho que ele está muito chateado. Eu deveria sentir-me mal, mas gosto de irritá-lo. Então, na verdade, parece um ponto positivo para esta noite.

Olho para Rosie, balançando a cabeça. — Algumas coisas nunca mudam. Hein, Rosalie?

— Rosalie. Tão formal — ela brinca de volta.

Eu zombo, prestes a voltar a ler, quando decido que este pode ser o momento perfeito para criar alguma distância entre nós depois da noite passada. Estabelecer algumas regras básicas. A formalidade não é uma coisa ruim entre um chefe e sua empregada. Especialmente quando meu controle sobre ela é uma merda, e ela não sabe se tem namorado.

Então, concentro-me na página do diário enquanto as palavras saem, quase espontaneamente. — Estamos no trabalho e tecnicamente sou seu chefe. Devemos manter as coisas profissionais. Se fôssemos transar, chamaria você de Rosie. Mas não vamos, então vamos ficar com Rosalie no escritório e em quaisquer eventos de negócios futuros.

Pelo canto do olho, vejo-a estremecer. Infelizmente, sempre fui estranho e abrupto perto dela – isso é outra coisa que não mudou.

— Ah, que bom, você *ainda* é um idiota total — ela murmura com uma zombaria.

Meu estômago revira e sei que o que disse saiu duro. Muito duro. Mas sou covarde demais para olhar para ela. Se eu olhar para ela, retirarei o que disse. Vou olhar para ela como fiz ontem à noite. Vou contar a ela coisas que não deveria. Revelar os pensamentos e sentimentos que mantenho com um cadeado. Então deixo o silêncio carregado pairar entre nós e mantenho os olhos fixos na página enquanto termino a anotação do diário.

Cortar o pau de Travis por envergonhar-me daquele jeito também poderia ser um ponto positivo. Ou suas bolas. Eu pergunto-me o que seria pior. Se eu cortasse o pau dele, ele ficaria sem pau. Mas acho que perder as bolas faria com que o pau dele não funcionasse, e isso provavelmente é pior.

De qualquer forma, isso é bastante incriminador. Eu me pergunto se Ford iria me resgatar.

É aí que termina. Foi aí que ela rosnou e jogou o diário pela janela. Quando dou uma olhada nela do outro lado do escritório, ela está encarando. Conheço bem a expressão. Esse é o problema de Rosie: eu posso ser um idiota total e ela simplesmente retribui.

— Eu ofendi você?

Suas sobrancelhas arqueiam. — Você tem me ofendido há anos. Se você fosse muito gentil comigo, eu me preocuparia que um de nós estivesse em estado terminal ou algo assim.

Isso faz meus lábios se contorcerem.

— Além disso, nunca transaria com você. Eu odeio você demais.

Ah. Aí está.

Isso não deveria me fazer sorrir. Mas acontece. Ela sabe exatamente como me irritar, trazer à tona o que há de pior em mim.

Deslizo a página de volta pela mesa em direção a ela. — Eu gosto disso. Isso mostra o quão verdadeiramente perturbada você estava.

— Eu ainda estou. É melhor tomar cuidado, Sr. Ford Grant Junior.

Oh, sim. Eu a irritei, tudo bem. Mas o problema de sabermos irritar um ao outro é que também sabemos confundir um ao outro.

Foi isso que foi a noite passada junto à lareira. Confusão mútua.

E devo querer mais, porque abro meu laptop e digo: — Essa anotação no diário é fascinante, mas está toda errada. Eu estava em casa quando você ligou naquela noite. E quebrei todos os limites de velocidade para chegar até você.

CAPÍTULO QUATORZE

Ford

Arrependo-me de ter pensado que foi uma boa ideia trabalhar na frente de Rosie o dia todo. Manter meus olhos longe dela é uma tortura. Cada suspiro que ela solta – e há muitos deles hoje – atrai meu olhar.

Mas ela nunca olha de volta, concentrando-se inteiramente no laptop à sua frente. Não é nem natural. Eu sei que ela está recusando-se a olhar para mim. E as únicas coisas que ela me disse foram relacionadas ao trabalho. Ela não zombou de mim nenhuma vez.

Então, acho que é por isso que começamos a trocar e-mails, apesar de estarmos ambos presos aqui, um de frente para o outro.

Bom dia, Sr. Grant,

Estou criando um orçamento para a reforma. Quanto você planejou?

Por favor, avise-me.

Todo meu melhor,

Rosalie Belmont

Gerente Comercial da Rose Hill Records

Olá, Rosalie,

Custe o que custar.

Ford Grant

CEO e Produtor da Rose Hill Records

Senhor Grant,

Preciso de números se quiser fazer um orçamento para você.

E você precisa adicionar uma saudação final à sua assinatura de e-mail. Caso contrário, as pessoas saberão que você é um idiota total.

Tudo de bom,

Rosalie Belmont

Gerente Comercial de Sua Majestade Idiota Real da Rose Hill Records

Olá, Rosalie,

Eu não me importo especialmente se pessoas aleatórias pensam que sou um idiota.

Os números estão anexados aqui.

Tenha um dia feliz!

Ford Grant

Sua Majestade Idiota Real

CEO e Produtor da Rose Hill Records

Ouçó uma leve risada quando esse chega em sua caixa de entrada.

Então trabalhamos em silêncio. Ela cantarola de vez em quando, e eu mastigo minha caneta enquanto tento programar os engenheiros de som em uma linha do tempo em constante movimento. Recebi uma consulta de uma gravadora sobre o álbum que fiz com o Ivory Castle. Percorro cada vez mais perguntas de artistas interessados à medida que as notícias da nova empresa espalham-se. Uma estrela country com problemas de relações públicas chama minha atenção. Eu vi Skylar Stone no noticiário – todo mundo viu. Mas aquele e-mail chama minha atenção mesmo assim.

Eu tenho uma queda por salvar artistas.

Minha pulsação acelera quando vejo outro e-mail de Rosie.

Boa tarde, Lorde das Trevas,

Em anexo está uma planilha com meu orçamento previsto para a reforma do escritório e estúdio de gravação. Uma aba é orçada, a próxima é projetada. Trabalharei com o empreiteiro e subcontratados para concluir esta última.

Por favor, informe sobre a viabilidade e sinta-se à vontade para apontar quaisquer problemas que possa encontrar, pois sei o quanto você adora criar problemas onde não existem.

Tudo de bom,

Rosalie Belmont

Gerente Comercial da Comensal da Morte Records

P.S.: Estou com fome e saindo para almoçar. Você tem uma hora livre para colher almas ou algo assim enquanto eu estiver fora.

Ela está de pé e saindo pela porta quando eu respondo:

Rosalie,

Obrigado por isso. Para sua sorte, posso realizar várias tarefas ao mesmo tempo, comendo almas no almoço em minha mesa enquanto trabalho.

Tenha um dia feliz!

Tom Riddle⁹

CEO e produtor da Rose Hill Records

Eu sei que ela tem seu e-mail conectado ao telefone, então não fico surpreso quando a ouço rir do lado de fora da porta. Então ela

grita: — É realmente *tenha um dia feliz* que me emociona.

E balanço a cabeça, porque é ouvir a risada dela que me emociona.

Eu não estava mentindo quando disse que não me importo se pessoas aleatórias pensam que sou um idiota.

Mas Rosie Belmont não é uma pessoa aleatória.

* * *

Estou tirando fotos da parte externa do celeiro-escritório para poder enviá-las ao designer que usei na cidade para meu bar. O objetivo é manter a sensação de chalé de montanha deste local, preservando a madeira antiga do celeiro.

Não quero que pareça brilhante, novo e pré-fabricado.

Eu quero *personalidade*. Quero música com personalidade e um espaço que a inspire.

Estou imaginando chalés charmosos e combinando, aninhados nas árvores, onde os artistas podem usar esse espaço como retiro. Montanhas, lagos, natureza selvagem – um espaço sereno para acalmar as mentes e concentrar-se na sua arte, longe do brilho e do glamour do que pode ser uma indústria feia.

O silêncio aqui fora. É... profundo. E eu não percebi o quanto precisava disso até chegar aqui.

É por isso que o som penetrante do telefone do escritório tocando lá dentro me faz estremecer ao cortar meu momento de paz.

Então ele para.

Em seguida: — Olá, escritório de Ford Grant Junior.

Meus molares reprimem ao uso do meu nome. Eu amo meus pais, mas sério, foda-se por manterem essa tradição.

— Oh, meu Deus, o *verdadeiro* Ford Grant? — Rosie solta um

gritinho falso e eu congelo.

— Sr. Grant! Tem sido muito tempo. Como vai você?

Minhas pernas levam-me pela grama escarpada que cerca o prédio e subo os degraus da frente, pulando um aqui e outro ali para entrar mais rápido.

Quando abro a porta, encontro os grandes olhos azuis de Rosie, o quadril apoiado na mesa. Está frio hoje – parece menos primavera e mais inverno – e é provavelmente por isso que ela acena para mim para fechá-la.

— Ah, o *pequeno* Ford? Ele está bem. Ele está trabalhando duro neste lugar e em sua carranca, conforme o caso.

Uma batida de silêncio enquanto seus olhos vagam pelas minhas feições.

— Tenho certeza de que ele não está ignorando você. Só... bem, não, estou aqui porque ele me contratou.

Seus lábios pressionam-se e eu passo a mão pelo meu cabelo. Meu pai tem boas intenções, mas às vezes ele é mandão, e já brigamos muitas vezes.

— Ouço o que você diz, Senior. Mas Ford já é um cara crescido, embora às vezes aja como um menino, e se precisar da sua opinião, tenho certeza de que pedirá. Ele é um homem inteligente e responsável, por isso temos que confiar nele para tomar decisões sábias. Ele não é realmente burro, apesar de ser bonito, sabe?

Sinto que meu queixo está prestes a cair. Rosie olha para a mesa, girando o dedo, como se ela não tivesse apenas feito-me dois elogios e saltado em minha defesa de uma só vez.

— Você e Gemma estarão aqui neste verão? Claro que seria bom ver vocês. Já faz muito tempo. Além disso, as estrelas do rock envelhecem de duas maneiras: Sting ou Keith Richards. Para que lado você está indo? Estou curiosa.

Ouçó meu pai rir pelo telefone. Nem um único limite na mente de

Rosie. Na cabeça dela, ele não é o guitarrista mundialmente famoso do Full Stop. Ele é o pai da casa vizinha.

— Você não é tão velho quanto eles? Bem, merda. Não é engraçado como, quando você é criança, você vê as pessoas de meia-idade como muito velhas?

Ela balança a cabeça e cantarola junto com o que quer que ele esteja dizendo.

— Parece bom. Eu vou avisá-lo. Tchau, Senior. — Então ela coloca o telefone de volta no receptor e olha-me diretamente nos olhos. — Você me deve uma.

Engulo em seco e aceno com a cabeça. — Por que você fez isso?

Ela parece cansada quando seus ombros e seu queixo caem. — Às vezes, precisamos de um minuto para nos orientar antes de termos grandes conversas, certo?

Não tenho certeza do que fazer com isso. Não tenho certeza se estamos falando dela ou de mim.

Ou nós?

Eu afasto esse pensamento. Não existe nós. Exceto em uma esfera de trabalho.

— Além disso, posso criticar você, mas realmente não gosto quando outras pessoas fazem isso.

Esse sentimento deveria me satisfazer. Afinal, ela e eu nada mais somos do que colegas de trabalho e amigos relutantes. Ou pelo menos isso é tudo que *deveríamos* ser.

É com essa regra na cabeça que dou a volta na minha mesa apenas para parar quando o som de papel rasgando preenche o escritório silencioso. Uma rápida olhada para cima confirma que Rosie está vindo em minha direção, com o diário em uma das mãos e a página rasgada na outra. Ela a deixa cair na minha mesa e bate os dedos na folha duas vezes antes de dizer: — Eu devia uma a você — e depois gira de volta para sua mesa.

Eu a vejo afastar-se, os dedos ansiosos para pegar a página. E quando pego, sou levado de volta a um dia do qual lembro-me bem.

* * *

Querido Diário,

Estou tendo um dia ruim. Não foi um dia tão ruim quanto o West. Mas ainda parece muito ruim para mim.

Decidi fazer química por correspondência neste verão. Achei que seria legal ter uma sobra no próximo ano, adiantando-me. E química é difícil. Por alguma razão, pensei que fazer isso sem todos os outros deveres de casa tornaria tudo mais fácil. Mas eu estava errada e agora percebo que talvez eu seja apenas uma grande masoquista idiota.

Eu falhei no exame final. Falhei em todo o curso. Chorei muito por causa disso sozinha. Em parte, porque estou decepcionada comigo mesma e em parte porque temo ter que contar aos meus pais porque o boletim escolar exige a assinatura deles. Eu odeio decepcioná-los.

Quase consegui também. Entrei na cozinha com a folha de notas em uma mão e uma caneta na outra. Totalmente pronta para pedir desculpas profusamente por estragar tudo.

Apenas para encontrá-los sentados à mesa conversando em tom muito sério com West. Havia um saco cheio de maconha bem no meio da mesa e Ford estava parado no canto, parecendo a personificação humana de um encolhimento.

Não sou nenhum gênio da química. Mas sou inteligente o suficiente para entender o que estava acontecendo.

Mesmo assim, meus pais me trataram como um bebê. Pediram ao Ford que me levasse para fora de casa porque eu “não precisava ouvir sobre essas coisas”. E ele é tão bonzinho que apenas balançou a cabeça e obedeceu.

Sentamo-nos no cais num silêncio incomparável. Ele esperando por

West e eu esperando por meus pais. Acho que ele ficou entediado, porque finalmente perguntou sobre o papel em minhas mãos. E eu estava sentindo pena de mim mesma o suficiente para decidir: foda-se, vou contar a ele. Não tenho nada a perder.

Então eu contei.

Eu esperava que ele zombasse de mim. Deus sabe que ele provavelmente não foi reprovado em uma única matéria em sua vida. Mas ele não disse uma palavra. Em vez disso, ele pegou papel e caneta e falsificou a assinatura da minha mãe com uma precisão alarmante antes de deslizar a folha de volta pela plataforma em minha direção.

Eu apenas fiquei lá olhando para ele como uma idiota de queixo caído que sou, enquanto ele olhava para o lago parecendo afável e inteligente.

Meu olhar deve tê-lo afetado, porque eventualmente ele disse: “Às vezes, precisamos de um minuto para nos orientar antes de termos grandes conversas.”

Aposto que ele leu isso em um de seus livros de poesia sofisticados ao longo do caminho. Mas eu ainda agradei antes de partir. Mesmo que ele se recusasse a fazer contato visual.

Tenho certeza de que ele só foi legal comigo porque se sente mal por eu ser burra.

Mas pelo menos posso dar um tempo aos meus pais antes de dar mais más notícias desta forma.

* * *

Meu peito dói. Odeio que ela tenha sentido que precisava engolir suas decepções apenas para tornar as coisas mais fáceis para todos os outros.

— Nunca pensei que você fosse burra — anuncio, levantando a cabeça para encará-la do outro lado do escritório. — E eu sabia a

assinatura da sua mãe por ver West praticar para que ele pudesse falsificá-la em avisos semelhantes.

Tudo o que Rosie oferece é uma piscadela conspiratória antes de se concentrar novamente na tela do computador.

— Você já contou a eles sobre o teste? — eu pressiono.

Agora ela sorri, mas não encontra meu olhar. — Não. Esse é o nosso segredo, Junior. Fiz novamente no semestre seguinte e passei. Mas nunca consegui aquela reserva que eu sonhava.

Ocorre-me que ela sempre esteve tão empenhada em não decepcionar ninguém que talvez nunca tenha aprendido a se colocar em primeiro lugar.

Então é exatamente isso que digo a mim mesmo que estou fazendo quando vou para a escola. Fazendo companhia a ela, colocando-a em primeiro lugar e evitando que os *pais pervertidos* tenham ideias erradas.

Porque Rosie pode pensar que sabe qual é o nosso segredo, mas o meu é que eu adorava sentar-me com ela naquele cais, mesmo naquela época.

CAPÍTULO QUINZE

Ford

— Minha irmã é babá para você?

West parece incrédulo enquanto gira o volante de sua caminhonete com a palma da mão.

— Ela não é babá. Cora tem doze anos. E Rosalie ofereceu. Elas estão comendo pizza e assistindo *Legalmente Loira*.

Ele bufa. — Rosie nunca se oferece para ser babá para mim.

— Isso é porque um dos seus filhos é selvagem e... — Paro o que estou dizendo, percebendo que me intrometi no assunto.

West apenas ri. — Não seja estranho. Você pode dizer isso. Um é selvagem e o outro não fala.

— Quero dizer, ele fala com você e Mia.

— Mas não ajuda muito uma babá, não é? — Seus dedos tatuados batem no volante. — Por mim tudo bem. Garoto inteligente. Ele fará isso quando estiver bem e pronto. Então todos nós desejaremos que ele cale a boca.

Deixe que West fique totalmente perplexo com o mutismo seletivo de seu filho. Onde eu estaria me sentindo ansioso e pesquisando todas as opções disponíveis, West simplesmente segue em frente, seguindo o exemplo de seu filho.

— Ollie tem sorte de ter você.

West sorri quase loucamente. — Não. Tenho sorte de tê-lo. Esse garoto ensinou-me muito sobre a vida.

E não duvido. Tornar-se pai mudou West. Colocou-o em um

caminho diferente. Ele e Mia podem não ter sido escritos nas estrelas, mas ele e aqueles bebês sim. Acho que eles podem tê-lo salvado, na verdade. Foi só quando eles chegaram que ele parou de fazer merdas malucas e idiotas.

— Você perdeu o desvio — falo quando passamos pelo bar no lago. Aquele que tem pista de boliche no porão. Jogos de arcade. Mesas de sinuca e um restaurante no andar de cima.

West zomba. — Não, eu não perdi. É para lá que os turistas vão. Rose Valley Alley é onde acontece a Noite dos Pais.

Foda-se, isso é brega. — Você realmente chama isso de Noite dos Pais?

— Sim. Como diabos mais eu chamaria isso? *Homens adultos que têm filhos se encontram em uma pista de boliche uma noite, semana sim, semana não?*

— *A cada duas semanas?*

— Sim, cara. É uma liga. A Noite das Senhoras é numa quinta-feira e a Noite dos Homens é na seguinte. Fazemos uma pequena pausa entre as temporadas. Esta é a época da primavera.

— Achei que fosse uma vez por mês ou algo assim.

— Cara, você tem sorte de não ser uma vez por semana. Em uma cidade maior, seria.

Fico boquiaberto com meu amigo. Sempre mantivemos contato e nos encontramos aqui ou na cidade. Podemos não ter vivido sempre no mesmo lugar, podemos até ser opostos, mas West é meu amigo de longa data. E absolutamente o meu mais leal.

Mas essa obsessão pelo boliche? Eu não sei o que fazer com isso.

— Sortudo. Certo.

West ri do meu claro pavor e, antes que eu perceba, paramos em frente a um prédio antigo na beira da rodovia. Perfurado na estrutura superior, no telhado, está um grande recorte de dois pinos de boliche e uma bola de boliche, criando uma silhueta incomum contra o sol

poente e os picos das montanhas. Placas de néon piscam na frente, anunciando tudo, desde “ABERTO” a “BOLICHE NÉON¹⁰” e “ASAS E CERVEJA.”

Estacionamos e seguimos por uma passarela de madeira em forma de cais até a porta da frente.

Lá dentro, bolas batem na madeira e a placa na frente não mentiu – na verdade, cheira a asas e cerveja. Um pedaço de papelão colado em um poste perto da recepção proclama: — Bem-vindo à Liga Masculina — e não posso deixar de rir.

Esta é uma cidade tão... pequena.

— Weston, como vai, amigo? — Um homem grande com bochechas rosadas e um sorriso brilhante pergunta de trás da caixa registradora.

Tento não olhar para como os botões de sua camisa listrada de boliche parecem prestes a estourar.

— Simplesmente ótimo, Frankie. Tem um espaço para a equipe aqui. Podemos fazer toda a papelada de registro depois? — West aponta o polegar em direção às vielas, onde as pessoas circulam. — Prefiro que ele seja apresentado ao grupo.

— Pode apostar. Você está no sexto esta noite — o homem responde antes de voltar sua atenção para mim. — Quanto você calça?

— Quarenta e três? Os sapatos de boliche têm um ajuste diferente?

O homem ri e tira um par de sapatos, jogando-os na bancada. — Aqui está, grandalhão. Eles devem servir.

Eu os agarro e sigo West pelo beco, sentindo-me como uma criança nervosa indo para uma escola nova. Penso em Cora. Seu destemor. Se ela pôde entrar em uma nova cidade, em uma nova escola e em uma nova casa com um cara que ela mal conhece, posso entrar para uma porra de uma liga de boliche.

— Aqui vamos nós. — West dá um tapa no meu ombro enquanto

me aponta para frente. — Gente, este é Ford.

Um homem com cabelo escuro cortado rente, com algumas mechas grisalhas, olha para cima, de onde está sentado, amarrando os sapatos. Ele tem olhos escuros, um rosto hostil e, embora não seja tão alto quanto eu, tem um volume que eu não tenho. Parece que ele me odeia e eu nem abri a boca ainda.

— Esse é Bash — diz West. — Ou Sebastian. Mas o nome completo é complicado, sabe?

Ah, que bom. Meu novo empreiteiro.

— E este aqui — West empurra um homem velho e magro em minha direção — é Crazy Clyde.

Crazy Clyde está usando um chapéu de caminhoneiro sujo com o logotipo de Rose Valley Alley e um olhar suspeito no rosto. Ainda parece que apenas chamá-lo de Clyde seria menos complicado.

— Quem é? — Os olhos lacrimejantes do homem se estreitam.

— Meu amigo Ford — explica West. De novo.

— Fords são carros de merda. Não posso confiar neles.

— Bem, ainda bem que não sou um carro. — Sorrio de volta para ele. West ri. Mas ninguém mais faz isso.

— De onde você é?

— Originalmente Calgary, eu acho.

O homem faz um movimento de cuspir. — Povo da cidade. Não posso confiar neles.

— Clyde, cale a boca. — É a primeira coisa que Bash diz quando termina de amarrar os sapatos.

— Não confio em você também. Eu disse-lhe que o aeroporto de Denver é a sede dos Illuminati e você foi para lá mesmo assim. E você... — Ele se vira para West. — Você está muito feliz. Brincando o tempo todo. É como se você nem se importasse que o governo estivesse rastreando você naquele telefone que carrega para todo

lugar.

West pega o telefone e o balança na frente de Clyde. — Este? Eles podem ir em frente e me rastrear. Eles ficarão muito entediados, bem rápido. — Ele vira-se para mim. — Clyde mora do outro lado da montanha, sem eletricidade ou água encanada. Mas ele abre uma exceção para cerveja de pressão todas as quintas-feiras alternadas.

Clyde resmunga algo que parece muito com *um merdinha tagarela* antes de virar-se para tomar um gole de cerveja. Não sei se rio ou apenas fico aqui em silêncio atordoado. Clyde é realmente um estereótipo de cidade montanhosa que anda e fala.

Viro os olhos arregalados para West e deixo escapar a primeira coisa que me vem à mente. — Rosie sabe sobre ele? — Ela se divertiria muito conversando com esse cara.

West bufa e acena para um atendente. — Ela sabe sobre ele, mas ainda não o conheceu. Isso seria um grande confronto.

Enquanto West nos pede algumas cervejas, outro homem se aproxima. Ele é alto. Mais alto do que eu, o que é incomum, com um metro e noventa de altura. Mas esse cara consegue. Pernas longas, braços longos, até o pescoço parece incomumente longo.

Bash levanta-se, vindo para o meu lado para encará-lo. Ele cruza os braços e não diz nada. Ele pareceria durão se não fosse pelos sapatos de boliche bicolores em seus pés.

— Oi. Sou Too Tall¹¹ — diz o homem. — O capitão do time dos High Rollers. Estaremos jogando um contra o outro, esta noite.

Ele estende a mão e eu rio enquanto aperto, porque foi uma introdução estranha.

O cara alto não ri. E nem Bash. Eles ficam olhando como se isso fosse sério.

— Eu sou Ford. Não acho que você seja muito alto. Qual o seu nome? — pergunto enquanto retiro minha mão ao som da risada de West atrás de mim.

— Too Tall.

Eu pisco. Esse cara não pode estar falando sério. Ele quer que eu o chame de *Too Tall* como seu nome verdadeiro?

— Certo, mas qual é o seu nome de garotão? — Isso me rende um grunhido divertido de Bash e um sorriso de escárnio de *Too Tall*.

Sem me dizer seu nome verdadeiro, ele vira-se e vai embora, dando um olhar de despedida por cima do ombro. — Boa sorte esta noite. Você vai precisar.

Isso é tudo que é preciso. Uma frase mesquinha e de repente estou muito envolvido nesta liga de boliche. Porque foda-se esse cara e seu apelido idiota e sua atitude de colégio e sua camisa de boliche, que combina com todos os caras para quem ele volta.

West me entrega uma cerveja e ri. — Eu odeio Too Tall.

Bash assente.

— Não posso confiar neles. O pescoço é anormalmente longo — resmunga Clyde.

E eu? Levanto minha cerveja, um brinde ao time adversário. — Obrigado, Esticadinho! Agradeço.

— Esticadinho. — Bash bufa a palavra, e *quase* soa como diversão vindo dele. — Eu gosto disso.

Nós não vencemos os estúpidos High Rollers com suas estúpidas roupas combinando, mas eu me diverti muito mais do que pensei.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Rosie

Cora boceja tanto que me pergunto se dói. Suas mãos fecham em punhos e seus cílios escuros fecham. Sorrio suavemente para ela, apoiada no braço oposto do sofá. Apesar de todas as suas frases sarcásticas e personalidade sensata, ela parece muito jovem agora.

Eu me pergunto quando ela recebeu um abraço pela última vez. O último que recebi foi do meu pai quando parei inesperadamente na casa dos meus pais.

— Gostei desse filme — ela anuncia, acomodando-se no sofá enquanto nos deleitamos com a vitória de Elle Woods.

Empurro meus pés, vestidos com meias felpudas, para baixo do cobertor e dou um leve empurrão em suas pernas. — É tudo rosa, não é, minha pequena nuvem de tempestade?

Ela zomba e revira os olhos, empurrando minhas pernas para trás com as suas. — Eu não odeio rosa.

Curvo uma sobrancelha provocante para ela.

Seus olhos piscam para o elástico neon no meu cabelo. — Eu acho que fica bem em você.

— Obrigada.

— Mas você é bonita. Faz sentido.

Minha cabeça inclina-se enquanto a observo. Tivemos uma noite divertida. Foi ótima. Comemos pizza demais. Eu preparei root beer floats¹² para nós. Zombamos de Ford pelas costas e rimos. Ela até me contou sobre a escola, onde encontrou outras duas pequenas nuvens de tempestade para andar junto. E amo isso por ela.

O que eu não amo é o que ela acabou de me dizer.

— *Qualquer um* pode usar rosa, Cora. E você? Você não é apenas bonita, você é linda. Por dentro e por fora. E isso não tem nada a ver com as cores que você usa — eu aceno a mão sobre ela — ou no seu caso, óculos escuros. Você poderia usar rosa se quisesse.

Seus olhos caem e seus dedos mexem no cobertor enquanto os créditos rolam pela tela.

— Você já se sentiu como se... como se... eu não sei. Quisesse apenas se recriar?

Deus. Droga. Fale sobre um soco inconsciente no estômago.

— Você está conversando com a garota que surtou e fugiu de sua vida há menos de uma semana. Então sim, eu conheço esse sentimento. Já fiz isso com sucesso algumas vezes.

Cora acena com a cabeça, uma pergunta em seu rosto enquanto ela torce os lábios.

Desta vez, esfrego meu pé na perna dela para tranquilizá-la. — Ei, Cora.

Ela levanta os olhos para olhar para mim.

— Rosa e preto combinam muito bem. Se você quiser usar rosa, use. Dez em cada dez você consegue. Quero dizer, vamos lá. Você tem a genética do bilionário mais sexy do mundo.

Com isso, ela dá uma risadinha, abaixando o queixo timidamente.

— Se alguém disser alguma coisa, apenas faça uma careta e diga: você ao menos sabe quem eu sou? — Agora ela ri.

— Eu tiraria muito proveito desse título se fosse você.

— Você também poderia, se quisesse. — Seus olhos dançam divertidos e meu olhar oscila entre eles.

— Acho que não pareço jovem o suficiente para convencer as pessoas de que Ford é meu pai.

Quebrei todos os limites de velocidade para chegar até você.

Essa maldita frase ficou repetindo na minha cabeça o dia todo. Já pensei nisso inúmeras vezes, a ponto de não ter mais certeza se tem algum significado.

Exceto... o fato de eu estar obcecada com isso significa alguma coisa.

Mas isso significava algo vindo *dele*? Ou foi de improviso? Era mesmo verdade ou ele estava brincando comigo?

Voltei à toca do coelho.

— Você vai voltar para a cidade? — A pergunta de Cora me tira da minha espiral.

— Desculpe?

— Você vai se mudar novamente?

— Uau. A maioria das pessoas se aquece com perguntas infantis simples antes de serem atingidas pelas mais contundentes.

— É uma merda ser você — diz Cora com um encolher de ombros arrogante.

Não consigo decidir se isso me dá vontade de rir ou chorar, então apoio a cabeça no sofá e olho para as vigas de madeira que se estendem pelo teto. — Não sei. Sinto essa pressão para viver aquela vida na cidade. Você sabe? Sou a primeira pessoa da minha família a ir para a universidade. Ficar aqui em Rose Hill teria sido simples, mas consegui. Eu fiz a coisa. Parece contraproducente voltar para cá de alguma maneira. E ainda...

— E ainda?

Meus lábios curvam-se. Essa garota deveria se tornar jornalista com todas as suas perguntas contundentes.

— E ainda assim eu adoro isso aqui. Sinto-me em casa. O apartamento da cidade não. Aquela vida não. Parece que estou em uma corrida e não dou a mínima para vencer. Uma em que me inscrevi só para dizer que participei.

— E o seu *namorado*? — ela diz a palavra com uma dose de

desdém que eu não esperava.

Da próxima vez que você me perguntar isso, certifique-se de que esteja.

Essa é a frase pela qual fiquei obcecada ontem à noite. Essa frase é a razão pela qual fiquei acordada a noite toda lendo meu diário. Tentando afirmar para mim mesma que tenho todas essas anotações que provam que Ford e eu nos odiamos do jeito que sempre dissemos que nos odiamos.

Mas agora, como adulta, não tenho certeza de que sejam lidas dessa forma. Procurei provas de que não há nada entre nós e tudo o que encontrei foram provas do contrário. Eu sinto-me como um daqueles personagens de desenho animado com olhos atordoados e pontos de interrogação circulando acima de suas cabeças.

— Ryan?

— Sim.

Estou começando a pensar que ele está me evitando. Mandei uma mensagem para ele hoje. Disse a ele que se não conseguisse chegar aqui antes, eu gostaria de voltar para uma visita no próximo fim de semana. Deixei de fora a parte sobre como por visita eu queria dizer rompimento. Mas, aparentemente, ele vai estar trabalhando. *De novo.*

— Você perguntou sobre se recriar, e acho que ele e eu nos recriamos. Nós mudamos, nossas vidas mudaram. Às vezes vocês crescem juntos, e às vezes vocês se distanciam. Se eu voltar, não será por ele, será por mim mesma.

É a primeira vez que dou voz a essa constatação. Pensei muito sobre isso. Talvez eu esteja arrastando isso por mais tempo do que o necessário, paralisada por sentimentos de obrigação. Mas você não simplesmente acaba com um relacionamento de dois anos com uma pessoa decente sem pensar sobre isso – sem ter certeza.

Em algum lugar ao longo do caminho, percebi que perdi muitos anos perseguindo uma vida que pensei que deveria ter. Passei muito tempo verificando marcos que pensei que deveria alcançar. Alcançar

metas que pensei que deveriam fazer-me sentir como se finalmente tivesse conseguido algo.

Eu estava perseguindo uma fantasia que deveria me satisfazer. E Ryan fazia parte dessa fantasia – aquela que eu deveria querer.

Mas agora, sei que não quero o que deveria. E não há como voltar atrás. Vou olhar nos olhos dele, dizer na cara dele e dar um abraço nele quando terminar. Eu o respeito o suficiente para isso.

— Isso é muito maduro da sua parte. — Cora acena com a cabeça como se estivesse impressionada e eu limpo a garganta para disfarçar uma risada.

— Obrigada — falo simplesmente. — E você sabe, se eu voltar, você não precisa se preocupar. Ford foi inflexível em ir comigo buscar você hoje, então ele sabe o que fazer. Você está em boas mãos.

Cora bufa e esconde-se atrás das mãos enquanto começa a rir. — Não foi por isso que ele foi com você.

Meu rosto se contrai em confusão. — O que você quer dizer? Claro que foi.

— Não. — Cora sorri, travessura dançando em seus olhos. — É porque eu contei a ele sobre todos os outros pais pervertidos que estão de olho em você.

Eu zombo. — Ford não se importa com isso.

— Não se recrie como alguém alheia, Rosie. Não combina com você. — Ela me dá um tapinha na perna como se eu fosse idiota, pula do sofá e me dá um abraço rápido e meio estranho. — Obrigada por esta noite. Eu me diverti. Mesmo com todo o rosa.

Então ela vai para a cama.

E fico numa espiral, assim como estive nas últimas vinte e quatro horas.

Acordo com a sensação de dedos calejados empurrando suavemente meu cabelo atrás da orelha. Uma almofada de veludo cotelê, macia e canelada, roça minha bochecha. O cheiro de frango frito, cerveja e sândalo invade minhas narinas.

Quando abro os olhos, deparo-me com Ford parecendo rude e de parar o coração enquanto ele está sentado na mesa de centro observando-me. Ombros largos esticados contra a jaqueta de couro marrom, coxas fortes preenchendo um jeans desbotado. Até mesmo suas estúpidas e caras botas de couro ainda estão em seus pés.

Como se ele tivesse me visto deitada aqui quando entrou e veio direto para mim.

Quebrei todos os limites de velocidade para chegar até você.

— Ei — murmuro enquanto sento-me. — Desculpe. Adormeci assim que Cora foi para a cama. Não antes, juro que fui responsável.

Ele sorri suavemente e aproxima-se como se fosse acariciar meu cabelo de novo, mas rapidamente afasta-se e apoia os cotovelos nos joelhos. — Eu sei que você foi.

— Como foi o boliche? — pergunto, respirando fundo, tentando acordar.

O sorriso que ele me dá é quase cegante, especialmente porque ele geralmente o mantém escondido atrás de uma carranca.

— Você está bêbado?

— Não. — Ele passa a mão pelo cabelo com uma risada rouca. — Eu só... eu me diverti. Foi estúpido, mas também... relaxante? Social?

De repente, percebo como a luz é fraca, como a casa está silenciosa e como estamos perto.

De repente, estou constrangida como o inferno.

— Pode apostar. — Estremeço. Isso pareceu idiota. — Bem, eu, ah, sim. Fico feliz em fazer uma noite de garotas com Cora nos dias em que você jogar boliche.

Com uma risada abafada, desdobro meu corpo e me levanto. O sofá e a mesa estão tão próximos que me encontro entre os joelhos dele. Seus olhos verdes brilham como se ele estivesse absorvendo-me pela primeira vez, sua barba por fazer tem o comprimento certo para dar-lhe uma aparência um pouco elegante.

— O que é tão engraçado?

— Você. *Boliche*. — Arrasto os dentes da frente sobre o lábio inferior. Seus olhos traçam o movimento e minha pele coça. — Você pode ficar aqui se for mais fácil. Você poderia simplesmente... dormir aqui nessas noites.

Quando olho para baixo, seus dedos estão presos em suas coxas, marcando onde estou entre elas.

Estou impressionada com a brancura dos nós dos seus dedos. A clara tensão em seu corpo. Pergunto-me o que ele faria comigo com aquelas mãos se simplesmente me soltasse.

Da próxima vez que você me perguntar isso, certifique-se de que esteja.

Limpo a garganta e penso em West. Eu penso em Ryan. Penso em como estou uma bagunça agora e decido que ninguém precisa que minha vida pessoal atual seja adicionada ao seu prato.

Então passo ao redor de seu joelho.

— Ah, não. Eu vou sair da sua frente. Só quero dar uma olhada em Cora antes de ir.

— Rosie, espere. — Antes que eu possa sair do meio de suas pernas, suas mãos se soltaram. Elas vão desde segurar aquela mesa até segurar-me no lugar. Uma palma grande e forte na parte externa de cada coxa.

Todo o ar congela em meus pulmões, mas a pele sob minha leggings chia com um calor latejante.

Não consigo desviar o olhar.

As mãos dele.

Minhas pernas.

Isso me faz querer chegar mais perto. Mas em vez disso, concentro-me apenas em forçar-me a continuar respirando e observando. Ele faz o mesmo. Quando eu olho para ele, ele parece extasiado. Imóvel.

Os segundos passam, mas nenhum de nós se move. Meu coração bate tão forte que dói.

E então ele finalmente respira fundo e vira os olhos para mim. Eles são selvagens, verdes e cheios de calor. — Obrigado. Por toda a sua ajuda.

Ofereço a ele um aceno simples e sem palavras. Sinto as pontas dos dedos pulsando em minhas pernas, e isso estimula-me a afastar-me dele. Suas mãos perdem o contato e luto contra a vontade de voltar para elas.

— Eu já volto — sussurro com um tremor suave na minha voz. Sua cabeça não se vira para seguir meu movimento, mas ele balança a cabeça mesmo assim.

Respirando fundo, corro escada acima, decidindo não pensar demais no que era um simples agradecimento. Já nos tocamos antes. Não é nada novo. E eu não posso ir para lá agora mesmo.

Estremeço quando as tábuas do piso rangem embaixo de mim, deixando escapar um suspiro de alívio quando enfio a cabeça no quarto de Cora. Com seus lençóis pretos e sua luminária de lava vermelha brilhante, realmente parece o covil do Drácula aqui.

Mas puxo meu cabelo para baixo e coloco o elástico rosa neon na mesa de cabeceira antes de parar um momento para observá-la. Ela parece absolutamente doce quando está dormindo.

Ela é bonita o suficiente para usar a cor que quiser. E enquanto observo sua forma adormecida, faço uma promessa silenciosa de ensiná-la isso.

Quando me viro para sair, derrapo e paro. Porque Ford seguiu-me até aqui e pegou-me basicamente olhando para sua filha adormecida.

Uma expressão tomou conta de seu rosto que não consigo identificar. É suave. Atado de saudade.

Não trocamos palavras, mas quando passo por ele, sua mão paira sobre minhas costas. Um sussurro de um toque – nada mais.

Ele me segue escada abaixo e vai pegar minha jaqueta, segurando-a com aquele olhar mal-intencionado característico em seu rosto. Exatamente onde pertence.

— Vou levar você para casa — ele sussurra asperamente.

Não há, *posso*, não há, *Rosie*, *você gostaria?* – é apenas um fato. Isso é o que ele está fazendo, e suspeito que se eu lhe dissesse para não fazer isso, ele me ignoraria e faria isso de qualquer maneira.

Então, dou de ombros e digo: — Ok — antes de deslizar os braços nas mangas.

Sáímos para a noite fria e viramos em direção ao lago. Eu poderia pegar a estrada principal, mas passo a passo, provavelmente é três vezes mais longe. Além disso, adoro passar perto da água. Especialmente quando está escuro como esta noite. Quando o bater suave contra a costa é a coisa mais barulhenta ao alcance da voz e a lua crescente lança um reflexo brilhante na água escura.

Há água em Vancouver, mas não assim. Não água como vidro. Não água que cheira a chuva fresca.

— Você pode me deixar aqui — digo quando chegamos à cerca. — Posso ficar no cais um pouco.

Tentar orientar-me.

Mas Ford não percebe minha necessidade de espaço. Em vez disso, ele balança a cabeça e me segue até o cais, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça jeans.

Eu poderia dizer a ele para sair do meu cais, bater os pés e voltar à nossa briga confortável, mas estou muito cansada esta noite. Há uma suavidade entre nós agora que não quero estragar.

E quer eu queira ou não admitir para mim mesma, gosto que ele

tenha me seguido até aqui.

Nós dois paramos na beira do cais. Lado a lado, absorvendo.

— Senti falta disso — murmuro.

Ele fica quieto por alguns instantes e então: — O mesmo.

— É tão... incivilizado aqui. Está quente, está frio, há neve, há fogo. Ursos, pumas, sanguessugas. Senti falta da emoção de estar em algum lugar tão indomável. Éramos tão despreocupados quando éramos crianças aqui, não éramos?

Pelo canto do olho, vejo-o dar um aceno severo. — A cidade fica monótona. Isso muda você. Você adapta-se. E você quase esquece como é isso.

Meu batimento cardíaco acelera. Eu sei que ele está falando sobre morar na cidade, mas de alguma forma meu cérebro interpreta isso como algo mais. Acho que não esqueci como é este lugar. Eu estava tão focada em ser o ponto positivo para minha família – a criança divertida e voltada para a carreira – que ignorei qualquer pontada de saudade que sentia por isso.

— Você acha que vai voltar? — Ele balança os pés enquanto diz isso.

— Cora perguntou a mesma coisa esta noite.

— Sim? O que você disse a ela?

— Que aqui parece um lar.

— O trabalho é seu pelo tempo que você quiser.

Eu sorrio para ele. — Até que eu deixe você louco o suficiente para perder o controle e me despedir.

Ele bufa. — Faça o seu pior, Belmont. Mas deveríamos tornar isso mais oficial. Vou arquivar esse currículo e você pode enviar-me suas referências. Então ninguém poderá dizer que você recebeu uma esmola.

Eu congelo. *Referências*. Por que não pensei em referências?

Quero abraçá-lo por saber que nunca gostaria de ser vista como alguém que recebe uma esmola. E quero puxar os pelinhos da nuca dele por lembrar-me que minhas referências são regamente fodidas.

Minha respiração acelera conforme minha ansiedade aumenta. Mais uma vez, sou forçada a pensar em uma fração de segundo no tempo, um avanço indesejado que deveria ser fácil de superar. Mas ainda não superei isso. Ouço aquela inspiração aguda ecoar em meus ouvidos e sou transportada para aquela sala de reunião novamente.

— Você está bem?

Eu ouço a preocupação em sua voz. Normalmente, gostaria de fazer tudo ao meu alcance para evitar esse tipo de atenção. Para suavizar as coisas e não ser problema para ninguém.

Talvez esteja muito quieta, talvez esteja muito cansada, talvez eu confie em Ford mais do que jamais imaginei e é por isso que nunca senti a necessidade de ser perfeita para ele.

E respondo calmamente: — Não.

Essa única palavra o fez virar-se para mim. — O que está acontecendo?

Lágrimas picam meus olhos, estimuladas pelo constrangimento. Um calor no meu peito que parece que poderia sufocar-me enquanto espalha-se pela minha garganta. — Não posso dar-lhe minhas referências. Ou pelo menos não as que deviam ser as minhas melhores.

— Por que não?

Sua voz é áspera agora, mas no fundo sei que não é dirigida a mim.

Alguma vez foi?

— Porque fui demitida. — As palavras saem dos meus lábios, e é um grande alívio confiar em alguém em vez de andar por aí com tudo reprimido e sentindo-me culpada.

— Por que diabos eles iriam demitir você?

Mordo meu lábio inferior e lágrimas acumulam-se em meus cílios

inferiores. Um piscar de olhos e elas cairão. Então eu não olho para Ford. Mantenho meus olhos na água.

— Meu chefe teve um caso grave de mãos errantes e eu disse a ele onde ele poderia enfiá-las. Não tenho certeza do funcionamento interno da empresa além desse ponto, mas ele claramente chegou ao RH antes de mim. A empresa decidiu que era mais fácil deixar-me ir sem justa causa do que ouvir minha opinião.

Ele não diz nada, mas posso sentir seu olhar em mim.

Dou de ombros. — Então posso dar-lhe as informações de contato deles, mas duvido que eles tenham muitas coisas boas a dizer sobre mim.

Pisco e duas lágrimas grossas escorrem pelos meus cílios. Imagino o som delas na minha cabeça. *Bloop, bloop.*

Com um sorriso forçado, estendo a mão para enxugá-las.

Ryan não sabia o que dizer quando me demitiram. Eu chorei e ele garantiu que algo melhor aconteceria.

Ford não me dá palavras bonitas que não fariam nada para melhorar. Em vez disso, ele alcança-me rispidamente e puxa-me contra seu peito. Um braço forte segura meus ombros e o outro envolve minha nuca, como se estivesse protegendo-me.

Pela segunda vez esta noite, sinto seus dedos em meu cabelo. E pela segunda vez esta noite, inspiro profundamente seu perfume inebriante e masculino.

Pela segunda vez esta noite, as lágrimas caem.

E não me impeço de aconchegar-me em seu peito. Sua camisa de algodão absorve minhas lágrimas e eu rolo a corrente de prata pendurada em seu pescoço entre os dedos. Sinto o pingente contra minha bochecha.

— Eu sou uma bagunça. Minha vida é uma bagunça. Fui demitida. Passei dois anos da minha vida com um homem perfeitamente decente e não sei como dizer-lhe que não estou mais

apaixonada por ele. Estou morando no barracão de merda do meu irmão e cozinhando em uma chapa quente. Eu como batatas fritas todos os dias. Estou nadando em um mar de dívidas estudantis. Sinto-me culpada o tempo todo, por abandonar minha vida, por fugir, por *falhar*. E estou tão cansada, Ford. Estou tão cansada.

Sua barba por fazer arrepia meu couro cabeludo enquanto ele dá um beijo em meu cabelo e acaricia seu rosto no topo da minha cabeça. — Então descanse um minuto, Rosie. Eu seguro você.

Suas palavras só me fazem chorar mais.

Não sei quanto tempo ficamos aqui enquanto Ford me deixa desmoronar em seus braços. Levando toda a minha angústia para não precisar carregá-la comigo.

Sua mão nunca para de acariciar minha cabeça. Mesmo quando minhas lágrimas secam.

Eu me sinto exausta. Estúpida. Como se pudesse adormecer aqui mesmo.

— Ultimamente, tenho me perguntado se não teria sido melhor não me importar com tudo isso — digo contra a segurança de seu peito. — Ignorando isso.

Estou falando sobre o trabalho, a agressão, e ele sabe disso.

Seus braços apertam e sua voz sai como puro veneno quando ele diz: — Ninguém deveria ter feito você sentir que é seu trabalho superar isso. Você tem permissão para processar como quiser, Rosie. Mas eu? Vou arruiná-los.

As palavras ásperas de Ford eliminam a ansiedade do meu corpo e eu suspiro. — Por favor, não conte a ninguém. Só você e Ryan sabem. E não quero repetir tudo isso.

Ele enrijece e sua voz fica fria quando pergunta: — E o que Ryan fez a respeito?

— Não preciso que ninguém faça nada a respeito — respondo vagamente, enterrando meu rosto nele com ainda mais força, como só

fiz uma vez na vida. Eu também estava com medo. — Só de contar a você é bom.

Sua única resposta é beijar meu cabelo novamente e abraçar-me por mais alguns segundos.

Então Ford me solta e me acompanha até a porta como um perfeito cavalheiro. E quando me deito na cama, não repito nenhuma de suas palavras. Com esse segredo fora do peito, seguro nas mãos competentes de Ford, finalmente relaxo e durmo como um defunto.

Porque por mais que eu não precise de um cavaleiro de armadura brilhante para defender minha honra, estou aliviada por ter alguém que se sente compelido a defender-me.

CAPÍTULO DEZESSETE

Ford

Estou cansado. Cansado de uma noite pesquisando Stan Cumberland e Apex Construction Materials – os quais encontrei no perfil de Rosie no LinkedIn. Depois de colocar a versão Rage Against the Machine de “How I Could Just Kill a Man” no máximo em meus AirPods, fiz uma expedição de caça para descobrir tudo o que pudesse sobre o cara.

Acabei de deixar Cora na escola. Esta manhã, ela conseguiu falar com a mãe ao telefone novamente. Ela descobriu que poderemos fazer uma visita em breve, e essa notícia aliviou todo o seu comportamento. Depois ela falou sobre Rosie durante todo o caminho até a escola. Um fluxo literal de consciência. Nunca vi a garota falar tanto.

Afirmou o fato de que provavelmente ambos somos obcecados por Rosalie Belmont. A única diferença é que não sou eu quem está usando o elástico rosa brilhante esta manhã.

Cora está.

Não posso deixar de sorrir enquanto a vejo entrando na escola. Preto e cinza da cabeça aos pés, mas com um toque ofuscante de rosa para amarrar a trança grossa que pendia de suas costas.

Penso sobre ver Rosie voltar para deixar aquele elástico para Cora. Um sinal de algo que eu não estava a par. E eu não preciso estar. Ver a maneira como Cora sorriu quando desceu esta manhã com aquilo no cabelo foi o suficiente para saber que isso significava algo para elas.

Passo o caminho até o trabalho examinando a lista de e-mails que preciso responder. O calendário que preciso criar é baseado em um

estúdio de gravação que tem uma data de conclusão em constante mudança. As incursões que preciso fazer com diferentes gravadoras para que a música que produzo não defina aqui nas montanhas. Os contratos que preciso fechar, os pedidos que preciso assinar, as contas que preciso pagar do estúdio e do bar.

Tudo isso quer dizer que passo a viagem estressando-me com todas as coisas da minha vida que não consigo controlar. Então, naturalmente, quando entro no trabalho, o primeiro lugar que meus olhos vão é para a mesa de Rosie. Está vazia, o que é bom. Ela não precisa que eu fique ofegante atrás dela quando ela já tem tanta coisa sobre os ombros. Espero que ela tenha dormido até tarde.

Mas quando chego à minha mesa, sei que ela não dormiu. Porque há outra página rasgada do diário dela na minha mesa. Não posso deixar de rir quando pego e leio o post-it amarelo no topo. Diz: Obrigada por ontem à noite. Você me devia uma de qualquer maneira.

Confuso, retiro o pedaço de papel adesivo e continuo lendo.

* * *

Querido Diário,

Hoje quebrei meu polegar na cara de uma vadia de férias. West teve que levar-me ao hospital, porque mamãe e papai estavam trabalhando.

Você pensaria que ele estaria preocupado comigo, mas não. Ele disse que estava desapontado por eu não saber fechar o punho direito. Ele disse que eu deveria ter puxado o cabelo dela. Prevejo algumas lições de luta muito questionáveis no meu futuro com base na maneira como ele falou sobre como o polegar nunca entra no punho.

Como eu deveria saber? Eu nunca bati em alguém. Feliz, boa menina, Rosie não bate nas pessoas. Na verdade, nunca me senti inclinada antes de hoje.

Estou triste, porque tenho certeza que minha próxima temporada

de vôlei será uma merda.

Mas não estou triste por ter dado um soco nela.

Menti e disse a todos que ela insultou a família de Tabitha ao fazer comentários sobre Erika. Eu só disse isso porque sabia que ninguém falaria sobre isso. Essa história é uma daquelas histórias de cidade pequena que só são sussurradas a portas fechadas.

A verdade é que ela disse que Ford poderia ficar gostoso se perdesse os óculos e encontrasse uma personalidade.

Ela deve ser estúpida, porque Ford parece ótimo e sua personalidade também é boa. Ela provavelmente está apenas envergonhada porque ele disse algo engraçado e ela precisou que sua amiga cabeça de vento fizesse um desenho para explicar isso a ela.

Além disso, posso criticar ele. Mas não gosto quando outras pessoas fazem isso.

Ouvi dizer que ela está bem. O que significa que vou socá-la novamente na próxima vez que a encontrar. Mas com o polegar do lado de fora.

* * *

Tenho que ler três vezes. Faz cada vez menos sentido. Com base na data, Rosie tinha dezessete anos e eu tinha dezenove, quase vinte, quando ela escreveu isso. Esta foi a nossa principal era de brigas. Seus pais trabalhavam muito e West sempre a incluía. Ela nos acompanhou em todos os lugares. Eu teria feito o mesmo com Willa se tivéssemos idade mais próxima, mas os cinco anos entre nós mudaram essa dinâmica. E ela costumava competir em exposições de cavalos no verão, enquanto eu vagava por Rose Hill.

Fiquei vagando por Rose Hill e tentei ao máximo não me apaixonar por Rosalie Belmont.

Ainda estou tentando.

É por isso que empurro bem fundo todos os sentimentos sobre essa anotação do diário – onde eles pertencem – e jogo a página na gaveta de cima da minha mesa.

Entrei aqui, determinado e empenhado a dar a ela o espaço e o respeito que ela precisa para superar essa fase difícil de sua vida. Para apoiá-la de qualquer maneira que puder. E sorrir quando ela abrir as asas e levantar voo novamente.

Porque sou um homem adulto. Um *pai*. Eu posso ser maduro.

É por isso que me afundo na cadeira e faço o telefonema que venho adiando há muito tempo.

Um único botão e meu telefone toca. Uma vez. Duas vezes.

— Ford! — A voz esfumaçada da minha mãe enche meus ouvidos e eu sorrio.

— Oi, mãe.

— Como está meu garoto?

— Bem, acontece que eu tenho uma filha.

Decidi anteriormente que arrancar o Band-Aid seria a melhor abordagem.

— E um talento especial para entregar grandes notícias — diz ela.

Eu sabia que minha mãe seria quem conversaria. Onde papai iria explodir e eventualmente acalmar-se, mamãe é o Eddie firme. Essa sempre foi a nossa dinâmica. Além disso, quanto mais velho fico, menos quero que eles se intrometam nos meus negócios. Eu sei que eles têm boas intenções, mas isso irrita-me mesmo assim.

— Achei que era melhor simplesmente revelar isso.

— Imagino que se você tivesse feito isso, não estaríamos tendo essa conversa. — Ela ri, divertida com sua própria piada. Algo a que me acostumei com uma terapeuta sexual como mãe.

— Eu doeï esperma quando tinha dezenove anos.

— Você sempre foi caridoso sob esse exterior rabugento.

— Mãe.

— Desculpe. Ninguém me preparou para esta conversa. E isso realmente quer dizer algo, considerando as coisas que ouço diariamente. Gostaria de explicar por que você estava doando espermatozoides? Com base no número de vezes que encontrei você lavando suas próprias roupas com o rosto vermelho brilhante, presumi que você estava fazendo suas doações principalmente em casa.

— Foda-se minha vida. — Esfrego a mão no rosto, desejando que as tábuas do piso cedessem e jogassem-me em um buraco escuro. — Eu precisava de dinheiro para comprar meu ingresso para o show do Rage Against the Machine. Papai não quis me dar dinheiro.

Mamãe suspira pesadamente. — Bem, você com certeza mostrou a ele.

Minha bochecha se contrai. Foi exatamente a mesma coisa que Cora disse.

— Certo. Bem, de qualquer forma, ela está morando comigo agora. E morará aqui por muito tempo. Então, se não pudéssemos falar sobre ela como se ela fosse um fardo, eu agradeceria.

Isso provoca algum silêncio. Como se a realidade estivesse realmente penetrando.

— Desculpe. Eu não quis dizer isso. Você... você cortou seus t's e pontilhou seus i's?

Eu sei que esta é a sua maneira gentil de perguntar se estou sendo responsável do ponto de vista legal. Tenho muitos bens a considerar agora, como meu advogado lembrou-me repetidamente.

— Eu fiz. O nome dela é Cora. E, bem, ela quer conhecer você. E papai.

— Sim, esta será uma notícia especial para seu pai. — Posso ouvir a diversão em seu tom. — Você convenientemente ligou-me na hora do dia em que você sabe que ele malha. Devo deixá-lo saber? Usar sua mãe como escudo aos trinta anos é meio barato.

— Você sabe como papai é. Ele é como Willa. Eles perdem o controle, depois se acalmam e começam a trabalhar. Você sabe que ele estará aqui vestindo sua camiseta de Melhor Vovô do Mundo em questão de dias. Só não preciso que ele chame a cavalaria para me salvar disso, ok?

Ela ri agora. — Não há dúvida acerca disso. Exceto que estaremos em Portugal por mais algumas semanas. Depois passaremos o verão em Rose Hill... Sabe, estou muito animada para conhecê-la. Por que você não me conta mais sobre ela?

Estou pronto para começar, já sentindo o alívio de conversar com minha mãe. — Então ela...

— Não. Primeiro, como *você* está? Meu garoto. Como *você* está indo?

Dou de ombros no escritório vazio, e tudo o que isso faz é lembrar-me de Cora. *Como eu estou?*

Eu sou como Rosie. Sou uma bagunça. Mas estou controlando-me. No entanto, eu não digo isso a ela. Opto por *estou bem, mãe*.

E então eu emociono-me com minha filha.

* * *

Senhor Grant,

Só para avisar que estou ajudando Sebastian a pegar suprimentos e estarei de volta ao escritório em breve. Mas eu queria entrar em contato enquanto espero na loja de ferragens (que chato!).

Tenho pensado muito em oportunidades de merchandising e decidi elaborar algo. Anexado aqui está um possível design para um moletom da empresa.

Com base no número de e-mails que a conta de informações recebe de fãs, acho que esse pode ser um ótimo item para oferecer quando o novo site entrar no ar. Há muitas oportunidades de merchandising para

explorarmos, mas, como mulher, posso dizer que eu me cansaria disso. Os artistas também podem gostar deles! Poderíamos até fazê-los como presentes de Natal ou algo assim.

Por favor, deixe-me saber se você tem alguma opinião ou feedback.

Tudo de bom,

Rosalie Belmont

Gerente Comercial da Rose Hill Records

Rosalie,

Esses moletons são rosa. O logotipo tem flores. E o nome da empresa nem sequer está incluído.

Tenha um dia feliz!

Ford Grant

CEO e Produtor da Rose Hill Records

Senhor Grant,

O rosa e as flores são lindos e femininos e direcionados às pessoas que irão comprar. Talvez possamos fazer uma versão viril para você com um caminhão grande e elevado e aquelas bolas de aço que alguns homens gostam de pendurar no para-choque traseiro? Se você estiver interessado, ficarei feliz em fazer essa amostra! Você ficaria totalmente elegante de azul.

E estou tão feliz que você mencionou o nome da empresa. Não está aí porque estou perguntando-me se você quer voltar à prancheta de desenho da Rose Hill Records? Eu sinto que tudo nesta cidade se chama Rose Hill alguma coisa ou outra. Fica muito no nariz, sabe? Meio... sem inspiração.

Estou ansiosa para ouvir sua opinião sobre isso. Se você estiver mal-humorado quando eu voltar, saberei que fui longe demais. Mas precisava ser dito.

De nada,

Rosalie Belmont

Gerente Comercial da Rose Hill Records localizada em Rose Hill, British Columbia (duh, obviamente)

Rosalie,

Eu aprecio quão empreendedora você é. Você pode ficar com o moleto. Especialmente, mal posso esperar para receber meu moleto de homem no Natal. Parece excelente.

Mas não vou renomear minha empresa.

Tenha um dia feliz!

Ford Grant

CEO e produtor da Rose Hill Records (e ponto final).

* * *

— Estou aqui! E trouxe Sebastian! — Rosie anuncia enquanto valsa pela porta do velho celeiro, com meu companheiro de boliche seguindo atrás.

Onde ela é toda sorrisos, ele é todo carrancudo. Mas sua carranca não é tão profunda como quando ele fez uma careta para o Esticadinho na noite passada.

Bash aponta o queixo para mim e diz: — Vou dar uma olhada — arregaça as mangas de sua camisa xadrez grossa e sai furioso como se estivesse em busca de alguém com quem lutar.

— Ele é charmoso, certo? — Rosie sussurra conspiratoriamente enquanto aproxima-se da minha mesa.

Eu recosto-me na cadeira, como se a distância extra entre nós fosse ajudar a desejá-la menos.

Alerta de spoiler, isso não acontece.

Coloco as mãos sob o queixo e a observo. Ela está fazendo aquela coisa que sempre fez, onde age de forma mais alegre para suavizar quaisquer ondulações. Eu a observei fazer isso com West quando era adolescente e agora ela faz isso tão naturalmente que me pergunto se ela percebe. É como se ela pensasse que seus problemas não merecem atenção e solução, porque podem ser inconvenientes para outras pessoas.

E nisso ela estaria errada.

Seu sorriso brilhante não esconde a pele ao redor dos olhos que ainda está inchada pelas lágrimas. Meu peito dói ao pensar nela chorando sozinha naquele barracão velho e sujo. E não consigo nem fazer cara feia para ela por causa da sugestão de mudar o nome da empresa.

Além disso, ela está impecável da cabeça aos pés. Cabelo alisado. Calça social de perna larga na cor camelo, combinada com um suéter macio e cremoso. Um colar de ouro está pendurado em seu pescoço, e lembro da sensação de seus dedos segurando minha corrente ontem à noite no cais.

Minha mão move-se distraidamente até ele, e imito o movimento, percebendo o quão perto ela chegou do pingente. Quando seus olhos descem para minha mão, eu paro.

Eu limpo minha garganta. — Sebastian? Oh, sim. Muito charmoso.

— Se ele for mau com você, avise-me. Eu vou dar um soco nele. Polegar para fora. — Ela pisca e ergue o punho antes de levantar-se. Parece que nós dois estamos desconfortáveis depois da noite passada, mas não queremos dar voz a isso. *Não podemos falar sobre isso.*

Eu não posso, pelo menos. Ou direi algo que não deveria. Vou ter que me concentrar na ação.

Ela não precisa de outro chefe perseguindo-a. E eu não quero ser o pervertido-pai-chefe.

Então, recorro a um velho truque fiel: provocá-la.

— Tem certeza? Parece que você ainda não sabe fechar o punho direito. E você não serve para mim com a mão quebrada.

Ela revira os olhos. — Ali está ele. Ford, o idiota, está de volta.

Eu odeio ser um idiota com ela, mas simplesmente não sei de que outra forma agir. Então, pego o envelope que está na minha frente e o estendo.

— O que é isso? — As pontas dos dedos dela roçam nos meus quando ela o pega, e disfarço o arrepio que percorre minha espinha mexendo-me na cadeira.

— Um bônus de admissão. O contrato de trabalho está no seu e-mail. Precisarei de suas informações de depósito direto para pagamentos futuros.

Quando ela abre o envelope, seus lábios abrem-se e seus olhos arregalam.

— Não.

— Eu não estava pedindo sua permissão, Rosie.

Com uma rápida olhada, ela diz: — Deixe-me esclarecer: não.

— Claro que sim — respondo impassível.

Sua cabeça balança, mas seus olhos permanecem fixos no cheque, apertado entre os dedos.

— Não. — Ela me encara de frente agora. — É muito.

— Não, não é. Eu pago bem aos meus funcionários. Sempre paguei.

Ela balança a cabeça. — Esta é uma empresa nova. Não está no orçamento. Tenho trabalhado nessas planilhas. Eu sei.

Eu inclino minha cabeça e dou a ela o meu melhor olhar de você está brincando comigo. — Rosalie. Está no orçamento.

— Você não dá a pessoas sem experiência um bônus de admissão como este. Eu nem tenho referências.

Meus molares fecham com a menção de suas malditas referências.
— Eu dou.

Seus cílios agitam-se rapidamente, como se ela estivesse tentando não chorar. E Deus, espero que ela não chore. Se ela chorar, vou levantar-me e sair desta cadeira mais rápido do que você pode dizer, *Stan Cumberland está morto*.

— Eu não mereço isso. — Seus lábios tremem enquanto ela olha para o cheque novamente.

— Rosalie — eu digo, e ela respira fundo. Nossos olhares cruzam-se e dou a ela um momento para se orientar.

Então eu digo a ela a verdade simples. — Você vale cada centavo.

Sua mandíbula estala quando seus dentes se fecham, e seus ombros balançam um pouco enquanto ela fica mais alta e cem mil dólares mais rica.

Achei que era o suficiente para ajudar a situação dela sem fazer com que parecesse uma esmola.

Na verdade, não me pareceu muito. O que é bizarro e totalmente fora de alcance se eu me permitir pensar sobre isso.

Para Rosie, parece que isso pode significar muito dinheiro. Mas do meu ponto de vista, ela merece muito mais.

— Ford, eu...

Eu me inclino para frente, prestando atenção em cada palavra dela.

Mas é aí que Bash volta, anunciando: — Você tem mofo.

Rosie murmura *obrigada* silenciosamente, mas cuidadosamente pronunciado, enquanto aperta o cheque contra o peito e enxuga o canto do olho.

E passo o dia todo perguntando-me o que ela estava prestes a dizer.

CAPÍTULO DEZOITO

Ford

Esta noite é uma noite que eu teria escolhido passar longe de Rosie. Preciso criar um pouco de distância. Minha linha de pensamento constantemente reorienta-se para ela, meus olhos constantemente procuram por ela, meu corpo vira-se em sua direção sem que eu sequer pense nisso.

Parece que estou sintonizado com ela, não importa o que eu faça.

Portanto, parece que fiquei emocionado e arrasado quando entrei e Cora anunciou que ela e Rosie estavam jogando Banco Imobiliário. Tentei deixá-las sozinhas, mas a participação não era opcional. Agora estou passando meu tempo livre tentando não olhar para Rosalie Belmont.

Meu corpo não parece reconhecer que ela agora é minha funcionária oficial. Mas meu cérebro sim. Meu cérebro está *dolorosamente* consciente de que Rosalie Belmont não é apenas a irmã mais nova do meu melhor amigo, mas também é alguém com quem não posso cruzar fronteiras profissionais.

— Oh, meu Deus! *De novo?*

Na mesa da cozinha, Rosie esfrega as mãos com um sorriso maligno enquanto coloca outro hotel no calçadão. — Escute, pequena nuvem de tempestade, eu disse que era boa nesse jogo. Eu sempre fui. Pergunte a Ford. Chutei a bunda dele neste jogo quando era adolescente.

Meus lábios se achatam. — Não, você não chutou.

— Ah! Sim, eu chutei. Na verdade, é incrível que você tenha tido

tanto sucesso com o quão terrível você é no Banco Imobiliário.

— Eu não sou terrível. Eu apenas tenho prioridades diferentes.

Rosie recosta-se com uma expressão presunçosa no rosto, lembrando-me de que, quando não estamos trabalhando juntos, parece que todas as pretensões profissionais evaporam.

— Bem... — ela recosta-se na cadeira enquanto folheia o dinheiro virtual colorido em suas mãos — de onde estou sentada, parece que sua prioridade está perdendo.

Eu zombo e vejo o olhar divertido de Cora saltar entre nós.

— É um jogo de tabuleiro, não a vida real. Não me importo de perder dinheiro falso tanto quanto você.

Rosie enrijece. — O que isso deveria significar?

Como se sentisse a mudança em nossa interação, Cora tenta interferir. — Bem, estou divertindo-me muito vendo Rosie limpar você.

Dou de ombros e dou uma piscadela para Cora. — Eu também. Ela é boa nisso.

Os olhos de Rosie estreitam-se com isso e ela coloca sua pilha de dinheiro na mesa. — Isso é algum tipo de referência ao que aconteceu hoje?

Minha testa franze enquanto tento seguir.

Cora levanta-se. — Estou fazendo um lanche. Quem quer um lanche?

— Eu devolverei se você quiser me dominar, você sabe.

— O quê? — sussurro para Rosie, ouvindo Cora vasculhando a despensa ruidosamente.

Rosie combina com minha voz baixa, mas há raiva em seu sussurro. — O bônus. Não vou mantê-lo só para que você possa me dominar com comentários maliciosos e dissimulados sobre eu ser boa em limpar você. Tenho mais dignidade do que isso.

Merda. Eu não tinha pensado duas vezes naquele dinheiro.

— Não é nada disso que eu...

— Ei, Rosie! — Cora chama, interrompendo-me. — Você pode vir pegar isso para mim?

Balançando a cabeça, Rosie levanta-se e vai até a despensa, com os ombros tensos e a cabeça erguida. Ela está irritada, mas isso não me impede de reconhecer o quão gratificante é tê-la *aqui* em *minha* casa, andando descalça como se estivesse em casa.

— Eu não sei o que é isso mesmo...

— Ford? — Cora sai da despensa, olhos inocentes encontrando os meus. — Rosie também não consegue alcançá-lo. Você pode ajudar?

Suspiro pesadamente e me levanto da minha cadeira para ajudar. Dou a volta na ilha e vejo Rosie na ponta dos pés, alcançando a prateleira mais alta. Um pedaço de sua barriga nua aparece por onde sua camiseta subiu. Meus olhos observam sua cintura estreita, a curva de sua bunda em Wranglers justo e desbotado.

— Aqui. Deixe-me — eu digo com mais severidade do que pretendia e vou atrás dela. Ao chegar acima dela, eu esforço-me para não pressionar muito perto.

Sinto a lufada de ar antes de ouvir o clique da porta ao se fechar. A pequena alavanca da trava girando emite um leve ruído de clique.

Meu corpo congela, esparramado nas costas de Rosie no armário escuro. A única fonte de luz é aquela que aparece pela porta.

— Cora? — chamo com firmeza antes que os seios macios de Rosie rocem meu braço e meu peito enquanto ela vira-se para mim.

— Cora, você não nos trancou aqui!

Agarro a prateleira acima da cabeça de Rosie para não a agarrar.

— Eu vou deixar vocês dois saírem quando vocês pararem de brigar por bobagens. Ouvir vocês dois é cansativo. Vocês dois gostam um do outro. Comecem a agir como tal.

Rosie firma-se com uma mão no centro do meu peito enquanto os passos de Cora afastam-se.

— Cora! Volte aqui agora mesmo e deixe-nos sair! — eu grito. Rosie ri quase loucamente. O calor de sua respiração espalha-se contra minha garganta. Ela tem um cheiro doce, como Coca-Cola e os doces Fuzzy Peach que ela comeu a noite toda.

Isso me faz querer beijá-la. Prová-la. Aqui no escuro, onde ninguém saberia.

Um silêncio pesado desce entre nós. Tudo o que consigo sentir é a tensão estranha que emana da mulher pressionada contra mim... até que ela finalmente pensa em algo para dizer.

— Isso está dando a você um sério caso de déjà vu, Junior? Ou só a mim?

Eu engulo, pensando naquela noite.

Sete minutos no céu. Um jogo idiota de adolescente. E, claro, como uma espécie de piada cósmica cruel, fui enfiado num armário escuro com Rosalie Belmont.

Minha risada é um estrondo baixo. Parece que as prateleiras ao redor vibram com isso enquanto eu abaixo minha cabeça em derrota. — Não é só você, Rosalie.

Rosalie. Porque não posso chamá-la de Rosie agora. Esta despesa é muito pequena e ela está muito perto.

— Eu realmente tive que trabalhar no dia seguinte para convencer West de que nada aconteceu naquele armário. — Ela ri, desta vez mais baixo, ao relembrar a história.

Eu engulo. — Nada aconteceu. Eu reconheci você imediatamente. — Era o cheiro dela, aquele perfume inebriante que ela usava naquela época – quase insuportável – doce como alcaçuz preto.

Seus dedos tamborilam em meu peito. Ela os bate como nas teclas de um piano. — Eu sei, mas fizemos um bom trabalho ao convencer a todos que algo aconteceu. Não foi?

Concordo com a cabeça, embora tenha certeza de que ela não pode me ver. — Eu baguncei meu próprio cabelo — diz ela.

Está claro como o dia na minha cabeça. Rosie mandando-me calar a boca e passando os dedos pelos cabelos.

Começo quando as pontas dos dedos indicador e médio tocam meus lábios. Minha mão levanta-se e agarro seu pulso, mas ela não recua. Ela espana a parte superior do meu lábio e sussurra: — Limpei meu brilho labial barato e brilhante em toda a sua boca.

— Eu lembro — respondo asperamente, os dedos enrolados em seu pulso.

— Não me lembro do sabor. Eu estava constantemente aplicando aquele lixo — ela reflete, os dedos traçando novamente enquanto um arrepio percorre minha espinha.

Eu nem preciso pensar nisso. Eu *sei*. Nunca esquecerei.

— Melancia.

Ela respira fundo com a minha resposta instantânea, e a ponta do seu nariz roça o meu enquanto seu rosto aproxima-se do meu.

Então meu estômago queima, porque sei que não posso fazer isso. Rapidamente solto seu pulso e dou um passo para trás, sentindo o suporte de metal atrás de mim pressionando minhas omoplatas.

Ela não diz nada, mas sua respiração parece mais pesada do que antes. Mais irregular.

— Você deixou todo mundo pensar que nós ficamos naquele armário — eu digo com uma voz rouca. — Você disse a eles que era *bom*.

Posso ver vagamente o contorno de sua cabeça balançando em concordância.

— Por quê?

— Porque as pessoas tratando você como se você não conseguisse uma garota incomodava-me. E foi exatamente isso que eu disse a West. Como eu o tirei do sério com tudo isso.

— Eu *não* *consegui* uma garota.

O armário fica em silêncio e então: — Você poderia. Você era bom demais para todas as interessadas.

Interessadas? Não tenho certeza se as notei. Tudo que via era Rosie naquela época.

Ainda é assim.

— Eu não sei sobre isso.

— Eu sei. Observei.

— Prestando muita atenção para alguém que dizia me odiar.

Ela cantarola pensativamente. — O que isso quer dizer sobre manter seus inimigos mais próximos?

— Não somos inimigos, Rosalie.

— As coisas poderiam ser muito mais simples se fôssemos.

Suas palavras pairam no ar entre nós. Não tenho certeza do que fazer com elas. Eu gostaria de poder ver o rosto dela agora.

— Eu não estava fazendo referência ao bônus de admissão.

Sua cabeça move-se em um movimento rápido de assentimento novamente. — Ok.

— Eu não zombaria de você sobre isso.

— Apenas outras coisas? — Sua voz soa quase esperançosa quando ela faz a pergunta.

Eu engulo. Eu só zombo de Rosie para encobrir *outras coisas*. Mas também nunca digo não a ela. — Apenas outras coisas.

— Ok.

— Você está qualificada para este trabalho, sabia? Não é uma esmola.

Ela zomba. — Por favor, Ford. Eu praticamente implorei a você.

Dou de ombros. — Seja como for, eu poderia pagar a você e não

confiar nenhuma parte do meu negócio a você. Mas eu não fiz isso. Você é um trunfo. Seu trabalho tem valor. E você seria uma tola se não aproveitasse uma oportunidade como esta. Não deixe ninguém fazer você sentir o contrário. Principalmente eu.

O silêncio desce entre nós. Talvez eu tenha ido longe demais, mas odeio vê-la se questionando assim. Eu odeio como alguém a fez sentir que seu valor estava envolvido em sua aparência.

— Você me confunde — ela deixa escapar.

Eu rio secamente e esfrego a mão no queixo. — O sentimento é muito mútuo.

— Você acha... — Ela para e eu espero por suas palavras, inclinando-me para ouvir o que ela pode dizer a seguir. — Você acha que em circunstâncias diferentes você e eu poderíamos ter sido...

Um clique e uma onda de luz interrompem Rosie quando Cora abre a porta. — Então? Resolvemos nossas diferenças?

Não acredito que estou sendo repreendido por uma garota de 12 anos. Não acredito que gostaria que ela nos trancasse novamente em um armário escuro.

Quando volto minha atenção para Rosie, fico impressionado com seus olhos arregalados e seus lábios cereja perfeitos abertos. Deus, eu quero desesperadamente saber o que estava na ponta da língua dela.

Mais. Poderíamos ter sido *mais*? Pergunto-me se essa era a dúvida dela.

É uma pergunta que me fiz muitas vezes ao longo dos anos. Mas nunca é o momento certo para perguntar. Sempre há muita coisa em jogo.

E neste momento não é diferente.

Não olho para Cora quando respondo: — Sim, estabelecemos uma trégua.

Então saio da despensa antes que possa passar muito tempo analisando a confusão estampada no rosto de Rosie.

CAPÍTULO DEZENOVE

Rosie

Passei as últimas três semanas trabalhando duro para merecer os cem mil dólares que Ford me deu, como se fossem alguns trocados para comprar uma raspadinha na loja da esquina.

Eu crio planilhas, projeções e sistemas financeiros verdadeiramente magníficos para a Rose Hill Records.

Levo para Ford uma xícara de chá quente sempre que preparo o meu, especialmente porque ele abasteceu a cozinha do escritório com minhas misturas favoritas do Bighorn Bistro.

Eu ajudo a gerenciar Bash e seus cronogramas à medida que os projetos em torno do antigo celeiro transformado em escritório continuam. Em apenas algumas semanas, ele transformou o local com novas paredes de gesso e luminárias modernas. A pintura ainda está por vir, mas já posso imaginar como ficará lindo. Fresco, mas rústico ao mesmo tempo.

Eu pego Cora na escola todos os dias – às vezes com Ford como acompanhante mal-intencionado – e tento parecer legal quando a vejo usando meu elástico. Nunca falamos sobre isso, mas ela o usa diariamente, e isso faz com que uma sensação de beliscão apareça no meu peito quando vejo.

Ford e eu somos *amigáveis*. Muito amigáveis. Muito... sem graça. Ele mantém uma distância respeitável, nunca puxa meu cabelo e não diz coisas rudes, como se não tivesse planos de transarmos. Na verdade, ele xinga mais perto de Cora do que perto de mim.

Nas noites de domingo, janto com meus pais, West e os filhos – nas semanas em que ele os tem.

Todas as quintas-feiras alternadas, faço pizza e assisto a filmes com Cora, enquanto Ford vai à Noite dos Pais na pista de boliche. Seu time sempre perde, mas ele sempre volta para casa sorrindo.

É bom vê-lo sorrir.

E a cada dia eu o vejo apaixonar-se um pouco mais pela jovem que ele nunca imaginou chegar.

Nesta tarde de sexta-feira, coloco meus fones de ouvido enquanto trabalho em um e-mail para diferentes especialistas em isolamento acústico que podem ter disponibilidade para trabalhar em Rose Hill por um tempo. Estou tentando não me estressar com a visita iminente de Ryan neste fim de semana. Ele mandou uma mensagem ontem à noite e disse que faria a viagem no sábado de manhã. *Finalmente.*

Há semanas que tento terminar esta conversa. Até me ofereci para fazer a viagem de nove horas sozinha. Inferno, eu poderia me dar ao luxo de voar de volta agora. Mas ele sempre tinha uma desculpa. E querer acabar com isso não significa que eu ainda não tenha medo disso. Perco o sono por causa disso. Vai ser estranho e triste e vejo-me obsessivamente repassando todas as maneiras gentis de dar a notícia a ele. Praticando em voz alta para dar a *notícia*.

Odeio ferir os sentimentos das pessoas e sei que isso vai doer para ele. Mas também sei que tocar os lábios de Ford num armário escuro chegou perigosamente perto de algo que sempre jurei que nunca faria.

Se não fosse uma jogada totalmente idiota, eu terminaria por mensagem de texto e diria... não sei. Eu provavelmente não estaria fazendo nada tão diferente do que tenho feito. Talvez eu apenas gostasse da minha liberdade.

Liberdade.

Tento manter os olhos no computador, mas eles continuam aproximando-se de Ford e Cora. Eu pergunto-me se me sentir atraída por Ford no momento em que penso em liberdade tem algum significado mais profundo.

Eu me pergunto o que significa que eu não consigo parar de olhar

para ele, ponto final.

Neste momento, ele está mostrando a ela um toca-discos que desempacotou hoje. Cora está enrolada no sofá de couro encostado na parede, observando Ford abrir o toca-discos com muita atenção.

Eles têm se unido pela música sempre que podem. As conversas são todas gregas para mim, mas a maneira como ambos se iluminam quando discutem uma banda que gostam é satisfatória do mesmo jeito. Passei a adorar vê-los interagir. Eu amo a maneira como Ford se empenhou em ser o que ela precisava, e adoro a maneira como Cora se empenhou em aproveitar ao máximo o que deve ser uma situação incrivelmente difícil.

Muitas vezes sinto que posso aprender muito com cada um deles. Como se o universo me prendesse a eles para esse propósito expresso.

É por isso que pauso o podcast no meu telefone, para poder ouvi-los sem parecer que estou escutando.

— ... quem deu para o meu pai, quem deu para mim — diz Ford enquanto levanta a tampa de plástico da máquina.

— Por que não sua irmã? Toca-discos e nomes parecem meio sexistas no que diz respeito à sua família, Junior.

Ford solta uma risada e meus lábios contraem-se quando volto meu olhar para a tela. Cora é a melhor.

— Não sei. Minha irmã ganhou o violão do nosso avô. Isso conta?

Cora dá de ombros. — Eu acho.

Posso ver Ford pensando enquanto levanta a agulha. Apesar de todos os seus olhares presunçosos e palavras mordazes, ele é um cara sensível. Estou disposta a apostar que a possibilidade de suas tradições familiares serem sexistas o manterá acordado à noite.

Ele tira um disco da capa de papelão, pressionando a língua entre os lábios enquanto cuidadosamente coloca a agulha de volta no lugar.

— Você vai mostrar como fazer isso? — Cora inclina-se para frente, observando-o como se ele estivesse realizando um

procedimento muito impressionante.

Eu? Não consigo parar de olhar para a definição em seus antebraços. Como as veias de suas mãos incham quando seus dedos flexionam.

— Claro. — Ele levanta a agulha e dá um passo para trás, gesticulando para que ela avance com uma das mãos. — Venha aqui, vou mostrar. E você pode ouvir música sempre que quiser.

Cora parece chocada ao se aproximar. — Você me deixaria usá-lo quando não estiver aqui?

Ford dá de ombros. — Sim, quero dizer, provavelmente será seu um dia. Se você estragar tudo, a culpa é sua. — Ele fala sobre como alinhar a agulha, mas não tenho certeza se Cora está ouvindo. Ela o observa, adoração e confusão guerreando em suas feições de boneca.

Ford não percebe que acabou de dizer a ela que planeja ficar por perto pelo resto da vida, mas Cora ouviu alto e claro.

Meus olhos desviam-se e ligo meu podcast novamente para não me intrometer. Alguns minutos depois, espio novamente e vejo Cora sentada novamente na beira do sofá. Ford também se senta e ela aproxima-se.

A batida da música ecoa pelo escritório e ouço vagamente Ford falando sobre Fela Kuti, um artista da Nigéria de quem nunca ouvi falar. Cora escuta com os olhos arregalados enquanto ele fala com paixão.

A visão faz meu estômago revirar e meu coração bater mais rápido.

É possível que meus ovários doam.

E quando ouço uma batida na porta, pulo da cadeira para respirar da doçura sufocante do momento.

Espero ser saudada pela cara mal-humorada de Sebastian.

Em vez disso, estou olhando para a irmã mais nova de Ford, Willa.

— Rosie, oi — Willa diz, com as mãos nos quadris, uma juba selvagem de cabelo ruivo caindo ao redor de seu rosto. Não nos conhecemos muito bem. Claro, ela passou um tempo aqui, mas era mais nova do que o grupo de crianças com quem eu andava no verão.

Ela parece bem. Beijada pelo sol, bem descansada e completamente chateada. — Desculpe entrar aqui assim, mas preciso falar com o idiota do meu irmão.

Pisco, tentando entender se ela veio até aqui e alugou um carro ou apenas dirigiu de sua casa em Chestnut Springs, uma pequena cidade a uma província de distância. Eu rapidamente recupero-me quando ela tenta passar por mim e dar um passo para o lado para bloquear sua entrada no escritório.

Ela move-se para o lado oposto para passar.

E eu a interrompo aí também.

Cora e Ford estão tendo um momento lá dentro, e se ela acha que vai invadir e perder a cabeça com ele, ela tem outra coisa por vir. Willa tem uma sobrelanceira levantada como se não pudesse acreditar que acabei de interrompê-la. Duas vezes.

— Olá, Willa. Talvez eu possa ajudá-la primeiro?

— Rosie, saia do meu caminho. Tenho algumas palavras para trocar com o idiota que não me contou que tem uma filha.

Ah, ela está *brava*.

Sorrio docemente para ela, ignorando Ryan completamente. De jeito nenhum vou deixá-la entrar ali agora. Ela pode ter qualquer surto de irmão que precisar com Ford – longe de Cora.

— Eu sinto muito. Isso não será possível neste momento. Mas se você esperar um pouco, posso ir buscá-lo para você.

— Você só pode estar de brincadeira comigo. Buscá-lo? Eu mesma vou puxá-lo pelos cabelos por não ter me contado que sou tia. — Ela tenta dar um passo para o outro lado e eu a bloqueio novamente. — Rosie, o que você acha que está jogando aqui?

— Willa. — Injeto toda a gentileza que consigo reunir em minha voz. — Não estou jogando de jeito nenhum. Você está na minha cidade. Este é o meu local de trabalho. Ele é meu chefe. — Deixo de fora que a garotinha ali também parece minha em alguns aspectos. — Se você acha que vai invadir aqui e fazer birra porque não estava a par de algo que acha que deveria estar, você está errada. Você pode ter seu ataque aqui, e eu trarei Ford até você para que ele possa assistir.

Willa olha para mim e eu olho de volta para ela. Posso ver a cabeça de Ryan girando entre nós enquanto nos enfrentamos. E então... Willa ri. Ela está sorrindo quando diz: — Esqueci como você pode ser uma vadia.

— Anos de prática com um irmão mais velho. Ficamos bem treinadas, não é?

Dou uma piscadela para ela e ela suspira, deixando cair o queixo no peito. — Eu estive pensando durante todo o caminho até aqui. Acabei de reclamar com seu namorado aqui no caminho até a porta da frente. Eu vou... — ela aponta o polegar por cima do ombro — andar pela colina enquanto você o *resgata*. Aposto que ele adora que você fale desse jeito.

— Sim. É praticamente *Downton Abbey*¹³ por aqui. — Faço uma reverência sutil e me viro para Ryan enquanto ela revira os olhos e afasta-se. — Ryan. Você chegou cedo.

Seu sorriso oscila e ele parece incerto. Não tenho certeza se ele já me viu assim. Sempre fui uma Rosie simpática, estudiosa e ansiosa por um emprego chique na cidade.

Rose Hill deve trazer à tona o meu lado selvagem.

— Eu peguei um voo mais cedo, então decidi vir direto para cá e

fazer uma surpresa para você.

Eu devolvo a ele um sorriso vacilante. Ele dá alguns passos hesitantes para frente, abrindo os braços e, não por culpa dele, eu recuo internamente.

Eu sabia que ele estava vindo. *Mais tarde*. Neste momento, percebo o quanto precisava daquelas últimas horas para me animar. Eu poderia ter praticado mais algumas coisas tranquilizadoras para dizer. Pesquisar mais alguns sinônimos no Google para *acabou*. Eu tinha um plano para surpreendê-lo com um sanduíche de elogios e agora todas as palavras fogem da minha cabeça, deixando-me apenas com uma sensação de pavor no corpo inteiro.

Eu sabia que seria desconfortável vê-lo novamente. Mas olhar para ele agora, parado na minha frente de braços abertos, faz-me perceber que posso ter subestimado o *quão* desconfortável ele estava.

O último homem que abracei foi Ford, e derreti-me nele.

Quando levanto os braços e dou um passo à frente, o momento é totalmente estranho. Meus quadris ficam empurrados para trás e Ryan dá um tapinha nas minhas costas.

Foda-me, isso vai ser doloroso.

Quando nos afastamos, ele já está espiando Willa por cima do ombro. — Você deveria ir buscar seu chefe. Então podemos conversar. Você está quase terminando o dia?

— Sim — eu suspiro. Não quero terminar por hoje. Quero passar a noite de sexta-feira inteira ouvindo funk nigeriano enquanto assisto Ford e Cora conversando sobre diferentes instrumentos e batidas de bateria complexas e como usar um toca-discos. — Eu posso encerrar por hoje.

Viro e caminho de volta pela entrada virando o corredor para o escritório principal. Quando fico de frente para o sofá de couro marrom, Ford e Cora estão sentados eretos, olhando para mim com expressões quase idênticas em seus rostos. Sobrancelhas grossas, maçãs do rosto salientes e os mesmos olhos quase felinos – apenas em

cores ligeiramente diferentes.

O alarme deles é claro.

— Então, vocês dois ouviram tudo isso?

— Willa não é exatamente quieta — Ford diz.

Minha bochecha se contrai. — Não, ela não é. Ela está andando na colina, esperando por você. E Ryan está lá fora.

— Ryan está aqui? — Meu olhar se volta para Cora, que fez a pergunta esclarecedora que eu gostaria que ela não tivesse feito. Seus olhos estão estreitados agora. Braços cruzados. Ombros erguidos com força.

— Sim.

— Por quanto tempo?

— Eu não tenho certeza.

Não vou mentir para ela, mas também não vou contar a ela que pretendo mandá-lo embora antes mesmo de contar a ele.

Quando olho para Ford, a intensidade de seu olhar queima minha pele. Sinto a coceira reveladora que sempre surge quando seus olhos me percorrem com aquele olhar intenso e quase descontente em seu rosto.

Eu costumava me perguntar se eu era alérgica a ele. Parecia bastante viável.

Mas nas últimas semanas, percebi que não é isso que acontece.

— Bem, estou saindo daqui — anuncia Cora, batendo nas coxas enquanto levanta-se do sofá. Ela passa por mim, evitando contato visual. E quando ela chega à porta da frente, ouço: — Saia daí, filho da puta — seguido pela porta batendo atrás dela.

Meus olhos arregalam quando Ford coloca a mão sobre a boca. Seus olhos fecham-se e seus ombros tremem.

— Isso foi rude — falo com uma risada, mordendo o interior da minha bochecha para não cair na gargalhada.

— Oh, meu Deus — Ford praticamente ofega antes de passar as mãos pelos cabelos. — Como acabei com todas vocês? Você é como um dragão cuspidor de fogo. Willa é um cachorro raivoso e Cora não é melhor.

Eu sorrio e cruzo os braços antes de dar de ombros casualmente. — Parece que você tem um tipo.

Agora seus olhos estão de volta nos meus e ele não está mais rindo. Meu corpo aquece enquanto seus olhos deslizam lentamente do meu rosto até os pés e voltam para cima.

— Sim. Eu tenho — diz ele.

Então ele se levanta, seu corpo alto caminhando em minha direção. Sua grande mão pousa nas minhas costas, fazendo-me contorcer na minha própria pele enquanto caminhamos lado a lado até a porta da frente. Ele esfrega o polegar em círculos suaves e quase choro.

Eu não sei por quê. A pressão. O estresse. A conversa iminente que estou prestes a enfrentar.

Antes de seguirmos pelo curto corredor que leva à entrada, Ford para. Um dedo se prende ao fino cinto de couro enrolado em minha cintura.

Um suspiro suave deixa-me quando paro bruscamente e viro-me para encará-lo.

— Você está bem? — Sua voz baixa é áspera e rude enquanto ressoa no ar entre nós.

Tudo o que posso oferecer de volta é um aceno de cabeça. — E você?

Sua cabeça inclina-se e o movimento traz à mente os movimentos calculados de algum tipo de predador de ponta. Lembrando-me, como sempre faz, de um leão espreitando em torno de uma jaula. Elegante e poderoso e pronto para atacar. A maneira como ele olha para mim às vezes é quase animalesca.

Um arrepio percorre minha espinha quando ele murmura: — Não.

Uma palavra tão simples, mas que me atinge no peito como uma tonelada de tijolos.

Quando ele se vira e se afasta de mim, ele leva meu fôlego com ele.

CAPÍTULO VINTE

Rosie

Ryan olha ao redor do barracão com uma expressão de choque e admiração no rosto. — É aqui que você está hospedada?

As tábuas do piso rangem sob seus sapatos, e ele passa o dedo pela condensação que se acumula em pequenas pérolas na janela de vidro único.

Imediatamente me sinto na defensiva. Ele vem de mais do que eu. Mais dinheiro. Mais bens. Férias mais chiques.

Seus pais compraram para ele o apartamento no centro de Vancouver. Os meus trabalharam duro para construir algo novo para a aposentadoria em propriedades que foram transmitidas de geração em geração. A ideia deles de férias divertidas para nós é acampar em uma barraca.

Ford é supostamente um bilionário, filho de uma celebridade de primeira linha, e ele nunca me fez sentir tão constrangida de onde venho como Ryan fez com essa frase.

— Sim, Ryan.

Deve haver algo definitivo em minha voz, porque ele se vira e me encara. Sua bolsa de viagem está a seus pés, seu queixo está perfeitamente barbeado e seu cabelo loiro penteado perfeitamente.

Se ele estivesse devidamente angustiado, ele já teria passado os dedos por isso e fodido tudo. Como Ford, que está constantemente puxando os cabelos.

— Você está terminando comigo, não é?

Suspiro e meus braços ficam moles ao lado do corpo. Estamos

parados no meio desta pequena cabana, olhando um para o outro como estranhos. É melhor arrancar o band-aid.

Eu olho diretamente nos olhos dele, como prometi a mim mesma que faria, e passo por cima de todas as falas que venho praticando. — Sim. Sinto muito.

Alguns segundos se passam antes que ele diga: — Achei que isso ia acontecer.

Uma risada triste brota de mim. — Agora sinto-me pior.

— Não. — Ele interrompe-me levantando a mão entre nós. — Eu não estava planejando sair mais cedo hoje, mas meu chefe olhou para mim como se eu tivesse duas cabeças quando contei a ele meus planos para o fim de semana. Ele perguntou por que eu não faria disso um fim de semana prolongado. Insistiu para que eu saísse mais cedo e pegasse a estrada.

Eu faço uma careta. — Romântico.

Agora é a vez de Ryan soltar uma risada triste. — Não é. Não é de todo. Ele me disse: “Você não está ansioso para vê-la?” e eu disse a ele que sim. Mas, Rosie, já faz um mês desde que você foi embora e eu não estava ansioso para ver você. E acho que sabia que isso estava por vir e apenas evitei.

— Por quê?

Sua cabeça inclina e ele lança um olhar triste. — Você está sentindo minha falta?

Mordo meu lábio algumas vezes, pesando minhas palavras. — Não da maneira que deveria.

— É por isso que tenho evitado. Eu não queria ouvir isso. Mas também tive tempo suficiente para perceber que, embora esteja feliz em ver você, não estava ansioso para vê-la.

Um peso físico é retirado do meu corpo com sua admissão. O peso em meus ombros simplesmente... *puf*... evapora. Sinto como se estivesse carregando um elefante nas costas e Ryan simplesmente o

arrancou. — Eu acho... acho que tínhamos muito em comum. Você sabe? Estávamos no mesmo programa. Mesmas aulas. Mesmos grupos de estudo. Os mesmos amigos...

Ele abaixa o olhar, a compreensão surgindo em seu rosto. — E você não sabe mais o que temos em comum?

— Sim. Sinto muito — falo novamente, porque realmente sinto. Lamento ver este capítulo da minha vida terminar – não foi de todo ruim. Mas não vou sentir falta e não estou triste com o novo que comecei.

— Rosie. Pare de se desculpar. Tudo bem. Éramos jovens quando nos conhecemos. Nós dois crescemos e acho que nesse processo nos distanciamos.

Eu aceno, esperando que lágrimas brotem em meus olhos. Mas elas não brotam. Eu poderia dizer a ele todas as maneiras pelas quais ele errou. Mas não digo.

Tenho certeza de que ele também teria uma lista para mim se quiséssemos nos aventurar por esse caminho. Não tenho certeza do que mais dizer ou fazer. Então, estendo o braço e ofereço-lhe um aperto de mão. Ele abaixa os olhos lacrimejantes e encolhe-se antes de lentamente estender a mão para agarrar a minha.

Talvez um abraço tivesse sido melhor. Mas não quero abraçar Ryan. O maldito Ford Grant Junior estragou os abraços para mim.

Nunca suportei um aperto de mão tão doloroso e estranho e suspiro de alívio quando finalmente termina.

— Você está bem? — ele pergunta, passando as costas da mão no nariz.

— Sim. — Sua pergunta me leva de volta àquele momento com Ford antes de sairmos do escritório. Antes de ele ir embora.

— Você está bem? — repito as mesmas palavras, mas não me agarro às dele.

Ryan sorri bem-humorado, mas os olhos lacrimejantes

permanecem. — Sim. Eu estou.

Posso dizer que ele está triste, mas, para ser sincera, não estou especialmente preocupada com a possibilidade de Ryan estar bem.

Em vez disso, estou estressada pelo fato de Ford não estar.

— Eu adoraria visitar seus pais e seu irmão enquanto estou aqui. Tudo bem se eu dormir esta noite? Vou partir pela manhã.

— Sim, claro — minto. Mas não tenho o coração frio o suficiente para mandar um homem adulto que agora está enxugando os olhos de volta para a estrada.

Posso sentir-me aliviada por terminar as coisas com Ryan.

Mas esse alívio é eclipsado pela sensação de mal-estar por causa de Ford e daquele *não* na despedida.

CAPÍTULO VINTE E UM

Ford

Cora saiu correndo do escritório, mas claramente parou do lado de fora. Posso ver a incerteza estampada em seu rosto quando seu olhar se depara com Willa ao longe, sentada em um toco ao lado da fogueira perto do lago, com um bastão na mão enquanto ela tira a fuligem.

— Na verdade, eu vou... dar uma volta pela propriedade e deixar você lidar com isso primeiro — Cora oferece, com a voz um pouco mais tímida do que o normal.

Eu a coloco ao meu lado no meio abraço mais estranho do mundo e aperto seu ombro. — O que você quiser. Ela não é tão ruim quanto parece. Prometo.

Os olhos de Cora estreitam-se como se ela não tivesse certeza disso, mas se eu conheço minha irmã, ela conquistará Cora rapidamente.

— Por que você não contou tudo sobre mim imediatamente? — Sua voz é baixa e seu rosto está voltado para baixo, então quando eu olho para ela, não consigo entender muita coisa.

Também não posso contar a ela sobre o passado do meu pai — nem gostaria de correlacionar os dois. Além disso, conhecendo Cora, ela pode acessar o Google e encontrar tudo de qualquer maneira. Então compartilho apenas um pedaço, algo que ela entenderá.

— Eu só... sou uma pessoa reservada, Cora. Sou próximo da minha família porque amo muito todos eles, mas não os quero no meu negócio. Willa trabalhava para mim no meu bar e era uma tortura. Constantemente em toda a minha vida pessoal. Se ela não fosse uma

bartender assassina, eu a teria demitido dez vezes para poder ter um pouco de paz. Eu cresci com os paparazzi por perto – tendo que considerar cada movimento que eu fazia e como isso poderia parecer externamente. Eu não gosto desse sentimento. Eu precisava de um tempo de processamento com você e, verdade seja dita, não queria opiniões divergentes ou preocupar-me sobre como seria a percepção de trazer você para minha vida. Eu sabia que era a coisa certa a fazer, sabia que era o que *queria* fazer. E agora todos eles podem simplesmente lidar com isso.

Ela olha por baixo de uma sombra de cílios escuros e franja longa com um sorriso suave.

— Não tem nada a ver com eles e tudo a ver com você e eu, certo? — eu digo.

Ela inclina-se em minha caixa torácica agora, apertando-me de volta.

— Além disso, todos eles vão amar você. Eu já sabia disso — acrescento para garantir, porque é verdade.

— Não a deixe pressionar você, ok? — É tudo que recebo dela.

Limpo a garganta para disfarçar uma risada. — Ok.

E com isso, Cora gira nos calcanhares para ir embora e eu ando em direção à minha irmã. Quando chego perto, ela não olha para cima – apenas continua usando a ponta de um galho para desenhar nas cinzas.

— O que você está desenhando?

Ela suspira melancolicamente, os lábios subindo levemente. — Corações.

Olho para baixo e percebo que ela fez um padrão repetitivo ao longo daquele lado do poço.

— Você parece mais calma.

Seus olhos verdes movem-se lentamente do chão e ela deixa cair o bastão. — *Mais calma?*

— Parece que pensei errado.

Ela levanta-se e o calor atinge suas bochechas. — Claro que você pensou errado! Como você pôde não me contar sobre isso?

— A parte da doação de esperma ou a parte da criança?

— Eu não me importo com o que você faz com seu pau, Ford! Mas uma criança? Uma sobrinha? Que porra é essa, cara?

Mordo o interior da minha bochecha. — Você sabe o que aconteceu com papai. Eu queria tudo no lugar antes de contar a novidade a alguém. Eu não queria que me dissuassem de ajudá-la.

— Eu não teria dissuadido você disso.

— Mas você teria contado para mamãe e papai. Você tem um grande coração, mas também uma boca grande.

Seus braços cruzam e ela mexe a mandíbula. — Eu não sei sobre isso...

— Não devo a você explicação para tudo o que surge na minha vida. Apesar do que você possa pensar, nem todo mundo é o livro aberto que você é. E sou um homem adulto, não seu filho. Eu contei a todos vocês quando estava bem e pronto.

— Mas você não *me* contou. Você contou para a mamãe. E foi ela quem contou ao papai, que acabou me contando. E surgiu como se eles pensassem que eu já sabia! Isso é brutal, Ford.

Minha garganta aperta e a culpa invade-me. Fiquei tão entusiasmado com Cora. Com Rosie. Com o trabalho. — Sinto muito, Willa. Eu deveria ter telefonado para você e contado. Você está certa, isso não foi justo da minha parte.

Ela congela, e vejo Cora silenciosamente atrás dela, balançando a cabeça para mim.

— O que você acabou de dizer? — Minha irmã leva a palma da mão ao ouvido como se não tivesse me ouvido direito.

— Isso não foi justo?

Um sorriso presunçoso curva sua boca larga. — Não, a outra parte.

Meus molares rangem. Eu sei o que ela quer. E não tenho certeza se estou em posição de negá-la agora. — Certo, tudo bem. *Você tem razão.*

Cora solta uma risada leve e Willa vira-se para acolher a sobrinha pela primeira vez. O silêncio desce entre nós três enquanto as duas se observam de perto.

Cora inclina-se em torno de Willa para me olhar nos olhos. — Maneira de não deixar ela pressionar você.

Esfrego a mão na boca para cobrir o sorriso. — Vocês duas são verdadeiras destruidoras, sabiam disso? Deve ser hereditário.

Willa vira-se para mim com os olhos arregalados e uma expressão atordoada no rosto. — Ah, não, Ford. Ela é *toda* você. — Sua cabeça move-se para frente e para trás entre nós. — Tipo... é você adolescente, mas faça disso uma menina.

Cora e eu reviramos os olhos.

— Verdadeiramente irreal. — Minha irmã ri com as palavras. — É um prazer conhecê-la, Cora — acrescenta ela, estendendo a mão. — Eu sou Willa.

Cora aproxima-se para pegar sua mão. — Sim, eu ouvi essa parte. Os vizinhos também podem ter feito isso.

Com isso, minha irmã joga a cabeça para trás e ri, depois puxa Cora para um abraço. Um que deixa Cora completamente surpresa.

Quando elas se afastam, Willa pergunta: — O que vocês estavam fazendo quando cheguei aqui?

— Ouvindo música.

— Eu gosto de ouvir música.

Observá-las interagir faz algo no meu peito.

Cora a olha com cautela. — Que tipo de música?

Willa reprime um sorriso, olhos cortando os meus por um instante. — Todos os tipos. Posso participar?

Cora ilumina-se. — É sério?

A minha irmã encolhe os ombros. Eu poderia muito bem não estar aqui. — Sim. Mostre-me o que você gosta. Vamos curtir juntas. Vou até deixar Ford se juntar a nós — ela brinca.

Então elas se afastam, voltando para o escritório. Tudo o que recebo é um aceno por cima do ombro de Willa, incentivando-me, seguido por Cora deixando escapar: — Você gosta de Rage Against the Machine? Ford doou esperma para que pudesse ir vê-los.

Minha irmã ri e volta os olhos zombeteiros para mim. — Agora há uma história para ser transmitida de geração em geração. Adorei isso para Ford.

E assim, sem mais nem menos, elas tornam-se amigas e histórias constrangedoras são contadas. Passo a tarde observando-as interagir, absorvendo a vista.

Mas minha mente? Minha mente está *sempre* em Rosie. E ficar obcecado com o que diabos ela e *otário* estão fazendo agora me consome.

Isso me transforma em algo que acho que nunca fui.

Isso me torna ciumento.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Ford

Willa e eu entramos no Rose Hill Reach, um pub que fica bem na beira da água, e ela olha em volta, maravilhada. — Droga, eles realmente limparam este lugar. Costumava ser um lixo total.

Ela não está errada. Era um lixo total quando éramos mais jovens. *Suficientemente* pobre para que todos nós pudéssemos beber aqui antes de sermos legais.

Agora grita alojamento de esqui elevado. Eles refizeram totalmente o cais na frente, proporcionando uma ponte sobre a água para um enorme pátio flutuante. West e eu nos encontramos aqui para tomar uma cerveja outro dia, e não pude deixar de fazer uma viagem pela estrada da memória enquanto conversávamos.

— Quer sentar lá fora? — Willa continua sem que eu diga nada.
— Está muito bom esta noite.

A doca lembra-me Rosie. Sentado ali com ela, sendo empurrado para dentro do lago, segurando-a.

— Não, vamos sentar lá dentro. Posso chutar sua bunda na sinuca e pagar uma bebida para você. — Cora parecia muito feliz em passar a noite de sexta-feira com West e as crianças, então é melhor eu relaxar um pouco. Tentar livrar-me deste estado de espírito em que tenho estado.

Willa dá uma risada e segue naquela direção sem reclamar. — Você me deve muito mais do que uma bebida. Compre para mim este bar inteiro, Ford.

— Não.

— Vamos! Vejo tão poucos benefícios em ser a irmã mais nova do bilionário mais sexy do mundo. Eu recebo silêncio, uma sobrinha secreta — ela olha para mim por cima do ombro — que eu admito que é muito legal, e o quê? Aposto que você vai me comprar ações daquela empresa de testes genealógicos no Natal.

Isso me faz rir.

Mas a risada morre em meus lábios quando entramos na seção de cabines perto da mesa de sinuca e me deparo com um par de olhos azuis cristalinos que reconheceria em qualquer lugar.

— Oh! Graças a Deus! — Willa anuncia quando vê Rosie e o *otário* sentados juntos em sua cabine. Olhar para ele me lembra que eu realmente preciso conversar com Cora sobre como às vezes apenas insultamos as pessoas com os olhos, e não com as palavras. Ou pelo menos pelas costas. — Algumas pessoas que não são o Ford para passar um tempo.

Minha irmã vira e mostra a língua para mim enquanto eu reviro os olhos. Esta é a nossa dinâmica. Fingimos que não suportamos a companhia um do outro quando, na realidade, nós nos damos bem. Desde que ela se casou e se mudou para Chestnut Springs, passamos menos tempo juntos. Não sou mais gerente do bar da cidade e ela não é bartender. Na verdade, ela tem dois filhos agora, e é ela quem quase não estende a mão, embora faça parecer que eu a ignoro.

Sou perspicaz o suficiente para ver que ela está vivendo uma vida que não envolve conversar comigo diariamente. E é uma coisa boa. Sua falta de contato significa que ela está feliz. Ou pelo menos é assim que eu interpreto.

— Ei, pessoal — o *otário* diz isso com bastante bom humor. Um aceno amigável em nossa direção. Ele parece um cara legal o suficiente.

E eu o odeio. Eu odeio tudo sobre ele.

Cora murmurou algo sobre ele parecer um boneco Ken idiota antes. Eu não conseguia identificar o que ela estava falando naquele

momento. Mas agora eu vejo isso.

Ele levanta e faz um gesto para que Willa sente-se no banco à sua frente e senta-se ao lado de Rosie.

Rosie, que está olhando para mim.

Rosie, que trabalha para mim.

Rosie, que tem namorado. Alguém com quem eu pensei que ela estava brigada, mas vê-los aqui, *juntos*, faz-me perceber que eu estava completamente errado. Eles parecem muito felizes para terem terminado.

Essa percepção fez meu coração despencar forte e rápido em minhas entranhas. Meu estômago revira e cerro os dentes para disfarçar a náusea correspondente.

Ela pode ser a irmã mais nova de West. Ela pode ser minha funcionária. Ela pode não ser nada mais.

Mas nada disso me impede de desejá-la quase obsessivamente. Trabalhar com ela dia após dia faz meu cérebro operar em um nível febril para não cruzar quaisquer limites no que diz respeito a ela. Não estou acostumado a não conseguir o que quero.

E eu *quero* Rosie Belmont.

Tornou-se totalmente torturante fingir que não a quero.

Desvio o olhar dela e me sento no banco ao lado da minha irmã. Como sempre, ela começa a falar. Algo sobre seus filhos, seus amigos, montaria em touros, hóquei e temporada de partos.

Juro por Deus, ninguém consegue falar sobre o monólogo de Willa. Mesmo o garçom não consegue interromper o fluxo dela. Eu normalmente acharia isso chato, mas ter que me sentar na frente de Rosie e Ryan enquanto eles estão juntos deixa-me nervoso como uma criança petulante.

Estou com tanto ciúme que *dói*.

Sem Willa ocupando todo o espaço da mesa, eu diria algo do qual me arrependeria. Ryan, irritantemente, é um ótimo conversador e faz

perguntas envolventes para manter a conversa.

Tento não olhar para Rosie. E eu falho.

Seu dedo desliza para cima e para baixo pelo exterior do copo. A condensação escorre no rastro do movimento. Suas unhas são rosa-choque. A mesma cor que ela pintou recentemente as de Cora.

Quando levanto os olhos, percebo que ela pegou-me olhando. Mas isso não me impede. Agora ela também está fazendo isso. Nós nos observamos cuidadosamente por um instante. Depois dois.

Seus lábios se abrem em um suspiro agudo.

Tento não a imaginar com o cara ao lado dela. Suas mãos sobre ela. Seus lábios nos dela. Eu odeio tanto o flash dessa imagem que meu cérebro troca aquelas mãos pelas minhas. Na cintura dela. Seguindo sua coluna através da camisa de seda que ela ainda usa. Puxando o cabelo dela. Dando um puxão como fiz antes.

Mas desta vez eu não a deixo ir. Inclino a cabeça e coloco minha boca em seu pescoço. Ela geme no meu ouvido. Envolve as pernas em volta da minha cintura.

Um chute forte na minha canela, debaixo da mesa, assusta-me. E encontro Rosie lançando um olhar do tipo *que porra você está fazendo*.

Eu sei que aquela visão na minha cabeça não pode ser eu. Mas isso não me impede de desejar que assim fosse. Eu ajusto minha calça e volto a me concentrar em uma conversa educada, embora as ideias que passam pela minha cabeça sejam tudo menos educadas.

— Conte-me sobre o seu trabalho — Willa diz a Ryan.

Ele volta com algo sobre petróleo, gás e oleodutos e termina com: — Mas você sabe, estou apenas começando com a empresa. Ainda estou trabalhando para subir.

Essa incursão nos recônditos escuros e esquecidos da minha mente fez-me sentir mais agitado do que já estava.

Eu limpo minha garganta. — Suponho que isso explica por que tem sido tão difícil para você sair e ver Rosalie.

Os olhos de Rosie parecem que vão rolar para fora das órbitas, mas Ryan me dá um movimento confuso com a cabeça antes de dizer: — Sim. Totalmente.

— Eles não lhe dão dias de férias no trabalho?

Pelo canto do olho, vejo minha irmã observando a troca, inclinando-se sutilmente para frente.

Ryan esfrega a nuca. — Quero dizer que eles dão. Eu só estava guardando-as para alguma coisa...

Eu o interrompo com um sorriso condescendente. — Mais importante?

Ele fica com uma tonalidade rosa, ficando tímido. — Quer dizer, não sei se colocaria dessa forma.

Ele não parece de todo ruim. Eu deveria recuar e dar um tempo ao cara. Mas eu não dou. Sorrio e dou a ele meu melhor olhar idiota. — Realmente? Eu faria.

Ouçó minha irmã tentar reprimir uma risada por trás da mão.

— Ford... — Rosie começa assim que Ryan diz: — Ei, cara, nem todos nós...

— Defendemos a mulher com quem estamos? — eu o interrompo bruscamente, sabendo que ele não fez nada depois que ela foi agredida em seu local de trabalho. — Sim, percebi.

Ryan está vermelho agora, mas claramente desistiu de defender-se. É melhor rolar e mostrar-me sua barriga. Rosie salta em sua defesa. Ele não merece isso. Mas ela é uma pessoa tão boa que faz isso de qualquer maneira. — Você está sendo um idiota, Ford. Tenho dias de férias em meu contrato, mas alguns de nós não podem se dar ao luxo de tirar uma folga, quer queira, quer não. Eu era perfeitamente capaz de voltar para uma visita também.

Inclino minha cabeça na direção dela, odiando que *ela* vá lutar por *ele*. — E ainda assim você não fez isso.

Ela respira fundo, os ombros subindo em direção às orelhas. —

Posso falar com você lá fora? — Ela dá uma cotovelada em Ryan, que baixa os olhos e sai do caminho dela. Muito covarde para defender sua namorada. Muito bom para uma garota como Rosie.

— Oh, Ford, seu idiota — Willa sussurra enquanto olha para mim com diversão de cair o queixo em todo o seu rosto. — Você está tão caído por aquela garota.

Tudo o que ofereço é revirar os olhos enquanto desço da banqueta cor de vinho. Parece menos incriminador do que tentar negar. Afinal, preciso pegar Cora na casa de West depois desse fiasco de noitada, e Willa fala muito. Não preciso que ela compartilhe essa teoria com meu melhor amigo.

Isso seria um maldito desastre.

Um desastre de cada vez, penso comigo mesmo enquanto Rosie crava as unhas em meu antebraço e arrasta-me em direção à porta.

— Eu pago a conta — falo educadamente para a garçonete enquanto passamos por sua estação de computador. — Volto em um momento.

— Ele não vai voltar — Rosie murmura enquanto sai furiosa pela porta. — Vou deixar o cadáver dele no estacionamento e você pode revistá-lo para pegar o dinheiro.

— Encantador — murmuro de volta para ela.

— O bilionário mais morto do mundo será a nova manchete da revista. A capa será uma foto do seu rosto, e eu serei pessoalmente convidada a completar a imagem, desenhando chifres de diabo e rabiscando seus olhos.

— É uma pena que estarei morto. Na verdade, posso estar interessado em ler esse artigo.

O ar fresco da primavera atinge-nos no rosto e suas unhas cravam mais fundo em meu antebraço nu. Eu deveria odiar isso, mas isso só me faz pensar em tirar todo o veneno dela enquanto ela coça minhas costas com aquelas unhas rosa.

Alguns passos intencionais e estamos na esquina do prédio. De pé no escuro. Ela está ofegante de fúria e eu estou sem fôlego por um outro motivo. Seus olhos são tão azuis que quase ficam brancos na penumbra que se filtra pela lateral do prédio. Lanternas do pátio espalhadas pela propriedade pontilham a escuridão da noite com pontos quentes e brilhantes. O cheiro das flores permeia o ar, emanando do arbusto atrás de nós, enquanto a salinidade da água do lago ao nosso lado acrescenta um tom suave.

Para sempre associarei esse cheiro à expressão de raiva no lindo rosto de Rosie agora.

— Você tem muita coragem! Você sabe disso? — Ela está brava o suficiente para me dar um empurrão suave. Uma mão em cada ombro empurra-me contra o revestimento de vinil amarelo-claro do pub. Ela não para seu movimento para frente e fecha o espaço instantaneamente.

— Cuidado, ainda sou seu chefe. — Mantenho as palmas das mãos apoiadas na parede atrás de mim.

Ela solta uma risada na minha cara e levanta as mãos ao lado da cabeça em frustração. — Você também é o idiota com quem cresci. E sei que você pode ser um idiota, mas caramba, Ford, isso foi longe demais. Ele já teve um dia difícil. Isso foi *cruel*. Um concurso de medição de pau é desnecessário.

— Eu realmente não dou a mínima para o dia dele. Meu pau é definitivamente maior. E não estou preocupado com minha simpatia. Eu não me importo com ele. Mas eu me importo com você.

Isso a deixa surpresa, mas apenas por um momento. Uma piscada rápida e ela está de volta.

— Ford, você vai entrar lá e vai se desculpar.

Cruzo os braços desafiadoramente, recostando-me na parede de uma forma que parece muito menos afetada do que me sinto. — Divirta-se rabiscando meus olhos, porque sobre a porra do meu corpo morto vou pedir desculpas a ele.

Sua boca abre novamente, verdadeira descrença envolvendo cada feição enquanto suas mãos ficam moles ao lado do corpo.

Percebo que ela está prestes a continuar repreendendo-me, então a interrompo antes que ela o faça. Cuspo as palavras que venho engolindo nas últimas semanas. — Ele não merece você.

Seus dentes batem quando ela fecha a boca. — *Com licença?*

Repito a frase, embora ambos saibamos que ela ouviu. — Eu disse que ele não merece você.

Suas bochechas ficam vermelhas e seus olhos estão selvagens. Ela está *louca*. Eu a amo assim.

— Oh, o quê? E você merece? — Ela morde as palavras, aproximando-se ainda mais de mim. As pontas de seus sapatos batem nas pontas das minhas botas, seus seios pressionando meus antebraços, onde agora estão cruzados contra meu peito.

— Não, Rosie. Mas não sou o tipo de homem que deixará isso impedir-me.

Eu não penso. Eu apenas estendo a mão para ela. Uma mão no queixo, a outra segurando sua cintura. Segurando-a como se eu pudesse sacudi-la de frustração – só que nunca a sacudiria. Em vez disso, eu nos viro. Eu a giro rapidamente para que ela fique pressionada contra a parede.

Sua respiração pesada sopra contra minha pele. Seus olhos descem para a corrente de prata em volta do meu pescoço, mas ela não faz nenhum outro movimento para escapar de mim. — Oh, fofo, agora sou Rosie e não Rosalie? O que isso significa?

Suas palavras são uma provocação; seus olhos são desafiadores. Eu sei que o namorado dela está lá dentro, e isso só me faz desejá-la mais.

Meus olhos percorrem seu rosto. Bochechas coradas. Olhos cintilantes. A ponta da língua naquele lábio inferior carnudo. — Rosie, cale a boca.

Ela faz uma pausa com o uso de seu apelido novamente.

Então ela endireita-se um pouco antes de dizer: — Não me diga o que fazer — de volta para mim.

E eu apenas balanço a cabeça para ela, apertando ainda mais e mudando minha mão para poder passar o polegar sobre seus lábios úmidos. — Rosie, cale a boca, porque vou beijar você agora, a menos que você me diga para não fazer isso.

Eu amo que ela não seja tão mole comigo.

Nossos olhares prendem-se um ao outro. Ela levanta o queixo.

E pela primeira vez ela não diz uma maldita palavra.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Rosie

Quando Ford puxa meu cabelo para trás e toma minha boca, meus joelhos ficam fracos.

Mas ele me pega. Ele me segura. Ele pressiona a perna entre as minhas, envolve a palma da mão grande em volta da minha garganta e me beija sem sentido enquanto eu agarro seus quadris.

A energia entre nós é intensa, mas ele não tem pressa. Seus lábios são firmes, sua língua é macia e sua barba raspa contra minha pele, enviando faíscas pelo meu corpo.

Ele saboreia. Ele faz com que cada toque, cada ponto de contato dure mais e vá mais fundo do que deveria ser humanamente possível.

Com Ford Grant me beijando, o mundo fica parado. Eu sinto o cheiro dele.

Eu o sinto.

Eu sinto o gosto *dele*.

Minhas mãos coçam, então as deslizo por baixo da camisa dele. Sua pele quente e o cabelo leve logo acima da fivela do cinto fazem-me gemer em sua boca.

Ele morde meu lábio inferior em resposta e volta a trabalhar minha boca. Meus dedos sobem lentamente, explorando as saliências que espiei à noite, quando nos sentamos juntos depois de nadar. Ele é alto, todo musculoso e masculino.

Eu choramingo quando minha mão encontra a ponta daquela corrente de prata. É um talismã, uma lembrança da noite em que ele me abraçou. A noite em que eu precisava desesperadamente ser

abraçada.

E ninguém estava lá, exceto...

— Ford — eu sussurro seu nome contra seus lábios e mal reconheço minha voz.

— Sinto muito — ele murmura de volta.

Meu sorriso é cortado por outro puxão no meu cabelo, e agora sua boca está no meu pescoço. Mordendo. Beijando. Lambendo.

— Não, você não sente. — Eu rolo minha cabeça para trás e pressiono meus seios em direção a ele. Juro que meu corpo já sabe o que minha cabeça teve dificuldade em entender.

Espero que ele ria, mas ele tira a boca de mim e tenho vontade de bater o pé. Quero nos mergulhar de volta naquele momento frenético de necessidade.

Eu quero ser consumida por ele.

Aquele olhar selvagem brilha em seus olhos enquanto ele afasta-se, apenas o suficiente para encontrar meu olhar. Nós dois sabemos que ele não está arrependido, então ele não confirma – apenas observa-me por um momento. Estou preocupada que ele se afaste. Pare. Jogue a toalha e vá embora.

Em vez disso, sua voz sai suave e profunda – quase dolorida – enquanto ele murmura: — Não, não sinto.

E então ele me beija novamente. Mas desta vez é diferente. É suave.

As pontas dos dedos dele enrolam-se sob meu queixo e, em seguida, os nós dos dedos acariciam minhas bochechas. Meu peito dói com a doçura disso e pressiono-me mais perto dele. Querendo seu calor, seu toque, sua proteção.

Porque não importa o quanto ele me enfureceu esta noite, eu seria uma tola se não reconhecesse que o homem que está me beijando agora entraria de cabeça na batalha comigo. Por mim. Ele derrubaria as pessoas com suas palavras. Ele as queimaria com seu

olhar. Ele as humilharia com sua franqueza.

E depois de tudo o que o mês passado me reservou, isso me faz sentir falta dele de uma forma completamente desconhecida. Agarro sua corrente e pressiono sua perna. Se eu pudesse rastejar direto para o colo dele e fazer com que ele me acariciasse como a porra de um gato, eu o faria. Eu ronronaria para ele.

O beijo fica mais lento e posso sentir sua retirada antes mesmo de acontecer.

— Ford, por favor, não pare.

Ele tira as mãos do meu rosto e as apoia na parede atrás de mim antes de deixar cair a cabeça na curva do meu pescoço. Minhas mãos vagam suavemente pela parte de trás de sua cabeça enquanto ele espalha beijos no topo do meu ombro, fazendo meu corpo ficar arrepiado.

— Eu deveria.

— Você não deveria — respondo, passando os dedos pelos seus cabelos como já o vi fazer tantas vezes antes.

— Eu tenho que parar. Você sabe que isso não é certo.

— Por quê?

Sua cabeça vira agora e ele olha para mim. Meu corpo treme sob o peso dele, e seus olhos estreitam-se como se ele tivesse notado. Ele não perde nada.

— Por que você está olhando assim para mim?

Suas mãos permanecem apoiadas em cima de mim e estou praticamente montando em sua perna. Ele enjaulou-me e estou feliz por ficar exatamente onde estou. Mesmo com seu olhar verde ameaçador perfurando-me.

— Rosie, eu disse para você se certificar de que estava solteira na próxima vez que me perguntasse isso.

Oh, Deus. Ele não sabe.

— Eu... — Balanço a cabeça, olhando para ele. Ele me beijou. Danem-se as consequências. Minha voz treme. — Eu estou.

— O quê? — Ele afasta-se da parede e dá um passo para trás.

— Eu não pensei que você não soubesse... é por isso que Ryan teve um dia ruim.

Ford estremece com a simples menção de seu nome e passa as duas mãos pelos cabelos, parando apenas quando segura a nuca, os cotovelos ainda para cima. Seus lábios estão inchados e seus olhos estão torturados. — Jesus. Eu não fazia ideia.

— Você me beijou de qualquer maneira. — Levanto a mão aos lábios e passo um dedo sobre eles. Juro que ainda posso senti-lo ali.

— Eu beijei.

— Você está arrependido agora?

O silêncio entre nós é ensurdecedor. Sua mandíbula estala enquanto seus molares rangem. E então: — Não.

Mas ele não fica comigo por muito tempo – ele vira-se e começa a afastar-se.

— Aonde você está indo?

— Desculpar-me com o otário — ele grita por cima do ombro.

— Por quê? Achei que você não estava arrependido?

Ele faz uma pausa, com a mão pressionada contra o canto do prédio, considerando. Seus olhos voltam para os meus, quase violentamente. Todo o meu corpo formiga. — Vamos chamar isso de minhas condolências então, porque qualquer idiota o suficiente para estragar tudo com você quando está livre, está tendo um dia ruim.

— Você vai voltar depois?

Ugh. Eu odeio perguntar isso em voz alta. Pareço *desesperada* e tão diferente de mim mesma.

Ford baixa meu olhar agora, como se houvesse algo terrivelmente interessante em suas botas. — É esse o problema, Rosie. Eu tornei

you my employee and I know you need this job. There is nothing free and clear about us.

Then his fingers hit the vinyl and he disappears.

Leaving me more confused about him than ever.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Ford

Ouço Willa antes de vê-la. Passos pesados e um bocejo alto precedem sua entrada na cozinha. Minha irmã não é uma pessoa matinal.

— Porra, este lugar é muito legal — ela diz enquanto olha ao redor da cozinha. Não posso deixar de sentir uma centelha de orgulho. Antes um pouco rústico, um pouco degradado. Agora é só janelas que se abrem para o lago, pisos largos, tetos com vigas de madeira e luminárias industriais.

— Parece um lixo total visto de fora — ela acrescenta por trás do punho enquanto cobre outro bocejo. — Mas aquela cama de hóspedes é incrível.

Eu zombo e balanço a cabeça enquanto aponto para ela um bule cheio de café. — Não parece um lixo. Eu queria manter o exterior de madeira recuperada.

Ela balança as sobrancelhas para mim. — Aposto que foi mais caro do que revestir a casa de novo.

Tudo que eu retribuo é revirar os olhos. Foi *mais* caro. Mas aquelas tábuas verticais desgastadas pelo tempo carregam caráter demais, *histórias demais* para serem simplesmente derrubadas ou cobertas.

Gosto que a casa seja despretensiosa. Gosto que pareça que pertence ao deserto das Montanhas Rochosas.

— Você pode me deixar este lugar em seu testamento? Eu amo isso. E nós dois sabemos que vou viver para sempre. Tenho muita

energia para morrer. — Ela aproxima-se da longa ilha da cozinha com um sorriso travesso, deslizando até o balcão de pedra preta. — Você, por outro lado...

— Bom, Wils. Mas não estou morrendo. — Embora eu sinta que posso estar depois de passar a noite toda dormindo.

Ela olha por cima da borda da xícara de café, tomando um gole pensativo. — Não, mas aposto que West matará você com as próprias mãos se ele descobrir que você estava ficando com a irmã mais nova dele ontem à noite.

Porra. Ela nos viu?

Olho para Willa, desejando que meu rosto não revele nada. — Rosie é uma amiga e funcionária. Não invente histórias.

— Oh, sim? Empurrá-la contra a parede e enfiar a língua na garganta dela é como você verifica seus e-mails?

Ou há uma citação realmente importante de um subcontratado escondida ali?

Foda-se. Ela viu mesmo.

Passo a mão cansada no rosto. — Parece que eu deveria cobrar ingresso pelo tempo que você assistiu.

Ela ri disso com um balançar moderado de cabeça. — Você pode tentar, mas tenho um desconto para família.

Minha mão permanece agarrada à minha barba por fazer enquanto olho para minha irmã. — Como Cade aguenta você? — No que me diz respeito, o marido dela deveria ser nomeado para a santidade.

Ela sorri ainda mais agora. — Ele não aguenta. Ele apenas segura sua vida e vem junto para o passeio.

Não posso deixar de rir enquanto apoio minhas mãos na beirada do balcão e abaixo minha cabeça. Fiquei louco a noite toda.

Eu devo? Não devo? Posso? Por que não posso?

— Como está Cade? As crianças? — Eu nem sequer olho para ela enquanto digo isso. Não posso.

— Eles estão ótimos. A vida é ótima. Achei que estava chateada com você por me fazer arrastar minha bunda até aqui para criticar você antes que mamãe e papai pudessem fazer isso primeiro. Mas, honestamente, isso é muito mais divertido do que eu esperava. Adoro ver você confuso. É muito gratificante para mim, como uma criança caótica e sem nenhum senso de direção.

Meus ombros tremem.

— Você nunca foi tão compreensível.

Eu me levanto, meus olhos encontrando os da minha irmã. — Você é um verdadeiro conforto, Willa. Obrigado pelas amáveis palavras.

— Você não precisa de palavras gentis. Você precisa de um chute na bunda.

— Eu sei, eu sei. Eu não deveria ter feito isso.

Seus olhos arregalam-se e sua xícara de café bate no balcão enquanto ela a coloca na mesa com um pouco mais de força do que o necessário. — Oh, meu Deus, Ford! Você é tão burro. Você está apaixonado por aquela garota desde que era adolescente. Você absolutamente deveria ter feito um movimento.

Eu zombo. — Não estou apaixonado por ela desde essa época.

— Você está.

— Isso não é verdade, e nós dois sabemos disso. Você provavelmente era muito jovem para entender que eu odiava Rosie.

Ou pelo menos meu disfarce era que odiava.

Willa balança a cabeça e pega o café novamente, como se estivesse profundamente decepcionada comigo. — Você não a odeia. Você nunca odiou. Você odeia pensar que não pode tê-la.

— Profundo. Exceto que eu não apenas penso isso. Eu sei.

— Quem disse isso a você? Rosie falou isso?

Inclino o pescoço, fingindo esticar-me para ganhar um momento para escolher minhas próximas palavras. — Sou amigo de West há...

— Perdoe meu francês, mas foda-se West.

— Desculpe?

— Não, sério. Você nunca estranhou por eu namorar um cara. Não andou por aí como se tivesse algum tipo de direito sobre meu corpo ou minha vida.

— Nunca imaginei que você conheceria alguém louco o suficiente para conquistá-la — murmuro alto o suficiente para que ela me ouça.

— Se eu tivesse contado que estava namorando West, o que você teria feito?

Eu a olho nos olhos. — Investiria na construção de um abrigo antiaéreo de última geração, porque vocês dois juntos certamente provocariam algum tipo de evento nuclear.

O que recebo em troca é um revirar de olhos exasperado. — Sério, você ficaria bravo com West? Você está realmente dizendo que seu melhor amigo – que detém esse título há literalmente anos – não seria bom o suficiente para namorar comigo? O que isso diria sobre você?

Meus olhos voltam-se para a escada e espero desesperadamente que esta não seja a primeira manhã de sábado que Cora decida não dormir até mais tarde.

— Quero dizer, sim. Eu levaria um minuto para entender isso, porque vocês dois são quase como uma família para mim. Mas não, eu não teria ficado bravo.

— Legal, estou tão feliz por *quase* ser como uma família — ela brinca. E depois: — Então você não teria se sentido traído?

Passo as mãos pelos cabelos, puxando-os, e depois os coloco atrás da cabeça. — Não. Quero dizer, talvez se vocês estivessem se esgueirando e não me contassem.

Ela dá um tapa no balcão. — Bem, ótimo. Aí está sua resposta.

É mais complicado do que isso. Conhecendo a situação de trabalho que Rosie acabou de fugir, conhecendo sua situação financeira, sabendo que a tenho com um contrato e tudo mais... parece nojento ir atrás dela.

E por mais que eu entenda o que Willa quer dizer, ainda me sinto culpado no que diz respeito a West.

— Acho que há um pouco mais do que bater na porta de West e dizer a ele que estou apaixonado por sua irmã. — As palavras saem antes que eu possa impedi-las. Antes que eu possa pensar sobre elas. Antes que eu possa processá-las.

— Oh, garoto. Eu realmente gostaria de poder comprar passagens para as próximas semanas em Rose Hill. Infelizmente, o rancho está muito ocupado nesta época do ano. Então, vou sair com minha sobrinha antes de ir embora esta tarde. Talvez você devesse nadar ou algo assim. Descobrir sua merda.

Então ela se levanta e vai embora. Ela está na base da escada, com uma das mãos no corrimão de ferro forjado, quando para, gira e marcha de volta até mim, colocando o café no balcão.

— Eu sei que digo que você é horrível e chato o tempo todo, mas não estou falando sério. Você é um bom homem, Ford. Não pense demais na infelicidade. Vá atrás *exatamente* do que você deseja, para variar. Eu amo você. — Ela envolve-me em um abraço raro – um que eu não sabia que precisava.

E eu a abraço de volta. — Obrigado, Wills — murmuro. — Eu também amo você. É por isso que você é a única beneficiária dos meus bens e propriedades.

— Foda-se, sim. — Ela ri das palavras e aperta-me com mais força. — Mas não morra ainda, ok? Morrer jovem acabaria com seu lado chato.

A porta do celeiro que virou escritório range quando entro no espaço. Willa sugeriu nadar, mas entre o bar da cidade, o Gramophone, e esse lugar, sinto que estou afogando-me. Então, trabalhar algumas horas em um escritório finalmente quase organizado é o que vai fazer-me sentir melhor.

O espaço transformou-se completamente nas últimas semanas. Rosie não estava errada sobre Bash. Ele trabalha com eficiência e não atrapalha. Tivemos que trabalhar na minha casa por alguns dias aqui e ali, quando ele estava profundamente reformando, mas a maioria das coisas tem funcionado sem problemas, apesar da constante carranca no rosto de Bash.

As portas deslizantes do celeiro foram reformadas com vidro e penduradas em novos trilhos. Prateleiras embutidas foram montadas nas paredes. Nova iluminação cabeada. Até a lareira de pedra exposta parece ter ganhado nova vida.

Mas é o que está do outro lado da lareira que me faz parar. Rosie está dormindo profundamente, enrolada de lado no sofá de couro. Ela colocou as mãos sob a bochecha e puxou os joelhos para cima como se estivesse com frio.

Fico aqui, congelado, perguntando-me o que fazer a seguir. No fundo, estou morrendo de vontade de deslizar atrás dela. Para enrolar-me em torno dela e mantê-la aquecida. Poderíamos passar o sábado inteiro deitados juntos ouvindo discos.

Realisticamente, eu sei melhor. Mas isso não me impede de perguntar-me o que ela está fazendo aqui, dormindo no escritório. Uma rápida olhada no meu relógio diz que são 7h e não é um horário absurdo para ela acordar. Então atravesso a sala, as solas macias dos meus tênis de camurça silenciosas no chão de madeira.

Quando me sento na almofada mais distante do sofá, ela se mexe, mas não acorda. Suas sandálias Birkenstocks estão jogadas no chão ali perto, e em seus pés estão o tipo de meia que você usaria para fazer uma marionete. Cinza e branco com uma linha vermelha.

Somente Rosie poderia tornar meias e sandálias fofas.

Estendo a mão para ela, minha mão envolvendo delicadamente seu tornozelo fino. Polegar esfregando contra o osso que se projeta ali. É preciso todo o controle para não rastejar na curva deste sofá e segurá-la. Seria caloroso e aconchegante e completamente inapropriado.

Reprimo um gemido e olho para seu lindo rosto. Seus cílios tremulam e seus lábios curvam-se suavemente antes de rolar de costas e forçar as pernas retas em um alongamento. Um que tem os pés empurrando minha perna, ela solta um suspiro assustado.

Seus olhos se abrem e uma mão pousa no centro do peito enquanto ela me olha com uma expressão de choque. — Foda-me. Eu não esperava que você estivesse sentado aí.

— Desculpe. — Minha voz sai áspera, como cascalho. — Eu estava tentando acordar você gentilmente. Vim para fazer algumas horas de trabalho.

Suas mãos cobrem o rosto e ela o esfrega algumas vezes, como se tentasse se orientar. — Por que você está trabalhando no sábado?

— Não há descanso para os ímpios. — Continuo acariciando seu tornozelo, embora agora esteja apoiado na minha coxa. — Você deveria saber, você dormiu aqui.

Suas mãos afastam-se dos olhos, mas pousam em suas bochechas, envolvendo seu rosto enquanto ela olha para mim. Olhos azuis claros como flechas no meu coração.

— Não parecia certo dormir no mesmo quarto que Ryan.

Sou atingido por uma sensação instantânea de alívio.

A frase paira no escritório silencioso entre nós. Nós dois sabemos o significado, mas nenhum de nós elabora. Nós dois sabemos o que aconteceu ontem à noite, mas nenhum de nós diz nada sobre isso. Pedi desculpas a ele, mas não por beijá-la.

— Quando ele vai embora? — pergunto.

Sua língua passa pelos lábios e ela desvia o olhar antes de sentar-se. Ela leva o pé consigo enquanto recua, e percebo que sinto falta do contato.

— Hoje.

Tudo o que posso oferecer é um aceno de cabeça. Eu não sei o que dizer. Saber sobre ele não me impediu de beijá-la ontem à noite. E saber que acabaram não diminui meu desdém pelo cara.

Existem alguns bons motivos pelos quais eu não deveria ter beijado Rosie Belmont na noite passada.

Mas Ryan não é um deles.

E me recuso a me arrepender de ter beijado Rosie.

O que não significa que eu não reconheça que isso não possa acontecer novamente. Um chefe com mãos errantes em sua jovem carreira provavelmente é mais que suficiente.

Ela suspira enquanto torce as pernas, os pés pousando no chão enquanto ela gira os ombros. — Ugh. Dormir em sofás não é tão legal como costumava ser.

— Você poderia ter dormido na minha casa — respondo.

Ela responde com um olhar impressionado. — Sim, claro. Isso teria sido ótimo para a ótica com a qual você está tão preocupado.

Estremeço e olho pelas janelas, observando a neblina pairando sobre o lago. Penso em West, mas Willa está certa: isso poderia ser administrado. Acima de tudo, penso no fato dela ser oficialmente minha funcionária. Fui eu quem elaborou toda a papelada formal e agora existe uma dinâmica de poder, embora eu desejasse que não existisse. E logo após a bagunça em seu último emprego, não quero ser outro Stan em sua vida.

— Sinto muito por ontem à noite.

Rosie solta uma risada e me dá um soco no ombro. — Eu não sinto, seu idiota. — Ela se levanta do sofá e se inclina, com a mão no meu ombro enquanto sussurra em meu ouvido: — E sei que você está

mentindo.

Quando me viro para encará-la, nossos lábios aproximam-se. Muito perto. Abaixo meu olhar para sua boca e vejo sua língua deslizar para fora em um movimento lento, mas sutil. Quase tropeço, correndo para levantar-me também. Correndo para me afastar dela.

Correndo para impedir-me de fazer algo pelo qual não vou me arrepender nem um pouco novamente.

— Não podemos fazer isso de novo — eu digo.

— Oh, não? — Ela cruza os braços e inclina a cabeça, torcendo os lábios como se estivesse confusa. A expressão é totalmente falsa. Seu cabelo está bagunçado por causa do sono, mas deixe que Rosie não se importe. Ela poderia usar um saco de papel e ainda andar por aí como a princesa dona do lugar.

— Não.

— Você está dizendo que nunca mais vai me beijar? — Estremeço como se West pudesse ter uma orelha pressionada contra a porta, então espelho sua posição e cruzo os braços enquanto nos encaramos. — Isso é o que estou dizendo.

Seus olhos se estreitam. — E se eu pedir?

— Não.

— E se eu implorar?

Posso sentir o rubor em minhas bochechas e, a julgar pela forma como o olhar de Rosie voa para o lado, ela também pode ver.

— Não.

Ela balança a cabeça, apertando os lábios como se estivesse impressionada com minha contenção. — Tudo bem. O que quer que você diga, chefe.

Enquanto ela calça as sandálias de couro, começo a entrar em pânico. Porque eu a conheço muito bem. Ela é determinada e bagunceira. E ela não recua. Do ponto de vista dela, acabei de agitar uma bandeira vermelha na frente dela.

Eu não a avisei. Eu a *desafiei*.

— Rosie. Não é seguro.

Ela está na porta quando se vira para mim, as mãos pressionando a madeira atrás dela. — O que não é seguro?

— O que aconteceu ontem à noite. Você e eu. Há West. Eu sou seu chefe. Você merece um ambiente de trabalho seguro. E não... uma aposta segura.

Ela balança a cabeça, mas o movimento é cheio de agitação com a menção de seu irmão. — Certo, bem, eu deveria dizer adeus à minha *aposta segura* antes que ele vá embora. — Ela lança um olhar de perigo com seus olhos azuis. — Vejo você segunda-feira.

Então ela sai pela porta sem dizer mais nada.

Eu não trabalho de jeito nenhum. Visto meu calção de banho e torturo-me no lago frio, nadando entre o cais novo e o cais de Rosie. E eu juro que posso sentir o olhar dela em mim o tempo todo.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Rosie

É segunda-feira. Ryan foi embora. Willa foi embora. E estou obcecada pelo estúpido e mal-intencionado Ford e em como agir perto dele, agora que sei que ele quer me beijar, ao mesmo tempo em que aceito o fato de que quero *ser* beijada pelo estúpido e mal-intencionado Ford.

Minha menstruação também deve começar a qualquer momento, e sinto como se minhas entranhas estivessem tentando sair do meu corpo pela parte inferior do abdômen.

Basicamente, meu espaço mental é um lixo e meu corpo é um traidor.

Então, como qualquer jovem profissional madura faria, recorro a descontar em meu chefe e assediá-lo por e-mail. Digo a mim mesma que é permitido, porque ele forçou minha mão ao se recusar a fazer contato visual comigo do outro lado da sala.

Bom dia, Sr. Grant Jr.,

Recebi oficialmente a resposta de três especialistas que podem vir completar a cabine de gravação. Seus preços e prazos estão detalhados na planilha anexa, com minhas opiniões totalmente pouco profissionais anotadas nas margens. Na verdade, um cara não é confiável. Ele pediu que eu comprasse pedaços de frango para o almoço todos os dias (o que, justo, eu adoraria também), mas apenas as coxinhas, não as asas. É alarmante, porque as asas são claramente o pedaço de carne superior. Para mim, isso prova que ele não tem o mínimo de bom gosto e, como tal, eu não o deixaria chegar perto deste lugar, porque finalmente está parecendo ótimo.

Espero que você tenha tido um domingo incrivelmente divertido.

Fazendo contato visual com você do outro lado da sala,

Rosalie Belmont

Gerente Comercial da Safety First¹⁴ Records

Quando ouço o e-mail do outro lado do escritório, tento não sorrir. Em vez disso, pego minha agenda e rabisco um pau na segunda-feira, para parecer que estou acompanhando algo particularmente importante.

O som de seus dedos no teclado volta para mim e, quando olho para cima, seus olhos estão focados na tela. Eu empurro o pau para fora do meu caminho e decido trabalhar para responder à conta de e-mail de informações da Rose Hill Records – a maioria das quais são cartas de fãs dignas de vômito para o bilionário mais sexy do mundo.

Bom dia, Rosalie.

Agradeço seus comentários sobre essas opções. Reservei um momento para digitalizar a folha anexa. Acredito que, como minha mascote de segurança e gerente comercial, você é mais do que capaz de selecionar o melhor candidato para este cargo. Certamente, o cara das coxinhas é um não – absolutamente não é confiável.

Tenha um dia feliz!

Ford Grant

CEO e produtor da Safety First Records

P.S.: Posso ver o pau que você desenhou em sua agenda daqui.

Meus olhos voam para onde a agenda moveu-se em direção ao canto da minha mesa. Ford observa abertamente agora. Suponho que ele possa ver isso com sua vantagem de altura. Ou possivelmente porque o tornei ainda mais ousado ao delineá-lo mais de uma vez. Dou de ombros, viro a agenda em espiral em minha direção, adiciono um respingo considerável de esperma saindo da cabeça e o mostro

para Ford.

Ele olha para mim sem expressão agora, mas juro que vejo sua bochecha se contorcer.

Eu lanço um sinal de positivo para ele e volto para meu e-mail.

Sr. Ford Grant Jr.,

Estou tão feliz que você gosta da minha arte. Eu chamo esta peça de “O Meu Chefe é Um”, tinta sobre papel, de Rosalie Belmont.

Cada gota do fluxo de porra adicionado representa as mentiras que ele conta a si mesmo.

Sinceramente,

Rosalie Belmont

Gerente Pau

Ele bufa uma risada, que é abruptamente coberta por uma mão e perde o contato visual. Voltamos a tocar nossos teclados e foda-se minha vida – hoje não poderia ser mais estranho se eu tentasse. Pego-me olhando para Ford, lembrando dele quando era adolescente.

Onde me tornei segura de mim rapidamente, ele demorou. Fisicamente, ele amadureceu lentamente, enquanto aos dezesseis anos eu poderia ter passado por vinte e dois. Emocionalmente, ele parecia distante e muitas vezes atrapalhava-se com as palavras perto das pessoas. Como filho de um famoso astro do rock, acho que ele poderia ter seguido um de dois caminhos: vida festiva ou desconfiado e retraído.

Ele era o último. Ele aprendeu como se proteger usando palavras e expressões faciais como armadura. Isso o fez parecer tranquilo, talvez até superior, mas agora vejo que foi uma demonstração de desconforto.

Onde eu era popular e extrovertida, ele era *tímido*.

É com essa revelação em mente que chego à caixa de entrada e analiso diversos e-mails. Um deles é um pedido de sua presença em uma arrecadação de fundos e um leilão silencioso para um incêndio devastador em Emerald Lake.

Sr. Ford Grant Jr.,

Você gostaria de participar deste evento em Emerald Lake em menos de duas semanas? Acredito que poder usar seu nome para fins de marketing seria realmente uma grande caridade. Quem não quer participar de um evento abafado com o bilionário mais sexy do mundo?

Respeitosamente,

Rosalie Belmont

Gerente Pau

Considero mudar meu cargo novamente, mas Gerente Pau soa maravilhoso, e o fato dele não ter respondido sobre minha arte deixou-me irracionalmente irritada com ele. Mesmo que ele esteja trabalhando. E eu deveria estar trabalhando. E sei que meus hormônios estão levando-me numa montanha-russa agora.

Então, envio do jeito que está.

Cara Gerente Pau,

Obrigado por passar isso adiante. Você pode confirmar presença para mim e mais um.

Tenha um dia feliz!

Ford Grant

CEO e Chefe Pau da Rose Hill Records

Pisco para a tela e leio o e-mail simples repetidas vezes. Procurando por um detalhe oculto. Algo que perdi. Porque quem ele

levaria para o evento como acompanhante?

Eu faço uma careta para ele, mas ele continua trabalhando, felizmente inalterado. Ele levanta-se, coloca um disco e recosta-se em sua mesa. Parecendo despreocupado enquanto reflito.

É possível que ele leve Cora.

Isso poderia ser fofo. Mas então considero o quão intensamente reservado ele é e decido que não iria expô-la dessa maneira. Seus pais eram extremamente cuidadosos com ele e Willa, e suspeito que ele seria igualmente protetor com Cora.

Começo a refletir cuidadosamente sobre a questão. Eu não tenho o direito de me importar. Mesmo assim, ele *me* beijou. E agora ele está me ignorando como se nada tivesse acontecido, porque ele está se sentindo culpado. Também percebo que ele não respondeu nenhuma vez à minha pergunta sobre estar solteiro.

Isso nunca me incomodou antes, mas agora incomoda. E se eu tiver que ficar sentada enquanto ele sai com uma modelo gostosa que não seria pega nem morta comendo um saco cheio de batatas fritas sozinha em uma doca frágil?

Ela provavelmente seria legal também – ela provavelmente seria trabalhadora e inteligente, tipo mil graus, além de ser extremamente gostosa. E isso só me faz odiar ainda mais a namorada imaginária dele.

Eu me pergunto se ele teria me beijado daquele jeito se... não, eu o conheço melhor do que isso. Ele *não* faria isso.

Estou olhando para ele agora. Braços cruzados. Toques intensos. Olhos como lasers.

Meu e-mail apita.

Rosie,

Você está juntando-se ao lado negro? Eu sinto que se você praticasse o suficiente, você provavelmente poderia me agarrar com força e me sufocar

com essa carranca.

Tenha um dia feliz!

Lorde Dark Ford Grant

CEO e Chefe Pau da Rose Hill Records

Vejo o e-mail, mas não respondo. Cruzo as pernas e inclino-me para trás, balançando os pés, enquanto finjo agir de maneira casual.

— Quem é sua acompanhante?

Achei que pareceria curiosa e não afetada. Foi assim que a frase soou na minha cabeça. Mas pareço mesquinha e acusadora, e ele deve ouvir, porque sua cabeça vira na minha direção. Seus olhos verdes ligeiramente oblíquos fazem meu peito doer, enquanto o rubor em suas bochechas me faz querer passar as unhas por sua barba áspera novamente. Seu suéter tricotado com gola xadrez aparecendo por baixo é casual, um homem da montanha sexy, nada engomado, bilionário, e não posso nem negar o quão gostoso ele é, o que me irrita ainda mais.

Ele levou-me de inconsciente para profundamente consciente e então deixou-me esperando. Então, agora, odeio Ford Grant mais do que nunca.

— O quê? — Ele parece adequadamente confuso.

— Para aquele evento em Emerald Lake? Quem você está levando? — Ele pisca e eu fico olhando. A música de fundo é o único som, e o ar entre nós borbulha como água fervente no fogão.

Então ele se levanta, sem dizer uma palavra, e dá a volta em sua mesa. Todo arrogante quando ele se aproxima de mim.

Ele tem uma expressão detestavelmente presunçosa no rosto quando apoia o quadril na minha mesa e diz: — Você.

Meu pé para de balançar. Ele diz a palavra tão claramente que quase não faz sentido para mim. Não se registra.

Sua testa franze e seus olhos caem para meus lábios. Mata-me quando ele olha para os meus lábios agora, porque eu sei o que ele pode fazer com eles – comigo.

— Eu?

Sua cabeça se inclina e seu olhar move-se por todo o meu corpo. Como se ele estivesse montando o quebra-cabeça, lendo minha linguagem corporal. Pegando cada pequena pista.

Desta vez, quando ele fala, sua voz é sincera, não mordaz. — Sim, Rosie. Não posso ir a um evento como esse sem minha Gerente Pau.

Mordo meu lábio inferior. Meus olhos ardem um pouco e sei que não é ele ou suas palavras. Eu sei que minhas emoções estão descontroladas porque estou a um dia do início da minha menstruação, de acordo com meu calendário. Eu sei que ele não disse nada especialmente gentil, mas o alívio que sinto é forte o suficiente para que precise de espaço.

— Legal. — Aceno com firmeza, levanto-me e vou em direção à porta como a covarde emocional que sou. — Esqueci meu... — Não esqueci absolutamente nada, mas estou procurando uma fuga. — Suéter na minha casa. Volto logo.

Sua testa franze novamente quando me viro e passo pelas portas deslizantes do celeiro. Aquelas que estão bem abertas, porque hoje está calor. Posso ouvir a preocupação em sua voz quando ele diz: — Vou almoçar. Quer alguma coisa?

— Claro, o que parecer bom — respondo, saindo no deck da frente.

Levo meu tempo caminhando de volta para minha casa. Eu até me sento no final do cais por um tempo, fervendo com todos os meus sentimentos. Então pego um remédio, pego um suéter completamente desnecessário e volto para o escritório. Preparada e pronta para uma luta.

Mas quando volto para minha mesa, não vejo nenhum Ford. No entanto, há um recipiente com asas de frango na minha mesa com

uma variedade de molhos ao lado.

Sem coxinhas. Apenas asas.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Ford

Posso ouvir o telefone tocando do lado de fora do escritório.

E quando entro, meu olhar pousa em Rosie enquanto ela levanta o fone e diz: — Bom dia, escritório de Ford Grant Junior.

Ela olha bem nos meus olhos enquanto faz isso.

Mas então ela estremece e pisca.

Eu a observo. Ela está usando um vestido simples de manga curta, azul como seus olhos, e coberto por uma pequena estampa de margaridas com pequenos centros amarelos. Ela combinou com botinhas de cowgirl brancas. Seu cabelo é natural e ondulado – só um pouco bagunçado.

Ela parece comestível.

— Gemma. — Sua voz sai com um leve soluço. — Que surpresa agradável.

Ah, que bom, minha mãe.

— Ah, sim, ele é um ótimo chefe. Sem queixas. — Ela balança a cabeça e depois ri baixinho. — Nós duas sabemos que posso lidar com ele. Realmente tem sido bom. Divertido até. — Seus olhos dirigem-se aos meus. Eles estão cheios de uma pitada de preocupação. Como se ela não quisesse que eu soubesse que ela está se divertindo trabalhando aqui.

Ela enrijece. — Não, nenhuma garota legal de cidade pequena esteve farejando-o.

Senhor, ajude-me. Fecho a porta e vou em direção à minha mesa.

Deixo cair minha bolsa de couro e me sento em minha cadeira para suportar os próximos minutos de minha mãe conspirando com meu canhão solto... o que quer que Rosie seja.

Gerente Pau está parecendo muito preciso, já que ela não apenas me gerencia, mas praticamente me conduz.

— Sim, aparência superior. E todos esses *humores*. Sério, quem consegue acompanhar?

Agora ela voltou a me encarar. Posso ouvir a voz da minha mãe, mas não consigo entender nada do que ela diz.

Olho para baixo e lá está outra página rasgada da mente caótica de uma adolescente Rosie Belmont. Pego o pedaço de papel e leio.

* * *

Esta noite, na festa na praia, vi Ford tentar falar com uma garota. Ela era fofa e, honestamente, teria sido um sucesso se ela tivesse ficado com ele. Ele está crescendo e estava fora do alcance dela. Ainda assim, ele esforçou-se tanto. Teria sido engraçado se meu constrangimento indireto não estivesse tão fora dos limites.

Ele não faz nenhum favor a si mesmo sendo tão sarcástico. E conhecendo Ford, tudo o que ele disse provavelmente beirava o insulto, então quase não a culpo.

Sua inteligência às vezes parece cruel. Eu gosto disso. Mas posso acompanhar. Algumas pessoas não conseguem. Ele precisa de uma garota que possa desafiá-lo. E eu poderia dizer que esta não estava à altura da tarefa.

Às vezes, acho que deveria deixar Ford me foder, só para que ele possa perder sua (suposta) virgindade. Posso não ter muita experiência, mas provavelmente mais do que ele. Talvez ele franzisse menos a testa se não tivesse que andar por aí com o pau intocado o tempo todo. Um pouco de prática não faria mal ao cara. Eu poderia mandá-lo de volta para a faculdade sabendo onde está o clitóris de uma garota e isso seria

basicamente filantrópico.

* * *

Um ataque de tosse toma conta de mim e cubro a boca, batendo a mão no peito algumas vezes para limpar a garganta e recuperar o fôlego. Quando olho para cima, Rosie parece o maldito gato de Cheshire com os lábios curvados para cima, sabendo o que acabei de ler. E pela primeira vez, suas bochechas ficam vermelhas.

— Eu não poderia concordar mais. Transar realmente o aliviaria — ela responde à minha mãe.

Porra, mate-me agora.

Esfrego meu cabelo, bagunçando qualquer aparência de estilo que ele pudesse ter quando cheguei.

As sobrancelhas de Rosie levantam-se. — Então, quando você chega ao orgasmo, você libera endorfinas? E isso faz você se sentir feliz? Bem, droga, Gemma. Não sou médica, mas com certeza vou lhe prescrever um orgasmo. Comprar uma revista para ele e mandá-lo para trás ou algo assim, sabe?

Passo o dedo pela garganta em clara ameaça enquanto olho para Rosie. Isso apenas a faz sorrir ainda mais.

— Espere. Você acabou de dizer que os orgasmos ajudam com... — Rosie morde o lábio e balança a cabeça. — Tudo bem, bem, você na verdade *é* a médica, então vou levar isso em consideração. Você quer que eu passe para Ford?

Rosie aperta os lábios para abafar uma risada. — Você só queria falar comigo? Que doce! — Outro aceno de cabeça e então: — Vou avisá-lo. Tchau, Gemma! Ah, e diga oi para o Senior por mim.

Com isso, ela desliga e olha para o fone por um momento antes de virar os olhos arregalados para mim. — Sua mãe é tão legal.

— Estou feliz que você acha que essa conversa a deixou *tão legal*.

— Eles estarão aqui na próxima semana. Isso é o que ela queria que eu passasse para você.

Pego minha confiável caneta de feltro Pilot azul e mastigo a ponta enquanto ligo o computador. Mastigar uma caneta é um tique nervoso do qual não consigo me livrar desde o colégio. Enquanto escrevo. Enquanto ouço música. Faz parte do meu processo neste momento. Apenas aceito isso.

Com base na caixa de pontas de feltro idênticas e novas em minha gaveta, quase abraço isso.

— Ela também sugeriu que uma — ela levanta as mãos entre aspas no ar — *liberação* pode ser benéfica para você e seu humor.

— Sim, eu ouvi essa parte. Obrigado por reiterar isso, Rosalie.

— Oh, bom, estamos de volta para Rosalie. Porque você não quer me foder, certo?

Clico nos e-mails não abertos na minha caixa de entrada. Não os estou lendo, mas posso fingir que estou.

— Tratamento silencioso. Muito original. Bem, nesse caso, devo deixar você ir lá para trás? Eu poderia arranjar para você uma velha *Playboy*? Aposto que West tem uma por aí. Ou agora existem sites onde tudo o que você deseja está ao seu alcance.

Talvez ela pare de falar se eu não me envolver.

Pelo canto do olho, vejo-a recostar-se na cadeira da escrivania. Não preciso de uma visão completa do rosto dela para saber que ela está realmente gostando disso.

— Você gostou do meu diário?

Aponto a caneta na direção dela, mas não digo nada e mantenho os olhos fixos no computador. Então volto a mastigar e a ignorá-la completamente.

Mas Rosie não aceita. Suas botas batem no chão. Ela dá a volta na minha mesa e inclina-se na borda, de frente para mim.

A Rosie de hoje difere da versão de ontem.

Ontem, ela parecia perturbada por eu ir a um evento com uma acompanhante. Era óbvio para mim que seria ela. Quem mais eu levaria? Ela pensou que eu iria beijá-la e fugir com outra pessoa?

Porque não, eu a beijaria e ficaria pensando nisso.

Atormento a mim mesmo. Isso é muito mais adequado para mim.

Eu recosto-me na cadeira, caneta na boca, e olho para ela. Não, hoje ela parece decidida a me torturar.

— Você está sendo estranho — ela diz.

— Rico vindo de você.

Ela cruza os braços e sorri, aproximando-se até estar na minha frente e eu não poder evitar seu olhar.

— Você já perdeu aquele cartão V irritante, Ford?

Eu engulo. — Perdi, Rosalie. Agradeço sua preocupação.

— Com quem? Você conhece um pouco da minha história de namoro. Agora quero saber sobre a sua.

— Não falo com meus funcionários sobre minha vida pessoal.

— Não estou perguntando como sua funcionária. — Depois que as palavras voam de seus lábios, ficamos nos encarando mais uma vez.

Então ela empurra meu teclado para trás, apoia as mãos na mesa e senta-se sobre ela como se estivesse preparando-se para a hora da história.

Ela estremece novamente, as bochechas contraindo-se em uma careta de dor.

— O que está errado?

— Meu corpo gosta de avisar sobre minha menstruação iminente, causando o tipo de cólica que pode me manter na cama o dia todo. Sua mãe disse que os orgasmos também podem ajudar nisso.

Mastigo minha caneta e concentro-me na bainha de seu vestido, na maneira como ele cai tão delicadamente sobre suas pernas

cruzadas. Eu rolo minha cadeira para trás para criar alguma distância.

— Você deveria ir para casa e descansar, então.

Ela ri e afasta-se. — Vou cuidar de mim mais tarde e ver se isso ajuda. Mas por enquanto, quero falar sobre você.

— Bash vai entrar e se perguntar por que você está sentada na minha mesa.

Sua cabeça inclina-se. — Achei que você estava verificando seus e-mails – ele foi chamado por causa de um incêndio. Ele vai mandar um pintor terminar o interior, vai confirmar data e hora. Agora conte-me sobre sua história de namoro.

Cruzo meu braço livre para não estender a mão e brincar com aquela porra de bainha frágil, a caneta batendo em meus lábios.

— Lembro da noite daquela anotação no diário. Perguntei àquela garota se ela estava lendo alguma coisa interessante. Ela disse que não era uma grande leitora.

Os olhos de Rosie brilham de alegria. Ela sabe.

— E acredito que zombei e disse: *Imagino*, ao que ela me lançou um olhar feio e foi embora.

— Sua mãe uma vez disse que se eu fosse para casa com um cara e não houvesse livros na casa dele, eu não deveria transar com ele.

Eu rio disso. — Ela disse a mesma coisa para mim. — Balanço a cabeça enquanto penso em minha mãe. O conselho que ela dá é estranho e direto e... nada errado. — Naquela noite, enquanto você dirigia para casa, perguntei o que você estava lendo.

Seus olhos se arregalam de interesse. — Não me lembro dessa parte.

— Você me contou sobre uma série de romance de fantasia de cinco livros que estava lendo com detalhes exagerados. Fingi que estava irritado. Mas fui e coloquei-o em espera na biblioteca assim que voltamos para a cidade.

Agora seus lábios se abrem. — Por favor, diga-me que era a Fever

Series.

Minha boca se contorce em um sorriso irônico e empurro minha cadeira de rodas para mais perto. Uma atração invisível entre nós. — Era.

— Você gostou?

Lembro de ler esses livros. Quase sempre imaginei Rosie lendo-os. Lembro do modo como suas mãos moviam-se enquanto ela dirigia e falava. West havia desmaiado no banco de trás e eu tive que lembrá-la de manter as mãos na posição *dez e dois*.

Sua resposta foi revirar os olhos e dirigir na estrada reta com o joelho.

— Sim, Rosie. Amei.

— Oh. De volta para Rosie, hein?

— Você disse que não era minha funcionária agora.

Estendo a mão e passo um dedo pela parte superior de seu joelho. Não sei por que faço isso. É infantil e desnecessário, mas não consigo me conter.

Seus olhos traçam o movimento, e então eu aliso o local com a mão antes de perder completamente o cérebro enquanto me levanto, agarro seu joelho e descruzo suas pernas.

Ela respira fundo, mas segue em frente como se nada tivesse mudado.

— Ok. Então, conte-me tudo. — Ela inclina-se um pouco para frente, suas coxas abrindo-se enquanto ela aproxima-se, os nós dos dedos quase brancos na borda da minha mesa.

Considero sua pergunta e brinco nervosamente com a bainha de seu vestido enquanto me aproximo. — Conheci uma garota no meu segundo ano de faculdade. Ela era inteligente e gentil, e nos divertimos juntos. Acho que namoramos por dois anos.

Seu nariz enruga levemente. — E?

Movo a bainha para cima de um lado, expondo um centímetro extra de pele. — E eu terminei com ela depois da graduação, quando ela queria morar junto.

— Você não queria morar com ela? — Sua voz parece tensa.

— Não — eu digo simplesmente.

— Por que não?

Porque ela não era você é o que está na ponta da minha língua. Mas digo: — Simplesmente não era certo. Eu não queria me acalmar — e levanto o vestido mais alto na perna oposta também.

Rosie engole em seco e balança a cabeça lentamente. — Ok, e então?

Suspiro e tento afastar-me dela, mas ela me cutuca com uma bota. Um desafio tácito para eu permanecer no lugar.

Sem recuar, engulo e me aproximo novamente, meus quadris contra seus joelhos. E então continuo conversando e testando os limites com a barra da saia.

— Depois namorei uma mulher por alguns anos enquanto dirigia Gin and Lyrics e trabalhava no Gramophone com meus parceiros de negócios. Mas quando o aplicativo se tornou público, tudo mudou. Foi um momento difícil para mim. Aprendi muitas lições valiosas sobre amigos e relacionamentos. Principalmente porque, quando quantias insondáveis de dinheiro estão envolvidas, as pessoas muitas vezes mudam.

— De maneiras que você não aprova?

Engulo em seco, mexendo no tecido fino como uma distração. — Eu não queria dar aos artistas uma plataforma apenas para arrastá-los e pagar-lhes uma ninharia. Tornei conhecidos meus sentimentos sobre a redução de seus royalties – de forma bastante pública – e minha opinião não foi apreciada.

— E isso relaciona-se com a namorada como?

— Eu gostaria de ser mais do que o número de zeros na minha

conta bancária para as pessoas da minha vida em quem escolho confiar.

— Então, você não confiava nessa mulher? — A confusão pinta seu rosto delicado e eu movo-me para afastar-me, mas seus pés disparam para frente e suas botas prendem-se na parte de trás das minhas pernas, puxando-me para mais perto. Impedindo-me de recuar.

A posição deixa o vestido pendurado entre as pernas agora abertas, cobrindo qualquer visão que eu possa ter. Ela está recostada sobre minha mesa. Isso aproxima-me mais do que deveria.

Perto o suficiente para que eu coloque a caneta atrás da orelha e estenda as mãos para frente, minhas mãos agarrando suas coxas nuas como se isso pudesse impedi-la de puxar-me para mais perto.

Então conto a ela o que não contei a mais ninguém.

— Não. Aprendi que não podia confiar nela. Ou nas pessoas com quem fiz negócios. Quando me ofereci para financiar pessoalmente os royalties dos artistas para compensar o corte, ela ficou muito preocupada com a *nostra* fortuna. Obcecada, realmente. — Eu zombo. — Como se isso tivesse feito alguma diferença. Felizmente, meu único parceiro de negócios e ex-amigo é um grande defensor de acumular seu dinheiro e foder com as pessoas. Pular na cama dele foi uma transição muito conveniente para ela.

Rosie suspira e observo uma série de emoções manifestando-se em suas íris azul-marinho. Primeiro vem o choque, depois a simpatia e depois a indignação. — Eu a odeio — ela diz.

Meus dedos pulsam em suas coxas e uma risada baixa sai dos meus lábios. Eu amo sua ferocidade. Sua lealdade. Mas eu não digo isso a ela. Em vez disso, digo: — Confio com moderação agora.

Seus dentes superiores mordem seu lábio inferior enquanto ela me olha atentamente. — Você confia em mim?

Observo minhas mãos em suas pernas nuas. Movendo-as para baixo sobre o topo das coxas até a curva atrás dos joelhos e depois voltando até ao ponto de partida. Então finalmente encontro seu olhar

cristalino. — Sim.

Ela respira fundo e acena com a cabeça. — Bom. Diga-me com quem mais esteve.

— Ninguém mais.

Ela gagueja. — Espere. O quê? É isso? — A descrença escorre de seu tom enquanto seus dedos flexionam na borda da mesa, lutando pelo controle.

Meu carinho transforma-se em massagem. Minhas bochechas estão quentes e meu pau está duro como uma rocha.

— É adorável que você pense que menos parceiros significa que fiz menos sexo. — Inclino meu rosto para o dela e digo: — Também é adorável que você me trate como se eu ainda fosse o adolescente desajeitado que era nos dias contados nas páginas daquele diário.

Ela cora e eu vejo isso espalhar-se por sua garganta. Pele rosada surgindo sobre o peito, expandindo-se sob o decote do vestido fino.

— Rosie — continuo, passando as pontas dos dedos pela parte de trás de suas pernas. — Acho que você pode ter confundido meu autocontrole e senso de integridade com falta de experiência ou interesse.

Ela faz um barulhinho ofegante que soa como um longo e prolongado *ha*, como se estivesse rindo muito de como estava completamente errada. Seu queixo cai e ela observa minhas mãos percorrendo sua pele. Arrepios aparecem no topo de suas coxas.

— Você está realmente dizendo que só esteve com duas mulheres?

Movo as palmas das mãos por cima de suas coxas. Nós dois observamos minhas mãos desaparecerem sob sua saia.

— Sim, mas eu só quis uma.

Eu a ouço engolir. Mas ela não responde. Essa percepção pode demorar um pouco.

— Uma que eu não posso ter, porra.

Eu ergo sua saia até a cintura abruptamente e ela engasga. Meus olhos mergulham na visão de suas coxas delgadas que levam até o ápice, coberto por uma peça tipo short branca e lisa.

— Oh, meu Deus — ela sussurra enquanto nós dois observamos a visão diante de nós.

Ela tenta apertar as pernas, mas tudo o que consegue é prender-me com mais força no lugar.

Eu não paro de tocá-la. Não consigo tirar os olhos da maneira como minhas mãos seguram suas coxas.

— Alguém que está deixando-me louco. Estremecendo a manhã toda como se estivesse com dor.

Tudo o que Rosie faz é ofegar e observar-me passar as mãos sobre ela. Nas laterais das coxas.

Mergulho as pontas dos dedos sob a linha do short, não o suficiente para ir a lugar nenhum. Apenas longe o suficiente para provocar.

Ela geme.

Já sei que estou planejando derrubar qualquer muro que tentei construir entre nós só para chegar até ela. Manter distância é absolutamente insuportável, e pensar que posso continuar com isso é quase uma ilusão.

— Devo ajudá-la a se sentir melhor, Rosie? — eu rosno as palavras, a frustração envolvendo cada uma delas. Meus polegares roçam a parte interna de suas coxas, dolorosamente perto de sua boceta.

Balanço a cabeça diante da minha total falta de controle.

— Eu disse a mim mesmo que iria ficar bem longe de você. Mas aqui estou eu, fazendo você abrir as pernas para mim na minha mesa e sonhando em foder você sem sentido.

Pensei que a tivesse deixado sem palavras, mas agora ela apoia-se nos cotovelos e ataca de volta. — Pode ser difícil foder-me sem

sentido, considerando que você ainda não descobriu onde está meu clitóris.

Agora meus olhos estão nos dela, lendo o calor neles. O desafio neles.

— É isso que você acha? — Sinto meu corpo mudar, respondendo à sua provocação. Meus olhos estreitam-se. Minha pele zumbe. Adoro que Rosie Belmont seja um desafio constante.

— Se eu não soubesse melhor, diria que você acha que está em algum lugar nas minhas coxas. Talvez eu realmente devesse ter ajudado você há tantos anos.

Eu sorrio e puxo a caneta de trás da orelha, os olhos fixos em seu centro. — Vamos ver o que consigo imaginar.

Eu caio de volta na minha cadeira e rolo entre suas pernas. Usando os dentes, tiro a tampa da caneta e inclino-me para mais perto. Rosie ofega quando coloco a palma da mão sobre sua barriga, mas quando olho para cima, seus olhos estão brilhantes e luminosos. Os lábios separaram-se em antecipação.

Então, eu continuo.

Seguro a caneta com a mão direita e faço meu primeiro traço.

Uma linha descendente, diagonal, em sua calcinha.

— Oh, Deus — ela murmura, balançando os quadris.

Eu sei que cruzei seu clitóris com base em sua reação.

— Fique quieta, Rosie. Eu odiaria falhar neste teste.

Prendo minha língua entre os lábios e cruzo minha primeira linha com uma linha ascendente. Eu a ouço cantarolar, sinto suas pernas tremerem enquanto ela luta para ficar parada. Então inclino-me para trás para olhar meu trabalho.

Quando ela olha para si mesma, ouço um *foda-se* murmurado entre suas respirações pesadas. Um X azul é desenhado sobre o tecido branco imaculado.

— X marca o local — resmungo, ambas as mãos segurando suas coxas abertas.

— Sim.

— Você está encharcando sua calcinha, Rosie — falo, virando minha caneta e arrastando a ponta cega e arredondada dela até a linha interna de sua coxa.

— Eu sei, eu sei. — Sua voz está ofegante quando me aproximo da costura de sua calcinha.

— Isso significa que acertei? — Dou outra olhada em seu rosto corado, mas tudo que vejo são luzes verdes, indicando que está tudo pronto para continuar. — Diga-me para parar, Rosie.

— Por favor, não pare, Ford — é a resposta dela. Porque é claro que ela tem que deixar-me louco a cada passo.

Sem pensar mais, a caneta mergulha sob o tecido. É apenas um toque. Eu roço sua boceta com cuidado, como se de alguma forma ela estivesse quebrando menos regras do que se eu enfiasse um dedo em sua calcinha.

Sua cabeça cai para trás e não consigo tirar os olhos dela. O muro que construí cuidadosamente desmorona. Desintegra-se.

Quando retiro a caneta, ela está molhada e brilhante. Jogo-a na mesa ao lado dela e fico de pé novamente, inclinando-me sobre seu corpo enquanto pressiono a marca da caneta com o polegar. Digo a mim mesmo que o algodão frágil que se estende entre nós torna isso de alguma forma menos depravado.

Mas a verdade é que nada nisso parece errado. Tudo sobre isso parece *certo*. Então eu vou com isso. Eu confio nisso.

Eu confio nela.

— Admita, Rosie. — Eu pressiono em círculos firmes e uniformes. — Encontrei na primeira tentativa, não foi?

Ela arqueia as costas agora, as mãos segurando meus ombros enquanto seus olhos ficam vidrados. Ela mantém os lábios fechados e

balança a cabeça desafiadoramente.

Eu rio e mudo para movimentos suaves para cima. Sentindo o tecido sob meu polegar ficar molhado. Sentindo a ponta dura de seu clitóris.

Eu sei que acertei. E sei que Rosie não quer admitir isso.

Mas tudo bem. Eu vou deixá-la ficar com isso.

Seus gemidos transformam-se em suspiros ofegantes. Suas bochechas mudam de rosa para vermelho. Volto para círculos firmes e lentos.

— Porra, isso é tão bom — ela murmura, com os olhos baixos enquanto observa-me trabalhar nela. — Isso não deveria ser assim... — Eu a interrompo aumentando meu ritmo.

— É exatamente assim que deveria ser.

Seu olhar fixa-se no meu e ela assente. Então sua respiração acelera. Observo seus grandes olhos azuis passarem de encapuzados a arregalados. Seus olhos sempre foram sua dádiva. Portanto, não fico nem um pouco surpreso quando ela suspira: — Ford! — enquanto suas costas arqueiam-se para fora da minha mesa e seus cílios caem.

Ela goza com meu nome nos lábios. Então ela cai de volta na minha mesa, ofegante, e passa um braço sobre o rosto enquanto eu continuo olhando para ela, toda lindamente desgrehada.

Isso vai se repetir na minha cabeça nos próximos anos. Um momento que imaginei por muito tempo. Tudo o que posso ver é como ela parecia perfeita quando gozou. Minha nova fantasia quando precisar relaxar.

É disso que preciso agora. Meu pau está desconfortavelmente duro contra o jeans rígido. E Rosie é muito mole e flexível.

Virou-se com muita facilidade e inclinou-se sobre esta mesa.

Então, eu inclino-me sobre ela, seguro sua cabeça e dou um beijo rápido em seu cabelo antes de entrar em uma zona da qual não haverá como voltar. Eu preocupo-me em atrapalhar minhas palavras.

Eu me preocupo em *enganá-la*.

A única garota que eu realmente quis.

Estou prestes a falar sobre isso, sobre *nós*, quando a voz do meu melhor amigo vem lá de fora.

— Ford! Tire sua bunda daí! Quero contar a você sobre a entrega de hoje! — Meu estômago embrulha e nós dois congelamos. West parece totalmente divertido. Mas eu não estou.

Os olhos de Rosie arregalam-se quando encontram os meus. O tempo para por alguns instantes. E então nós dois entramos em ação. Não é um desafio, já que ambos ainda estamos totalmente vestidos.

Eu abaixo sua saia e ela alisa o cabelo enquanto eu gentilmente a guio para ficar de pé. Mas uma simples olhada em seu rosto me diz que preciso impedir que West entre aqui a todo custo.

Rosie parece recém-fodida e meu pau está fazendo o possível para estourar através da minha calça.

Então, com um aceno firme para ela, eu ajusto-me e caminho até a porta para interromper o acesso do irmão dela e proteger nossa privacidade. *Não* é assim que ele deve descobrir.

Dou a volta no deck traseiro e quase bato nele.

— Uau. — Ele firma meus ombros com as mãos, um sorriso zombeteiro nos lábios. — Não esperava que você viesse correndo com tanta ansiedade.

— Idiota — murmuro, esperando desesperadamente que ele não se incomode em olhar para mim.

West aponta o queixo em direção ao escritório. — Vamos tomar um café. Conto sobre o meu dia.

Meu queixo estala e espio por cima do ombro. — Não podemos. Rosie está trabalhando lá. Deixe-me pegar minha carteira e podemos fazer uma viagem até a cidade. Eu preciso comprar algumas coisas de qualquer maneira.

— Sim, legal — é tudo o que ele diz enquanto volta para o

estacionamento com um passo satisfeito e arrogante.

Volto para o escritório e encontro Rosie sentada em sua mesa, como se nada tivesse acontecido. Seus olhos movem-se do meu rosto para além de mim, claramente procurando por seu irmão.

— Ele saiu?

Concordo com a cabeça e caminho até minha mesa – a cena do crime – e pego minha carteira que ainda está em cima. — Sim. Vou para a cidade com ele. Eu tenho... algumas coisas para fazer.

— Ah, *coisas*?

— Sim.

— É assim que as crianças estão chamando hoje em dia? — Quando olho para ela do outro lado da sala, ela levanta a mão e finge masturbar-se enquanto inclina a cabeça para mim.

Normalmente, eu riria. Mas sinto-me culpado.

Não gosto de fugir dela depois do que aconteceu. Mas a verdade é que, da forma como meu cérebro funciona, preciso de tempo de processamento. Preciso de um tempo para pensar melhor. Preciso afastar West dela, porque como realmente me sinto é terrivelmente territorial quando se trata dela.

Rosie sabe como eu trabalho. Ela me entende de uma maneira que não tenho certeza se alguém já entendeu. Ela não tenta me impedir – ela apenas ri e continua bombeando um pau invisível como forma de provocação.

E quando chego à porta, ela chama-me presunçosamente: — Você ainda errou o lugar, Junior. Acho que você terá que tentar novamente algum dia.

Eu viro e olho para ela, todo confuso e totalmente cheio disso. Ela sabe exatamente como pressionar minha veia competitiva. — Claro, Rosie. Isso seria muito mais verossímil se eu não tivesse apenas visto você gozar na minha mesa.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Rosie

Ford não volta.

Algumas garotas podem ficar ofendidas. Mas eu? Com ele? Estou apenas me divertindo.

O homem pode ser capaz de encontrar um clitóris com uma precisão arrepiante, mas aposto que ele está por aí, em algum lugar, puxando o cabelo e pensando demais nas coisas. É encantador. Refrescante. Decido que vou me sentar e observá-lo surtar por um tempo. Se o que ele disse sobre mim, sobre me querer, é verdade, então não preciso continuar. Se conheço Ford – e irritantemente, eu conheço – ele está enlouquecendo agora enquanto tenta parecer que está com tudo sob controle.

Uma coisa que sempre admirei nele é seu senso de integridade. Ele tem sido um amigo fiel do meu irmão, mas também um amigo fiel (embora relutante) para mim de várias maneiras. Ele não aceitaria turvar essas águas levemente.

Apesar de seu exterior indiferente, ele preocupa-se. E não quero aumentar suas preocupações. Eu só quero... bem, quero mais orgasmos na mesa dele.

Então, na hora do almoço, volto para meu barracão de merda para fazer um sanduíche e dizer oi para o rato que tenho quase certeza de que veio morar comigo. Meu humor só melhora pelo fato de minhas cólicas terem praticamente evaporado.

Primeiro, troco minha calcinha. Então retiro o peru e o pão. Depois de fazer meu sanduíche, jogo alguns pedaços de crosta no chão para o rato, decidindo que deveria escolher um nome para ele, e

depois vou até meu cais para almoçar com a vista.

Só consigo terminar metade quando meu telefone toca dentro da minha bolsa. Quando coloco meu sanduíche no colo para responder, meu peru com centeio cai no lago. À medida que afunda, fico olhando para ele com tristeza.

Só nessa época do mês eu poderia chorar por causa de um sanduíche perdido. Eu simplesmente mudei minha vida e fui embora com um sorriso. Aquela noite no cais com Ford foi a única vez que desabei.

Mas aquele sanduíche estava muito bom. E estou com tanta fome.

Não reconheço o número na tela. Perguntando-me se poderia ser um empreiteiro, respondo e tento não parecer irritada.

— Olá?

— Rosie?

Olho para a tela novamente, franzindo as sobrancelhas. — Cora?

— Sim — ela suspira a palavra como se estivesse exausta.

— O que está errado? Onde você está?

Eu já estou de pé. *Preocupada.*

Cora abaixa a voz para um sussurro. — Tive problemas na escola. — Ouço um farfalhar no receptor, como se ela estivesse erguendo a mão para bloquear o som. — Acho que a escola chamou Ford. Mas ele é tão tenso às vezes. E eu só... você pode vir?

— Estarei aí em dez minutos.

Ouço seu suspiro de alívio.

— Mas Cora?

— Sim?

— Ford pode parecer tenso para você, mas você precisa saber que, por trás de tudo isso, ele está torturando-se pensando em como fazer tudo certo para você. Com ele, tudo está nas ações.

— Você acha? — Há tanta esperança em sua voz.

Mesmo que ela não possa me ver, aceno com a cabeça enquanto vou em direção ao meu carro. — Eu *sei* disso.

* * *

Se eu pensava que esperar pela saída do lado de fora era uma lembrança do passado, andar pelos corredores da minha antiga escola secundária é uma imersão total na nostalgia.

Nostalgia extrema. Uma caminhada não consensual pela estrada da memória. Eu gostava da escola, mas preferia socializar. Nenhuma das minhas melhores lembranças está aqui. Embora eu espie o armário exato que testemunhou meu primeiro beijo.

Vou direto para o escritório. É familiar, porque muitas vezes eu tive que sair da escola, atravessar o campo e esperar que West terminasse sua detenção enquanto conversava com os simpáticos administradores.

Quando viro o corredor, vejo que Ford já está aqui. Cora está sentada em um banco, com a cabeça baixa. Um fluxo constante de lágrimas escorre por seu rosto e imediatamente sinto vontade de dar um soco em alguém. Com o polegar na posição certa, porque enganaram-me uma vez.

Eu decido ficar para trás. Ford está agachado na frente dela, os cotovelos apoiados nos joelhos enquanto as mãos balançam entre eles. Será que eu seria eu mesma se não parasse um momento para apreciar o quão lindo seu jeans escuro fica esticado sobre sua bunda redonda e coxas musculosas? Um flash dele entre minhas pernas, olhos queimando, bochechas coradas, pau duro, atinge-me. Cada vez que ele coloca a língua entre os lábios, eu derreto. A maneira como ele concentra-se em uma pessoa quando ela chama sua atenção é como uma droga. A maneira como senti-me com seus olhos em mim, suas mãos em mim. Há uma intensidade, uma intencionalidade em tudo o

que ele faz.

Posso ver por que as pessoas disputam sua atenção. É viciante. E acho que sou viciada em chamar a atenção dele desde criança.

Estou apenas percebendo que tive isso o tempo todo.

Os lábios de Cora movem-se e posso ouvir o tom profundo de barítono da voz de Ford enquanto ele responde. Ela parece tão pequena, tão arrasada.

Eu sei que ele não tem certeza de como agir perto dela, mas, Deus, quero dar uma sacudida nele agora.

Abrace a garota, seu idiota estúpido!

Quando ele finalmente estende a mão e esfrega o ombro dela, ela desaba. Ele finalmente toca nela.

Ele inclina-se para frente e fica ajoelhado diante dela, alto o suficiente para deixá-los cara a cara.

E então ele a abraça.

Ele envolve a filha com os braços vestidos com jaqueta jeans e a segura enquanto ela funga em seu braço.

Meus olhos lacrimejam. Isso me dá vontade de chorar muito mais do que pelo meu sanduíche afogado. Recuo pelo corredor para recompor-me antes de enfrentá-los. Eu não deveria estar olhando para eles e definitivamente não quero ir até lá e adicionar minhas lágrimas hormonais ao momento deles.

Porque é o momento *deles*.

Respiro fundo e conto até dez. Balanço os ombros, fungo e limpo os cantos dos olhos para ter certeza de que não há lágrimas.

Então dou um passo para trás, virando o corredor. Ford ainda está ajoelhado, agora enxugando as lágrimas do rosto manchado de Cora, e não são meus olhos que explodem. São meus ovários.

— Não quero que você se preocupe com isso — ele murmura. — Eu sempre estarei apoiando você, certo? Nunca questione isso.

Foda-se, eu deveria ter ficado no corredor um pouco mais.

Cora me vê e abre um sorriso vacilante, que atrai o olhar de Ford por cima do ombro. Seus olhos arregalam-se, revelando sua surpresa ao me ver aqui.

Cora olha para ele. — Desculpe, eu liguei para ela.

Ford olha entre nós e não consigo identificar sua expressão. Se eu não conhecesse melhor, diria que parece saudade.

Ofereço um aceno estranho, seguido por um estridente — Oi.

Lembra de mim? A garota com tinta azul na calcinha?

— Ei — ele responde, fazendo força para levantar-se. E agora ele está com uma expressão que reconheço.

Alívio.

Ele está aliviado por eu estar aqui e isso acende uma faísca quente e pegajosa em meu estômago. Dou um passo à frente, decidindo que é mais seguro manter minha atenção em Cora. Mas quando Ford estende a mão e faz um círculo com a palma da mão na parte inferior das minhas costas, ainda tremo.

Sigo em frente, agachando-me para abraçar a garota que considero uma amiga. — Olá, minha pequena nuvem de tempestade. Como vai?

Ela funga, mas acena com a cabeça no meu ombro. — Melhor agora.

Agora é minha vez de fungar enquanto tento aliviar a dor no peito. — Bom. Quem eu preciso matar?

Suas sobrancelhas franzem quando eu me afasto para olhá-la nos olhos. — Você nem sabe o que aconteceu.

Dou de ombros. — Você está chateada. Isso é tudo que preciso saber por enquanto.

Ela espia Ford – seu queixo está estalando, seu rosto assassino. — Acho que Ford vai matá-lo primeiro.

Eu zombo e aceno com a mão entre nós. — Por favor, ninguém pode pagar a fiança de Ford. Terei que cometer o crime e Ford precisará trazer o dinheiro. Isso é o que acontece quando você é o bilionário mais bem-sucedido do mundo.

Cora dá uma risada suave, seus lábios contraindo-se enquanto ela passa as costas da mão no nariz.

— Sr. Grant? — Uma mulher com cabelos curtos e grisalhos coloca a cabeça na lateral da porta. — O diretor Davidson pode recebê-lo agora.

Ele levanta a mão em um aceno amigável, mas assim que ela sai, ele murmura: — Já era hora, já que foi ele quem me chamou aqui.

Pressiono meus lábios em uma linha firme para não sorrir. Porque Ford está *bravo*, e sempre sinto um arrepio no peito quando ele está assim. Provavelmente é diagnosticável, mas não me importo.

— Eu ficarei com você, Cora — eu digo.

— Não. — Ela balança a cabeça. — Você vai com ele. Estou bem.

— Cora... — Ford tenta protestar.

— Não — ela o interrompe. — Vão juntos. Policial bom, policial mau, ou algo assim. Estou bem.

Olho para Ford e dou de ombros.

Ele revira os olhos. — Tudo bem, tanto faz. Quem sou eu para resistir? Vocês duas já comandam meu show.

Quando ele se vira, eu o alcanço e inclino-me. — Você vai apresentar-me como sua gerente pau?

Ele inclina a cabeça em minha direção, sem fazer contato visual quando entramos na recepção. — Não sei — ele sussurra enquanto passamos por alguns cubículos. — Você vai apresentar-me como seu gerente de clitoris?

Pega de surpresa por sua piada grosseira, solto uma risada pouco antes de pararmos em frente à porta de um escritório que está rotulado como *Diretor Davidson*.

Eu nos conduzo de volta ao território neutro, já que fodê-lo enquanto levamos uma bronca na sala do diretor parece ousado até para nós. — No que estamos entrando aqui?

Ford para e vira-se para mim. — Cora e eu temos ouvido samples juntos. É meio que se tornou nossa coisa. Eu disse a ela que ela poderia escolher um artista da pilha e que eu tentaria trabalhar com ele. Que ela poderia encontrar e fazer parte do processo.

— Oh, meu Deus, isso é adorável. Você pode realmente ser o bilionário mais *atencioso do mundo*.

— Rosie. Foco.

Dou um aceno rápido. — Certo. OK.

— Então, ela escolheu Skylar Stone e estamos trabalhando para agendar algo.

Minhas sobrancelhas se erguem. — Espere. A *Skylar Stone*? A bomba country Skylar Stone?

— Sim...

— Oh, meu Deus. Ela é tão gostosa. Espero poder conhecê-la. Como se não houvesse nada de *bom* nela.

— Rosie. — Ele arregala seus grandes e frustrados olhos verdes para mim.

Eu o saúdo de volta. — Certo. Foco.

Ele continua, falando rapidamente. — Skylar tem passado por dificuldades ultimamente. Aparentemente, durante uma conversa sobre atualidades na aula de estudos sociais de Cora, seu professor fez um comentário depreciativo sobre Skylar, o que por si só é inapropriado. Então, Cora ficou um pouco irritada e o insultou. Já entendeu?

— Sim. Vamos acabar com esse otário.

Ford balança a cabeça e afasta-se. Com a mão nas minhas costas novamente, ele leva-me até a sala do diretor.

O Diretor Davidson está exatamente como eu esperava. Um pouco redondo no meio, um pouco careca em cima. As lentes dos óculos estão manchadas e há uma mancha de café na gravata. Na verdade, sinto-me meio mal por ele. Ele parece maltrapilho e Ford vai comê-lo vivo.

— Sr. Grant. — Ele aproxima-se para apertar a mão de Ford.

Então ele se vira para mim. — Sra. Grant.

Eu olho para Ford. Ford olha para mim.

Uma pequena risada fica presa na minha garganta e decido não corrigir o homem. Em vez disso, ofereço a ele um sorriso doce e respondo com minha expressão de boa policial: — Que prazer conhecê-lo.

Ford já está balançando a cabeça enquanto senta-se na cadeira de frente para a mesa. Ele estica as pernas à sua frente, apenas o suficiente para encarnar um rei entediado em seu trono.

Eu quero montar nele.

— Ok. — O diretor pigarreia e bate a mão na mesa. — Então, tivemos um incidente hoje com Cora.

— Ela já me contou tudo. — A voz de Ford é puro aço.

— Certo, bem, às vezes os detalhes se perdem na tradução com crianças.

Ford continua olhando furioso. — Ela tem doze anos. E eu confio nela.

— Seja como for, ela chamou o professor de estudos sociais... do que mesmo? Deixe-me dar uma olhada no relatório dele aqui no meu e-mail. — O homem clica, espiando por cima dos óculos de aro metálico, o que me diz que a receita está vencida. — Ah! Aqui está. Na frente de toda a turma, ela se referiu a ele como um, e cito, *pedaço de merda chauvinista*.

Eu bufo e corro para cobrir a boca, fingindo tossir. Mas não sou atriz, então tenho quase certeza de que falho.

Ford junta os dedos sob o queixo. — Bem, ele é?

— Sr. Grant... — O diretor está gaguejando agora, claramente surpreso com a falta de surpresa de Ford. — Certamente não podemos permitir que os alunos falem dessa maneira com os professores na sala de aula.

— Então você certamente não deveria confiar em merdas chauvinistas para iluminar as mentes de crianças impressionáveis.

Eu interrompo. — Posso perguntar o que precedeu o comentário de Cora? Isso pode ajudar, você sabe, a esclarecer a situação. Porque embora eu concorde que ela certamente não pode falar dessa maneira com um professor – e nós falaremos com ela – eu adoraria entender por que você acha que ela poderia ter dito isso.

O Sr. Davidson concorda com a cabeça, claramente mais agradecido pela minha abordagem do que pela de Ford. — No relatório, simplesmente diz que eles estavam conversando sobre eventos atuais e discutindo diferentes artigos de revistas.

Cruzo as pernas e coloco as mãos em volta do joelho enquanto inclino a cabeça. — E?

— Ela insultou o professor.

— Algumas pessoas merecem ser insultadas. Parece-me que este homem pode ser uma delas — diz Ford.

Posso senti-lo vibrando ao meu lado. Estendo a mão e coloco a palma da mão em sua coxa para acalmá-lo.

Como qualquer boa esposa de policial faria.

— Então, você tem um relatório detalhando os meandros do que Cora fez, escrito apenas da perspectiva da pessoa que ela supostamente ofendeu?

— Ele é um profissional.

Eu apenas sorrio agora. A situação chega muito próxima de mim, depois do meu último emprego. A maneira como as coisas são facilmente varridas para debaixo do tapete para proteger a pessoa que

está no poder.

Então uso minha voz mais açucarada. — Sim, bem, como você sabe, às vezes os detalhes se *perdem na tradução com profissionais*.

Ford interrompe novamente. — Ele disse à turma, depois de ler um artigo sobre uma jovem famosa que congelou diante de uma câmera e não conseguia falar, que as mulheres simplesmente não foram feitas para lidar com a pressão como os homens.

Meu queixo cai e recosto-me na cadeira, desistindo de ser uma boa policial. Será que policial mau, policial mau é uma estratégia?

— Uau, esse cara realmente parece um pedaço de merda chauvinista.

A cabeça de Ford vira na minha direção e agora é a vez dele de rir.

— Nós... terei que investigar isso. — O diretor tira os óculos com ar cansado e esfrega a mão no rosto. — Eu ia falar com você sobre uma suspensão, mas...

— Dá um tempo, diretor Davidson — Ford quase rosna.

O homem suspira e recosta-se na cadeira. Ele está cansado. Sobrecarregado, mal pago. Provavelmente farto da merda de todo mundo. Dou um pequeno aperto em Ford, minha mão ainda em sua coxa.

— Que tal ela mudar de classe? — eu ofereço.

— Estamos com falta de pessoal.

Eu torço o nariz.

— Quanto falta? Um mês de aula? — Ford pergunta e o diretor acena com a cabeça. — Que tal levarmos o material para casa conosco? Ensinaremos a Cora o que falta. Ela pode estudar na biblioteca ou aqui no escritório nesse período. E ela fará o exame final quando chegar a hora.

O diretor Davidson hesita sobre isso não ser convencional, mas acaba concordando – como se ele tivesse uma escolha depois que Ford

se decidiu.

Assim que a reunião termina, Ford pega minha mão e saímos. — Você acha que Cora ficará bem fazendo o resto sozinha?

Ford zomba. — Ela não está sozinha. E ela é muito inteligente. Eu sei que ela vai ficar bem. Mas se pudesse comprar uma escola pública só para despedir aquele pedaço de merda chauvinista, eu compraria.

Então ele me leva pelo escritório como se realmente fosse o dono do lugar.

E quando saímos para o corredor, ele ainda está segurando minha mão.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Ford

— Tem certeza de que está bem para ir para a escola hoje?

Cora olha para mim do banco do passageiro, o prédio de tijolos visível pela janela. Ela se afastou no dia seguinte a todo o desastre dos acontecimentos atuais, mas hoje parece terrivelmente quieta. Mesmo o que se tornou uma ligação matinal regular com sua mãe não a animou como costuma acontecer.

— Sim.

— Você apenas liga para mim ou para Rosie se algo der errado. Você sabe que vamos largar tudo para estar ao seu lado.

— Eu sei. — Ela brinca com os dedos no colo.

— Você pode passar um tempo no escritório se precisar de um dia de folga.

— Não, eu deveria ir.

— Eu vi suas notas, garota. Se precisar de um dia de saúde mental, você pode aproveitar um.

Ela balança a cabeça, mordiscando o lábio. Normalmente ela teria uma resposta sarcástica e engraçada, mas ela parece subjugada hoje. — Você tem boliche hoje à noite? Eu consigo filmes com Rosie?

Bom Deus. *Você tem boliche esta noite* é uma frase que nunca pensei que ouviria.

— Sim. E podemos visitar sua mãe neste fim de semana. Faremos uma viagem para a cidade.

— Sim. Gostaria disso. E eu provavelmente deveria cortar a

grama enquanto estivermos lá.

Dou um aperto suave no ombro dela. — Você não precisa fazer isso. Tem uma empresa cuidando da casa.

Suas sobrancelhas se levantam. — Tem?

Eu concordo.

— Não temos dinheiro para isso. Você deveria dispensá-los. Tudo bem se a grama ficar um pouco comprida.

— Cora. — Eu pego seus ombros e a viro para mim. — Eu sei que você teve que resolver muitas pontas soltas por um tempo. Mas agora, você só precisa ter doze anos. Ir para a escola. Dar-me olhares de desprezo. Sair com seus amigos.

Suas bochechas erguem-se e ela espia-me por baixo da franja preta. — Colaborar num álbum com Skylar Stone?

— Isso parece menos típico para uma criança de doze anos. Mas sim. Assim que a cabine estiver pronta, nós a traremos aqui. Ok?

Ela acena de volta, séria. — Ok. — Então: — Obrigada por apoiar-me.

Oh, Deus. Parece que ela vai chorar. Ela e Rosie serão a minha morte.

— Eu sempre estarei apoiando você, Cora. Não importa o que aconteça. Com você. Com sua mãe. Você está meio que presa a mim agora. Está tudo bem para você?

Ela pisca rapidamente e balança a cabeça. Então ela abaixa o olhar e sua voz sai um pouco aguada quando ela pergunta: — Então você não está bravo comigo?

Sinto como se tivesse sido atingido. — Por que eu ficaria bravo com você?

— Porque você foi chamado do trabalho por minha causa? Porque tive problemas na escola? Nunca estive em apuros antes. Não sei por que deixei escapar. Eu envergonhei você? Você parece... tenso desde então.

Meus ombros caem enquanto eu a observo. Essa garotinha que está tão crescida há tanto tempo. — Ah, Cora. Estou tão longe de estar bravo com você. Estou furioso porque um adulto encarregado de educar você disse o que disse. Estou bravo por vivermos em um mundo onde as pessoas pensam sobre as mulheres dessa maneira. Estou triste por Skylar estar sendo ridicularizada quando ninguém sabe o que está acontecendo com ela. — Esfrego a mão na nuca e no cabelo. — Estou tenso porque sinto que estou fazendo malabarismos com um milhão de bolas e deixando cair as mais importantes enquanto tento fazer tudo. E não sou nada senão um perfeccionista.

— Quais são as mais importantes? — ela pergunta com muita esperança. Isso parte meu coração.

— Você. Você é a mais importante. — E é isso que me incomoda. Essa garota *precisa* de mim, e sinto que não estive tão presente quanto deveria – como poderia estar.

— E Rosie? — ela diz isso inocentemente, mas não ignoro seus comentários sutis. E claramente, ela também não está alheia ao que está acontecendo entre nós. O aperto de mão poderia ter sido uma revelação absoluta, mas eu não estava pronto para deixá-la ir. Parecíamos como uma equipe na sala do diretor. E depois de tanto tempo sozinho, recusando-me a confiar em alguém, sinto-me muito bem em confiar em Rosie.

E, ao contrário de outras pessoas na minha vida, sei que ela nunca me decepcionaria.

— Ela é muito importante para mim também. Mas não diga isso a ela.

Isso irá direto para a cabeça dela.

Cora sorri timidamente com a resposta e volta o olhar para as mãos. Mal a ouço quando ela diz: — Posso dar outro abraço?

Parece que ela enfiou a mão no meu peito e abriu minhas costelas. Eu apenas resmungo, sem muita confiança em mim mesmo para falar, enquanto a pego em meus braços do outro lado do console.

Eu a aperto com força, mas ela aperta-me com mais força.

— Sinto falta do meu pai todos os dias — ela sussurra no meu ombro. — Mas estou tão feliz por ter você agora.

Então ela pega sua mochila e salta do carro como se estivesse sendo perseguida. Limpo o nariz e rio quando a vejo espiar por cima do ombro com um pequeno aceno. Aquele elástico rosa-choque é o único ponto colorido em sua roupa.

Quando ela se vai, fico preso no carro no caminho para o trabalho. Preocupado com Cora. E obcecado por Rosie e sua maldita calcinha branca.

É tudo demais. Gosto de coisas ordenadas. E minha vida agora está um caos total.

Quando chego ao escritório, não posso deixar de sorrir. O antigo celeiro transformou-se em um espaço muito legal. Tudo o que imaginei e muito mais. A chaminé de pedra e o exterior de madeira do celeiro foram preservados, mas todo o resto é brilhante e novo.

Janelas de vidro duplo com acabamento preto. Na lateral do prédio, as portas de correr levam a um amplo deck de frente para o lago. Uma nova porta da frente dá para o estacionamento, preta com uma aldrava antiga ornamentada e uma fechadura de entrada sem chave. A passarela que leva a ela é acentuada com canteiros aparados. Rosie decidiu plantar bulbos sabe Deus para quê. Conhecendo-a, ela pode ter plantado ervas daninhas só para me irritar.

Agora, só preciso do estúdio real. A cabine. O equipamento de som. E estou pensando em algumas pequenas cabanas tipo casa para que os artistas possam usar o espaço como retiro.

Enquanto imagino casas tipo celeiros antigos logo além da linha das árvores, meus olhos pousam em uma caminhonete que não reconheço.

Curioso, entro pelas portas de correr abertas. E paro bruscamente quando sou confrontado com um sentimento que não conhecia bem até recentemente.

Quente. Afiado. Imediato.

Ciúme.

Rosie está sentada em sua mesa enquanto um cara de macacão branco respingado de tinta e chapéu virado para trás inclina-se contra a borda com corações nos olhos. Praticamente flexionando os bíceps e dando a ela seu melhor discurso como um grande e idiota Labradoodle babando em sua mesa.

— Bom dia! — Anuncio minha presença com um nível de falsa simpatia que faz Rosie lançar-me um olhar desconfiado.

— Oi? — ela cumprimenta-me com pura confusão.

— Quem temos aqui? — Eu marcho até o cara com a mão estendida, pronto para agarrá-lo até a morte.

Ele a pega e eu finjo um sorriso enquanto apertamos as mãos. — Eu sou Scotty. Bash me mandou trabalhar na pintura de algumas paredes.

— Tudo bem, Scott. Bash deu um resumo? — Ou você precisa que eu lhe dê um? Fico na frente dele, como se pudesse bloquear Rosie de sua visão.

Ele ri. — Ah, não, cara. Scott é meu sobrenome. Derek é o meu primeiro. Mas todo mundo me chama de Scotty.

Scotty. Quase reviro os olhos. O que há com os homens desta cidade que se apresentam usando um sobrenome quando têm um primeiro nome que parece perfeitamente profissional?

— Ok, Derek. Você precisa de um resumo?

Ele parece confuso, seu rosto quase de bebê se contrai. — Ah, não, estou bem.

— Certo, ótimo. — Cruzo os braços e olho para ele.

Seu olhar passa por cima do meu ombro, para Rosie, e depois de volta para mim. — Ok, ótimo — ele repete.

E então ele sai, voltando para realmente fazer algo que deveria

fazer.

— Isso foi divertido — Rosie fala atrás de mim. Ela está sorrindo quando me viro para encará-la, mas o sorriso cai rapidamente.

— O que está errado?

— Nada. — Ela vira-se e começa a clicar em seu computador. — Como estava Cora esta manhã?

— Você ainda está com dor? — Eu a observei andar cautelosamente pelo escritório o dia todo ontem, e hoje terminei com isso.

— Por quê? Você vai me dar outro orgasmo para ajudar?

— Se você pedir com muita educação.

Isso faz com que seus olhos se fixem nos meus. — Bem, tia Flo está aqui, então você provavelmente não iria querer.

Dou de ombros. — É para isso que servem os chuveiros e as toalhas escuras.

Seus olhos azuis ficam comicamente arregalados. — O que você acabou de dizer?

— Rosie, sou um homem adulto. Sua menstruação não me assusta.

Ela pisca para mim, puro choque pintando seu rosto, e continua como se eu não tivesse dito isso a ela. — É apenas nos primeiros dias que me sinto uma merda. O mesmo de sempre. Estarei como nova amanhã.

— Vá para casa.

Ela bufa, os olhos voltados para a tela. — Não. Não há nada de errado comigo. Você já me pagou demais. Eu vou trabalhar. Você simplesmente não quer que Scotty fique olhando para mim enquanto estou sentada na minha mesa.

Não quero *Scotty* perto dela, mas não vou admitir isso. — Não, eu não quero que você trabalhe enquanto não está se sentindo bem. Isso

não é uma sala de emergência. Nada é tão urgente que você precise se torturar estando aqui. E eu pago de acordo com os padrões da indústria e uma quantia adequada ao seu nível de educação.

Ela suspira, parecendo exausta. — Ford, as mulheres têm trabalhado durante a menstruação desde sempre. Pare de me controlar. Quando eu chegar em casa, para meu barracão de merda e meu rato de estimação – que acho que poderia chamar de Scotty – comerei junk food e me deitarei na cama sentindo pena de mim mesma, como uma menina crescida.

Rato de estimação?

Ela realmente precisa ficar na minha casa.

Eu me afasto, reconhecendo uma batalha perdida quando vejo uma. Mas não antes de dizer por cima do ombro: — Só porque as mulheres têm trabalhado durante a menstruação, não significa que devam trabalhar.

— Pare com isso — ela murmura nas minhas costas. — Gerente Bonzinho não parece tão legal.

Não posso deixar de rir enquanto enfio a mão no bolso da minha jaqueta de couro e tiro as chaves.

— Aonde você está indo? Você acabou de chegar!

— Tenho uma tarefa a cumprir. — Dou-lhe uma piscadela enquanto saio pelas portas. — Voltarei mais tarde.

— Espere! Ir *cumprir* uma tarefa é um código para se masturbar novamente? Foi estranho com West lá? — ela grita alto o suficiente para que *Scotty* se atrapalhe com os pincéis na traseira da caminhonete.

A risada dela enche o ar, e pelo menos isso significa que ela está feliz.

E mesmo que seja às minhas custas, eu aceito.

Quando volto à tarde, depois de fazer algumas tarefas, Derek Scott ainda está examinando Rosie. Eu juro que o cara é meio coruja. Ele pode estar de frente para a parede oposta a ela e de alguma forma virar a cabeça cerca de noventa graus.

Eu pego-me desejando que ele fosse um pouco longe demais quando eu me recosto na minha cadeira. Então abro meu e-mail e envio um para Rosie.

Rosalie,

Devemos trabalhar em casa. Esses vapores de tinta não são saudáveis.

Tenha um dia feliz!

Ford Grant

CEO e Produtor da Rose Hill Records

Não levanto os olhos quando o computador dela faz um barulho. E quando ouço o som de e-mail recebido, meu estômago revira. Tão idiota.

Boa tarde, Dr. Grant,

Acho que os vapores de tinta estão ajudando minhas cólicas. Então talvez eles sejam saudáveis, afinal! Scotty parece bem. Então, quem pode dizer?

Tudo de bom,

Rosalie Belmont

Gerente Comercial e Consultora de Saúde Natural da Rose Hill Records

P.S. Como foram suas tarefas? Você passou no banco e fez outra doação? Aposto que você nem precisou de uma revista dessa vez.

Ela ri enquanto eu leio, e vejo Scotty babando enquanto olha em sua direção.

Enfermeira Rosie,

Scotty não parece bem. Ele é um homem adulto que se apresenta por um sobrenome pelo qual seus amigos provavelmente o chamavam quando ele era quarterback do ensino médio aqui na cidade.

Pegue seu laptop e diga adeus ao cachorrinho vadio para que ele possa terminar seu trabalho.

Minhas tarefas foram boas. Não usei revista da primeira vez e, se voltasse a doar, também não precisaria de uma.

Tenha um dia feliz!

Ford Grant

CEO e Mestre em Masturbação da Rose Hill Records

Desta vez, recebo dela uma bufada pouco feminina antes que ela olhe para cima e balbucie do outro lado da sala: — *Mestre em Masturbação?* — Eu sabia que ela gostaria disso.

Ela joga a cabeça para trás, rindo.

Então ela volta a digitar e eu espero ansiosamente para ver o que ela envia. Juro que sinto as pontas dos meus dedos formigando quando o e-mail dela aparece em negrito na minha caixa de entrada.

Querido Mestre em Masturbação,

OH, MEU DEUS! Você realmente acha que ele era um quarterback?

Além disso, se você não usou uma revista, em que você pensou?

Espere, aposto que posso adivinhar.

Foram os três pontos no saldo da sua conta bancária?

Não. Hum.

Possuir um avião particular?

Oh! Ou um iate onde todos os funcionários têm que usar camisas polo combinando em uma cor específica do clube de campo, como salmão ou algo igualmente insípido.

Não há necessidade de responder. Basta piscar duas vezes do seu trono aí se um dos meus palpites estiver correto.

Tudo de bom,

Rosalie Belmont

***Gerente Comercial do Mestre em Masturbação da Rose Hill
Records***

Quando termino de ler, olho para ela. Sem piscar. Então pego a caneta e bato na boca como se estivesse pensando muito. Seus olhos percebem e o reconhecimento entra em ação.

É quando eu mordo a caneta e mando de volta um e-mail honesto.

Rosie,

Pensei em você.

Ford

Quando arrisco outro olhar, suas bochechas estão coradas e seus olhos estão fixos na tela. Mastigo a caneta com mais força, esperando que ela diga alguma coisa ou reaja de alguma forma. Mas o telefone vibrando na mesa de madeira rouba seu olhar.

A preocupação surge em seu rosto e ela o alcança abruptamente.

— Cora? Você está bem? — Sua boca abre e fecha algumas vezes. — Tudo bem. Você quer que eu... — Seus olhos piscam para os meus, e já estou de pé, andando até sua mesa. — Ok. Quero dizer, ele não é burro. Ele vai saber que algo está acontecendo.

Sinos de alarme tocam na minha cabeça enquanto Rosie e eu nos enfrentamos.

Cora.

— Sim. Apenas fique onde você está. Eu estarei aí.

Ela desliga e eu imediatamente vou atrás dela. — O que está errado? Por que ela não me ligou?

Rosie está apressada, arrumando suas coisas. Pegando seu laptop. Indo em direção à porta com muita pressa. — Ela me implorou para não contar a você. Mas você deveria estar feliz. Afinal, acho que vou trabalhar na sua casa hoje.

Eu a sigo até o deck. — Rosalie, então me ajude...

— Ford. — Seus olhos estão sérios enquanto ela examina meu rosto. — Ela pode precisar de um pouco de privacidade nos próximos dias, e você precisará respeitar isso. Mas preciso entrar na sua casa e pegar algumas roupas limpas para ela. Se você não consegue descobrir o que está acontecendo com base em todas essas informações, então você é mais burro do que Scotty parece.

Oh, Deus.

Eu me senti despreparado esta manhã, mas agora?

— Já percebeu? Nós, meninas, estamos todas sincronizadas. Então fique tranquilo, papai.

Eu arrepio-me para cobrir meu choque. — Eu estou tranquilo.

Ela se aproxima e puxa a caneta de trás da minha orelha, onde eu a coloquei. — Não quando você faz isso. Além disso, acho que esta caneta é minha.

Ela vira-se para ir embora, mas isso não me impede de dar um golpe de despedida. — Claro que o gosto parece.

E, novamente, seguimos caminhos separados ao som de sua risada.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Rosie

— OK, e vai grudar na sua calcinha assim.

Passo o absorvente pré-aplicado de volta por baixo da porta do banheiro da escola enquanto Cora enfia seu jeans menos afortunado em um saco plástico. Eu entreguei tudo a ela por baixo da porta do box depois de verificar vários banheiros até ela por toda a escola, como uma idiota total.

— Estou tão envergonhada — ela diz entre lágrimas.

— Por quê? Todas nós menstruamos. É muito normal. Bem-vinda aos próximos quarenta anos da sua vida.

— Durante a aula?

Balanço a cabeça ao considerar isso. — Não, nem todas. Mas estatisticamente, com base na idade das pessoas que recebem os seus ciclos e no número de horas que passam por dia nas aulas, definitivamente não seria incomum.

— Acho que ninguém percebeu.

— Provavelmente não. Além disso, se alguém estivesse olhando para sua bunda, Ford poderia matá-lo.

Isso provoca uma risadinha triste enquanto os sons dela endireitando-se com uma roupa limpa encham o banheiro vazio.

— Rosie?

— Sim?

— Há apenas... há muito *sangue*. Tem certeza de que estou bem?

Encosto-me em uma pia e olho minhas unhas, tentando não rir.

Porque não é engraçado. Mas é um passeio pela estrada da memória.
— Oh, sim. Os primeiros dias costumam ser bastante pesados.

— Como você pode simplesmente... falar sobre isso tão casualmente?

Tento não pensar em Ford. Chuveiros. Toalhas escuras. Há um homem que fala sobre isso casualmente. — Bem, quando isso acontece durante uma semana de cada mês, eventualmente perde seu valor de choque.

— Oh, meu Deus. Como vou lidar com isso *todo mês*? É tão horrível.

— Não se preocupe, pequena nuvem de tempestade. Não é tão ruim. Vou mostrar mais a você quando estivermos em casa.

— Tudo bem — ela diz baixinho antes que o som da descarga do vaso sanitário preencha o espaço.

Quando ela sai, parece envergonhada como o inferno.

Ela lembra-me tanto Ford que é difícil não sorrir.

— Venha aqui. — Abro os braços e ela avança. Seu rosto cai contra meu peito e seus braços envolvem minha cintura enquanto eu a envolvo em um abraço.

— Obrigada, Rosie.

Percebo que ela provavelmente pensou que sua mãe estaria aqui para esta ocasião, e isso só me faz apertá-la com mais força.

— Claro. Eu disse que sempre estaria aqui.

— Posso pular o resto do dia?

— Isso aí. Vou liberar você. De qualquer forma, todo mundo no escritório pensa que sou a Sra. Grant.

Ela ri enquanto afasta-se. — Você gostaria de ser?

Minhas sobrancelhas franzem. — Ser o quê?

— A Sra. Grant?

Oh, Deus. A maneira como as crianças colocam você na berlinda é tão brutal.

Eu desvio com uma piscadela e digo: — Quem não gostaria?

Felizmente, isso a satisfaz, porque ela balança a cabeça, coloca a mão na minha e não a solta enquanto saímos para o corredor.

— Vou levá-la para casa. Mas primeiro vamos fazer a parada que minha mãe fez comigo no dia em que menstruei. Sempre disse a mim mesma que faria isso com minha filha quando chegasse o grande dia dela.

Nós duas sabemos que não sou a mãe dela. Mas nenhuma de nós aponta isso.

Na verdade, tudo o que ela faz é apertar minha mão.

* * *

Quando entramos na casa de Ford após nossa curta excursão de compras, ele está sentado no balcão da cozinha olhando para a tela do laptop, fingindo que está trabalhando.

Posso dizer que ele está fingindo, porque ao lado dele há uma pilha do que eu chamaria de *produtos para menstruação*.

Absorventes de todos os formatos e tamanhos.

Tampões de todos os formatos e tamanhos.

Analgésicos.

Uma bolsa de água quente.

Eu suspiro e olho para ele. Tão estranho.

— Eu pensei que você não fosse contar a ele? — Cora joga as mãos sobre o rosto como se pudesse se esconder atrás das palmas.

Eu esfrego suas costas, dobrando a cintura para encará-la. — Eu não contei. Mas, querida, os homens adultos sabem que isso acontece

com as mulheres todos os meses. Não é um segredo global nem nada. E você mora com ele, então tipo... ele ia descobrir.

— Pare de falar. Eu quero morrer.

Quando olho para Ford, seus olhos estão arregalados. Ele é um idiota alto e de olhos verdes que não sabe o que fazer agora. Inclino a cabeça na direção dele, sinalizando que ele não deveria ficar ali sentado como uma estátua.

Ele levanta-se do banco e dá passos longos, mas hesitantes, em direção a Cora. Então ele agacha-se na frente dela, dando um aperto na minha panturrilha que provoca um frio na barriga. A outra mão segura a parte pontiaguda do cotovelo dela.

— Cora, vou jogar boliche como um esquisito de cidade pequena hoje à noite e deixar você e Rosie sozinhas. Não estou tentando fazer você querer morrer. Só estou tentando não deixar cair nenhuma bola, lembra? Não conheci seu pai, mas parece que ele era um grande homem. Acho que ele gostaria que eu tivesse certeza de que você tem todas as coisas de que precisa. Sua mãe também faria isso. — Ele aponta para o balcão. — E foi isso que fiz para me tornar útil, porque estou nervoso e atrapalhando-me e tentando não estragar tudo isso com você.

Sua voz falha quando as palavras saem, e eu alcanço seu ombro. Isso nos deixa todos amontoados na entrada da cozinha. Todos conectados pelo toque. Pela experiência. Pelo tempo e espaço e, merda, DNA.

Cora espia ele por entre as mãos. — Você não está deixando nenhuma bola cair, Ford.

Ele acena de volta para ela. Aperta seu cotovelo. Então ele levanta-se abruptamente e sussurra em meu ouvido: — Há garrafas de vidro de Coca-Cola na geladeira e a despensa está abastecida com caixas de Old Dutch sour cream e cebola. Eu as trouxe para você. Essa foi a minha tarefa. Divirtam-se.

Eu engasgo, porque disse a ele *semanas* atrás que esses eram meus

lanches favoritos. Um ponto certo.

Ele sorri contra minha bochecha e dá um beijo firme em meu cabelo antes de afastar-se como se estivesse sendo perseguido.

— Vou jogar boliche. — Ele tira as chaves do balcão e faz uma piada bem Ford, na tentativa de nos deixar rindo. — Vejo vocês, princesas menstruadas, mais tarde.

E funciona. Nós duas estamos em crise quando a porta da frente se fecha.

* * *

Acordo com a sensação de nós dos dedos roçando minha bochecha. Quando abro os olhos, Ford está sentado na mesinha de centro. Assim como ele fez uma vez antes.

— Oi — murmuro, mudando de posição, mas sem realmente preocupar-me em endireitar-me. Eu sinto-me segura o suficiente perto de Ford para que estar deitada na frente dele não seja nem um pouco alarmante.

— Ei. — Ele tira a mão e eu imediatamente desejo que ele a coloque de volta.

— Como foi o boliche?

— Horrível. Bash estava fora e ele é muito bom. West acha que conseguir camisas de time e criar um nome nos tornará melhores de alguma forma. Crazy Clyde contou-me sobre quando os alienígenas o sequestraram. Então pelo menos isso foi divertido. E a cerveja estava boa.

Sorrio sonolenta. — Eu quero conhecer Clyde. Você cheira a cerveja.

— Era a noite de West dirigir.

West. Sinto-me culpada por não tê-lo visto muito ultimamente, apesar de estar morando na propriedade dele. Tudo entre nós três é

tão diferente de quando éramos crianças.

Ford parece totalmente torturado quando sussurra: — Rosie, não sei o que estou fazendo.

— Com o quê?

Seus olhos procuram meu rosto.

— Com trabalho. Com Cora. Mas principalmente com você. Eu não sei o que fazer com você. West é... ele é um amigo tão leal. Possivelmente meu único amigo verdadeiro. Uma parte tão antiga da minha vida. E você trabalha para mim agora, e isso... — Ele passa a mão pelo cabelo, bagunçando-o do jeito que eu gosto. — Isso torna tudo muito pior na minha cabeça. Muito mais complicado.

Eu olho para ele. Lendo a indecisão que o consome.

— Afastei-me da direção do Gramophone porque meus parceiros de negócios se tornaram pessoas que eu não reconhecia. Na verdade, eu não me afastei. Fui destituído do conselho e deixado como apenas mais um acionista. Éramos amigos de faculdade e fundamos esse aplicativo com as melhores intenções. Fundamos esse aplicativo porque amamos música. Ou pelo menos pensei assim. Mas o dinheiro mudou seus objetivos, suas perspectivas... sua lealdade.

Minha garganta dói. Meu peito dói. — Ford. — Estendo a mão e aperto seu joelho. — Sinto muito que isso tenha acontecido com você. Eu não fazia ideia.

Sua mão quente pousa sobre a minha. — Fiquei muito envergonhado de contar a alguém. Acho que foi bom que eles concordassem em dizer que eu estava deixando meu cargo para iniciar um novo empreendimento.

Sento-me, pronta para dar um soco em alguém por fazer esse homem, que transborda integridade e confiabilidade, sentir-se tão deprimido. Ambas as mãos nos joelhos agora, inclino-me para frente. — Isso não foi *gentil* da parte deles, Ford. Era um disfarce para eles mesmos. Fodam-se eles.

Ele suspira. — Eu sei. Mas eu ainda... a pressão para manter meu

histórico perfeito. Para fundar outra empresa de sucesso para não parecer um idiota de um fundo fiduciário. Eu só... Lembra quando você me disse que estava cansada?

Concordo com a cabeça, juntando suas mãos calejadas nas minhas.

— Eu também estou cansado, Rosie. Tudo dentro de mim parece tão tenso, e só quero que tudo fique bem.

— Você está indo bem. Não digo o suficiente, mas você é incrível. Sua vida virou de cabeça para baixo de muitas maneiras. E aqui está você, destacando-se. Perseverante. Você não é o título que essas revistas dão – caramba, você nem é o título que eu dou. Você é um *bom* homem que está fazendo o melhor que pode. E o seu melhor é mais do que suficiente.

— Mas Cora...

— Vai ficar bem.

Ele apenas me encara, então continuo.

— Escute. Seu gosto musical é medíocre e seu senso de moda é de homem da montanha, mas caro. Sua conta bancária está tão cheia que você nem sabe o que fazer com ela.

— Ótimo, obrigado — diz ele secamente.

— Muitas vezes, seu vocabulário consiste em grunhidos e respostas mal-intencionadas de uma só palavra.

— Você deveria ver o quão grande é o meu pau.

Reviro os olhos e sigo em frente, tentando não me deixar levar pela menção do pau dele e pelo quanto estou irritada por não tê-lo visto ainda. — Você cresceu rico com um pai famoso. Você fundou um serviço de streaming de música mundialmente famoso. Seu bar é onde os músicos são descobertos. Você está prestes a trabalhar com alguns dos artistas mais talentosos do planeta. Aposto que você doa para instituições de caridade.

— Eu doo.

— Mas do meu ponto de vista, ela é a melhor coisa que você já fez.

Isso o deixa em silêncio.

— Quero dizer, olhe para ela. Ela é inteligente, engraçada e muito especial. Dê a ela tudo o que você tem agora. Ela precisa de você. Nada é mais importante. O resto pode esperar. — Ele ainda está olhando para mim. Joelhos nos cotovelos. Rosto desenhado.

Mãos na boca.

— Eu não sei o que está acontecendo entre nós, Ford. Mas há algo, não adianta negar. E sim, é uma bagunça. E complicado. E confuso. E também me preocupo que, se as coisas correrem mal, possa ser muito ruim. Para nós dois e para todos ao nosso redor. Principalmente Cora. E já que basicamente tive um papel na concepção dela...

Ele geme e esfrega as duas mãos no rosto. — Já me arrependo de ter contado isso.

— Sim, e está até por escrito. Mas de qualquer forma, pare de pensar demais. Vamos continuar como se nada tivesse acontecido. Voltar a sermos amigos que não... trocam canetas. Essa coisa é tão nova que nunca teve pernas, então nada precisa mudar. Eu sou uma garota crescida. Eu vou ficar bem.

Pergunto-me se ele consegue ouvir a mentira em minhas palavras. Eu não vou ficar bem. Mas há muito em jogo. Não quero prejudicar o relacionamento dele e de West, e especialmente não quero que Cora se apegue à ideia de algo que pode ser apenas um pontinho no radar. Ela não precisa de mais nada em sua vida que não seja permanente.

— Eu me preocupo com você — é tudo o que ele diz. E posso ouvir a angústia em suas palavras.

— Por quê? Tive uma ótima sessão de amassos atrás do bar e o melhor orgasmo do mundo.

Ele deixa cair a cabeça entre os joelhos agora. Como se ele estivesse em um avião, preparando-se para um pouso forçado.

Eu rio. — Desculpe. Eu não queria fazer você chorar por isso.

— Rosie. Você me mata.

— Isso foi engraçado. Por que você não está rindo?

Agora sua cabeça inclina-se para cima. Olhos brilhando como neon, como se desafiassem a luz fraca da sala de estar. — Não há nada de engraçado no jeito que eu quero você.

Engulo em seco e meu olhar prende-se à corrente de prata que escorregou por trás do decote em V de sua camiseta.

O pingente está pendurado entre nós, bem à vista. Já senti isso antes na minha mão, mas nunca processei realmente o que era. Eu o pego e sinto o familiar metal liso da chave que está presa, aquecida por repousar contra sua pele.

— Isso é...

Ele parece tímido agora, como se fosse difícil manter meu olhar.

— Essa é a chave do meu diário.

Ford assente.

— Desde... dez anos atrás.

Outro aceno sem palavras.

— Você guardou? Todo esse tempo?

— Achei que veria você novamente um dia. Eu só... eu uso isso há tanto tempo que estou apegado a ela. E a fechadura quebrou quando você jogou pela janela, então não era mais necessária. Eu simplesmente não disse nada.

Ele usou a chave do meu diário por dez anos.

Meu peito dói. Minha mente gira. Este homem tem me mantido perto dele há uma década. Quebrando os limites de velocidade para chegar até mim. E eu nunca percebi até agora? O que há de errado comigo?

Quero abraçá-lo, quero beijá-lo, quero pedir desculpas por não tê-

lo visto. Mas essa chave não pode mudar o que acabamos de concordar – o que ambos sabemos ser o melhor. Não quero ser mais uma complicação na vida dele agora.

Talvez um dia. Quando for o momento certo.

Então, ofereço a ele um aceno de cabeça. Acompanhado por um sorriso aguçado. — Você é um dos bons, Ford Grant Junior. Guarde a chave.

E, recusando-me a deixar minha determinação murchar sob a intensidade de seu olhar, acrescento: — Obrigada pelas caixas de salgadinhos e garrafas de Coca-Cola. Você é um chefe muito atencioso.

Ele estremece com o título.

Mas ele ainda diz: — De nada. — E leva-me para casa como o cavalheiro que é.

E preciso de tudo que tenho para não implorar para ele entrar. Para ser um pouco menos cavalheiresco só por uma noite. Mas eu não imploro.

Acontece que é melhor assim, porque logo que fecho a porta eu choro, e nem tenho certeza do porquê.

Sempre odiei Ford Grant – ou pelo menos é o que digo a mim mesma.

E é a isso que me agarro durante toda a sexta-feira e todo o fim de semana.

É a única maneira de suportar.

CAPÍTULO TRINTA

Ford

Rosie,

Decidi tirar Cora da escola hoje e ir para a cidade. Ela está bem esta manhã, apenas parece extremamente sensível. Achei que uma mudança de cenário poderia fazer-lhe bem. A mãe dela já está pronta para receber visitas e vamos passar o fim de semana juntos. Espero que você esteja bem para manter o escritório até a próxima semana. Talvez não consiga voltar até terça-feira.

Ford

Bom dia, Sr. Grant,

Obrigada pelo aviso. Claro, estou mais do que feliz em manter a posição aqui.

Espero que todos vocês tenham um fim de semana divertido juntos.

Tudo de bom,

Rosalie Belmont

Gerente Comercial da Rose Hill Records

Rosie,

Para esclarecer, Cora e eu vamos passar o fim de semana juntos. Não a mãe dela e eu. Vamos visitar a mãe dela, depois Cora e eu vamos ao zoológico. Fazer algumas coisas assim. Talvez subir a Torre Calgary. Verificar a casa dela.

Se precisar de alguma coisa, pode ligar. A qualquer momento.

Ford

Bom dia, Sr. Grant,

Não precisa explicar. Você está livre a passar o fim de semana com quem quiser.

Diga oi para Cora por mim.

Tudo de bom,

Rosalie Belmont

Gerente Comercial da Rose Hill Records

Rosie,

Estamos seguros em nosso hotel na cidade. Cora diz oi de volta.

Está tudo bem?

Seus e-mails são muito formais. Pisque duas vezes se você foi possuída? Ou sequestrada?

Eu me sentiria melhor se você apenas me insultasse.

O que você está planejando fazer neste fim de semana?

Ford

Sr. Grant,

Obrigada pela atualização. Meus e-mails são meramente profissionais. E não tenho nada além de coisas boas a dizer sobre você como meu chefe.

Como sua gerente comercial, acho que vale a pena mencionar que é melhor manter a assinatura da sua empresa para e-mails relacionados ao trabalho.

Se alguma coisa exigir sua atenção, eu o informarei.

Tudo de bom,

Rosalie Belmont

Gerente Comercial da Rose Hill Records

Rosie,

Isso não está relacionado ao trabalho e você sabe disso.

Ford

Sr. Grant,

Seria mais fácil para mim se você pudesse se comportar como se fosse.

Vejo você na próxima semana.

Tudo de bom,

Rosalie Belmont

Gerente Comercial da Rose Hill Records

* * *

Não tenho certeza de como me sentirei quando entrar no escritório na terça de manhã.

Passei o fim de semana conhecendo melhor Cora. Conhecendo melhor sua mãe, Marilyn. Compartilhando experiências com a filha que eu nunca esperei e percebendo que não consigo imaginar minha vida sem ela.

Ela é muito legal. Realmente legal. Eu ainda pensaria isso mesmo se não fôssemos parentes.

Também passei o fim de semana preocupado com Rosie. Um buraco se formou em meu estômago quando saí do barracão dela na noite de quinta-feira passada, e não fui capaz de me livrar dessa sensação de enjoo durante todo o fim de semana. Eu deveria ter ido atrás dela.

Eu a deixei ir embora com muita facilidade.

Não importa o quanto Cora e eu nos divertimos. Não importa o quanto eu comi demais no Peter's Drive-In. Não importa o quão exausto eu estivesse por caminhar, andar de bicicleta e acordar cedo para nadar. Eu não conseguia me livrar daquela sensação doentia.

Como se eu tivesse saído, mas talvez tenha deixado o fogão ligado.

Como se eu tivesse acabado de chegar ao aeroporto, mas talvez tivesse deixado meu passaporte em casa.

Sinto que fui para a cidade com Cora e deixei algo extremamente importante para trás.

Um pedaço de mim mesmo.

Só consegui dormir com a mão enrolada na chave na ponta da corrente.

Ela disse que eu era um dos bons, mas isso não conta muito quando me sinto tão mal.

Então, quando entro pelas portas deslizantes abertas do celeiro, espero sentir alívio. Pretendo expor tudo de forma organizada e lógica quando o momento certo se apresentar. Para dizer a Rosie que não há nada complicado entre nós dois, se ela não quiser. Que eu não me importo com a bagunça. Não há ninguém com quem eu preferiria bagunçar.

Mas quando entro e vejo Scotty encostado na mesa de Rosie, rindo de alguma história idiota sobre seu fim de semana, toda a lógica voa pela janela. Ela está usando uma saia lápis roxa escura com um blazer combinando e um par de salto agulha nude, como se esta fosse a maldita cidade ou algo assim.

Nunca a vi vestida tão formalmente para o trabalho desde que ela começou aqui comigo.

Nunca uma saia lápis ficou tão bem em uma mulher.

Viro meus olhos para minha mesa, entrando no espaço e fazendo o meu melhor para evitar olhar para ela. Da minha área, vejo Rosie

virar-se para me espiar, perto do pintor. Ele não se incomoda em reconhecer minha presença, ou está tão ocupado olhando para ela que nem me notou.

Não tenho dúvidas de que ela sente a animosidade saindo de mim. Ela sempre sentiu especialmente atenta ao meu humor – ela sempre foi uma pessoa que me criticou por ele também.

Não tenho andado na ponta dos pés no que diz respeito a Rosie Belmont, e decido que também parei de andar na ponta dos pés.

Sento-me na beirada da minha mesa, de frente para eles, cruzo os braços e limpo a garganta.

Quando Derek Scott finalmente se vira, ele me lança um sorriso previsivelmente estúpido. — Bom dia...

Eu correspondo e o interrompo com: — Derek, seu trabalho aqui está concluído. Você pode sair.

— O quê? — Em sua defesa, ele parece genuinamente chocado.

— Você tem cinco minutos para arrumar suas coisas e sair do meu escritório.

— Cara. Homem. Eu estava apenas fazendo uma rápida pausa para o café. Vou voltar ao trabalho imediatamente.

Eu o olho com meu olhar mais legal. Estou bem ciente de que estou sendo um idiota, mas agora não me importo. Eu mesmo pintarei o lugar, desde que isso o impeça de olhar para ela. — Derek. Cara. Homem. Você está demitido. Saia.

Atrás dele, Rosie recosta-se e cruza os braços. Não faz nada além de acentuar o inchaço de seus seios. Até a forma como a língua dela cutuca o interior da bochecha, irritada, distrai.

O cara murmura algo sobre estar quase terminando, mas não desvio o olhar de Rosie do outro lado da sala quando me dirijo a ele. — Isso é bom. Eu vou pagar você por tudo. Apenas saia.

Ele zomba e continua resmungando para si mesmo enquanto arruma a tinta, a escada e tudo o mais que deixou por aí. Rosie e eu

nos enfrentamos como se estivéssemos em uma competição de olhares enquanto ele arruma suas coisas. Parece que ela vai me matar e espero que ela tente.

Espero que ela chegue bem na minha cara e me dê o que pensa.

— Até logo, Rosie — ele diz enquanto dá uma última longa olhada para ela antes de passar pelas portas abertas.

— Vejo você por aí, Scotty. — Ela não desvia meu olhar quando diz isso, e eu o vejo lançar um olhar curioso em minha direção.

Então ele vai embora. Porra, finalmente.

E nos enfrentamos.

— Bem-vindo de volta — é como Rosie quebra o silêncio. Ela levanta-se e passa as mãos na frente da saia lápis. No momento seguinte, ela está atravessando o escritório, indo direto para as portas. Com um puxão, ela fecha um dos lados. — Você está em ótima forma esta manhã — ela acrescenta antes de fechar o outro também. — Muito charmoso, chefe. Entrando aqui como um cachorro selvagem, mijando por todo lado.

— Por que você está fechando as portas?

Ela caminha em minha direção, parecendo alta, poderosa e extremamente chateada. — Para que eu possa dizer que você é um idiota furioso, sem arriscar que alguém me ouça.

Minha cabeça se contorce. — Oh, tudo bem. Estamos mantendo as coisas relacionadas ao trabalho agora? Ou há uma chance de que esse discurso que você está prestes a fazer seja pessoal?

Ela se aproxima, a ponta pontiaguda do sapato quase batendo na minha bota de couro. — Não faça essa merda comigo, Ford. Esquece o quão bem conheço você. Você demitiu um pintor competente porque está agindo como um garotinho ciumento. Não pode se comportar assim numa cidade deste tamanho. É uma má imagem. Apenas tire esse acesso de raiva para que possamos voltar ao trabalho.

Eu não digo nada, então ela suspira, com as mãos nos quadris, o

queixo caído como se estivesse tão cansada quanto eu. — Pensei que tivéssemos virado uma nova página. — Seus olhos passam, apenas por um momento, pela corrente em volta do meu pescoço antes de lambe-los lábios e acrescentar: — Estou ocupada. E você também.

Eu me levanto e olho para ela com uma risada sombria. Tudo o que ela faz é inclinar a cabeça para cima. Não me dá um centímetro.

— Você pode ter virado uma nova página em questão de dias, mas há anos venho observando esta crescer. Eu não acho que vou entregar isso de jeito nenhum.

Ela revira os olhos. — Ford...

Minhas mãos disparam, pousam em sua cintura e a puxam contra mim. — Não me *engane*, Rosalie.

— Oh, voltamos para Rosalie. Isso é pelo menos um passo na direção certa. Talvez isso signifique que você não quer mais me foder e podemos...

Pressiono um dedo em sua boca, assustando-a e fazendo-a ficar em silêncio.

E então falo muito, muito claramente.

— Eu nunca vou superar o desejo de foder você. E algo me diz que não vai se importar como vou chamar você quando eu fizer isso.

Seus olhos se arregalam como se ela estivesse prestes a dizer alguma coisa, e pressiono meu dedo com mais força. Observando a carne de seus lábios cedendo.

— Você me disse que nada mudaria. — Ela balança a cabeça. — Exceto que tudo mudou. Você mudou. Eu mudei. Nós mudamos.

Ela para de balançar a cabeça – para de respirar.

— Porque passei todo o fim de semana *torturado* por sua causa. — Cuspo as palavras em frustração. — Eu deveria estar me divertindo muito, mas tudo que conseguia pensar era em *você*. Estou obcecado por você há anos e nem sei se percebi isso completamente. Ouvi falar de você através de boatos – procurei você online. Passei uma década

sem colocar os olhos em você, satisfeito por você estar fazendo o que queria. Mas nunca pareceu como neste fim de semana.

Ela sorri agora, desafio brilhando em seus olhos. — Bom. Espero que você tenha se sentido infeliz — diz ela contra o meu dedo. — Eu sei que eu estava.

Minha mão se move e seguro seu queixo. — Pare de jogar esse jogo comigo. Não somos mais crianças.

— Que jogo?

— Esse em que fingimos que nos odiamos.

Ela levanta o queixo desafiadoramente. — Você me odeia. Esse é o nosso lugar seguro. Você tem que me odiar. É mais fácil assim.

Balanço a cabeça, os molares rangendo. — Eu definitivamente não odeio você, Rosie. Nem mesmo perto. Mas posso foder você como se odiasse, se é isso que você precisa.

Seu peito sobe e desce, os olhos em chamas. Olhar procurando. O momento é tenso, como os segundos antes do início de uma corrida.

Finalmente, sua sobrancelha se curva. — Você precisa de um convite formal ou algo assim?

E essas são as palavras que fazem com que todos os obstáculos entre nós se evaporem na hora.

Eu a viro bruscamente e fico atrás dela enquanto dobro seu corpo na altura dos quadris. Suas mãos atingem ruidosamente a superfície plana da minha mesa no escritório silencioso.

— Fique assim, Rosie. Mãos onde eu possa vê-las.

Ela dá um empurrão na tela do computador na minha mesa para abrir espaço para seus dedos abertos e ela cai ali.

Eu rio. — Pirralha.

Então agarro a barra de sua saia lápis apertada como o inferno, puxando-a sobre suas coxas macias. Empurrando mais alto para que fique enrolada em sua cintura. Sua tanga preta delineia os globos de

sua bunda.

Eu a agarro com força. Eu sei que ela aguenta.

— Essa bunda está me assombrando, *Rosalie*. Isso é formal o suficiente para você?

Tudo que consigo é um movimento de cabelo e um flash de uma bochecha corada enquanto ela encara-me por cima do ombro. — Foda-se, Ford.

Sorrio. O que eu sei que não faz mais do que irritá-la. — Você está prestes a ser, Rosie.

Puxo sua calcinha até as coxas e afasto seus pés para que ela se espalhe para mim. Faço uma pausa, observando-a. A calcinha preta esticada entre suas pernas. Como os sapatos de salto alto acentuam as panturrilhas. O olhar que ela ainda está me dando por cima do ombro.

Suas sobrancelhas arqueiam. — Você precisa que eu explique o que fazer a seguir?

Eu trabalho no meu cinto com uma mão, usando a outra para esfregar sua coluna por baixo da camisa e da jaqueta, forçando-a a se apoiar nos cotovelos. Minha mão continua examinando seu ombro, apertando sua garganta com força, antes de colocar dois dedos em sua boca.

Empurro minha calça jeans para baixo, trabalhando em minha boxer enquanto inclino-me sobre seu corpo e sussurro em seu ouvido: — Não, acho que prefiro você com a bunda para cima e a boca fechada.

Seus lábios fecham-se em torno dos meus dedos e seus dentes se abaixam em advertência. Meu pau se solta e não perco tempo nos alinhando e passando a ponta sobre ela para testar o quão molhada ela está.

Eu gemo com o contato, então rosno contra seu pescoço: — Essa boceta está encharcada. Assim como eu sabia que estaria.

Seus quadris tremem e ouço seu: — Eu odeio você — abafado

pelos meus dedos.

Eu não levo isso para o lado pessoal. Sempre foi assim entre nós. Dizemos uma coisa e queremos dizer outra. Então respondo: — Eu também odeio você.

Ela já está excitada, ferosa, e pulsando embaixo de mim, mas agora ela amplia sua postura e arqueia as costas, incentivando-me.

Empurro a cabeça do meu pau para dentro dela, e ambos gememos. Eu afasto-me e seu queixo inclina-se para frente em um gemido desesperado.

— Mais.

— Você está muito ansiosa pelo meu pau, considerando o quanto você me odeia. Não é, Rosie?

Pressiono meus lábios na minha língua enquanto limpo sua umidade novamente, esperando que ela revide por esse comentário.

E ela revida.

Ela morde meus dedos com força, mas não os retiro. Enterro os dedos da minha outra mão em seu quadril e empurro para frente, empalando-a em todo o meu comprimento.

— Oh, Deus — ela geme, e vejo seus dedos se curvarem contra a mesa.

— Devo parar? — grito, tentando controlar-me.

— Mmm — ela cantarola em meus dedos. Sua mordida transforma-se em uma sucção firme.

Minha respiração fica irregular quando olho para baixo e vejo-me dentro dela. Quando eu a sinto apertando em volta de mim. — Tão apertada.

Eu quero tocá-la. Senti-la.

Retiro meus dedos de sua boca com um estalo molhado e pressiono entre suas omoplatas, empurrando-a para baixo enquanto levanto seus quadris.

Meus olhos seguem o movimento enquanto eu saio e deslizo de volta.

— Ford — ela murmura, e seus olhos fecham-se de onde ela está encostada na mesa.

— Devo parar?

— Não se atreva.

Empurro novamente, a mão vagando. Nas costas dela. No cabelo dela. Meus dedos se unem aos dela.

Agarro sua bunda, puxo seu cabelo, fodo como se a odiasse, embora não odeie.

— Era disso que você precisava, Rosie? Alguém para preencher essa boceta apertada? Foder toda a luta de você? — Minhas palavras saem entrecortadas, sem fôlego, enquanto bato nela. A mesa raspa o chão enquanto a empurramos para frente. — Você vai se acalmar quando eu fizer você gozar no meu pau?

Sua bunda treme com a força das minhas estocadas e ela ri. — Você vai parar de me seguir como um cachorrinho triste quando terminar de se mexer aí atrás?

Dou um tapa na bunda dela e vejo uma marca de mão florescer em sua pele pálida. A sugestão de uma linha bronzeada do verão passado logo ao lado da minha marca. Ela geme e rola a testa contra a mesa. Eu grunho em um impulso para frente, saindo do jeito que ela se contorce. Amando o jeito que ela morde de volta. — Isso foi cruel, Rosie. E não. Você está presa comigo. Dê-me toda essa atitude mal-intencionada. Isso só me faz amar mais você.

As palavras escapam antes que eu possa impedi-las. Elas ficam pendurados entre nós, pesadas – um elefante na sala. Diminuo meus movimentos enquanto o silêncio desce entre nós.

Ela finalmente levanta a cabeça e olha para mim por cima do ombro. Olhos vidrados, bochechas brilhantes. Espero que ela ouça minhas palavras e fuja. Para nos levar de volta ao território familiar. Colocar-nos de volta em pé de igualdade.

Mas a voz dela sai abafada quando ela diz: — Ok, agora quero que você me vire e me foda como se me amasse.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Rosie

Não sei por que esperava que meu pedido fosse recebido com uma risada, um sorriso malicioso ou um revirar de olhos. É assim que Ford e eu operamos – somos nós. Sendo honesto? Sendo *legal*? É novo e desconhecido, e não sei o que pensar disso.

Mas ele sabe.

Ele não perde o ritmo, ajudando-me a ficar de pé e virando-me para ele. Seu peito é duro contra o meu, suas mãos são gentis em meu rosto e ele me beija como se não se fartasse. Parece que ele quer me tocar em todos os lugares que puder.

Beijando-me. Acariciando-me. Despindo-me. Ele sussurra meu nome contra minha pele como uma oração, e antes que eu perceba, estou nua, sentada na mesa, e ele está caindo de joelhos diante de mim.

Meus joelhos abrem-se e deleito-me com sua respiração profunda enquanto ele faz uma pausa para me observar. A maneira como suas mãos ásperas deslizam pela parte interna das minhas coxas antes de enganchar minhas pernas sobre seus ombros. E a maneira como seus olhos piscam para os meus enquanto ele abaixa a cabeça mais perto do meu núcleo.

Eu sinto-me exposta e vulnerável enquanto ele olha, apenas olha para minha boceta espalhada por alguns instantes. Olhos brilhando como se eu fosse a coisa mais emocionante que ele já viu.

Eu quase entro em combustão quando ele rosna: — Oh, porra, sim — antes de levantar o olhar, dando seu sorriso estúpido e arrogante, e então beijando meu clitóris. Um gemido profundo ressoa

em sua garganta quando ele me prova pela primeira vez e meus olhos reviram.

Estarei repetindo esse barulho na minha cabeça para sempre.

Ele começa devagar, mas nenhum de nós tem qualquer controle. Nosso fervor está em constante ascensão. Meus quadris empurram para frente, implorando por mais. Sua língua pressiona em mim e meus dedos agarram seu cabelo, puxando-o para mais perto.

Quebrei todos os limites de velocidade para chegar até você.

Seus dentes roçam minha boceta e minha cabeça inclina para trás.

Não há nada de engraçado no jeito que eu quero você.

Seus dedos deslizam enquanto ele chupa, e minhas pernas prendem seu pescoço.

Isso só me faz amar mais você.

Ele torce cada grama de prazer do meu corpo, sua mão livre deixando um rastro de calor sobre meu estômago, dedilhando meu mamilo enquanto ele me toca.

— Ford! — eu suspiro seu nome quando meu orgasmo me atinge como um trem de carga. Forte, rápido e implacável. Meu corpo treme quando eu desmorono ao redor dele. Eu o aperto tão forte quanto ele me segura.

Quando as ondas diminuem, ele puxa os dedos e fica em cima de mim, segurando minha bochecha com a mão. — O que eu quis dizer antes é que estou obcecado por você e não tenho ideia de como lidar com isso.

Com essas palavras, estendo a mão, envolvendo a raiz de seu comprimento duro que se projeta acima do cóx de sua cueca. Cada centímetro sexy e duro dele. É enorme e sei que sentirei isso amanhã.

Sua cabeça cai enquanto ele beija minha bochecha. Percebo que estou totalmente nua e ele não. Estou totalmente exposta e ele não.

Exceto que talvez ele esteja.

Eu tirei minhas roupas e ele tirou todas as suas barreiras.

Eu percorro sua ponta, a gota de esperma escorrendo ali, sobre minha boceta e gemo ao sentir. Suas mãos passam pelas minhas costelas e ele segura meus seios com reverência. Agarrando-me. Apertando-me. Em seguida, torce meus mamilos enquanto eu o deslizo em meu clitóris já sensível e murmuro: — O que mais? Diga-me mais.

Quero que ele se sinta tão nu quanto eu.

— O que eu quis dizer antes é que sonhei com isso. — Deixo cair minha cabeça em seu peito e respiro. *Eu também*. O pensamento passa pela minha mente e reconheço sua verdade.

— O que eu quis dizer é que senti sua falta loucamente neste fim de semana.

Concordo com a cabeça, minha testa apoiada na base úmida de sua garganta enquanto guio seu comprimento de volta para mim. — Também senti sua falta.

Ele respira fundo estremecendo enquanto preenche-me. Desta vez, minhas pernas trêmulas ocupam seu lugar em volta de sua cintura enquanto ele limpa o que sobrou em cima de sua mesa. Tudo voa enquanto ele me deita e desliza até o fim.

Ele move-se, lento e dolorosamente terno. Sinto cada centímetro, cada nervura, cada veia. Ele preenche-me tão completamente que quase não consigo suportar.

Meus quadris movem-se com ele e minha pele começa a suar levemente.

Nós não conversamos – não precisamos. Nós dois sabemos. Nós nos entendemos muito bem.

— Rosie. Rosie. — Quando me sento para abraçá-lo, ele canta meu nome contra meu pescoço e eu tremo. Ele parece tão desfeito. Tudo para mim. Minhas unhas arranham suas costas. — Isso é...

Minhas pernas o prendem com mais força enquanto ele me fode com abandono crescente, e sussurro contra sua pele: — Perfeito.

Nossos olhares se cruzam e algo passa entre nós. Entendimento. Acordo. Nós dois sabemos que isso é perfeito. Ele. Eu. Nós. Nada nunca pareceu mais certo.

Sua mandíbula flexiona enquanto ele bombeia lentamente em mim, procurando meus olhos. Ele está sempre observando meus olhos tão de perto. Normalmente acho isso enervante, mas agora não faz nada além de me fazer querer mais dele.

Então, deito-me na mesa, deixo as pernas abertas e começo a brincar comigo mesma enquanto Ford observa-me. Aquela expressão de reverência – quase descrença – volta ao seu rosto com força total e ofuscante. Mas então mordo meu lábio e aperto meu clitóris e sua expressão torna-se completamente perversa.

É aquele sorriso arrogante e o movimento lento do pomo de adão que me dá uma dica. Ele puxa e depois penetra com força. De novo. E de novo. Golpes constantes e poderosos que sacodem todo o meu corpo.

Ford me fode até perder os sentidos em cima de sua mesa. Materiais de escritório espalhados e um computador quebrado nos cercam. Mas tudo que vejo é ele. Ele parece uma espécie de deus vingador levando-me ao frenesi. Bochechas coradas, cabelo desgrenhado caído sobre a testa, veias salientes em seus antebraços enquanto seu abdômen flexiona a cada impulso.

Acho que poderia gozar apenas saboreando a vista que tenho ao me deitar com as pernas abertas sob seu corpo duro e pesado.

Suas mãos me mantêm bem aberta e seus olhos permanecem fixos nos meus. E quando eu gozo novamente, ele observa-me como se estivesse guardando outro momento na memória.

Ele está sempre me olhando assim. Como se ele me adorasse.

Então ele coloca-se sobre mim, fundindo seus lábios aos meus, e bombeia dentro de mim até que eu o sinta terminar. Eu sinto tudo.

Cada pulso. Cada beijo. Cada toque.

Se é assim que é ser fodida quando Ford Grant ama você, quero

que ele me ame para sempre.

Eu o seguro perto. Abraçando-o contra mim, mesmo que ele ainda esteja dentro de mim.

Posso sentir seu batimento cardíaco em meu peito e sua respiração áspera contra meu pescoço.

— Você sabe o que eu mais odeio em você, Ford? — pergunto.

— O que é, Rosie? — ele sussurra meu nome, passa o nariz pela linha do meu pescoço e segura-me com mais força. — Isso, odiar você é absolutamente impossível.

Minha voz falha no *impossível* e, com isso, nós dois sabemos que não odeio Ford de jeito nenhum.

Na verdade, pode ser exatamente o oposto.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Ford

Odiar você é absolutamente impossível.

A frase repete-se em minha mente enquanto recoloco cuidadosamente cada peça da roupa de Rosie. Colocá-las de volta nela é quase tão erótico quanto tirá-las.

Meu esperma escorre dela enquanto deslizo sua calcinha de volta no lugar, e sinto uma espécie de satisfação em passá-lo sobre seu clitóris. Fazendo-a ofegar.

Depois vem a saia.

O zumbido suave do zíper oculto que fecha o tecido apertado cor de ameixa em volta da cintura.

A maneira como ela segura meu olhar enquanto coloco sua blusa de volta na cintura.

O roçar dos nós dos meus dedos sobre os seios dela enquanto eu abotoo seu blazer.

Ela tenta calçar o sapato de volta, mas eu agacho-me e gentilmente coloco-o em seu pé. Deslizando eu mesmo o couro macio sobre cada pé. Passando a mão pela parte de trás de sua panturrilha e dando um beijo em seu joelho antes de olhar para ela.

Sua mão estende-se para mim, as pontas das unhas passando pela mecha de cabelo que caiu sobre minha testa.

— Sinto muito pelo seu computador — ela diz suavemente, torcendo um pouco a boca, como se não sentisse nada.

Meus olhos voltam-se para o chão onde está meu Mac, com a tela

irremediavelmente quebrada. Eu sorrio de volta para ela. — Valeu a pena.

Suas bochechas ficam rosadas e ela vira a cabeça, quase tímida. — Você é a primeira pessoa com quem fiz sexo sem usar camisinha, então devo deixar tudo claro nesse departamento. Vou fazer o exame para ter certeza.

Suponho que alguém supostamente tão inteligente quanto eu deveria estar preocupado com isso. Mas ela transformou-me em um homem das cavernas, porque tudo que ouço nessa frase é que sou o primeiro homem a fodê-la sem camisinha.

— O mesmo — eu digo, sentindo meu pau ficar duro por ela novamente.

— Não quero que você pense que estou tentando prendê-lo com um bebê, então também devo dizer que tenho um DIU. — Sua testa está enrugada. — Provavelmente deveria ter contado isso antes também.

Eu olho para ela. — Eu não me sentiria preso com você.

Suas bochechas ficam ainda mais escuras e um silêncio pesado desce entre nós.

É então que ouço a porta de um carro batendo na entrada da garagem. Minha cabeça vira nessa direção e a de Rosie também.

Déjà vu.

Ela puxa a barra do blazer, passando as mãos pelos cabelos.

— Quem diabos estaria aqui? — Tento endireitar-me, mas não me importo muito com o fato de alguém me ver um pouco desganhado. Em vez disso, olho para minha mesa e para tudo espalhado pelo chão.

— Talvez Scotty tenha voltado — ela brinca, do jeito que faz quando tenta suavizar qualquer constrangimento ou intensidade. Ela faz isso desde criança. West tinha problemas e lá estava Rosie, sentada à mesa de jantar, tentando aliviar o clima enquanto todos comiam ansiosamente.

— Talvez ele quisesse lições sobre como fazer corretamente...

— Ford?

Eu congelo e Rosie também. Nossos olhares encontram-se e agora é a minha vez de ficar rosado. Porque esse não é Scotty.

Rosie se recupera primeiro, colocando novamente sua máscara profissional. — Senior! Isso é você?

Ela afasta-se pelo corredor em direção à porta da frente e desaparece de vista, ainda alisando as roupas. Ela está andando um pouco cautelosa e talvez um cara mais legal se sentiria mal por isso.

Mas eu não sou um cara mais legal, e fico feliz em saber que ela está dolorida depois do que acabamos de fazer.

— Rosie?

Oh, Deus. Minha mãe também? Apoio as mãos nos quadris e olho para as vigas de madeira do teto. Meu pai não perceberá a bagunça aqui.

Mas minha mãe?

A Dra. Gemma Grant, Terapeuta Sexual, vai saber exatamente o que aconteceu neste *escritório*.

— Gema! Oi! É tão bom ver vocês dois.

Posso ouvir os fortes sussurros dos abraços sendo trocados. Eu deveria ir até lá e cumprimentar meus pais, mas estou preso olhando para o teto. Perguntando-me como cheguei onde estou.

Uma criança que eu nunca imaginei chegando.

Uma garota que nunca consegui esquecer.

Meus pais aparecendo no pior momento possível.

— Uau, parece incrível — diz minha mãe, parecendo genuinamente impressionada.

— Ford tem trabalhado duro — Rosie responde alegremente. Nem um pouco fora de sintonia. Como se ela cumprimentasse os pais com

esperma na calcinha todos os dias. — E Scotty também, seu empregado favorito.

Claro que minha mãe percebe isso. — Isso significa que ele o odeia?

Rosie ri e ouço três pares de passos enquanto eles caminham pelo curto corredor até a área do escritório principal.

Eles param quando veem que parece que uma bomba explodiu e eu estou no meio de tudo isso.

Meu pai está como sempre: cabelos grisalhos e suaves. A cor do cabelo e algumas linhas extras ao lado dos olhos podem ser a única revelação para sua idade. Caso contrário, ele ainda está andando de jeans e camiseta justa com um colar longo, como se ele e eu tivéssemos a mesma idade.

O cabelo da minha mãe ainda é ruivo brilhante, assim como o de Willa, embora eu suspeite que ela receba uma ajudinha nesse departamento atualmente. É cortado na altura do queixo, mas com um estilo um pouco selvagem e ondulado. Ela é alta e magra, como sempre foi. E está vestindo uma jaqueta jeans – admito – muito legal, com bordado floral na manga.

Ela também está com um sorriso malicioso.

— Filho, o que você está fazendo? — meu pai diz isso com uma risada profunda, girando a cabeça para absorver tudo.

Lanço-lhe um olhar temperamental, porque estou tendo dificuldade em acreditar que os últimos trinta minutos realmente aconteceram.

Mas não Rosie.

Rosie dá um tapinha no ombro do meu pai e dá uma risada leve. — Você apareceu logo após um acesso de raiva.

Ah, eu vou matá-la.

As sobrancelhas do meu pai franzem e Rosie me dá uma piscadela. — Você sabe como são os bilionários. Algo não vai bem e,

de repente, eles estão tendo um ataque. Andando por aí. Quebrando merda.

Meu pai ri disso, abraçando Rosie ao seu lado. — Você é um foguete, Rosalie. Senti sua falta.

Mas é minha mãe quem está olhando para mim com aquele sorriso malicioso no rosto e uma sobrancelha levemente arqueada. Porque minha mãe sabe que quando fico irritado, faço beicinho, e resmungo quando estou chateado, mas não quebro merda nenhuma. Essa é uma jogada de Willa. — Que sorte que Rosie sabe como lidar com o novo temperamento de Ford.

Meu pai ainda está rindo bem-humorado quando se adianta para envolver-me em um abraço. E quando olho para Rosie por cima do ombro dele, minha mãe bate no ombro da pequena megera e diz baixinho: — Fazer xixi depois ajuda a prevenir infecções.

E agora eu sorrio, porque Rosie, que achou a piada de birra muito engraçada, agora está olhando para mim.

Vermelha como uma beterraba.

* * *

Quando a campainha toca, às três horas em ponto, sei que meus pais estão falando sério. Eu disse a eles que precisava pegar Cora na escola e avisar que eles estavam aqui. Eu disse a eles que não chegaríamos em casa antes das três e que ligaria para eles.

Abro a porta e, com certeza, lá estão meus pais. Seguro a moldura com uma mão e a porta com a outra, impedindo-os de entrar como se fossem donos do lugar.

— Eu disse que ligaria para vocês.

Meu pai zomba. — Você não tem um grande histórico nesse departamento atualmente.

— Bem, pai, seu histórico de excessos ainda está firmemente

intacto, então acho que ambos somos consistentes.

Suas sobranças caem e minha mãe aperta os lábios para abafar uma risada. Ela sempre se diverte vendo os dois Fords se enfrentando.

— Garoto, você não tem ideia. Estou com minha camiseta do Melhor Vovô do Mundo por baixo desta camisa de botão.

— Você não está.

— Eu estou. — Ele sorri e levanta a camisa para revelar a camiseta que Willa comprou para ele quando sua filha nasceu.

— Eu disse a ele que ele estava ficando um pouco forte e que precisava disfarçar até que pudéssemos ter uma impressão sobre Cora.

Meu olhar salta entre meus pais. Posso sentir a energia excitada emanando deles. E, verdade seja dita, não tenho certeza de como Cora reagirá à presença deles – ao entusiasmo deles. Eles são muito para absorver às vezes. Eu ouvi a conversa dela com a mãe dela. Elas são calmas e maduras, e não há menção de fazer xixi depois do sexo ou apenas transar com caras que leem.

— Ok, ouçam. Precisamos estabelecer algumas regras básicas primeiro. — Fecho a porta atrás de mim e vejo os olhos da minha mãe se arregalarem enquanto os do meu pai reviram.

— Ela tem uma mãe e ela tem um pai. Só porque eles não estão aqui não significa que vocês podem entrar e agir como se fôssemos uma espécie de família substituta. Se ela quiser chamá-los pelo primeiro nome, lidem com isso.

Meu pai acena com a cabeça e minha mãe sorri.

— Também não quero ouvir uma única palavra sobre aquela vez em que uma mulher inventou uma história de paternidade para enganar você. Está no passado e não tem relação com Cora. Falar sobre isso só vai deixá-la desconfortável.

Recebo respostas murmuradas de *sim* e *claro*.

Passo a mão pelo cabelo. — E apenas... sejam legais. Ok?

— Aye, Aye, capitão!¹⁵ — Meu pai me saúda e volto a encará-lo.

— Mais alguma diretriz?

— Sim, pai. Ela gosta de música, mas por favor, não passe o tempo todo falando sobre sua banda fracassada. Ninguém gosta disso tanto quanto você.

Ele ri, beliscando minha bochecha como fazia quando eu era menino e forçando-me a me virar enquanto reprimia um sorriso. — Você é um idiota tagarela, sabia disso? — ele acrescenta, passando por mim. E só agora noto que ele está com uma case de violão nas mãos.

Minha mãe passa em seguida, dando-me um tapinha no peito. — É adorável ver você tão paternal. Seja qual for o papel que você planeja desempenhar na vida dela, ela tem sorte de ter você.

Viro-me e vejo meus pais entrando em minha casa, maravilhados com as atualizações e discutindo seus toques favoritos. Eles não percebem que Cora os observa do patamar da escada. Posso vê-la claramente, olhando pelo corredor. Nossos olhos encontram-se e ela me dá um sorriso hesitante. Uma inclinação sutil de sua cabeça.

Pisco de volta para ela, apontando meu queixo em direção aos meus pais.

O que é tudo o que ela precisa para descer e se anunciar corajosamente. — Olá, meu nome é Cora.

Os dois viram-se para observá-la e, assim como Willa, param por um momento, com os olhos arregalados e a boca aberta. Acho que nos parecemos um com o outro.

— Olá, Cora. Meu nome é Gemma — minha mãe fala rápido, aproximando-se com um sorriso amigável.

— E eu sou...

— Ford Grant Senior. Guitarrista do Full Stop.

Seus lábios se contraem quando os olhos de Cora caem para a case da guitarra ao seu lado.

— Você ainda sabe tocar isso? — Cubro a boca com o punho para não rir.

Ele zomba da pergunta dela. — Claro. Mas você sabe?

Seus olhos ficam comicamente arregalados enquanto ela balança a cabeça. Fecho a porta e entro na sala aberta para ficar perto do meu pai.

— Achei que seria divertido mostrar a você. Eu também ensinei Willa.

— Você vai *me* deixar tocar *sua* guitarra?

Ele dá de ombros. — Quero dizer, sim. Por que não?

— Eu só... parece que pertence a um museu ou algo assim.

Eu inclino-me para perto, dou-lhe uma cutucada com o cotovelo e sussurro: — Ela quer dizer porque você está velho.

— Não — Cora diz quase sem fôlego. — Quero dizer, porque essa guitarra é icônica.

Papai dá um sorriso irritantemente satisfeito em minha direção. — Ah, Cora. Você e eu vamos nos dar bem. Aposto que nem minha camiseta do Melhor Vovô do Mundo vai me fazer perder pontos legais.

Uma risada chocada borbulha de sua garganta enquanto meu pai dá um tapinha nas costas dela e a leva para a sala de estar.

Essa expressão não sai de seu rosto o dia todo. Na verdade, isso só se intensifica quando ela aprende uma música simples e meu pai lhe dá uma palheta.

Eu gostaria que Rosie estivesse aqui para vê-la.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Rosie

A primeira coisa que fiz quando Ford levou os pais para casa foi fazer xixi. E então comecei a rir histericamente nas palmas das mãos enquanto estava sentada no vaso sanitário.

Só eu.

Apenas Rosalie, uma grande bagunça, para fazer sexo com seu quase inimigo de longa data e novo chefe e depois ser surpreendida por seus pais.

Se eu não estivesse tão divertida com toda essa confusão, eu gostaria de deitar e morrer de vergonha. Mas do jeito que está, estou meio que empenhada em ver como tudo isso acontece.

Chame isso de senso mórbido de curiosidade.

Eu recio nosso momento de insanidade em minha cabeça enquanto volto para minha casa em um torpor sexual feliz. No chuveiro, fecho os olhos e finjo que minhas mãos são as dele, percorrendo meu corpo.

A maneira como ele mudou de duro e dominador para suave e adorador deu-me o melhor tipo de chicotada. Meu corpo dói com a lembrança dele.

Quando saio, aplico loção corporal e murmuro suas palavras para mim mesma.

Você é perfeita. Senti sua falta loucamente neste fim de semana. Eu não me sentiria preso com você.

No passado, sentimentos como esse poderiam ter desencadeado um alarme. Nunca fui de apegar-me facilmente. Mas com o Ford, não

parecem cantadas baratas. Não fazem sirenes tocarem na minha cabeça.

Tudo o que sinto é uma sensação quente e flutuante na minha barriga. Como a tensão desenrolando-se, acalmando toda a ansiedade. Lavando aquela sensação incômoda de coceira que sempre sinto na presença dele.

— Ah! — Dou um pulo quando vejo meu colega de quarto, o ratinho marrom, correndo pelo chão e para debaixo da minha cama. — Sério, cara — resmungo, vestindo um jeans e um suéter, sentindo que preciso sair e caminhar, ou estar perto de outros humanos, ou algo assim – andar em círculo ou algo assim. — Você não precisa sair correndo e assustar-me desse jeito. Apenas seja legal. Desfile como se você fosse o dono do lugar. Sou demasiada mole para despejar você de qualquer maneira. Só vou garantir que meu irmão não descubra sobre você.

Eu ouço o leve barulho dele correndo pelo chão. Ele aparece do outro lado da cama, indo para a cozinha.

— Eu deveria chamar você de Ratatouille.

Eu o observo. Orelhas pequenas e redondas. Olhos redondos e pretos. Eu deveria ter problemas com um rato no meu espaço, mas simplesmente... não tenho.

— Bom ponto — falo para absolutamente ninguém. — Você não é um rato. Entendo. Eu entendo. E Scotty?

Isso seria divertido. Rio de mim mesma enquanto ele rasteja sob a borda inferior dos armários e pego-me observando-o. Narizinho farejando, bigodes balançando em busca de migalhas.

Ele encontra migalhas – porque eu as coloquei lá.

— Seria bom se você pudesse manter seu cocô do lado de fora. Estou ficando um pouco cansada de passar aspirador e lavar o chão todos os dias.

Uma batida na porta desvia minha atenção e atravesso o barracão para abri-la. Eu estava esperando West, mas Ford está bem na minha

frente. Preenchendo todo o espaço com sua altura imponente e ombros largos.

Seu cabelo está úmido e ele está vestindo um suéter marrom tricotado. A camiseta branca por baixo aparece e vejo o flash de sua corrente de prata desaparecendo sob as camadas.

Ele apoia a mão no topo do batente da porta, inclinando-se um pouco mais perto. — Oi.

Meus olhos viajam de volta para os dele. E o que vejo é... nervosismo. Ele parece *nervoso*.

— Oi. — Sorrio suavemente, sinto o cheiro dele profundamente e estendo a mão, enganchando um dedo na corrente e puxando-a para fora. Passo o polegar pela chave manchada e balanço a cabeça. Ainda não consigo acreditar que ele manteve isso por todos esses anos.

— Com quem você estava falando?

— Meu rato — respondo distraidamente.

— Seu rato?

— Sim, Scotty.

Olho para Ford e suas sobrancelhas grossas e mal-humoradas. Os altos picos de suas maçãs do rosto de modelo. Não é à toa que o nomearam o bilionário mais sexy do mundo. O status monetário é apenas um artifício para um rosto que definitivamente merece revista.

— Você deu ao rato, que está morando na sua casa, o nome de Scotty?

— Sim.

Um tendão na borda de sua mandíbula estala. — Por quê?

— Para irritar você.

Ele revira os olhos para mim com seu jeito mal-intencionado característico. — Você acha que vou ficar com ciúme de um rato?

Encosto-me no batente da porta, olho para ele com olhos arregalados e inocentes e dou de ombros.

Estamos nos olhando fixamente, o que não é novidade, mas há um calor adicional. Um conhecimento adicional.

— Você é irritante — ele resmunga, e então ele abaixa a cabeça para me beijar, e eu sorrio contra seus lábios.

Esse beijo é diferente. Não é cercado de raiva, frustração ou tensão autoritária.

É dolorosamente doce. Não suave, mas prolongado. Mais uma vez, os nós dos dedos dele acariciam minha bochecha e um arrepio percorre minha espinha. Aproximo-me, querendo estar envolvida nele.

De novo.

A noite toda.

O dia todo.

Se Ford fosse um cobertor, eu o colocaria sobre os ombros e andaria como se estivesse usando uma capa.

Sua língua desliza contra a minha e sua mão pousa na minha garganta. — Vim convidar você para nossa fogueira esta noite. — Sua respiração está úmida contra meus lábios. — Mas agora que sei que Scotty veio morar com você, acho que você deveria fazer as malas e ficar comigo.

A ponta do meu nariz corre sobre a barba por fazer na borda de seu queixo definido. — Isso pode levantar algumas sobranceiras na frente profissional. Você me fode uma vez e me leva para morar com você?

Ele dá um beijo forte em meus lábios antes de se afastar e recuar. — Você sabe que não dou a mínima para o que as pessoas pensam de mim. Você pode ficar no quarto de hóspedes se for mais profissional para você. Eu posso foder você facilmente lá. — Ele me dá um sorriso arrogante, dando um passo para trás como se estivesse se preparando para ir embora. — Porque nós dois sabemos que não foi apenas uma vez. Foi apenas a primeira vez.

Eu solto uma risada, sorrindo de volta para ele. — Vou pensar

sobre isso.

— Se você escolher um rato chamado Scotty em vez de mim, ficarei ofendido.

— Eu quis dizer a fogueira. Eu seria uma idiota se escolhesse Scotty em vez de você.

Fecho a porta para ele, satisfeita por ter dito a última palavra. Mas então abro novamente e o vejo olhando para o barracão com um sorriso de menino no rosto.

— Mas Ford, precisamos contar a Weston.

Espero que o sorriso desapareça de seu rosto, mas isso não acontece. — Eu sei.

É por trás da porta fechada que o ouço gritar: — Vejo você hoje à noite.

Como ele me conhece bem o suficiente para entender, não preciso pensar nisso.

* * *

Espero que Ford não queira fazer sexo comigo esta noite, porque comi muitos cachorros-quentes e marshmallows. Estou tão cheia que tudo que quero fazer é dormir.

Possivelmente exatamente onde estou. Afinal, já estou enrolada em um dos cobertores de Ford.

O fogo está quente, minhas bochechas doem de tanto sorrir, e a taça de vinho em minha mão tem um gosto muito bom.

West apenas bagunçou meu cabelo – mais como um cascudo, na verdade – e saiu com sua filha selvagem e seu garoto estudioso.

Gemma e Ford Senior partiram alguns minutos depois. E Ford simplesmente acompanhou Cora de volta para casa. Estar aqui para ver Cora se conectar com avós que ela nem sabia que tinha foi um

ponto alto da minha vida. Ela observou todos conversando, rindo e provocando uns aos outros com olhos arregalados e maravilhados.

Eu poderia tê-la assistido absorvendo isso a noite toda.

Minha pequena nuvem de tempestade brilhava como a lua.

E agora sou só eu, minha comida, uma taça de vinho e as estrelas.

Sinto-me cochilar. Um estalo alto do fogo acorda-me e balanço a cabeça. — Controle-se, menina — murmuro.

Não querendo adormecer e derramar vinho tinto em mim, faço força para ficar de pé e desço a encosta em direção ao lago. Em direção à doca. É meu lugar favorito para me sentar.

Chá pela manhã.

Almoço tranquilo.

Vinho para dormir.

Está voltado para oeste, o que significa que é um lugar espetacular para se sentar à noite. Está mais frio perto da água também, algo que eu claramente preciso para ficar acordada agora.

Puxo o cobertor com mais força sobre os ombros e olho para a água escura enquanto reflito sobre os acontecimentos do dia. As tábuas tremem antes mesmo de eu ouvir a aproximação de Ford.

Ele agacha-se atrás de mim, mas não me viro para olhar para ele. Continuo olhando para o outro lado do lago, agora pontilhado pelas luzes de uma casa em frente à minha.

Juro que posso sentir seu aborrecimento mesmo sem ter me virado.

Eu sorrio para a noite fria.

Sua mão envolve meu rabo de cavalo e ele dá um puxão suave, puxando minha cabeça para trás. Forçando-me a olhar em seus olhos, seu verde quase preto na escuridão.

No passado, isso sempre pareceu divertido. Paquerador até. Mas esta noite, isso faz meu estômago revirar e meu sangue bombear mais

rápido. É absolutamente imponente.

— Você está me ignorando, Rosalie?

— Sim.

— Por quê?

— Porque gosto de brigar com você.

Sua cabeça curva-se de uma forma quase felina. Um arrepio percorre minha espinha. Isso me lembra do olhar que ele me deu mais cedo, logo antes de me virar e me foder em sua mesa, exatamente como eu queria que ele fizesse.

— Nós brigamos ou flertamos?

Pisco para ele, minha cabeça ainda inclinada para trás. — Conosco, acho que são a mesma coisa.

Ele balança a cabeça como se eu o irritasse. Mas eu sei melhor. Agora sei que ele sempre age quando se trata de mim. De nós.

E o beijo que ele se inclina para pressionar contra minha boca praticamente confirma isso.

Quando seus dedos acariciam meu cabelo, ele senta-se ao meu lado, nossos corpos pressionados firmemente lado a lado. Nada parecido com a noite em que eu disse a ele que ele teria que se aproximar para dividir minhas batatas.

Estendo minha taça para ele e ele toma um gole profundo.

— Esta noite foi uma noite divertida — digo, cortando o silêncio. — Cora é tão... — paro, balançando a cabeça. Não consigo colocar em palavras o que ela é para mim. Tão parecida com o pai dela que dói, tão pura, tão autoconsciente, tão desperta. Não conheço os pais dela, mas sei que eles criaram uma boa filha em circunstâncias nada ideais.

— Legal — Ford acrescenta, tomando outro gole.

— Sim. Ela é muito legal.

— Vou ficar triste quando ela voltar para a mãe.

Eu vou ficar mais ainda. Não sei o que esperava que ele dissesse, mas não era isso. Não tivemos muita chance de conversar sobre a viagem deles, já que estávamos... comprometidos de outra forma.

— Você acha que ela vai voltar?

Ele dá um aceno firme. — Ela é uma boa mãe. Uma boa pessoa. Boas pessoas ficam clinicamente deprimidas. Ela vai se recuperar e eu nunca iria querer interferir nisso. Cora pertence a ela.

Deixo cair minha cabeça em seu ombro. — Acho que Cora sempre estará em nossas vidas agora, de alguma forma. E se a mãe dela for tão boa quanto você diz, ela não a manterá longe de você. Não depois da maneira como você esteve lá por elas.

Eu o ouço engolir em seco, seu corpo movendo-se enquanto ele balança a cabeça novamente.

— Pare de monopolizar meu vinho, Junior. — Minha mão faz um movimento de agarrar e a vibração de sua risada profunda percorre meu corpo enquanto ele devolve.

— Você disse *nossas vidas*.

O vinho é encorpado e repleto de cerejas ao escorrer pela minha língua.

— Boa audição. Estrela dourada para você. — Eu aproximo-me mais, insinuando que quero que ele coloque um braço sobre mim, mas seus dedos prendem a borda do deck.

— Você acha que vai ficar aqui em Rose Hill?

Essa pergunta me fez endireitar e virar para avaliar seu perfil. — Por que eu não faria isso? Tenho minha família, um trabalho que realmente gosto – e não estou dizendo isso só porque você é tecnicamente meu chefe – e um lugar para morar.

— Com um rato.

— *Scotty* — eu o corrijo, o que me rende um revirar de olhos. — Meu chefe me paga a mais, então provavelmente eu poderia conseguir minha própria casa. Um aluguel, talvez.

Posso dizer que ele está tenso. Posso dizer que a névoa pós-sexo perdeu um pouco do brilho.

Posso dizer que ele está preocupado com a partida de todos, mesmo que ele nunca diga isso em voz alta. Não acho que ele gostaria que eu lhe dissesse isso, então eu o tranquilizo da melhor maneira que posso imaginar.

— Posso dormir na sua casa esta noite? — Essa pergunta chama sua atenção e ele vira um rosto ilegível para mim. Uma leve ruga forma-se entre suas sobrancelhas, como se ele não conseguisse me entender.

E isso é bom. Gosto de manter Ford Grant alerta.

Provavelmente é por isso que acrescento: — Quarto de hóspedes no andar principal. Manteremos isso profissional com Cora por perto.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Rosie

O problema é que não quero manter as coisas profissionais. Eu disse isso porque parecia algo que você deveria dizer quando começar a foder seu chefe. Agora, estou deitada na cama, vestindo a camisa de Ford, com a comida esquecida, desejando que ele desça as escadas e se enrosque comigo.

Tento dissuadir-me tantas vezes. Já quase fomos pegos uma vez. Mas meu corpo não se importa – e nem meu coração. Quero suas mãos em meu cabelo, sua pele quente contra a minha.

É por isso que rastejo por uma casa escura e subo as escadas, mantendo-me nas bordas para evitar qualquer rangido que possa acordar Cora. Uma espiada em seu quarto no topo da escada e a vejo esparramada como uma estrela do mar. Meus lábios curvam-se com a visão e então fecho muito, muito suavemente a porta do quarto dela antes de seguir para o quarto principal, no extremo oposto do corredor.

A porta está fechada e nenhuma luz brilha por baixo. Algumas pessoas podem hesitar em entrar no quarto de Ford.

Eu não sou uma dessas pessoas. Giro a maçaneta e entro. Suas cortinas estão abertas e a luz ambiente externa entra pelas enormes janelas. A porta fecha-se atrás de mim e ando até a cama king-size. Muito parecido com Cora, ele tem membros longos e musculosos.

Ao contrário de Cora, eu não me afasto.

Pressiono um joelho no colchão e rastejo em sua direção. Sua respiração é profunda e toda a cama tem um leve cheiro de sândalo. Acho que me contentaria em ficar deitada aqui ao lado dele,

respirando-o.

Em vez disso, ajoelho-me ao seu lado. Absorvendo-o, tão relaxado. Ele parece mais jovem – mais despreocupado – assim.

Com uma mão, passo a ponta dos dedos sobre seus lábios, assim como fiz naquele dia no armário. Eu estava prestes a perguntar se ele já pensou que poderíamos ser mais. Pareceu-me injusto naquele momento que um dos melhores homens que já conheci estivesse bem na minha frente, dizendo-me o quanto eu era valiosa e que não poderia tê-lo.

Mas agora a única pergunta que me faço é: *por que não?*

Sua mão grande e forte voa, dedos de aço envolvendo meu pulso.
— Rosie.

Não é uma pergunta. Ele *sabe* que sou eu.

— Oi.

— O que você está fazendo? — ele pergunta por trás dos olhos fechados.

— Tocando você.

Seus lábios curvam-se em um sorriso pecaminoso. — Achei que estávamos sendo profissionais.

— Certo — eu sussurro. — É que pensei sobre isso e decidi que ser profissional é superestimado. Eu quero que você me toque também.

Por apenas um momento, sou levada de volta àquele dia na sala de reuniões. Eu disse a Stan que se eu quisesse que ele me tocasse, contaria a ele.

Ford pode ser meu chefe no papel, mas nada em nosso relacionamento lembra isso. Nada entre nós é sujo – não dessa forma. Nada sobre nós *precisa* ser segredo se nenhum de nós quiser que seja.

Uma risada rouca sai dele enquanto seus olhos verdes abrem-se e mergulham nos meus. Calafrios surgem na parte de trás do meu pescoço, percorrendo minha espinha e meus braços.

— E você manteve todas as suas roupas mais cedo, o que pareceu claramente injusto para mim. Então, vim procurar por você.

— E você me encontrou.

Meus dentes afundam em meu lábio inferior enquanto eu aceno.

— E agora? — ele pergunta sob uma sobrancelha arqueada. — Não sei. — De repente sinto-me nervosa. Cheguei aqui sem nenhum plano, apenas sabendo que queria estar perto dele. — Você quer que eu saia?

Ele me encara com mais intensidade agora. É quase enervante. O peso do seu olhar. A maneira como meu estômago revira sob sua atenção. Eu nunca me senti assim antes.

— Não, Rosie. Quero você aqui. — Sua voz é suave e profunda quando ele estende a mão para mim. Mãos largas circundam minha cintura e eu grito quando ele me puxa para ele, então estou montando em seu torso.

— Vou precisar que você fique quieta, baby — ele murmura enquanto suas mãos deslizam sobre meus quadris, as pontas dos dedos mergulhando dentro da minha calcinha.

Tudo o que posso fazer é acenar com a cabeça, lamber os lábios e observar como suas mãos ficam percorrendo meu corpo.

— E-e agora? — eu praticamente gaguejo.

— Agora você vai segurar firme nessa cabeceira, sentar na minha cara e tentar manter a boca fechada enquanto eu faço você gozar.

Antes que eu possa responder, ele me move para cima, puxa a minha calcinha para o lado e coloca a língua na minha boceta.

Eu suspiro e caio para frente, segurando a cabeceira como ele instruiu, mais por precisar de algo para me segurar do que porque sou boa em seguir instruções.

Minha cabeça cai para trás quando seus dentes roçam meu clitóris. Ele apalpa minha bunda e abraça-me, como se estivesse comendo sua fruta favorita. Sua ansiedade não faz nada além de me

deixar ainda mais selvagem.

— Hmmm — eu murmuro, tentando encobrir a série de palavrões que atualmente estão na ponta da minha língua. Minhas coxas tremem com o esforço de me manter sobre ele e seus dedos cravam com força.

Ele afasta-se, apenas para resmungar comigo naquele tom profundo.

— Rosie. Eu disse, fique quieta. E pare de ser educada. Falei para você sentar na minha cara. — A mão que segura minha calcinha puxa-me com força para que eu fique completamente sentada.

Ele chupa meu clitóris e meu corpo curva-se nele. Sua mão desliza da minha bunda, passando pelo meu quadril, estômago e até meu peito, onde ele me acaricia suavemente. Segura-me. *Toca-me.*

Ele dá ao meu mamilo uma torção boa e firme que me faz ofegar e esfregar contra sua boca. Toda a resposta que recebo é um grunhido profundo e satisfeito contra meu núcleo enquanto ele continua a lamber, chupar e provocar.

Eu monto nele descaradamente. Ele me disse para parar de ser educada, e paro. Eu perco-me na sensação, na sensação da pele dele na minha. O cheiro dele enrolado em mim.

Há algo de fortalecedor em pedir o que quero. Para ser tocada quando eu quiser. E estou bêbada com isso – bêbada com ele – quando tudo dentro de mim aperta-se. Quando essa pressão aumenta tão rapidamente, tão intensamente, não consigo me conter... eu desmorono.

Sinto que estou explodindo em um milhão de pedacinhos. Minha pele está quente, minhas pálpebras estão pesadas. E por mais que eu tente ficar quieta, não consigo.

Sua mão cobre minha boca e inclino-me para ela, usando seu braço para me apoiar enquanto agarro-me à cabeceira da cama.

— Ford — eu sussurro enquanto ele move-me para baixo. Seus membros estão se movendo e há tecido farfalhando ao meu redor, mas estou incoerente demais para acompanhar. — Ford.

— Rosie, baby. Eu disse para você ficar quieta.

Meu cérebro está confuso demais para me importar. — Mais. — Eu dobro-me sobre ele, deixando cair minha cabeça na curva de seu pescoço e beijando-o ali. Meus dentes roçam o lóbulo de sua orelha quando percebo que ele tirou a cueca enquanto eu desmaiava.

— Mais?

Concordo com a cabeça, sentindo seu pomo de adão mover-se contra minha testa enquanto ele engole. — Mais.

Suas mãos movem-se com firmeza, totalmente profissionais, enquanto ele tira minha calcinha. Então ele senta-se, encostando-se na cabeceira da cama e levando-me com ele.

Posso sentir seu comprimento duro apoiado na minha bunda enquanto ele nos posiciona.

Seus olhos permanecem no meu rosto enquanto ele se abaixa para agarrar a barra da *sua camisa*. Aquela que ele me deu para dormir quando me acompanhou até a porta do quarto de hóspedes e disse que isso poderia ajudar a sentir menos falta dele. Pouco antes de ele sorrir daquele jeito irritante, eu-estou-certo-e-você-sabe-isso.

Ele não estava, no entanto. É por isso que estou aqui.

Meu corpo enrola-se em antecipação novamente enquanto seu olhar percorre minha pele nua.

Suas mãos vagam lenta, mas propositalmente. Sobre meus braços, minhas clavículas. Lendo-me como braille. Acho que ele sempre foi capaz, e eu simplesmente não sabia disso.

— Não tenho certeza se você aguenta mais, Rosie. — Ele beija meu peito enquanto minhas mãos movem-se em conjunto, sentindo-o de uma forma que não senti antes. — Você não é muito boa em ficar quieta.

— Eu vou ficar — murmuro, esfregando minha boceta contra ele e sentindo seu comprimento de aço pulsar contra minha bunda.

Minhas mãos acabam na chave em seu pescoço. O fato dele

dormir com isso faz-me sorrir.

E quando espio seu rosto, posso ver o fantasma de um sorriso em seus lábios também. Mas é um tipo diferente de sorriso.

Seus dedos batem nos meus enquanto ele pega a chave de mim. Ele a levanta entre nós. — Abra.

— O quê? — enquanto sussurro a palavra, ele pega a chave e a pressiona entre meus lábios, na minha língua.

— Segure aí. Não a largue. Ou eu paro.

Meus olhos se arregalam, mas eu aceno. Tem um gosto metálico na minha boca, mas de repente seus lábios estão em meus mamilos e minhas mãos estão passando por seus cabelos. Quando ele se move muito, as correntes puxam meus lábios, mas eu aperto.

Eu não a largo. Porque, desesperadamente, não quero que Ford pare.

Ele estende a mão entre nós, incentivando-me a ficar de joelhos. Movo-me obedientemente e, em troca, sou recompensada pela sensação de seu pau deslizando contra minha boceta.

Vai e volta. Vai e volta. Meus olhos se fecham enquanto ele me tortura. Uma mão segura meu ombro enquanto a outra segura seu comprimento. Giro meus quadris, sentindo sua coroa cravar dentro de mim.

— Maldição, Rosie. Você é ainda melhor do que eu sonhei — ele murmura asperamente. Então ele entra e fico feliz por ter algo na boca para manter-me quieta. Porque ninguém e nada nunca foi tão bom.

Meus olhos se abrem enquanto meu corpo ajusta-se. A leve dor dele atacando-me tão bruscamente pela segunda vez hoje faz o sangue pulsar em minhas veias em um ritmo rápido. Meu coração bate ainda mais forte do que antes.

Nós nos encaramos. Seu pau está enterrado bem fundo dentro de mim, sua chave agora quente contra minha língua.

A minha chave?

Nossa chave.

— Mova-se, Rosie. Mostre-me o quanto você quer isso.

Minha pélvis ondula, porque eu quero. Eu me levanto e volto a descer, sentindo cada centímetro dele enquanto desço. Deleitando-me com a forma como seus olhos arregalam antes de assumir uma aparência mais encapuzada.

O que começa lento e deliberado se desfaz. Mãos que procuravam agora estão agarradas. A respiração que era uniforme agora está instável. Tudo está quente e úmido enquanto nos contorcemos em silêncio.

Não precisamos de palavras. Elas não fariam justiça a algo assim, de qualquer maneira.

— Você vai gozar no meu pau agora, não é, Rosie? — ele rosna asperamente, sem fôlego, contra meu ouvido. Meu corpo estremece em resposta. — Eu sei. Seus olhos revelam isso, mesmo no escuro. Então todos os seus músculos ficam tensos. Você me monta com tanta força. Tão ansiosa. Tão gostosa. Tão apertada.

Estou tão cheia *dele*. Suas palavras. O corpo dele. É demais, e bem quando estou prestes a ultrapassar aquele limite novamente, ele puxa a chave da minha boca e beija-me profundamente, engolindo o som do grito de seu nome enquanto gozo.

Com um punho cheio do meu cabelo, ele bombeia em mim com força. Derramando-se, enchendo-me completamente, meu orgasmo me abala. Arrasa-me. Deixa-me caída em seus braços, tentando desesperadamente recuperar o fôlego.

Não sei quanto tempo ficamos assim. Eu sentada em seu colo, seu pau pulsando dentro de mim, agarrados um ao outro e nos beijando. Beijos lentos, lânguidos e deliberados que fazem minha garganta doer com sua ternura. Eventualmente, eles diminuem a velocidade e Ford tira-me de cima dele com cuidado.

Sempre com cuidado. Mesmo quando ele é duro comigo, ele é muito intencional. Eu sinto-me nada menos que mimada com ele. E

quando ele se levanta para pegar uma toalha quente, a questão só fica mais clara.

— O que você está fazendo? — eu respiro as palavras, tentando ficar quieta enquanto ele se ajoelha entre minhas pernas abertas.

— Cuidando de você.

O pano quente desliza sobre meu núcleo inchado e solto um gemido suave. — Você não precisa fazer isso.

Ele continua limpando suavemente. — Mas eu quero.

Fico em silêncio com uma frase tão simples.

Deito-me na cama de Ford, deixando que ele cuide de mim. E quando ele termina, ele levanta as cobertas, rasteja atrás de mim e segura meu corpo contra o dele a noite toda.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Rosie

Acordo sozinha.

Estendo a mão para Ford antes mesmo de meus olhos abrirem, mas acho o lado dele da cama vazio. Digo a mim mesma que há um bom motivo para ele já ter partido.

Ou seja, que sua filha está do outro lado do corredor.

Deixo minhas mãos percorrerem meu corpo deliciosamente dolorido, conforme lembro da noite passada. Minha pele vibra e sei que poderia gozar apenas lembrando da sensação dele e de todas as coisas que ele fez comigo, disse para mim.

Dou uma espiada rápida pela janela e vejo que a manhã está tão linda quanto pensei, com base no pôr do sol da noite anterior. Uma manhã ensolarada sempre me revigora. Então eu saio da cama, os pés pousando nas tábuas frias do chão e os olhos encontrando a bolsa que pensei ter deixado no quarto de hóspedes.

No final da cama, jeans rasgado e uma camiseta branca lisa com meu longo cardigã cor de caramelo estão dispostos – Ford claramente foi para o quarto de hóspedes para que eu não tivesse que andar pela casa vestindo apenas sua camiseta enorme.

Eu me visto e penteio rapidamente minhas madeixas levemente onduladas e desço as escadas, pronta para começar minha missão de encontrar Ford. Sinto cheiro de bacon e decido que, se Ford estiver preparando um café da manhã completo em uma manhã normal de um dia de semana, com certeza vou morar naquele quarto vago.

Exceto que eu paro quando ouço vozes. *Plural.*

E quando espio a cozinha atualizada da fazenda, faço uma pausa. Cora ainda está de pijama – preto, é claro – na ilha com um bloco de desenho aberto na frente dela. Gemma está sentada ao lado dela, olhando ansiosamente enquanto explica cada página. E Senior está preparando um café da manhã que me faz me preocupar com seus futuros níveis de colesterol.

É encantador como o inferno. Isso faz meu coração inchar e meu estômago roncar.

— Bom dia — falo quando entro na cozinha. — Rosie! — Cora levanta-se e corre até mim, passando os braços em volta da minha cintura em um abraço que me tira o fôlego.

Não é que eu não goste de grandes abraços – só não esperava por isso. Gemma sorri com um calor sutil para mim, um olhar que retribuo antes de baixar meu olhar para a cabeça de Cora. Onde sou pega de surpresa mais uma vez. Por um rabo de cavalo alto enrolado no meu elástico rosa-choque. Sem trança baixa. Apenas meu elástico de cabelo e meu estilo preguiçoso.

Isso faz meu peito ficar quente, e inclino-me para dar um beijo no topo de sua cabeça. — Bom dia, minha pequena nuvem de tempestade.

— Bom dia, Rosalie — Ford Senior diz por cima do ombro. — Caneca de café?

— Oh, querido, não finja. — Gemma zomba enquanto bebe de sua própria caneca.

Meus olhos disparam entre eles. — Fingir o quê?

— Ford já foi ao escritório buscar seu chá favorito. Está logo ali. — A mãe dele aponta para uma caneca de viagem rosa que nunca vi antes.

Eu decido que é minha instantaneamente. Eu também decido fazer isso de maneira bem casual na frente dos pais de Ford porque... é *estranho*.

Não acredito que ele me pegou como pegou ontem à noite e saiu

antes de eu acordar e deixou-me em uma casa cheia de sua família para fazer a caminhada da vergonha. Mas reprimo meu aborrecimento e faço uma cara falsa de felicidade para manter a fachada.

— Legal, obrigada. — Atravesso a cozinha com um sorriso despreocupado e pego a caneca. Um toque na tampa e o aroma aromático de pétalas de rosa doces sobe. Eu sei exatamente onde Tabitha as colhe. Do outro lado da montanha, há uma extensão de roseiras silvestres e, quando florescem, o perfume espalha-se por todo o vale.

É minha época favorita do ano.

— Então, onde está Ford?

— Estou bem aqui, boneca — brinca Senior enquanto vira o bacon.

— Não, o temperamental — respondo com uma piscadela.

Gemma zomba. — Ah, confie em mim. Você passa quarenta anos com ele e perceberá que não fica melhor.

Ele vira-se e sorri para ela. — Você ficaria entediada sem mim e sabe disso. — Sua esposa tenta reprimir o sorriso e volta a folhear o bloco de desenho de Cora.

Cora observa a interação com uma expressão de admiração no rosto, e penso em como Ford parecia desanimado na noite passada com a perspectiva de sua partida. Eu quero desesperadamente que ela se reúna com sua mãe. Quero desesperadamente que ela seja delirantemente feliz e bem cuidada.

Mas espero que ela ainda apareça. Porque Ford não será o único a ficar destruído quando ela partir.

Fico aqui, olhando, percebendo que ninguém respondeu à minha pergunta.

Finalmente, Gemma percebe minha aproximação e, revirando os olhos, diz: — Ele está no escritório. Hoje vamos levar Cora para a escola, então ele decidiu começar cedo. Cora, por que você não vai se

vestir?

Engulo em seco, tentando não ficar irritada com o fato de ele ter me recebido e dado o fora de casa logo pela manhã. Deixando-me para ficar com seus *pais*.

Minha cabeça balança em um aceno suave e seguro minha xícara em um brinde. — Obrigada. Divirtam-se na entrada.

Viro-me para sair e reprimo uma risada quando ouço Cora murmurar algo sobre como todos os pais perversos ficarão desapontados. Ela parece muito satisfeita e isso me faz sorrir.

Mas só por um instante, porque então enfio os pés nas minhas Birks e saio para o ar fresco da manhã. Eu respiro fundo. Pinho. Mineral. E juro que quase consigo sentir o cheiro das rosas.

O orvalho na grama molha meus dedos dos pés enquanto atravesso a propriedade em direção ao celeiro. Posso ouvir a música tocando e não conheço a música, mas parece raivosa e frenética o suficiente para ser algo que o adolescente emo Ford ouviria.

Quando entro, paro bruscamente. Não sei o que esperava ver, mas não era isso.

Os músculos das costas de Ford flexionam e ondulam enquanto um ombro tonificado move-se para cima e para baixo na parede com um rolo na mão. Seus pés descalços estão sobre um lençol de algodão branco, a calça jeans enrolada apenas o suficiente para mostrar a linha dos tendões dos tornozelos.

Ele jogou a camisa nas costas da cadeira. Meias enfiadas nas botas que ficam ao lado de uma das rodas. Mesa perfeitamente arrumada. Todas as provas do nosso confronto de ontem foram apagadas. A menos que você conte a mesa de trabalho ausente.

Não é como se eu esperasse que ele ficasse com o escritório bagunçado, mas algo na facilidade com que ele fez tudo certo de novo irrita-me. Como se nada tivesse acontecido.

Dou mais alguns passos e apoio minha bunda na beirada de sua mesa, tomando um gole de chá enquanto o observo trabalhar. Ele é

tão alto que não precisa de uma escada para encontrar as linhas onde Scotty já havia feito. Seu cabelo está bagunçado, e agora que estou olhando de perto, noto listras ruivas na frente, devido ao tempo passado ao sol.

Aconteceu isso quando ele era mais jovem também. Seria um marrom chocolate profundo nas raízes e gradualmente ficaria mais claro e ligeiramente mais vermelho à medida que o verão avançava.

Mas sua construção é totalmente diferente agora. Não posso deixar de apreciar a forma como ele é preenchido. A maneira como ele passou de tudo franzino para tudo... *isso*.

Saboreio meu chá e sigo seus movimentos com os olhos, cada pincelada combinando com a batida da música. É como se fosse meu strip-tease pessoal. Um homem viril, onde ele conserta merda.

E quando me canso dele não prestar atenção em mim, derrubo no chão o pequeno copo de metal que contém todas as suas canetas hidrográficas azuis idênticas.

Ele dá um pulo e gira, claramente assustado com o som. Uma fina linha de tinta segue seu arco enquanto espalha-se pelo chão.

— Rosie. — Ele faz uma careta. — Que porra é essa?

Eu sorrio. — Bom dia, chefe.

Ele solta um suspiro perturbado, os olhos traçando os respingos de tinta, mas não diz nada sobre isso.

— Obrigada pelo chá — grito por cima da música, caminhando até o toca-discos para baixar o volume para um nível mais razoável.

Ford fica de olho em mim enquanto faço isso, depois resmunga: — De nada — antes de voltar para a parede.

— O que você está fazendo?

— Pintando.

Eu bufo. — Ah, meu Deus, sério?

— Estou começando a concordar com Cora sobre os pais

perversos. Se não consigo encontrar alguém que não seja um pintor perverso, eu mesmo faço isso.

— Muito viril. Você fala de um jogo grande e difícil para um cara que escapou esta manhã antes mesmo de eu acordar.

Ele continua dando-me as costas, como um cachorro que irritei ou algo assim.

— Eu teria gozado de novo se você estivesse lá. Quase fiz o trabalho sozinho — digo, acrescentando um tom provocador à minha voz. — Você é covarde, Junior?

Seu ombro livre sobe e desce num encolher de ombros. — Não sei onde estamos com todo mundo sabendo ou sendo público. Ou o que quer que seja. West está completamente no escuro. E então eles apareceram e eu... estou tentando respeitar sua vontade de manter as coisas profissionais.

Reviro os olhos e jogo a cabeça para trás antes de aproximar-me dele. — Ford, você está montando na minha bunda há anos. Você fodeu meus miolos ontem à noite. — Eu sorrio enquanto digo as palavras, sabendo que elas vão irritá-lo, e sou recompensada com uma carranca azeda por cima do ombro. — Você realmente vai ser todo respeitoso comigo *agora*?

— Eu sempre respeitei você. — Ele agacha-se para deslizar o rolo para frente e para trás sobre a bandeja de tinta.

— Tudo bem, mas você nunca andou na ponta dos pés perto de mim. Sempre nos enfrentamos. O que há com essa — aproximo-me, minhas sandálias molhadas ocupando o espaço perto da pintura enquanto eu aceno a mão sobre ele — estranha abordagem pacifista? Não combina com você.

— Eu já disse. Só estou tentando respeitar o seu...

Uso a ponta do pé e viro a bandeja, observando o azul mais claro escorrer pelo lençol. — Respeite um pouco menos meus desejos.

— Que porra é essa, Rosie? — ele dispara, elevando-se acima de mim. — Isso vai encharcar este lençol e manchar o chão.

— Bom. Isso lhe dará algo para fazer enquanto você vive esta sua nova era do bilionário mais prático do mundo.

— Eu tinha um plano para minha vida. Você... — Sua mandíbula estala e sua mão flexiona firmemente em seu quadril estreito.

— Peguei todos os seus planos, rasguei-os e espalhei-os ao vento? — pergunto enquanto levanto cada pé para tirar as sandálias. Ao contrário de suas botas bem guardadas, jogo as minhas no escritório, fazendo-o estremecer. Então ele balança a cabeça firmemente, concordando com a minha avaliação.

Entro direto na poça de tinta e ela espalha-se entre os dedos dos pés enquanto movo os pés para frente e para trás. Eu levanto uma sobrancelha para ele.

— Adivinhe, Ford. Às vezes, a vida lhe dá limões, mesmo quando você não os pediu. E você pode fazer limonada ou ficar estressado porque o amarelo não é a sua cor.

— Não foi isso que aconteceu.

— Eu não sou limões?

— Não, você é... — Sua mão passa pelo cabelo, mas seus olhos permanecem fixos nos dedos dos pés. O esmalte rosa das minhas unhas desaparece sob o líquido azul espesso. — Eu tinha aceitado a ideia de que você nunca seria minha. Você era uma memória, não um objetivo.

Minha cabeça inclina-se enquanto absorvo sua resposta. A saudade nessas duas frases atinge-me bem no peito. Estendo a mão para ele, os dedos enroscando-se no cinto de couro marrom que sustenta sua calça jeans, puxando seus pés descalços para a tinta espalhada.

— Ford, e se você parasse de tentar controlar tudo por um minuto?

Pego o rolo dele e coloco-o em nossos pés enquanto deslizo a mão em seu peito, sobre a pele quente e firme e um punhado de cabelo. Meus dedos envolvem minha chave e dou um puxão firme na corrente.

O fecho cede e agora estou segurando este pedacinho de nós na mão.

Este pequeno pedaço que ele guarda é uma ode à garota que eu fui.

Eu o deixo cair na tinta aos nossos pés e ele respira fundo.

— E se você parasse de se preocupar com a garota que eu costumava ser e começasse a me ver como a mulher que sou?

— Rosie...

— Não. Eu não sou uma memória. Eu não sou um objetivo. Eu não estou fora de alcance. Não sou a mesma garota que jogou aquele diário pela janela do seu carro. E não vou a lugar nenhum. — Aponto para o brilho prateado entre nossos pés. — Éramos nós *então*. — Puxo seu cinto.

Primeiro a fivela. Depois o couro.

— Somos nós agora — murmuro enquanto abro o botão de sua calça jeans. O zíper.

Não sei quem precisa ouvir mais isso. Ele, o homem que está preso no passado no que me diz respeito. Ou eu, a garota que finalmente sente-se segura de si mesma e de suas escolhas – porque parece *certa* e não porque parece obrigatória.

Uma garota que sabe o que quer para si.

Sua calça jeans cai no chão e eu caio de joelhos. Bem aos seus pés. Bem na tinta.

Eu levanto meu queixo para encontrar seu olhar verde brilhante. Tão selvagem. Tão incomum. Não posso deixar de me maravilhar com a maneira como ele parece se elevando sobre mim, todo homem, irradiando tanta tensão.

— Somos bagunçados. E desafiamos um ao outro. E sejamos honestos, quem mais no mundo nos toleraria? E nos aguentaria?

Meus dedos envolvem o elástico largo de sua boxer e puxo com força. Seu pau liberta-se bem diante de mim. Grande, perfeito e duro.

Eu lambo meus lábios.

— Rosie, o que você está fazendo?

Sua mão acaricia o topo da minha cabeça e sorrio para ele. — Brincando na pintura. — Meus olhos caem para a cabeça de seu pênis, a poucos centímetros dos meus lábios.

— Sim?

Porra. Ele é tão lindo. Quero deixar minha marca nele. Quero que ele brinque *comigo*.

— Sim — murmuro, minha respiração ficando entrecortada. Eu agacho-me um pouco para plantar as mãos na tinta.

Então estendo a mão e agarro suas coxas com força.

Deixando as marcas das minhas mãos nele.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Ford

Observo Rosie de joelhos aos meus pés. Fazendo o seu melhor para me irritar. Para fazer uma bagunça e me envolver nisso com ela. Gosto das coisas ordenadas, mas se tivesse que bagunçar com alguém, seria com ela. O dia inteiro.

Eu sorrio. Ela não está errada. Quem mais iria aturar ela jogando tinta no chão e espalhá-la por cima de si?

E o que isso diz sobre mim que seu comportamento constantemente desafiador só me faz desejá-la mais?

— Você está fora de controle, sabia disso? — Minha mão desliza por sua bochecha enquanto suas mãos continuam bagunçando minhas pernas. Pressiono meu polegar em seu queixo, abrindo aqueles lábios rosados e macios. — Você secretamente gosta...

— Ford, pare de tentar iniciar uma conversa comigo e coloque seu pau na minha boca.

Eu a deixo terminar a frase. Claro que tem que ser algo sarcástico e exigente.

E é claro que funciona. Sempre funciona.

Então, dou a ela o que nós dois sabemos que ela quer e enfio meu pau em sua boca, observando seus lindos olhos azuis se arregalarem enquanto seus lábios se fecham. Seus dedos curvam-se, agarrando minhas pernas enquanto meus músculos se flexionam sob suas palmas.

— Era isso que você estava procurando? — Eu puxo para fora e deslizo de volta. Sua língua gira em torno da cabeça antes de me sugar de volta.

Ela balança a cabeça e deixo minhas mãos descansarem em sua cabeça. Meus olhos fecham, mesmo que eu não queira desesperadamente parar de olhar para ela.

Ela parece perfeita.

Brincalhona e travessa e coberta de tinta azul-claro. Exigindo minha atenção, não me deixando recuar como normalmente faria.

Observo sua luta, os joelhos deslizando no líquido enquanto ela agarra minhas pernas e trabalha meu comprimento avidamente.

Meus dedos enroscam-se em seu cabelo e eu sorrio para ela. — Tive um sonho molhado sobre isso uma vez.

Seus olhos aquecem e ela afasta-se o suficiente para dizer: — Conte-me.

— Eu estava bravo com você naquela noite. Eu fodi você como se estivesse com raiva de você também.

Ela me dá uma piscadela atrevida. — Basta pensar em como será um pé no saco consertar este chão.

Eu mudo meu olhar ao redor do escritório. Canetas espalhadas. A tinta escorre da folha de papel diretamente para as madeiras restauradas. Isso não me deixa *bravo*, mas faz meus olhos tremerem.

Isso me irrita. Eu agarro meu pau e passo em seus lábios, observando-os se achatarem para o lado enquanto faço isso.

— Será bastante fácil para mim. Vou fazer com que seja seu trabalho consertá-lo. Você quebra, você conserta, Rosalie. Vou dar uma lixa para você, sentar-me na minha mesa e observar você trabalhar de joelhos o dia todo.

Ela levanta uma sobrancelha em desafio. — Essa será a porra...

Eu a calo enchendo sua boca. — Assim como você está trabalhando de joelhos agora. — Acaricio seu cabelo sedoso. — Aposto que você não aguenta tudo.

O desafio brilha em seus olhos.

— Aposto que você desmaia antes que eu possa foder sua garganta do jeito que fiz naquele sonho.

Ela inclina a cabeça para trás e abre mais a boca, e não penso demais nisso pela primeira vez. Eu agarro seu cabelo e deslizo para dentro. Lábios apertados. Boca quente. Ela engole quando atinjo a parte de trás, como se estivesse tentando abrir espaço para mim.

— Demais? — pergunto, com uma pequena curva nos lábios, sabendo que isso vai irritá-la.

Ela avança, pegando mais, fazendo um leve ruído de engasgo ao fazê-lo.

— Sim, demais. Sabia que seria.

Ela solta um zumbido profundo ao redor do meu pau, e eu a vejo enfiar a mão na tinta. Ela levanta a mão e a sacode no chão, espalhando azul-claro no espaço aberto no meio.

Uma risada sombria borbulha dentro de mim. — Rosie, sua pirralha — rosno enquanto deslizo para fora e para dentro, um pouco mais forte desta vez.

Ela tem a ousadia de rir enquanto meu pau é enfiado em sua boca. Quando ela faz isso de novo com a tinta, desisto de me conter.

Eu agarro seu cabelo, mantenho sua cabeça imóvel e fodo sua boca com força. Ela me encontra a cada golpe. Mesmo quando seus olhos lacrimejam, ela parece ansiosa sem comparação.

Estou obcecado por essa garota. Sempre fui, sempre serei.

Ela cantarola contente enquanto eu empurro e então estou lá. Pronto. Acabado.

— Rosie, abra a boca e mostre a língua. Eu quero ver você engolir meu esperma.

Ela abre com um barulho molhado e estala e obedece ao meu comando. Enrolo o punho em volta do meu pau e gemo enquanto descanso a ponta contra seus lábios e deixo cada jato pintar sua língua de branco.

Estou sem fôlego, observando extasiado, e ela fica assim, parecendo tão boa. Eu sinto que poderia estourar tudo de novo. Seus olhos arregalados ficam presos nos meus. Ela está me observando como se eu fosse tudo para ela.

É inebriante, e eu não poderia me importar menos com meus pisos arruinados.

Esfrego a cabeça do meu pau sobre seus lábios entreabertos uma última vez, passo minha mão sobre seu cabelo e digo: — Engole.

Seus lábios fecham-se e vejo sua garganta trabalhar enquanto ela engole. Sua língua passa pelos lábios como se ela estivesse procurando por mais antes de soltar um baixinho: — Mmm. Esse *foi* um sonho bom.

Balanço a cabeça, incrédulo com o que aconteceu entre nós. Com medo de esperar que isso aconteça novamente.

É uma sensação... boa demais para ser verdade.

Acho que é por isso que caio de joelhos, seguro-a contra mim – que se dane a pintura – e beijo-a como se minha vida dependesse disso.

Para me convencer de que essa coisa com ela pode realmente ser real.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Ford

— Não acredito que você quer *praticar* boliche — West brinca antes de tomar um gole profundo de sua cerveja. — Normalmente, parece que você prefere amarrar um tijolo no tornozelo e pular do cais.

Ele não está errado sobre essa parte.

E não quero especialmente praticar boliche.

O que eu quero fazer é confessar tudo ao meu melhor amigo em um local público onde haja câmeras. Apenas no caso de ele tentar me dar uma surra por passar a manhã inteira no chuveiro, esfregando a tinta da sua irmã mais nova.

Claro, fizemos mais do que esfregar a tinta e, depois, senti como se estivesse me esgueirando. Escondendo-a.

Não quero me sentir assim com Rosie e não quero que Rosie pense que precisa ser escondida.

— Só não tenho visto muito você ultimamente — eu digo. — Pensei que sairíamos mais quando eu me mudasse para cá.

West sorri e apoia o cotovelo na mesa enquanto esperamos nossa pista ficar vazia. — É quase como se fôssemos dois homens adultos com merda para fazer.

Eu solto uma risada. — História verdadeira.

— Estou sempre muito ocupado nesta época do ano. As pessoas trazem seus cavalos jovens para a iniciação. As crianças estão terminando a escola. Acho que é por isso que estou tão ansioso pela Noite dos Pais. Tenho uma noite a cada duas semanas onde posso

relaxar e ser eu mesmo. Sem marcar de alguma forma, acho que apenas trabalharia como pai e faria as tarefas da fazenda sem parar. Obriga-me a olhar para cima de vez em quando, sabe?

Tomo um gole da minha cerveja e aceno com a cabeça, considerando a perspectiva dele. De alguma forma, eu não tinha pensado em noites de boliche dessa forma. Afinal, cheguei à cidade como um solteiro viciado em trabalho e sem dependentes.

Mas agora que tenho vários negócios em andamento, uma quase adolescente e um relacionamento talvez, consigo perceber o ponto de vista dele. Eu posso ver a vida se afastando mesmo. O fato de quase não o ver desde que Cora juntou-se à família é prova disso.

— Você sabe... — Ele esfrega a barba por fazer no queixo, mostrando as tatuagens nos nós dos dedos. — Se você realmente odeia boliche, posso tentar encontrar alguém para substituí-lo. Estou começando a sentir que isso é uma sentença de prisão para você. Talvez você só queira trazer um livro e ler na nossa mesa ou algo assim.

Solto uma risada. — Por que diabos eu faria isso?

O olhar que ele me dá grita que ele me acha um idiota. — Você fazia essa merda o tempo todo quando éramos mais jovens. Eu não dava a mínima naquela época, não daria a mínima agora também. Eu sei que você e eu somos diferentes. Eu sou legal e você é um grande idiota. Mas funciona.

Reviro os olhos. — West, você não é tão legal. E ser meu amigo é seguro, porque se você tivesse um amigo muito parecido, acho que isso poderia desencadear o apocalipse ou algo assim.

Seus ombros tremem enquanto ele toma outro gole. — Cara, estou ficando velho. Minha tendência selvagem é jogar boliche e ficar acordado até tarde para assistir ao *Saturday Night Live*.

— Nós dois sabemos que você acabou de assistir o episódio de Skylar Stone repetidamente.

Ele estende a mão e dá um soco divertido em meu braço em

resposta.

Eu sei que estou adiando contar a ele o que vim dizer aqui. Só não sei como prosseguir na conversa. Não estou pedindo a permissão dele – só estou tentando não surpreender o cara depois de décadas de amizade.

Não sou excelente em conversas sutis.

Esfrego o polegar para cima e para baixo no copo gelado, reunindo coragem para cuspi-lo. — Então, falando em apocalipse... — Eu o espio pelo canto do olho. Ele está observando-me, mas mantenho meu olhar fixo nas pistas, tentando agir de maneira casual. Tomo um gole profundo da minha cerveja turva antes de dizer. — Eu estou apaixonado pela sua irmã.

West não se move, mas eu o vejo balançando a cabeça, a língua passando pelo lábio inferior.

O silêncio entre nós se estende. Uma batida. Duas.

O barulho alto das bolas atingindo as pistas e o som dos pinos caindo alguns segundos depois me dizem que West está me encarando há muito tempo.

Meu estômago afunda e minhas bochechas esquentam. Finalmente viro a cabeça e não consigo ler sua expressão. É difícil dizer com West. Eu o vi sorrir e contar uma piada antes de dar um soco no rosto de alguém.

— Ouça...

Ele me interrompe, e não sei o que esperava que ele dissesse, mas definitivamente não era: — Sim, eu sei. Eu já sabia antes.

Recuo enquanto minhas sobrancelhas se unem. — O quê?

— Como acabei de dizer, você é um grande idiota. E Rosie é um furacão alheio. Vocês podem ser as únicas duas pessoas no mundo que ainda não sabiam disso.

Se eu não estivesse me concentrando em manter minha mandíbula fechada, ela ficaria aberta.

Eu me preparei para ele falar muitas coisas, mas isso... isso não foi uma delas.

— Acho que podemos ser uma coisa. — Uau, isso parece muito idiota.

West dá uma risada e sinto que ele está rindo mais *de mim* do que comigo.

— Cara, se você não levantar a cabeça e sair com ela da maneira adequada, vou apresentá-lo à *Forbes* como o bilionário mais idiota do mundo. Depois de tudo que você fez por aquela garota? Vamos.

Eu pisco. E pisco novamente. Achei que seria eu quem o surpreenderia. — Você realmente inverteu essa merda.

West me dá seu melhor sorriso desequilibrado, batendo o punho na palma da mão em concha. — Você achou que eu iria quebrar seu lindo rosto, Ford?

— Eu... — Esfrego as mãos pelo cabelo, minha frequência cardíaca elevada diminuindo agora que tirei isso do peito e limpei o ar. — Honestamente, cara, eu não sabia. Você é meio imprevisível.

Ele bebe. Ele concorda. Posso ver as rodas girando em sua cabeça.

— Não. A única pessoa mais protetora com ela do que eu pode ser você. No entanto, tenho alguns requisitos.

Minha cabeça cai para trás e olho para o teto, pronto para o interrogatório. É por isso que rio quando ele diz: — Primeiro, você vai continuar no time de boliche. E quando eu mandar fazer as camisas do time, você usará a sua com um sorriso.

Eu rio. — Está bem. Mas não a parte do sorriso.

West afasta-me. — Em segundo lugar, você vai ajudar-me a encontrar um nome fofo para o time, para que possamos começar a chutar a bunda do Esticadinho.

Eu gemo e rio na palma da minha mão. O alívio de acabar com isso me deixa quase tonto. — Está bem. Tudo o que você precisava fazer era falar em chutar a bunda daquele cara e você me teria.

— Ok, então vou apenas lançar algumas ideias e você pode dizer sim ou não.

— Você já tem ideias?

West levanta-se e caminha. Ele nunca foi o tipo de cara que fica parado. — Cara, sou um solteiro solitário. Tenho que fazer alguma coisa depois que as crianças vão dormir.

— Parece que você usou todo o seu jogo quando era mais jovem.

Sua boca se abre. — Ok. *Agora* vou bater em você.

Faço um movimento giratório com a mão, emocionado por não haver constrangimento entre nós. Nenhum dano à nossa amizade.

Ele salta na ponta dos pés, um pouco animado demais para essa conversa comigo. — The Bowling Stones — ele cospe, seguido por uma pausa dramática.

— Não.

— O quê! Sério? Achei que você adoraria esse.

— É, não.

— Ok. Que tal... 4 caras 12 bolas.

— Porra, não — uma voz seca resmunga atrás de mim. Viro-me e vejo Bash, com uma cerveja na mão, puxando um banquinho em nossa mesa alta.

— O que você está fazendo aqui?

Ele dá de ombros. — Voltei ontem. West ligou hoje para um treino. Imaginei, por que diabos não?

Eu giro para West. — Eu não sabia que outras pessoas estavam vindo ao nosso treino.

West dá de ombros, dispensando-me. — Eu não esperava que este fosse o momento em que você declararia seu amor pela minha irmã.

— Rosie? — A testa de Bash se franze e eu apoio os cotovelos na mesa, apoiando a cabeça nas mãos. — Isso explica por que você

demitiu Scotty. Aquele garoto pensa com o pau — Bash murmura antes de tomar um gole profundo.

— Ok, chega de falar sobre Rosie. De volta aos nomes dos times.

Eu ignoro West. — Bash, você vai usar uma camisa do time? — Ele encolhe os ombros, o rosto impassível. — Claro. Eu não ligo. Não estou preocupado com minha aparência em uma revista. Prefiro vencer o Esticadinho.

Deus. Eu sou tão mesquinho. Juro que tudo o que alguém precisa fazer é mencionar a vitória sobre o Esticadinho, e eu giro totalmente.

— Ok. — West levanta as mãos como se tivesse algo incrível para anunciar. — Aqui está mais um. Tigelas profundas.

— Não — eu digo, no momento em que Bash levanta uma sobrelance e pergunta: — Quantos anos você tem?

— Certo, tudo bem. Gangue da sarjeta?

— Isso faz parecer que vocês são todos um bando de ratos que vivem no esgoto — interrompe uma voz feminina.

Quando me viro, fico cara a cara com a mulher que está sempre no bistrô da cidade onde compro chá para Rosie.

— Tabby! — West levanta as mãos em saudação.

O nome toca uma campainha. Ela parece familiar, e suspeito que deveria me lembrar dela dos verões que passei aqui quando criança. Mas é a mão dela, apertada em torno de uma montanha de bíceps de um homem, que chama minha atenção.

— Ouvi sua conversa telefônica mais cedo, West. Você precisa de um quarto membro para sua equipe?

West olha para nós. — Ah, sim, esqueci de mencionar que Crazy Clyde está no hospital. Problemas renais. Tive que ir ver como ele estava. Garantir-lhe que eles não estavam inventando o diagnóstico apenas para extrair seus órgãos.

Bash resmunga e se mexe na cadeira. — Quem diabos iria querer os órgãos de Clyde?

— Certo. Bem, aqui. Este é Rhys. Aceite-o. — A mulher minúscula empurra o homem para frente como se ele não fosse nada, mesmo que ele tenha pelo menos alguns centímetros a mais que eu e tenha a constituição de um jogador de futebol.

Ele é desalinhado, com cabelos longos e escuros e barba.

Mas são os olhos dele que são os mais escuros. Não me intimido facilmente, mas se fosse ser intimidado por alguém, poderia ser ele.

West claramente não sofre de tais sentimentos. — Você é uma grande vadia, não é? — ele diz enquanto dá um tapinha no ombro do cara. — Você pode dizer isso de novo. — Tabby faz uma careta para as costas do cara, e ele fica rígido com as palavras dela, embora não se vire para encará-la.

— Você já jogou boliche antes? — West continua.

— Não — o cara grita, claramente irritado com a situação.

— Você é pai? Sempre podemos conseguir um gato ou algo assim, se você não for. Então ainda contará como A Noite dos Pais.

— Você vai fazer desse cara um pai de gato? — Até Bash parece impressionado com a confiança de West.

— Não sou um tipo de gato — o cara responde. — E eu também não sou pai de verdade.

Tabby dá uma risada. — Rico. — Então ela se volta para West. — Ele é pai, queira ou não admitir. E se vale a pena, acho que você deveria nomear seu time como Man Children.

Com isso, ela gira nos calcanhares e sai da pista de boliche.

— Você é uma verdadeira arrasadora de bolas, Tabby. Eu aprecio isso em você! — West grita de volta para ela quando ela sai.

Ela mostra o dedo para ele por cima do ombro.

E é aí que Bash ri sozinho por cima da borda de seu copo de cerveja. — Aí está.

— Aí o que é? — West pergunta enquanto se vira para nós. A

grande vadia ainda está parado aqui como uma montanha irritada.

Bash balança a cabeça. — O nome da equipe.

Observo West processar, movendo os lábios silenciosamente, experimentando o tamanho antes de abrir um sorriso. — Inferno, sim, meninos. Bem-vindo ao The Ball Busters! — Ele bate palmas uma vez. — Vamos praticar. Isso vai acontecer a cada duas semanas. Colocar-nos em forma de luta. Buscar as bolas do Esticadinho.

Eu endireito-me e zombo. — Não estou praticando semana sim, semana não. Isso equivale a jogar boliche semanalmente.

Os lábios de West recuam e ele sibila como se estivesse prestes a me dar uma má notícia. — Oof. Desculpa. Era o último requisito para namorar minha irmãzinha.

Bash balança a cabeça e vira-se em direção à nossa pista agora vazia, acenando para nosso novo companheiro de equipe irritado. — Vamos, cara novo.

Quando pego minha cerveja para seguir, olho para meu melhor amigo. Ele parece tão animado que é quase impossível ficar irritado.

Ele me dá um tapinha no ombro enquanto seguimos os outros até a pista e inclina a cabeça em minha direção enquanto baixa a voz para dizer: — Estou muito feliz por vocês dois.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Rosie

Rosie,

Lembrando que a arrecadação é amanhã. É black tie, então tomei a liberdade de mandar entregar uma roupa para você no hotel em Emerald Lake.

Ford

Bom dia, Sr. Grant,

Seus e-mails sem toda a merda formal são substancialmente menos divertidos. Se você quiser entrar na minha calça novamente, exijo que seja espirituoso e quase cruel.

O que você me comprou? E se eu não gostar?

Tudo de bom,

Rosalie Belmont

Gerente de Verificação de Realidade da Rose Hill Records

Srta. Belmont

Você usa principalmente saias. Então, não estou incomodado com essa afirmação. Vou simplesmente dobrar você e foder você com isso.

E encomendei para você um vestido e um par de saltos altos. Você costuma usar meias felpudas com Birkenstocks, o que só prova que você tem pouco senso de moda e não pode ser confiável para se vestir adequadamente para um evento desse calibre.

Tenha um dia miserável!

Ford Grant

CEO e Policial da Moda da Rose Hill Records

Sr. Grant,

Eu vou usar o vestido. Mas você pode arrancar minhas meias e sandálias das minhas mãos frias e mortas.

Tudo de bom,

Rosalie Belmont

Gerente Idiota da Rose Hill Records

Srta. Belmont,

Estou indo para o escritório depois de deixar Cora na escola. Espero que você esteja de quatro lixando aquela mancha de tinta quando eu chegar.

Tenha um dia miserável!

Ford Grant

Soberano da Rose Hill Records

* * *

Quando Ford entra, na verdade *não* estou lixando o chão. Desde ontem, limpei a bandeja e o lençol o melhor que pude, mas não estou fazendo trabalho manual com saia de renda e blusa de seda.

Ele pode ir se foder se pensa assim.

Minha expressão deve ser uma revelação absoluta, porque ele dá uma olhada para mim, carrancudo por trás da minha mesa, e sorri.

— Claro — ele diz enquanto caminha em direção à sua mesa e

deixa cair a bolsa na cadeira. Ele segue até a bagunça de tinta azul no chão e apoia as mãos nos quadris, olhando para a mancha no que eram pisos perfeitamente polidos. — Você estragou meu chão, Rosie Posie.

— Desculpe, obediência não é meu forte — eu o alfineto da minha mesa enquanto me inclino para trás para observá-lo.

Sua cabeça se inclina e ele me lança um olhar seco. Mas a maneira como ele se move com uma graça tão fluida é desarmante. Uma simples inclinação da cabeça exala poder e sinto um arrepio quando seus olhos traçam meu corpo.

— Se eu quisesse alguém obediente, não estaria perseguindo você.

Eu coro, não estou acostumada com comentários como *esse*. Comentários onde ele fala tão livremente sobre me querer. É uma emoção. Um vício.

Isso faz meu estômago revirar e minha cabeça ficar confusa. Então, mudo de assunto.

— A que horas vamos pegar a estrada amanhã? Meu carro ou o seu?

Agora ele voltou a sorrir. — Não vamos dirigir, Rosie.

Levanto um dedo enquanto ele vem em minha direção. Saí da cama dele há poucas horas, mas não estou satisfeita. Eu já quero voltar. Sentir seu peso em cima de mim. Seus dentes na minha pele. Seu pau me esticando.

Lambo os lábios e engulo antes de cruzar as pernas e me perguntar como passei tanto tempo ignorando a maneira como ele olha para mim. Dez anos de vida, dez anos de perspectiva, e agora parece a coisa mais óbvia do mundo.

Passei de um homem que mal olhava para mim com os vídeos de gatos em seu telefone, para um que não consegue olhar para nada *além* de mim.

— Oh. — Tento me recuperar. — Vamos viajar até lá na Estrela da Morte?

— Não seja ridícula. A Estrela da Morte é uma estação espacial, não uma nave. Mas vamos voar.

Minhas sobrançelhas franzem. — Não há aeroporto aqui.

— Não é público.

Faço uma pausa enquanto penso nisso, meus olhos arregalam-se quando percebo o que ele está dizendo. — Oh, meu Deus, você realmente se masturbou enquanto pensava em um jato particular.

— Talvez pensando em você no meu jato particular. E agora você também vai. — Ele sorri, aproximando-se, todo confiante até que ele se eleva acima de mim e curva-se na cintura. Seus lábios estão perigosamente perto dos meus quando ele diz: — Espere até ver meu iate.

E então ele me beija sem fôlego e sussurra: — Bom dia, Srta. Belmont. Eu sabia que você estaria usando uma saia.

— Nojento. Deixe uma meia na porta ou algo assim — West anuncia ao entrar no espaço. Ele solta um assobio baixo enquanto vira-se e olha ao redor do escritório. — Droga. Não acredito que este seja o mesmo celeiro empoeirado. Eu realmente preciso vir aqui com mais frequência.

— Parece bom, certo? — Ford endireita-se e caminha em direção ao seu melhor amigo.

Eles se abraçam com um tapa firme e viril nas costas. Eu sorrio enquanto os observo. Eu não tinha certeza de como seria contar a West, mas a mensagem que recebi dele ontem à noite foi toda a confirmação que eu precisava. Dizia: *Se eu pudesse arranjar para você um namorado como um ursinho de pelúcia, ele seria Ford Grant.*

Foi isso. A única coisa que ele disse.

Eu escrevi de volta: *Estranho, mas obrigada.*

E então não dissemos mais nada sobre isso.

Acho que tudo correu tão bem quanto poderia, então decidi não mexer com uma coisa boa.

— Então, eu só queria verificar o tamanho das camisas que estou encomendando...

— Que camisas? — pergunto.

A cabeça de Ford se vira em minha direção e seus olhos se estreitam. — Ninguém gosta de um bisbilhoteiro, Rosalie.

É uma observação tão infantil, e então *ele*, não posso deixar de rir. — Escondendo alguma coisa, chefe?

West ri, parecendo muito divertido. — Sim, nosso garoto aqui concordou em usar camisas do time no boliche em troca de namorar você.

— Não foi em troca! Foi um gesto de boa fé entre velhos amigos.

Ford vestindo uma camisa de boliche do time é tão *não essencialmente* ele que a mera imagem me faz ter um ataque de risos. — Oh, meu Deus. *Por favor*. Mal posso esperar para ver vocês. Isso é profundamente satisfatório. Existe uma seção de torcida nos seus jogos?

Ford pressiona os dedos nas têmporas, massageando em círculos lentos, como se eu lhe desse cabelos brancos.

Não tenho dúvidas de que um dia darei.

É então que West diz: — Oh, cara. Quem bagunçou seu chão?

Todos nós olhamos para a mancha gigante. A madeira escura aparece em vários pontos. Eu meio que... passei o pano na tinta quando o limpei, então agora parece um golpe gigante no chão com um punhado de gotas ao redor. Eu gostaria de sentir-me culpada por isso.

Ford congela, mas mantém os dedos pressionados contra a cabeça.

Eu decido jogar um osso para ele.

— Oh, aquilo? É arte moderna. Está na moda na cidade neste momento. Uma espécie de... um... ponto focal assimétrico para o espaço.

É besteira pura. Mas espero que meu irmão esteja afastado o suficiente de tudo que é arte e da cidade para comprar o que estou vendendo.

As mãos de West pousam nos quadris, balançando a cabeça enquanto ele examina a *arte*.

E quando ele diz: — Legal. Eu meio que gosto disso — deixa escapar um suspiro profundo no momento em que Ford limpa a garganta para disfarçar uma risada.

* * *

— Você disse a Cora que você possui essa coisa?

De seu assento ridiculamente almofadado, Ford franze as sobrancelhas para mim. — Claro. Como você acha que chegamos a Calgary?

— Espere. — Eu levanto minha mão que não está segurando uma taça de champanhe, gesticulando para ele parar. — Você *voou* para Calgary? Isso é... isso é como uma simples viagem de três horas!

Ele revira os olhos. — Eu sei disso. Achei que seria divertido, mas Cora reclamou comigo o tempo todo sobre como esses voos são ruins para o meio ambiente. Tenho certeza de que ela contará tudo aos meus pais enquanto passa alguns dias com eles. Mas precisamos voltar a tempo para domingo. Ela está tendo uma reunião de fim de ano com alguns amigos da escola na casa dos meus pais, e não quero perder.

Reprimo uma risada, porque consigo ver Cora dando merda para ele, enquanto toda a família Grant organiza uma festa para ela em sua enorme casa no lago.

— Bem, isso é realmente exagerado.

Ele dá de ombros. — Acostume-se com isso.

Sorrio timidamente e bebo o resto do meu champanhe. Não sei como isso tornou-se minha vida.

— Tudo bem, para que serve essa arrecadação de fundos mesmo?

— Foi você quem respondeu ao convite.

— Eu sei, mas estava apenas procurando motivos para assediar você por e-mail. Você teve sorte de eu não ter enviado aquele da revista *People* pedindo um resumo de seu histórico de namoro para um artigo que eles iriam fazer.

Ele solta uma risada suave, balançando a cabeça. — O que você disse a eles?

— Que você era virgem e eremita e tinha um relacionamento exclusivo com seu iate. Eles perguntaram por que você nunca é visto em público com mulheres, e eu pensei... você já tentou pegar um barco tão grande para passear pela cidade? Simplesmente complicado.

Agora recebo um olhar furioso.

— Ok. Eu não respondi. Apenas o excluí.

Ele concorda. — Bom. E é uma arrecadação de fundos para reconstruir depois do grande incêndio florestal do ano passado. Eles entraram em contato porque eu disse a Bash que ele poderia fornecer meu e-mail à organização.

— Bem, isso foi alarmantemente gentil da sua parte.

— Rosie, pare de falar mal e venha até aqui. — Ele dá um tapinha em seu colo, e a velha Rosie quer mandá-lo se foder.

Mas a nova Rosie levanta-se, senta-se no colo do chefe e o beija ansiosamente enquanto sorri, porque ela realmente está usando saia.

* * *

— Tem certeza de que está tudo incluído? Não feche a porta até

ter *certeza*. Se isso for danificado de alguma forma, acho que vou vomitar.

Ford enfia a cabeça pela porta aberta do carro. — Se você vomitar nesse vestido, você vai danificá-lo. Mantenha-se firme.

— Ford, este vestido vale tanto quanto eu ganho em um mês.

Suas sobranceiras se franzem. — É mesmo?

— *Sim*.

— Isso é terrível — diz ele enquanto levanta-se. — Lembre-me de lhe dar um aumento quando voltarmos para casa. — Ele bate a porta e contorna o veículo para o outro lado.

Quando ele entra, começo a protestar contra outro aumento, e ele pega o telefone para verificar se há alguma mensagem. — Nem abra a boca para discutir comigo sobre isso, ou vou enfiar algo nela para mantê-la ocupada.

O motorista liga o motor e eu pressiono os lábios enquanto olho pela janela as montanhas áridas e os vinhedos inclinados que levam à beira do lago, tentando não rir de como Ford pode ser rude e como esse pobre homem mais velho parece escandalizado.

Em vez de sentar-se atrás do motorista, Ford senta-se no meio e coloca o cinto de segurança ao meu lado, sem sequer tirar os olhos do telefone.

Os polegares de Ford batem sem parar enquanto ele envia mensagem após mensagem. Ele não disse isso em voz alta, mas posso dizer que está nervoso por deixar Cora. Ele mandou uma mensagem para sua mãe perguntando sobre ela, e ela disse para ele tomar um Xanax e ir se divertir. Com base na rapidez com que seus dedos voam pela tela, essa foi a coisa errada a se dizer.

Estendo a mão para ele e deslizo sobre sua coxa musculosa. Ele parece comestível de smoking. Estou tão acostumada a vê-lo de jeans, suéteres grossos e camisas xadrez que quase desmaiei quando saí do banheiro para vê-lo com esse traje azul meia-noite.

Aí, quando vi o recibo do meu vestido na lixeira, quase desmaiei de novo. O vestido é... de outro mundo. Sinto-me como uma deusa grega brilhante envolta em seda rosa-claro. O decote é profundo e o tecido franzido na cintura, onde dá um nó, as pontas da faixa caindo no chão como cachoeiras. Tem mangas compridas, mas os punhos estendem-se até meus antebraços, pontilhados com botões redondos de seda.

O vestido grita feminilidade e os scarpins de camurça nude com tira no tornozelo e laço na ponta também não machucam. Estou usando argolas douradas simples e meu cabelo está meio preso em ondas soltas. Este vestido não precisa de mais nada.

Nunca estive tão bem-vestida antes. Mas nem eu estragaria essa roupa com meias e Birks só para irritar Ford. Seria uma afronta a tudo o que há de certo no mundo.

Aperto sua perna suavemente, tentando tranquilizá-lo de que Cora ficará bem. — Ela vai se divertir muito com eles.

— Eu sei. — Ele parece tenso e meus lábios contraem-se. Observá-lo no modo pai é uma mania que eu nunca soube que tinha. Tipo, Ford era gostoso antes, mas deixe-o todo preocupado e hiperprotetor com uma garotinha de quem também sou uma grande fã, e ele se torna totalmente irresistível.

— Eles criaram dois humanos realmente incríveis. — Eu aperto novamente. — Ela terá sorte de passar tempo com eles também.

Ele não responde a isso, apenas desliza a mão sobre a seda que cobre minha perna e reflete meu movimento.

— Eu me sinto como uma princesa — murmuro, observando o pôr do sol sobre os picos do Lago Esmeralda.

— Você é uma.

Eu suspiro.

As coisas que ele diz são sutilmente elevadas. Ele não me diz que *pareço* com uma. Ele me diz que eu *sou* uma. Uma diferenciação tão simples, mas tão profunda.

Seguimos em silêncio durante o resto do caminho, apreciando as montanhas baixas e a paisagem árida. Enquanto Rose Hill é escarpada e selvagem, Emerald Lake tem um certo polimento. Uma cidade universitária rica em vinícolas e pomares. É um lugar onde jogadores da NHL e políticos mantêm suas casas de verão.

É pequena o suficiente para ser charmosa, mas elegante e perto o suficiente de Vancouver para ser palco de um evento como o desta noite.

Quando paramos em frente ao resort à beira do lago, ele está bem iluminado, com pilares altos e uma entrada grandiosa.

Sinto que deveria estar trabalhando aqui e não participando de um evento. Mantenho esse pensamento para mim e apenas absorvo-o, apoiando-me na firmeza do corpo forte de Ford ao meu lado, dando-me apoio.

As pontas de seus dedos roçam meu pescoço quando ele estende a mão e empurra meu cabelo solto para trás do ombro. Sua cabeça inclina-se em minha direção. Parece um pouco com aquele momento dos filmes em que Drácula está prestes a morder a garota, mas também há algo muito excitante acontecendo.

— Está pronta? — ele sussurra contra a minha orelha antes de passar os lábios pela curva do meu pescoço.

— Honestamente, se esse vestido não fosse tão bonito, eu diria para você me levar de volta àquela suíte absurda com vista para a água e rasgá-lo.

Ele sorri contra meu pescoço. A maneira como seus lábios curvam-se e a leve barba por fazer em seu rosto faz cócegas em minha pele. — Eu ainda posso fazer isso, você sabe.

Viro minha cabeça para ele, dando um pequeno empurrão em seu peito. — Se você estragar esse vestido, eu termino com você.

Termino.

Meus olhos se arregalam, porque sinto como se tivesse colocado um rótulo prematuramente em nós.

Deus. Quantas garotas devem tentar agarrar-se a ele? E quem poderia culpá-las? Eu também estou ali. Tenho olhos de cachorrinho para o idiota da minha infância, Ford Grant.

Coro e viro, saindo do carro antes que ele possa tirar sarro de mim. Embora eu peça a ele para fazer isso o tempo todo, não sei se sou forte o suficiente para aceitar sua zombaria por causa desse deslize em particular.

O motorista mantém a porta aberta e Ford não diz nada enquanto sai atrás de mim. Ele apenas pressiona a mão nas minhas costas e nos guia em direção ao tapete vermelho perto da entrada.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Ford

Faz de mim um idiota estar sorrindo por causa do deslize de Rosie?

Talvez. Mas fiz as pazes com quem sou há muito tempo.

Ela está com a cabeça erguida, a luz brilhando em suas clavículas enquanto caminha ao meu lado, recusando-se a fazer contato visual.

Acho que a parte mais satisfatória é que, apesar de toda a sua ousadia e confiança, é algo tão simples como sugerir que estamos juntos que a deixa assustada.

Essa é a minha jogada. Sou eu quem deixa escapar as coisas e depois tem que recuar sem jeito ou dizer algo maldoso para encobrir isso. Então não tenho certeza por que ela está tão estressada.

É quase como se ela não estivesse prestando atenção.

Se ela estivesse, ela saberia que eu queria isso há muito tempo. Queria *ela* há muito tempo. Então, sim, ela pode apostar que estamos juntos.

Coloco minha mão sobre seu vestido de seda, saboreando a sensação de sua parte inferior das costas e a falta de linhas de calcinha, antes de deslizá-la sobre seu quadril possessivamente enquanto seguimos o tapete vermelho virando em direção ao pátio. É uma ampla área pavimentada no lago com luzes cintilantes penduradas nas palmeiras que não são nem remotamente nativas da área. Atrás há um par de grandes portas de vidro deslizantes que se abrem para o salão de baile.

Estou prestes a nos tirar desse tapete vermelho exagerado quando

um flash brilhante nos faz parar.

Eu *odeio* que minha foto seja tirada sem permissão. É uma intrusão que enfrentei durante toda a minha vida. Meu pai fez o possível para manter a mim e Willa fora dos holofotes, mas a taxa de sucesso não foi de cem por cento.

Mas também sei como ser bonzinho diante da mídia. Aprendi isso com meu pai também. Meus dedos cravam no quadril de Rosie, então ela vira-se para mim. Sua mão desliza sobre meu peito até que ela se agarre a mim. E eu apenas a seguro contra mim com mais força.

O fotógrafo sorri para nós, e uma mulher loira usando um vestido vermelho de lantejoulas e um gravador aparece atrás dele. — Ford Grant, que prazer ter você aqui esta noite apoiando a recuperação do incêndio florestal de Emerald Lake.

Dou a ela um sorriso fino e praticado. — É um prazer estar aqui. Ou foi até que nos fotografaram sem permissão.

A mulher empalidece, mas rapidamente recupera a compostura. — Eu sinto muito. Você gostaria que eu excluísse a foto? — Os dedos de Rosie circundam meu peito, um aviso para ser *gentil*, tenho certeza. Mas ela sabe melhor. Eu sou legal; eu simplesmente não pareço assim às vezes. Praticamente posso senti-la revirando os olhos para mim. Ela diria que estou sendo um idiota.

— Não, eu só gostaria de ser perguntado primeiro.

Isso deixa todos em silêncio enquanto a mulher pensa em como proceder. — Podemos tirar uma foto sua para o jornal?

Rosie começa a me encobrir. — Oh, isso não é necessário...

— Isso seria adorável. — Eu dou a ela um sorriso verdadeiro.

A mulher faz a contagem regressiva e, desta vez, estamos de frente para a câmera, Rosie ainda apertada ao meu lado.

O fotógrafo vira-se para nos mostrar a foto na tela, e ficamos tão bem juntos que engulo em seco, disfarçando a emoção que cresce em meu peito.

— E com quem você está esta noite? Vamos adicioná-la à descrição.

Rosie fica rígida. Não sei o que ela espera que eu diga, mas algo me diz que não é: — Ah, esta é minha namorada, Rosalie Belmont.

Entro na festa com uma namorada muda no meu braço.

E nunca gostei tanto de tirar fotos.

* * *

A noite continua num borrão de conversas chatas e entusiasmo forçado. Acho que é isso que mais odeio em qualquer um desses eventos. Todo mundo é tão falso. Todos eles têm sua própria agenda. A grande maioria deles não está nem aí para a reconstrução após um incêndio devastador.

As vidas viraram de cabeça para baixo.

As reivindicações do seguro foram negadas.

O gado morreu.

O efeito no meio ambiente.

A lista continua, e quanto mais penso nisso, mais a tragédia me esgota. Quanto mais a bajulação e o lobby incomodam-me. Porque este evento é para lobistas. Empreiteiros da cidade. Magnatas da construção.

Não se trata do incêndio – trata-se dos melhores interesses deles. É nisso que tudo ligado ao dinheiro se torna. Foi exatamente o que aconteceu no Gramophone. Um bando de homens de terno em volta de uma mesa decidindo reduzir a taxa que pagam aos artistas para dar um pouco mais aos acionistas.

Estou amargo e desiludido com tudo isso.

Foi por isso que desapareci nas montanhas. Para Rose Hill.

Para Rosie.

O único ponto positivo da noite é observá-la trabalhando na sala com tanta... autoconfiança. Ela sorri, e é genuíno. Ela ri, e isso faz todos por perto sorrirem.

Mesmo que não tenhamos abordado o assunto entre nós, eu a apresento às pessoas como minha namorada, e ela se aproxima cada vez mais.

Acho impossível tirar os olhos dela. O brilho da seda rosa-clara deslizando sobre sua pele hipnotiza-me. É quase sensual a maneira como seus lábios pintados pressionam a borda de uma taça de champanhe e a forma como sua garganta balança enquanto ela engole é o suficiente para me fazer corar enquanto sou transportado de volta para aquela manhã na pintura.

Escusado será dizer que ela *brilha* e todos veem. Todos são atraídos por ela, como sempre foram.

Rosie em uma festa no lago. Rosie jogando vôlei de praia. Rosie caminhando. Rosie na porra do supermercado. Eu a observei chamar a atenção sem esforço durante a maior parte de sua vida, e nem tenho certeza se ela percebe o quão naturalmente ela faz isso.

— Rosie, é você? — diz uma voz de mulher, filtrada pela nossa direita.

Eu viro-me e a mão de Rosie desliza pelas minhas costas enquanto ela fica na minha frente, mantendo-se o mais próximo possível.

— Faye? — Seus olhos iluminam-se quando ela olha para a mulher de cabelos escuros, que parece ser um pouco mais jovem. — Oi! — ela quase grita ao passar o braço livre em volta do pescoço da mulher. Pressiono os lábios para cobrir o sorriso, porque tenho a sensação de que o champanhe está afetando seu controle de volume.

Gin fez a mesma coisa com ela quando ela era mais jovem.

Rosie a segura. — Como vai você? O que você está fazendo aqui?

— Parei de trabalhar na Apex e vim para cá fazer mestrado. Jornalismo. Só estou aqui passando algum tempo em um jornal local

antes do início das aulas no outono. — Ela segura o cordão do passe de imprensa em volta do pescoço com um sorriso.

Rosie dá o sorriso mais genuíno da sala enquanto segura a mulher para olhar para ela. — Bom para você. Ah, esse é... — Rosie olha para mim, os lábios contraindo-se em uma imagem espelhada minha, porque fui eu quem disse isso em voz alta a noite toda. E agora é a vez dela. — Este é meu namorado, Ford.

Os olhos de Faye movem-se para os meus e arregalam-se um pouco. — Prazer em conhecê-lo — ela diz recatadamente, estendendo a mão para apertar minha mão.

— Da mesma maneira. — Tento sorrir, mas nunca serei bom em eventos como esse ou fingirei que conversa fiada me revigora.

Seu olhar volta-se para Rosie e ela limpa a garganta. — Eu tenho que tirar isso do meu peito. Sinto muito pelo que aconteceu. — Sua mão acena entre eles. — No escritório. Com Stan.

O sorriso de Rosie desaparece. — Sim, eu também.

— É como se todo mundo especulasse sobre o que aconteceu, mas eles estão com muito medo de dizer ou fazer qualquer coisa além de fofocar no bebedouro.

Sinto Rosie ficar tensa e meus molares travarem enquanto a mulher divaga.

— Se serve de consolo, aquele lugar está em ruínas. Provavelmente irá afundar. A merda estava aumentando de forma alarmantemente rápida quando saí.

Agora eu endureço.

— Que pena — Rosie diz sem expressão.

Algumas batidas de silêncio pairam no ar, a conversa ao nosso redor ganhando destaque, então as duas mulheres explodem em gargalhadas.

— O que estava acontecendo? — Rosie pergunta, enquanto enxuga o canto dos olhos.

Faye aproxima-se, baixando a voz para um sussurro. — Eles continuaram tendo que mudar de escritório. Não sei se foi uma questão de dinheiro ou algo assim. Eles receberam um aviso de despejo imediato e mandaram todos trabalhar em casa enquanto resolviam as coisas. Então eles se mudaram para um prédio totalmente novo e foram despejados novamente. Tudo se repetiu. Tenho certeza de que isso estava esgotando os cofres.

A boca de Rosie abre-se e ela pisca algumas vezes. — Quero dizer, deve haver contratos em vigor para evitar isso?

Meu queixo estala e tento agir casualmente enquanto olho ao redor da sala.

Faye dá de ombros. — Acho que sim, mas até os custos legais podem aumentar. Foi tudo muito misterioso. Ninguém sabe por quê. Ouvi boatos esta noite que aconteceu de novo.

A postura de Rosie é reta e rígida quando sua cabeça se vira para mim, cortando-me com um olhar mordaz. Um que me acalma.

Rosalie Belmont é inteligente como um chicote.

Inteligente o suficiente para me entender. Eu apenas fico parado e a vejo resolver o quebra-cabeça em alta velocidade.

— Merda. Isso é... — Ela balança a cabeça e olha para Faye, recuperando-se rapidamente. — Bem, o império de Stan desmoronando... não poderia ter acontecido com uma pessoa melhor.

Ambas riem enquanto meu coração bate forte em meu estômago embrulhado.

As duas mulheres riem e tentam se atualizar pelos próximos minutos. E quando Faye finalmente nos deixa, Rosie volta para o meu lado, desliza os dedos pelos meus e diz: — É hora de você e eu batermos um papo.

— Sobre?

— Em particular — é tudo o que ela diz enquanto leva-me para fora da sala, finalmente com um sorriso que combina com a falsidade

de todas as outras víboras rastejando ao nosso redor.

E mesmo que eu não tenha um sorriso falso, percebo que posso ser uma delas, afinal.

CAPÍTULO QUARENTA

Rosie

— Aqui? — Ford pergunta enquanto eu arrasto seu traseiro irritante para fora do evento.

— Não. Não quero nenhum idiota tirando uma foto minha repreendendo você e publicando uma manchete sobre você ser o bilionário mais em apuros do mundo.

Ele *sorri* com a minha resposta. — Pelo menos esse título tem um pouco de caráter.

Eu quero arrancar a cabeça dele? Sim.

Quero protegê-lo a todo custo? Também sim. Eu juro, se aquela repórter loira escrever algo maldoso sobre ele, vou arrancar as extensões dela.

Eu o ignoro, chamo nosso carro e vou para o lado oposto.

É claro que esse idiota encantador faz o que fez antes e desliza para o meio. Sempre soube que Ford não se desculpava e era firme em suas crenças, e a maneira como ele está reagindo agora é uma prova disso.

Viajamos em silêncio, com as mãos nos joelhos um do outro, a vista pela janela embaçada pela noite escura que passa pelas estradas quase vazias. No minuto em que o carro para em frente ao opulento hotel boutique, que fica em um penhasco com vista para o lago, eu saio voando pela porta. O motorista fica nervoso por não conseguir abri-la para mim, mas passo por ele, o farfalhar da seda acompanhando o bater dos meus saltos na passarela de tijolos que leva às portas da frente.

Ouço o murmúrio baixo de Ford agradecendo ao homem, que tenho certeza que irá para casa e contará à sua parceira sobre o estranho casal que ele transportou esta noite. Vou direto para o nosso quarto sem olhar para trás. A risada baixa de Ford enquanto ele dá passos largos para me alcançar ressoa na minha nuca. Só o som dele faz meu cabelo ficar em pé.

Estou brava com ele agora, mas meus mamilos endurecem mesmo assim.

Maldito Ford Grant.

Paro na nossa porta e ele já me alcançou, graças à sua forma física e altura desagradável. Ele levantou-se enquanto eu saía furiosa e ainda assim me alcançou.

É irritante.

As veias no topo de sua mão bronzeada chamam minha atenção, destacadas pelo azul meia-noite do paletó do smoking. Ele passa o cartão, abre a porta e segue-me para dentro.

Assim que a porta se fecha, eu giro para ele. — Explique-se.

Sua língua pressiona sua bochecha e ele apoia um ombro contra a parede, imperturbável pela minha agitação. — Que parte? Eu disse que iria arruiná-los. Você me disse que queria esquecê-los. Tudo o que fiz foi seguir e respeitar seus desejos.

Respiro fundo, transportada de volta para aquela noite no cais, quando todas aquelas verdades saíram dos meus lábios enquanto lágrimas escorriam dos meus olhos.

Ele absorveu cada uma delas.

— Achei que você fosse apenas... — Minhas mãos balançam enquanto procuro as palavras que quero usar. — Achei que você estava apenas falando de um grande truque.

Sua cabeça inclina-se daquele jeito típico de Ford, fazendo uma poça de calor no meu corpo. — Esse é o problema, Rosie. Você passou muito tempo perto de homens que falam muito, mas não possuem

vontade de seguir em frente.

Eu engulo e tudo dentro de mim se aperta.

— Stan tem aprendido uma lição muito valiosa ultimamente. — Ele dá uma breve olhada em seu Rolex. — Na verdade, sua amiga estava certa: ele aprendeu outra há apenas algumas horas.

— Qual lição? — pergunto em voz baixa, surpresa com a ousadia de Ford. Pela sua brutalidade.

— Que ele não tem poder. Não tem força. Que tudo o que ele tem é facilmente tirado. Ele está sentindo um gostinho de como ele fez você se sentir.

Estou chocada. E pergunto-me por quê. Sempre soube que Ford era assim: cortante, cruel e *bom* até a medula dos ossos.

Essa vingança é nova para mim. Isso deveria me chatear, mas... fico maravilhada com um homem que iria tão longe por mim.

Ele parece um predador. Com sua voz indiferente e comportamento tímido, ele é alguém que você nunca imaginaria chegando. E ainda assim aqui está ele, um gato brincando com o rato enquanto mata-o lentamente. E sou forte o suficiente para não piscar.

Sinto-me mais forte do que nunca. Mesmo na minha frustração com ele estou encontrando-me. Desenhando linhas na areia sobre como vou ou não viver minha vida. A boa menina Rosie foi substituída por uma versão de Rosie que sabe que a vida não é preto e branco. Que as pessoas crescem, mudam e se recriam.

Não há título para esta Rosie. Sou só eu, entrando em uma versão de mim mesma que *me* faz feliz.

Finalmente consigo controlar aqueles fios de controle que perdi em algum lugar ao longo do caminho. Posso senti-los voltando aos meus ossos. Eu fico um pouco mais alta enquanto a compreensão percorre meu corpo.

— Como você está fazendo isso?

Sinto-me *bem* ao olhar para Ford. Sinto-me igual a ele de uma

forma que nunca senti. Falar sobre isso abertamente faz-me sentir que somos realmente uma equipe. Uma *ótima*.

— Você realmente quer saber?

Eu rolo meus lábios, considerando sua pergunta. Talvez seja melhor se eu não souber todos os detalhes sujos. — Dê-me a versão curta. Uma que não me comprometa.

Ele balança a cabeça com firmeza e enfia as mãos nos bolsos. Acho que ele nem percebe o quão lindo está agora no quarto escuro. A luz filtrada pela janela lhe dá uma espécie de brilho iridescente. — Recentemente comecei a investir pesadamente em imóveis em Vancouver.

Meus olhos se arregalam e meu queixo projeta-se para frente. — Você está *comprando* os edifícios?

— É um bom investimento.

Minha voz aumenta no ritmo da minha descrença. — Não, não é! Esses arranha-céus devem valer milhões! Isso é *ridículo*.

Eu grito e ele apenas sorri. — Dezenas de milhões. Por edifício.

Todo o sangue escorre do meu rosto. *Dezenas de milhões*.

— Ford. Tudo isso porque... você não pode... você não pode gastar tanto dinheiro comigo! Você não pode gastar tanto dinheiro em jogos, *ponto final*. É irresponsável. Eu não valho... — grito com ele apenas para disfarçar o quanto estou enjoada só de pensar em todos aqueles zeros.

— *Você vale cada maldito centavo!* — ele grita, com os braços abertos. — Tenho cuidado com meu dinheiro. Sou totalmente filantrópico. Mas isso? Isso não é um jogo. Eu estou apaixonado por você. Isto é um troco em comparação com o que eu ficaria feliz em gastar com você. Não há preço alto demais para ver esse idiota pagar por cada momento de miséria e dúvida que ele causou a você.

Com dois passos longos, ele está parado na minha frente, o corpo vibrando de raiva. Suas mãos pousam em cada lado do meu pescoço,

forçando-me a olhar para ele enquanto seus polegares traçam reverentemente meu queixo.

Seus olhos brilham com intensidade enquanto os meus enchem-se de lágrimas. — Ouça isso, Rosie. Você vale cada centavo. Cada fortuna. Cada investimento. Cada risco. Você não tem preço para mim.

Uma lágrima perdida rola pelo meu rosto quando pisco, e Ford observa sua lenta descida com uma espécie de fúria que já vi em seu rosto antes. Uma que estou percebendo que perdi ao longo dos anos.

Interpretei mal as expressões de Ford quando pensei que o enfurecia.

Ele ficou furioso. Mas por mim. Não comigo.

— Você entende? — ele praticamente rosna as palavras e eu abaixo o queixo em concordância, fungando uma vez.

— Eu penso que sim.

Passei muito tempo me perguntando por que os homens da minha vida nunca sentiram vontade de me defender, e agora estou cara a cara com um homem que assumiu como missão defender-me. Mesmo no meio de uma discussão apaixonada, ele me faz sentir mais segura do que nunca.

É... esmagador. É de cortar o coração. É *seguro*.

Nossos olhares colidem e, com uma respiração presa, eu atiro-me nele. Beijo-o. Agarrando as lapelas do paletó com uma necessidade tão intensa que quase dói.

Meu peito dói quando seus lábios reivindicam os meus, sua grande mão embalando minha cabeça como se eu fosse a coisa mais preciosa do mundo.

Agarramo-nos um ao outro, mas não é suficiente. Não estamos perto o suficiente. Intenso o suficiente. Não sei o que dizer a ele, não consigo encontrar as palavras. Tudo que sei é que quero estar encapsulada nele. Em sua proteção.

Parece que depois de tantos anos trabalhando sozinha,

trabalhando tanto para fazer algo de mim mesma, para ficar longe de problemas, tenho um lugar fácil para pousar. Um lugar onde eu posso deixar a pior, a mais mal-intencionada e a mais desagradável versão de mim mesma, que usa meias e sandálias, aparecer e ainda assim ser amada.

É um tipo de devoção que nunca conheci.

É um refúgio com o qual nunca me permiti sonhar.

O sândalo da colônia de Ford é inebriante e intoxicante, e o toque experiente de sua língua contra a minha é um incêndio em minhas veias.

— Tire isso. Agora — eu mordo entre beijos, sem vontade de me afastar o suficiente para conversar.

Ford geme em minha boca enquanto eu abro os botões de sua camisa e ele tira o paletó. Eu rasgo os últimos, sem me importar. Se ele pode gastar milhões jogando, pode comprar uma camisa nova.

Fico muda de novo quando vejo o que está em volta do pescoço dele. A corrente de prata e aquela maldita chave. Manchas de tinta azul-claro estragam o metal. E todo o ar sai dos meus pulmões.

— Você tirou isso da tinta?

— Claro. Pretendo usá-la para sempre.

Então minhas mãos estão em sua pele nua. As pontas dos meus dedos memorizam cada curva enquanto conto cada gominho do seu abdômen. Subo até seus peitorais, gemendo enquanto passo um dedo sobre seu mamilo e ele endurece. Igual ao meu.

Eu afasto-me para admirá-lo, a luz prateada destacando seu corpo tonificado.

— Porra. Vou continuar empurrando você para aquele lago nos próximos anos, só para que você continue nadando. — Ele solta uma risada suave. — Tire a calça.

Ele mantém os olhos em mim enquanto desfaz o cinto casualmente, deixando-me molhada no processo. Sua calça cai e eu

rapidamente removo sua boxer e envolvo minha mão em seu comprimento de aço.

Ford sibila entre os dentes enquanto giro a palma da mão em torno de sua cintura e passo as pontas dos dedos sobre a linha reta de sua clavícula. Fico maravilhada com o quão angular é tudo no corpo deste homem. O nariz dele. Sua mandíbula. Sua testa.

Ele é um tipo doloroso de bonito. Não é bonito nem suave. Não há apelo de garoto da porta ao lado com Ford. Há uma maldade nele. Mandíbula afiada, lábios largos e bem torneados, olhos astutos.

— Sinto muito por nunca ter notado — murmuro, pensando em todos aqueles verões que passamos brigando um com o outro. Quão diferente tudo deve ter parecido através de seus olhos.

Ele era apenas o melhor amigo idiota do meu irmão, que sempre tinha algum comentário sarcástico a fazer. Mas ele estava lá para mim em todos os momentos.

Eu estava alheia.

— Desculpe-me por nunca ter contado a você — ele murmura, alcançando entre nós com dedos hábeis para puxar a faixa na minha cintura. Uma vez solta, basta um simples encolher de ombros para que o decote profundo ceda e a deslumbrante roupa de seda caia em uma poça macia de tecido rosa sonhador aos meus pés.

A rajada de ar frio faz com que todos os pelos finos do meu corpo se arrepiem. Como se cada fibra minha estivesse alcançando-o.

— Ford, eu...

— Rosie — ele interrompe-me, mas sua voz é gentil. Sinto um tremor quando seu olhar percorre minha pele e ele remove delicadamente os protetores em formato de margarida que cobrem meus mamilos. — Acho que deveríamos parar de falar com a boca. Há coisas mais importantes que eu gostaria de fazer com a minha.

Sua cabeça cai no meu peito e ele chupa meu mamilo em sua boca com um gemido gutural. Minha cabeça inclina-se para trás, meu cabelo faz cócegas em minha coluna, enquanto mergulho na sensação

de ser adorada por Ford Grant.

O puxão do adesivo em meu seio direito envia uma forte onda de prazer direto para minha virilha enquanto ele continua a trabalhar no mamilo oposto.

Quando seu cabelo cor de mogno escuro move-se para o outro, eu tropeço, meus saltos inclinam-me para trás até que estou pressionada contra a parede.

Agarro seus ombros fortes enquanto seus lábios arrastam-se torturantemente sobre meu corpo. Então ele cai de joelhos diante de mim. Com as mãos espalhadas sobre minhas costelas, ele passa a língua entre meus seios, passa os dentes pela minha barriga e mordisca o ponto fraco logo abaixo do meu quadril. Eu tremo e levanto meu corpo para encontrá-lo.

Ele inclina-se um pouco para trás e olha para mim. Meu núcleo. Meu estômago. Minhas pernas.

Ele usa um polegar contra um lado da minha boceta e espalha-me.

— Ford...

— Rosie, cale a boca e deixe-me admirá-la.

Minha respiração fica afiada e entrecortada enquanto ele passa por mim, espalhando a umidade sobre meu clitóris. Um arrepio atormenta-me toda vez, mas não consigo tirar os olhos da expressão intensa em seu rosto. É a mesma que ele mostra quando o vejo ouvindo uma demo com grandes fones de ouvido com cancelamento de ruído.

Seus olhos verde-floresta cortam meu rosto. — Eu gosto de ver o quão molhada você está para mim. Prova de que isso é real.

Então ele deixa cair a cabeça entre as minhas pernas, voltando a atenção que acabou de dar aos meus mamilos duros para a minha boceta.

Minha cabeça inclina-se para trás contra a parede enquanto sua

língua me toca. Sua barba raspa contra a parte interna das minhas coxas. Ele incendeia meu corpo com cada golpe, cada pressão firme de seus lábios. Eu balanço contra seu rosto, mas ele não se afasta – ele dá um passo adiante. Levantando cada uma das minhas coxas sobre seus ombros, espalhando-me e mergulhando mais fundo com um rosnado faminto.

Eu sinto-me fora do meu corpo. Como se eu tivesse explodido em uma nuvem de felicidade e pudesse flutuar para longe se não fosse pelo homem entre minhas pernas, agarrando minhas coxas e banquetecendo-se como se eu fosse a melhor coisa que ele já provou.

A sensação de enrolamento na base da minha coluna toma conta.

Um puxão entre meus quadris.

— Oh, Deus. Oh, merda — murmuro, passando os dedos pelo seu cabelo. Dedos dos pés enrolados contra a base dos sapatos de salto alto ainda amarrados em meus tornozelos.

Vejo minha liberação brilhando diante de mim, como ondas de calor em um dia quente. Tão real que eu poderia estender a mão e tocá-la.

Mas Ford recua e a situação desaparece. Eu gemo e bato com o punho na parede ao meu lado antes de olhar para ele.

Com seu *sorriso* e olhos brilhantes, quase de outro mundo. — O que você está fazendo? — eu lamento com as palavras.

— Observando você. — Seu foco desce para minha boceta espalhada e volta para meu rosto.

— Menos observação. Mais do que você estava fazendo antes.

Ele abaixa uma perna do ombro e depois a outra enquanto inclina-se para trás, parecendo muito satisfeito consigo mesmo.

— Ainda não.

Meus olhos arregalam-se, um lampejo de frustração percorrendo meu corpo. — Você está me torturando.

Ford ri, baixo e profundo, e isso me faz balançar sobre as pernas

já instáveis. Ele se levanta e olha para mim. — Você tem me torturado há anos.

Ele me dá um beijo rápido e posso sentir o gosto da minha essência em seus lábios. Traz-me uma espécie de satisfação saber que ele tem *o meu gosto*.

Ele abaixa-se e levanta-me como se eu não pesasse nada. Imagino que para um homem do tamanho dele, isso provavelmente seja verdade. Ele segura-me com facilidade, levando-me para dentro da suíte escura.

— Se você aprendeu alguma coisa esta noite, deve ser que eu me excito brincando com minha comida antes de terminar — ele sussurra em meu ouvido.

Quando ele me deixa cair na cama, levantando-se de modo que seus joelhos batam na beirada do colchão, minhas pernas juntam-se.

— Abra as pernas, Rosie.

Meu peito arfa com respirações pesadas e excitadas e deixo minhas pernas desmoronarem para ele. Sinto que poderia entrar em combustão sob o peso de seu olhar.

— Muito escuro para ver. — Vislumbro seu perfil, o contorno de seu corpo enquanto ele contorna a cama e acende o abajur de cabeceira. Um brilho dourado preenche o espaço, acentuando cada sombra em seu corpo. Olho para onde ele está perto da minha cabeça e observo enquanto ele leva um momento para deixar seus olhos vagarem por mim. Espalhada para ele. Um gemido de agradecimento ressoa em sua garganta e meu corpo inteiro se contrai em antecipação.

Então ele puxa dois travesseiros da cabeceira e desce pela lateral da cama, ficando acima do meu corpo esparramado.

— Vire-se, Rosie. Fique de quatro.

Estou muito excitada para responder de volta para ele. Sou flexível. Carente. Faço exatamente o que ele me diz.

— Sim, baby. Simples assim — ele murmura enquanto eu ajoelho-

me e levanto minha bunda no ar. Uma grande mão acaricia o globo mais próximo com apreciação enquanto a outra desliza os travesseiros frios sob minha barriga.

Então sua atenção move-se mais para baixo, um golpe provocador em meu clitóris antes de dois dedos empurrarem dentro de mim, esticando-me e fazendo uma tesoura. Viro-me para olhar por cima do ombro. Para avistar seu corpo sólido pairando sobre o meu enquanto ele brinca comigo.

Eu ofego, com a boca aberta enquanto absorvo a vista, e ele continua trabalhando-me incansavelmente. Então sinto um tapa na minha bochecha. Eu olho para ele e ele está segurando seu pau.

— Abra, Rosie. Coloque essa boca em uso.

Não há hesitação. Meus lábios já estão separados e ele aproveita ao máximo deslizando em minha boca enquanto fode-me com os dedos. Balanço-me para a frente e para trás apoiada nas mãos e nos joelhos, empurrando-o em ambas as extremidades. Cercada por *ele*.

Eu gemo descaradamente, dominada pela sensação. Ele toca-me como um maestro, ficando ao meu lado, preenchendo-me de muitas maneiras.

Eu chupo ansiosamente seu comprimento, arqueando as costas e apertando-o quando ele adiciona um terceiro dedo e rosna: — Que boceta tão apertada e carente.

Minha cabeça balança. Porque, sim, estou tão necessitada agora.

Ele passa a mão no meu cabelo. — Se sua boca não estivesse cheia de pau agora, você estaria pedindo mais?

Eu cantarolo e aceno com a cabeça, ainda trabalhando ao máximo. Mas ele afasta-se mesmo assim e pressiona minhas costas. É uma pressão leve, mas meus braços dobram embaixo de mim, então estou apoiada nos cotovelos.

— Quadris para cima, baby — ele orienta e eu imediatamente levanto meus quadris, joelhos afundando no colchão macio enquanto derreto-me nos travesseiros abaixo de mim e sinto meus pés calçados

com saltos pendurados na borda. Deixo Ford me posicionar exatamente como ele quer. Suas mãos gentis e dominadoras ao mesmo tempo.

Eu choramingo quando ele dá um passo para trás e vai até a ponta da cama, seus joelhos batendo em meus tornozelos enquanto ele se aproxima.

Os lençóis de algodão egípcio ficam sedosos entre meus dedos quando os agarro. Legal e suave e muito bom para a maneira como estamos prestes a danificá-los.

— Pare de fingir ser tímida e abra as pernas, Rosie. Eu quero ver essa boceta apertada escorrendo para mim.

— Vá se foder — eu sussurro, mas não há veneno; na verdade, parece mais um apelo. E não há luta. Deixo os meus joelhos deslizarem sobre os lençóis, sentindo a minha humidade a escorrer.

Seu gemido satisfeito não faz nada além de confirmar isso.

— É disso que você precisa. Ser fodida. Eu posso ver isso. — Suas palavras ressoam pela minha espinha e sinto seu calor quando ele fica atrás de mim. — É o que eu preciso também — acrescenta ele enquanto passa a cabeça nua de seu pênis pelas minhas dobras. — O que eu sempre quis.

Ele continua provocando-me, suas palavras lentas e comedidas.

Totalmente sem pressa.

— Então, vou aproveitar isso. Ver você fazer uma bagunça para mim. Fodendo você. Fazendo você gozar até suas pernas cederem e a única coisa que mantém essa bunda levantada para mim são esses travesseiros.

Ele penetra rápido e forte. Palmas das mãos na minha bunda, pau enfiado dentro de mim.

— Sim — gemo, arqueando as costas e empurrando-o.

Seus dedos flexionam.

— Gostaria que você pudesse ver o jeito que você parece cheia de

mim, baby. Tão perfeito, porra.

— Sim. — Movo meus quadris contra ele novamente. — Tão perfeito — é minha resposta silenciosa, repetindo suas palavras.

Seus movimentos começam exigentes e medidos. Cada estocada é tão meticulosa quanto cada deslize para fora. Eu sei que ele está vendo-me levá-lo. E isso excita-me. Sabendo que ele não pode desviar o olhar, sabendo que ele está gozando ao me ver esticada em torno de seu pau.

Viro minha cabeça para encontrar seu olhar esmeralda. Mordo meu lábio inferior e aperto sua espessura esmagadora. Um desafio tácito que ele reconhece com um grunhido. Com as pontas dos dedos que cavam minha bunda e golpes medidos que beiram a punição.

Um sorriso toca meus lábios enquanto ele me fode na cama. Nossa pele bate quando ele me penetra com força suficiente para que eu perca o controle. Eu desisto e deixo os travesseiros suportarem meu peso enquanto Ford força-me a ver estrelas.

Eu me perco nele.

Nas mãos dele.

No corpo dele.

A maneira como ele toca o meu com tanta maestria.

É um borrão, uma sensação que nunca serei capaz de recriar.

Desfaço-me, gritando seu nome, e minhas pernas cedem enquanto ele me cobre de beijos. Ele sobe pela minha espinha, empurrando uma vez, com força, e depois continua. Entrando em erupção antes de se colocar sobre mim. Nossos corpos úmidos pressionados juntos, ofegando através de respirações agudas e irregulares. Ele roça o nariz na minha orelha. Um toque que de alguma forma transborda de ternura.

Um toque que me faz virar a cabeça e sussurrar o que já sei há algum tempo.

— Eu amo você, Ford.

Ele apenas aconchega-se em mim novamente e responde calmamente: — Eu sempre amei você, Rosie.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Ford

Acordo enrolado em Rosie como se fosse uma criança aconchegada com meu ursinho de pelúcia favorito. Seu torso se curva no meu, minhas pernas emoldurando as costas dela. Eu tenho um braço sobre seu ombro e minha mão cobre a dela completamente, nossos dedos entrelaçados.

Ela cheira como os lilases que crescem à beira do lago e parece o paraíso.

Ela parece com lar.

Ela parece que finalmente é *minha*.

Fecho os olhos e aninho-me em seu pescoço, passando a ponta do meu nariz sobre a concha de sua orelha. Inspirando-a, deixando seu cabelo ficar preso na barba eriçada do meu queixo. Eu quero tanto voltar a dormir, passar o dia todo assim.

Mas há um zumbido sutil em algum lugar do quarto. Irritante, como uma mosca zumbindo em volta da minha cabeça. Intrrometendo-se em nossa paz apenas o suficiente para que a agitação cresça dentro de mim. E então a preocupação toma conta quando penso em Cora e se algo pode estar errado.

Ela é minha, mas não é. Carregar o fardo de protegê-la até que a mãe se recupere é uma pressão imensa. E é esse estresse que me tira do calor da cama e do conforto do corpo adormecido de Rosie.

Ela se mexe enquanto eu vasculho o quarto. Estávamos tão frenéticos ontem à noite que não tenho certeza de onde estão nossos telefones. Sua pequena bolsa incrustada de pérolas está largada perto

da porta da frente, mas quando toco nela, ela não vibra.

O zumbido para, depois aumenta novamente, e a preocupação explode dentro de mim. Viro-me, indo em direção à pilha de roupas que na verdade é um smoking caro. O paletó está emaranhado na calça, e meus dedos lutam para separá-lo enquanto o barulho fica mais alto. Levanto o paletó e enfio a mão no bolso interno, meu estômago embrulhando forte e rápido quando vejo o nome da minha advogada piscando na tela.

A maneira pesada e ofegante com que respiro faz os olhos de Rosie abrirem-se enquanto cada pior cenário passa pela minha mente. É por isso que fico igualmente aliviado e surpreso quando respondo com um: — O quê? — e Belinda responde: — Por que você está ignorando suas ligações? Weston Belmont foi preso ontem à noite e estou tentando entrar em contato com você há horas.

Rosie senta-se na cama, sem se preocupar em se cobrir. Ela está deslumbrante. Toda sexy e amarrotada e com uma marca de mordida no seio esquerdo da noite passada.

É uma pena que ela esteja prestes a ficar realmente brava comigo.

Enquanto minha advogada critica-me sobre como eu preciso ir para Vancouver e ajudar meu amigo, porque um idiota chamado Stan está decidido a prestar queixa, eu absorvo Rosie, sem ouvir completamente.

Suplicando ao universo para que isso não seja algo que ela use contra mim por muito tempo.

— Entendi — falo de volta para ela. — Estamos a caminho. — Desligo e observo a expressão confusa no rosto de Rosie.

— O que está acontecendo? Cora está bem?

Meu coração bate forte contra minhas costelas, sabendo o que estou prestes a dizer a ela e sentindo-me ainda mais apaixonado por ela por perguntar sobre Cora antes de qualquer coisa.

— Cora está bem. Mas... — Esfrego a mão no queixo mal barbeado e solto um murmúrio: — *Porra*.

— Ford. — Rosie puxa o lençol sobre si mesma, como uma camada de proteção. Como se ela já estivesse antecipando algum tipo de golpe. — O que está errado?

— West foi preso. Precisamos ir para Vancouver.

Ela recua um pouco – não era isso que ela esperava. Nós dois sabemos que o irmão dela ficou longe de problemas desde que teve filhos. Eles pareciam acalmar um pouco daquele abandono imprudente que havia nele. Aquela ferocidade.

Mas agora fui *eu* quem o empurrou longe demais.

— O *quê*? E por que diabos ele estava em Vancouver?

Ela fica de joelhos, levantando o lençol, quase enrolando-o em volta de si mesma, lendo meu rosto – meu corpo.

— Ele estava me ajudando.

Seu rosto está inexpressivo, os olhos arregalados como pires. O silêncio na sala aumenta.

— Com Stan.

Ela fica estranhamente imóvel, olhando – não, olhando – para mim enquanto manchas vermelhas expandem-se em seu peito e sobem por sua garganta, palavras não ditas formando-se em seu coração e subindo até suas cordas vocais para que ela possa lançá-las em mim.

Palavras de raiva e irritação. Porque *sei* que não deveria ter envolvido West nisso.

— Você... — Sua voz é dura, um tipo de calma problemática. — Você contou *ao meu irmão* o que aconteceu com Stan?

Deixo meu telefone na mesa ao meu lado e dou um passo em direção a ela, mas ela levanta a mão trêmula para me impedir.

— Não. Você vai ficar aí mesmo.

Engulo em seco e paro meu movimento para frente antes de levantar os braços e passar os dedos pelos cabelos. — Rosie, sinto muito. Não estávamos juntos naquele momento. Quando contei a ele,

ainda... imaginei que seríamos o que sempre fomos. Nada havia acontecido entre nós ainda. Eu nunca imaginei que estaríamos onde estamos agora.

— Eu... — Ela olha ao redor do quarto agora, uma risada ofegante e incrédula saindo de sua garganta, seguida por um gemido de dor. — Eu contei isso a você em segredo. — Seus olhos voltam para os meus, prendendo-me no lugar. — Você é a *única* pessoa para quem eu disse isso além de Ryan. E algo *sempre* aconteceu entre nós. Sempre tivemos segredos.

— Desculpe. — É tudo o que posso dizer e direi repetidas vezes. Não importa quantas vezes seja necessário.

— Você me disse que não contaria a ninguém. E então você decide que de todas as pessoas no mundo para contar, meu *irmão* parecia o candidato ideal? Quem mais? Meus pais? Deus. — Ela coloca o rosto em uma das mãos enquanto a outra agarra o lençol branco. — Que humilhante.

— Você não tem *nada* pelo que se sentir humilhada — cuspo as palavras como veneno.

Ela olha de volta para mim, o rosto tenso, as mãos moles ao lado do corpo. — Está bem. Então, por que exatamente meu irmão está enfrentando acusações?

Meus molares rangem. West e seu maldito temperamento. — Não sei os detalhes. Ele bateu em Stan. Achei que ele ficaria bem apenas entregando em mãos os avisos de despejo. Ele queria fazer alguma coisa e estava gostando de atormentar o cara. Mas aparentemente Stan veio até ele desta vez, e você sabe como isso acontece com West.

Ela balança a cabeça para mim, como se não conseguisse acreditar no que estou dizendo.

— Você sabe que sempre fomos parceiros no crime.

Ela zomba. — Sim, quando vocês eram crianças brincando de tocar campainhas e sair correndo ou bebendo álcool como menores de idade, estava tudo bem. Vocês são adultos agora e não podem

simplesmente fingir que são dois adolescentes metendo-se em encrencas. Isso não é... ah! — Ela dá uma risada. — Desculpe. Só estou tendo muita dificuldade em entender como alguém tão inteligente como você pode ser tão alheio. Ele tem dois filhos que precisam dele, Ford. Ele não tem bilhões de dólares em seus cofres. Você não pode usá-lo para fazer seu trabalho sujo só porque ele sempre foi um pouco mais rude do que você. Você mantém as mãos limpas e joga xadrez enquanto West leva a culpa? Se você é um amigo tão bom para ele quanto afirma ser, como pôde colocá-lo nesta posição?

— Nunca foi assim que eu quis dizer. Estávamos trabalhando juntos como uma equipe.

— Certo, bem, um de vocês está sentado em uma delegacia de polícia e o outro está descansando em um quarto de hotel chique que custa mil dólares por noite. Perdoe-me por perder o aspecto de *equipe* deste empreendimento.

Minha garganta seca enquanto eu entendo o que ela está dizendo, finalmente vendo toda a situação de uma perspectiva diferente da minha. Além da minha visão limitada de vingança contra um homem que ofendeu alguém que amo.

— Eu não pensei...

— Não. — Ela levanta-se e o lençol cai, deixando-a completamente nua enquanto caminha até mim. — Você não pensou, porque tem um privilégio incomparável. — Seus braços abrem-se. — Você tem um poder que nem reconhece. Dinheiro. Influência. Um nome do qual você reclama, mas empunha como uma arma. E tudo bem. Você deve aproveitar ao máximo o que tem. Mas droga, Ford. Pelo menos reconheça isso. Assuma.

Eu pisco. Impressionado com a crueldade do que ela está me contando.

— Aquele dia? Naquele escritório? Stan roubou meu poder. Foi por uma fração de segundo, e talvez devesse ter sido fácil ignorar, mas mudou *tudo* pelo que trabalhei na minha vida. — Ela estala os dedos e

eu estremeço. — *Puff*, assim. Foi uma visão nítida de como eu era realmente insignificante. Isso me fez questionar meu valor.

Minha garganta dói. Ela se contrai com tanta força que não consigo encontrar minha voz.

— Essa era *a minha* história para compartilhar. Quando eu estivesse bem e pronta. Ou meu segredo para guardar por quanto tempo eu quisesse. E confiei isso a você.

— Rosie...

Sua cabeça balança bruscamente. — Não. Eu não quero ouvir isso. Eu sei o que você estava tentando fazer, eu sei. Mas Ford... — Seus dedos passam pelos cabelos ondulados enquanto ela pisca. — Vocês não são mais adolescentes com rancor de algum garoto de uma cidade pequena que me largou. A dinâmica conosco não é a mesma de quando éramos crianças. E sei que ele é seu melhor amigo, mas se você e eu quisermos ser alguma coisa, preciso ser aquela que vem primeiro, Ford. Preciso dessa lealdade sua, até mesmo em relação a ele. Não vou me contentar com menos.

Sua voz falha e ela pisca para afastar as lágrimas. De cabeça erguida enquanto ela se volta para sua mala, vasculhando-a em busca de roupas.

Observo-a vestir-se num silêncio culpado, percebendo o que fiz. Destruí sua confiança e tentei brincar de Deus. Mexendo os pauzinhos que não me competia puxar, por mais virtuosa que fosse a minha causa ou por mais puras que fossem as minhas intenções.

Mantendo segredos que não deveria, enquanto revelava os que deveria manter.

— Rosie, sinto muito. Eu sinto muito.

Ela me ignora e, já vestida, continua arrumando a mala. E fico aqui de cueca, na manhã seguinte à única noite em que tive tudo o que poderia desejar, vendo tudo virar fumaça. E eu sou o idiota que acendeu o fósforo.

Finalmente dou voz ao que vem revirando meu estômago nos

últimos minutos. — Você está indo comigo?

Ela endireita-se, com a mala na mão, e caminha direto até mim. — Não. Estou reservando meu próprio voo para Calgary e espero que Tabby ou alguém me pegue e me leve de volta para Rose Hill.

— Mas poderíamos...

Seu dedo indicador cutuca meu peito, e seus olhos brilham com lágrimas não derramadas enquanto ela fica cara a cara comigo. — Não. Você vai entrar lá como Ford Grant Junior com seu pau grande e o título de bilionário mais sexy do mundo, e vai consertar *isso*. Se você quebrou isso, você conserta. Seja como um *time* ou como vocês, meninos, estão chamando essa merda.

Meus molares rangem quando eu aceno com firmeza. Darei a ela tudo o que ela quiser para consertar isso.

— Vou garantir que minha sobrinha e meu sobrinho tenham alguém para buscá-los quando a semana deles na casa da mãe terminar. E espero por Deus que Mia não tenha dúvidas sobre mandá-los para um cara que perde o controle enquanto brinca de caçador de recompensas por diversão.

Eu engulo e seus olhos procuram meu rosto. A raiva passa por eles e um apelo se esconde naquelas profundezas azuis. — A festa de fim de ano da Cora é amanhã. — É uma ordem silenciosa para eu voltar com tudo resolvido. Ela agarra meu queixo. — Faça isso certo.

Com isso, ela se vira e sai do nosso quarto de hotel. Mas não antes de gritar por cima do ombro: — E também, eu me demito.

Então a porta se fecha.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Ford

A culpa foi minha companheira constante durante todo o voo para Vancouver. A opinião de Rosie sobre tudo o que tenho – meu poder, meu privilégio – atingiu-me como um trem de carga.

A última chamada de despertar. Porque não acho que nenhuma outra pessoa na minha vida tenha explicado isso dessa maneira. Willa é influenciada pela facilidade de nossa educação, quer ela perceba ou não. Nossas brigas não são iguais às de outras pessoas.

Brigas, sim. Porque todos nós brigamos. Mas é muito mais sutil do que isso.

E quanto mais penso nisso, mais percebo que meu pai estava tentando ensinar-me exatamente essa lição ao não me entregar o dinheiro para aquele ingresso anos atrás. Ele poderia ter se dado ao luxo. Ele poderia perder aqueles cem dólares na lavagem e não perceber que estavam faltando.

Mas ele queria que eu aprendesse a perceber isso.

Em vez disso, encontrei uma solução alternativa e continuei com minha vida. Minha educação. Meu sobrenome. Sei que não abusei deles nem os usei mal, mas sou culpado de ignorar o poder que eles exercem. A maneira como eles me configuraram na vida, mesmo quando não parecia assim.

No caminho para a delegacia, a realidade das palavras de Rosie é percebida. Decido que estou muito confortável com o que tenho e que usarei todas as ferramentas à minha disposição para consertar isso para West.

E percebo que devo desculpas a ele. Porque eu *sei* que não deveria mandá-lo para esta situação.

Se West vir um penhasco, ele pulará dele. Se ele encontrar um cavalo em que ninguém possa montar, West irá montá-lo. E se ele encontrar alguém que precise de um soco, West dará um soco nele.

É apenas ele. E, sem saber, eu o conduzi a isso.

Abro as portas de vidro da delegacia e balanço a cabeça quando faço uma curva e o vejo tomando café com um policial em sua mesa. As mãos de West estão gesticulando e ele está sorrindo enquanto conta ao homem barrigudo de meia-idade o que parece ser uma história hilária.

O policial tem uma mão na barriga, a outra em volta de uma caneca, e um largo sorriso espalhado sob o bigode grisalho.

Isto também é muito... West.

O homem poderia encantar qualquer um.

— Weston — falo enquanto aproximo-me, inclinando a cabeça quando vejo a forma como os nós dos dedos dele estão cortados.

Quando meu amigo há mais de vinte anos se vira e me dá seu sorriso mais travesso, sei que ele não está vendo isso da mesma forma que Rosie. Ou talvez ele esteja e não se importe.

Bato um dedo nos nós dos meus dedos, uma pergunta silenciosa sobre os dedos ensanguentados.

Ele ri e me dá uma piscadela. Uma que eu o vi usar para livrar-se de problemas – ou entrar neles – há anos. — Não, cara. Você deveria ver o outro cara.

O policial balança a cabeça e aperta a ponta do nariz. — Presumo que você seja o Sr. Grant?

Passo a língua pelos dentes enquanto estendo a mão em direção ao policial. Se me identificar vai ajudar West a sair dessa, eu farei isso. Então, é com um estremecimento que eu o corrijo. — Ford Grant Junior. Prazer em conhecê-lo... — Olho para o crachá dele. — Oficial

Rollins.

O homem segura minha mão com firmeza, estreitando os olhos astutos. — Ford Grant como...

West ri. — Oh, certo. Esqueci de mencionar que ele é um *bebê nepo*, como diria a filha dele.

Meus olhos reviram, mas não respondo.

Reconheça isso. Aceite-o.

— Bem, é um prazer conhecê-lo. Grande fã do seu pai.

Eu sorrio e digo obrigado. Isto não me surpreende nada. Praticamente qualquer homem de meia idade é fã do meu pai e de sua banda.

— Você pode levar seu amigo aqui.

Minhas sobrancelhas se levantam. — É isso?

West dá um tapa no meu ombro enquanto levanta-se da cadeira. — Sim, tenho estado aqui conversando. A primeira coisa que fiz quando me devolveram meu telefone foi pedir uma caixa grande de donuts para esses caras por serem tão bons comigo.

Minhas sobrancelhas franzem. — Você pediu donuts para os policiais?

West dispara uma arma de dedo contra o homem à sua frente e sorri. — Engraçado, certo? Eles os amam, então o estereótipo não está errado. A ciência está toda aqui para comprovar isso.

Eu fico olhando, de queixo caído. Apenas West Belmont seria preso e transformaria isso em um momento muito divertido, onde ele faria novos amigos testando um estereótipo antigo.

O oficial Rollins ri baixinho, os ombros subindo e descendo enquanto olha para seu donut colocado em um guardanapo em sua mesa. — Por favor, eu nunca vou conseguir fazer nenhum trabalho com esse palhaço por perto. Leve-o. Ele é seu. — O homem acena com a mão, afastando-nos.

— É isso? Não há queixa?

Ele aponta o queixo na direção de West. — Seu amigo aqui pode mostrar a filmagem que recebemos há talvez uma hora. Sem queixas.

Suspiro de alívio. Mas então o homem fala novamente: — Bem, exceto aquelas que ele está apresentando.

Arqueio uma sobrancelha para West, e ele simplesmente começa a andar pela estação aberta, as botas fazendo barulho no chão de carpete fino enquanto se dirige para a porta da frente.

Ele sorri e aponta *outra* arma para o cara desganhado sentado em um banco perto da porta da frente.

O homem zomba de West. E é então que eu o reconheço.

Stan Cumberland.

Pesquisei o suficiente online para reconhecê-lo em qualquer lugar. Mesmo sob o olho roxo que está inchado e fechado.

Parece que a esposa dele está conversando com a mulher da recepção. Ela vira-se para olhar para mim, com o rosto tenso e cansado. Da cabeça aos pés, seu traje grita riqueza e luxo, e não tenho dúvidas de que ela nunca viu sua manhã de sábado sendo assim.

Sinto-me mal por ela, mas não o suficiente para me impedir de ir até Stan, chutar a ponta de seu sapato social com minhas *botas estúpidas e caras*, como Rosie as chama, e elevar-me sobre ele. — Você tocou a mulher que amo sem a permissão dela. Essa foi uma escolha. Muito. Ruim — eu grito as palavras e não me preocupo em abaixar minha voz.

Sua esposa suspira atrás de mim, mas Stan apenas faz uma careta.

Viro-me para ir embora, mas paro para encará-lo novamente enquanto inclino-me contra o batente da porta. — Da próxima vez que você considerar colocar as mãos gordurosas em alguém sem consentimento, lembre-se da minha cara. Porque posso me dar ao luxo de continuar fodendo com você pelo resto da minha vida. E sou mesquinho o suficiente para fazer isso.

E com isso, viro-me e saio do prédio antes que possam me prender por fazer ameaças.

* * *

Estamos sentados no banco de trás do carro que reservei quando finalmente viro-me para meu melhor amigo, com os olhos fixos nos nós dos dedos rachados. — Sinto muito.

— Pelo quê? — West pergunta, confusão em sua voz.

Eu recosto-me contra o couro preto. — Por mandar você fazer essa merda.

Do meu lugar, vejo West assentindo. Passam-se vários segundos antes que ele responda.

— Eu sei que você se considera muito inteligente, mas, Ford, eu não trabalho para você e você não me *mandou* fazer merda nenhuma.

— Eu contei algo que não deveria e estava bem ciente de como você reagiria. Eu queria um parceiro no crime e sabia que você não me recusaria. Você nunca recusa.

Ele ri secamente, a barba por fazer raspando sob seus dedos. — Isso é porque somos amigos, não porque eu seja estúpido. Se você me pedisse para fazer algo que não estivesse preparado para fazer, eu não teria feito. E acho que você pode estar subestimando o quanto cresci desde os vinte anos. Eu não ataquei aquele filho da puta com cara de doninha. *Ele* me atacou.

Olho para West. — O quê?

Ele entrega-me seu telefone enquanto um vídeo de segurança em preto e branco preenche a tela. — Isso foi o que sua advogada chique descobriu depois de falar comigo. Acontece que quando você é dono do prédio, obter imagens de segurança é muito fácil.

Aperto o play e vejo West entrar no saguão do prédio, vestindo uma camisa de colarinho xadrez, tatuagens à mostra, cabelo penteado

para trás. Esta é a sua versão de bem-vestido. Ele está falando com a mulher da recepção quando Stan aparece no canto da tela.

As mãos de Stan levantam-se e agitam-se freneticamente – ele parece estar visivelmente agitado.

Em resposta, West levanta as mãos e afasta-se. Claro, posso ver o sorriso de merda em seu rosto, o que não ajudou a amenizar a situação. Em poucos instantes, Stan saltou sobre West.

Ele o derruba no chão apenas porque pega West de surpresa. Ele não consegue acertar um soco. West vira-se e move-se, e Stan dá um soco no chão acarpetado, parecendo uma criança petulante fazendo birra.

Então ele dá uma joelhada entre as pernas de West, e vejo meu amigo se dobrar na tela.

— Ah, merda. — Eu me abaixo e seguro meu pau protetoramente.

— Sim. Está tudo bem. Não preciso fazer vasectomia agora.

Tudo o que posso fazer é balançar a cabeça enquanto observo West se recuperar antes de acertar Stan *uma vez*.

Ele o nocauteia com um golpe e o deixa caído no chão.

— Vê? Eu fui um bom menino.

Eu rio. Ele tem razão. Isso é apenas legítima defesa. — Rosie me mataria por dizer isso, mas... isso foi incrível.

Meu melhor amigo sorri de volta para mim. — Ainda conseguimos.

— Mas você não deveria estar lá em primeiro lugar. — Inclino minha cabeça para trás contra o descanso. — Não podemos mais fazer essa merda, West. Era engraçado quando éramos crianças. Nós dois contra o mundo. Mas não somos mais crianças. A dinâmica mudou. Isso... — Minha mão balança ao redor do carro. — Há muitas consequências na vida real. Jogar boliche uma vez por semana precisa ser a única merda que fazemos agora.

— Uau, isso parece muito com algo que Rosie diria.

Eu resmungo e aceno com a cabeça uma vez.

— Eu sei que você acha que sou burro...

— Eu não acho... — tento interromper.

— Estou zoando você. Relaxa. O que estou lendo nas entrelinhas aqui é que agora é você e ela contra o mundo.

Viro a cabeça no encosto para olhar para meu amigo. — Esta é uma conversa estranha.

Ele pisca duas vezes. — Você está... você está terminando comigo?

Eu solto uma risada. — Você é um idiota.

West dá um soco no meu ombro de brincadeira e depois sibila entre os dentes. — Não, você está. Já fui casado uma vez, lembra? Pergunte-me por que não funcionou.

— Por que não funcionou?

— Porque nenhum de nós queria especialmente estar no mesmo time.

Vejo a sabedoria no que ele está dizendo.

— Eu gosto de Mia como pessoa. Ela é uma ótima mãe. Um bom ser humano. Mas, cara, oh cara, do jeito que eu faria qualquer coisa, menos passar um tempo com ela. Na verdade, foi por isso que comecei a jogar boliche. Apenas procurando um motivo para sair de casa.

— Merda. Isso é realmente desesperador.

Ele ri. — Foda-se, Junior. O boliche é o melhor.

Caímos em um silêncio sociável, os pneus zunindo na estrada, e perco-me pensando nas pessoas que quero em minha equipe. Aquelas que me amam o suficiente para dizer como as coisas são. Aquelas que me conhecem mais do que apenas meu nome ou minhas conexões.

Pessoas assim são difíceis de encontrar.

Uma pessoa com quem você deseja passar seu tempo livre. Uma

pessoa de quem você nunca se cansa. Uma pessoa que pode ser brutalmente honesta com você porque deseja o melhor para você – não porque esteja tentando feri-lo, mas porque se sente segura o suficiente para expor tudo.

Isso exige um tipo especial de confiança que – quanto mais penso nisso – Rosie e eu sempre tivemos. Onde podemos criticar um ao outro, mas nunca com maldade.

Ocorre-me que ninguém *já* entendeu-me como Rosie. Ocorre-me que nossa confiança é mais do que apenas superficial. É forjada na amizade. Ligada pelo respeito. Polvilhada com animosidade, que estou começando a achar que é apenas desejo por mais. Sempre foi. Só que agora é a nossa marca especial de preliminares.

A náusea me atinge quando penso em todos os momentos em que ela esteve vulnerável perto de mim. Os pequenos momentos de nossa amizade que ela me confiou – aqueles sobre os quais nunca contei a ninguém. Seu diário. Essa chave. Que ela *me ligou* para ir buscá-la naquela noite.

Sinto-me mal por ter contado a West um segredo que nunca me pertenceu.

— Então, ela descobriu tudo? — West finalmente pergunta.

— Eu disse a ela, mas sim. Ela é inteligente – ela definitivamente descobriu.

— Vocês estão... vocês estão bem?

Eu suspiro pesadamente. — Acredito que a irritei muito.

West não diz nada.

— Eu não deveria ter contado a você o que aconteceu. Isso foi um exagero.

Ele concorda. — Provavelmente. Mas ela vai perdoar você.

— Espero que sim.

— Ela vai.

— Eu estava tentando lidar com isso por ela, para não envergonhá-la ou causar qualquer agitação.

West bufa e dá um tapa no joelho. — Bela maneira de não causar agitação, Ford. Muito bem feito, seu idiota estranho.

Minha cabeça cai para trás novamente e fico olhando para o teto do carro, sem ter ideia de como consertar isso. Rosie está com raiva e tem todo o direito de estar.

E Cora também ficará quando descobrir. Serei um poluidor em massa e um idiota juvenil e mentiroso por arriscar o que tenho com Rosie.

Isso parece algo de que ela me acusaria.

Então faço algumas ligações no caminho para casa.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Rosie

Senti um imenso alívio quando meu irmão me mandou uma mensagem para confirmar que estava livre e não acusado de nada. E depois recebi outra.

Indo para casa. Vejo você em breve.

Casa. Ele diz isso como se compartilhássemos a mesma.

Estou olhando para as palavras de Ford quando sua mãe deixa escapar: — Ele é um caso perdido para você. Seja qual for o motivo pelo qual estou buscando você sem ele, espero que você saiba disso.

Reviro os olhos para a Dra. Gemma Grant enquanto nos aproximamos de Rose Hill.

Sim, liguei para a mãe dele. Primeiro, eu amo Gemma e sabia que ela viria. Em segundo lugar, isso parece constrangedor para Ford por ser um idiota real.

Tão idiota que sua mãe teve que limpar sua bagunça.

Eu sofri por algumas longas horas de conversa fiada e então ela me falou isso quando chegamos aos arredores da cidade.

Engolindo em seco, viro no banco do passageiro para encará-la. — Gemma, eu adoro você e respeito sua visão e conhecimento sobre relacionamentos e como é importante fazer xixi depois do sexo. E não vou nem mentir e fingir que não foi uma parte mesquinha de mim que escolheu ligar para você sabendo que isso irritaria Ford. Mas minha maldade tem alguns limites, e divulgar informações sobre mim e Ford

para você é um deles.

A pele ao lado dos olhos de Gemma enrugase e seus lábios abrem-se em um sorriso completo enquanto suas mãos giram no volante. — Essa foi a resposta certa.

Minhas sobrancelhas franzem e eu olho um pouco mais para a mulher ao meu lado.

E como se ela pudesse me sentir olhando para ela, ela fala novamente. — Ford precisa de alguém que o coloque em primeiro lugar, mesmo quando está chateada com ele. E posso dizer que *você* está chateada. Estou observando você cozinhar há horas. E você também merece isso dele. Essa privacidade.

Quase reviro os olhos e digo que ela deveria ter essa conversa com o filho, mas ela continua o monólogo antes que eu tenha a chance.

— Estou com o pai dele há décadas e décadas. E aquele homem enfurece-me de vez em quando. Mas estar sob os holofotes é difícil, e ele e eu prometemos manter certas coisas entre nós. Porque quando você ama alguém e compartilha os erros que essa pessoa cometeu com pessoas que não a amam como você, você também não pode esperar que essas mesmas pessoas a perdoem como você. Você não pode desfazer essas coisas ou desfazer esse dano.

Eu caio para trás, deixando escapar um suspiro pesado. — Isso é realmente sábio, Gemma.

Ela ri e sinaliza. — Frequentei a escola por muito tempo, fui casada com um Ford Grant há ainda mais tempo. Parece que eu já deveria ter descoberto uma ou duas coisas.

— Todos os Ford Grants são tão... frustrantes?

— Receio que ele venha de uma longa linhagem de homens frustrantes chamados Ford Grant.

— Bem, se tivermos um menino, recuso-me a chamá-lo assim.

Então paro e viro os olhos arregalados para ela. *Porra*. Isso foi um

lapso de língua desagradável.

O carro fica quieto por alguns instantes e então nós duas começamos a rir.

— Deus. — Esfrego a mão no rosto. — Você vai retirar aquela parte sobre eu proteger nossa privacidade?

— Não. — Gemma está sorrindo como uma lunática quando entramos no terreno da minha família. — Mas vou interpretar esse deslize como um sinal de que vocês dois vão ficar bem.

Ela estaciona em frente à casa do meu irmão e eu suspiro, tentando me desfazer. — Sim. Eu vou perdoá-lo. Não se preocupe. Obrigada pela carona, eu realmente lhe devo uma.

É quando pego minha bolsa e saio do carro que ela se inclina sobre o console. — Ei, Rosie?

— Sim? — Eu curvo-me para espiar o interior do veículo.

— Faça-o trabalhar para isso.

Eu sorrio agora, jogando uma piscadela para ela. — Ah, eu pretendo. — Exceto que não tenho certeza se sei o que acontece com o filho dela. Estou perdida demais para ele.

Preciso de tempo e espaço para pensar. Então bato a porta e vou para o meu barracão para alimentar Scotty.

Ele provavelmente está morrendo de fome.

* * *

Rosie: *Peguei seus filhos e estamos brincando na sua casa até você chegar. Além disso, não estou falando com nenhum de vocês, homens-crianças.*

West: *Você é uma salva-vidas, Rosie Posie.*

West: *Só para você saber. Eu não fiz nada de errado. Legítima defesa. Serei eu quem apresentará queixa contra ele.*

West: *Não seja muito dura com o Ford. Ele já tem aquela coisa emo de James Dean acontecendo. Você só está piorando as coisas.*

West: *Quero dizer, ok. Nós fodemos tudo. Desculpe.*

West: *Você é a única garota no mundo para quem eu enviaria tantas mensagens sem resposta seguidas.*

* * *

Minha primeira tarefa é pegar minha sobrinha e meu sobrinho. Eles fazem a troca às 15h aos sábados e, por mais legal que Mia seja, não tenho certeza se ela gostaria de saber que West foi preso por agredir uma pessoa.

Uma pessoa de merda que merecia, mas ainda assim.

Quando voltamos para a casa de West, está quente o suficiente para brincarmos com pistolas de água e faço questão de dar-lhes raspadinhas e sorvete. Porque foda-se West por fazer essa merda.

Eu cronometro perfeitamente. Estamos de volta lá dentro assistindo a desenhos animados quando ouço o G-Wagon de Ford parado lá fora e a porta batendo quando West sai. Quando ele entra pela porta, o açúcar está se instalando na corrente sanguínea.

— Papai! — Emmy grita do sofá antes de pular nas costas dele e se lançar nos braços do pai.

Eu? Eu apenas fico olhando para ele, de braços cruzados, perguntando-me como diabos meus pais conseguiram criá-lo.

— Olá, Rosie. — West sorri para mim.

Eu faço uma careta de volta, balançando a cabeça. Meu irmão estremece e, se ele fosse um cachorro, faria aquela coisa de suas orelhas caírem e seus olhos arregalarem-se como grandes discos de culpa.

Então dou um beijo nos dois demônios do açúcar, pego o cesto de roupa suja que lavei na casa dele nas últimas horas e saio pela porta da frente.

— Aonde você está indo? Quer ficar para jantar? Vou cozinhar para você.

Beije minha bunda.

— Não, obrigada. Vou beber meu jantar na minha doca.

— *Sua* doca?

Olho para meu irmão, pronta para ser aquela que agride uma pessoa se ele tentar me dizer que é dele. Aquela doca tornou-se meu lugar favorito para sentar, para que ele possa foder até o fim. Aponto para a água. — Sim, West. *Minha* doca.

Ele inclina a cabeça, as sobrelhas franzidas. — Irmã, aquela não é a sua doca. Aquela nem é a *nossa* doca. Aquela doca está firmemente na propriedade de Ford. Eu vi o certificado de levantamento de terras.

— Não, não está. Ford me disse que é minha.

West ri e balança a cabeça, deixando-me parada na porta dele.

Estupefata.

De volta ao antigo barracão, dobro minha roupa, desempacoto e *acidentalmente* deixo cair algumas migalhas no chão enquanto tento entender esse novo empreendimento.

Isso me irrita mais do que deveria. Principalmente porque torna ainda mais difícil ficar brava com Ford.

Desço até o lago com uma garrafa de vinho tinto na mão e meu cobertor Navajo favorito enrolado nos ombros.

Eu sei que se eu puder sentar-me na doca e ver o sol se pôr, talvez consiga deixar esse dia passar. Deixar todos os grãos de frustração que sinto se dissolverem na escuridão enquanto a luz desliza por trás dos picos das montanhas.

Só que quando chego ao local onde as tábuas de madeira encontram a grama verde, paro. Há uma pequena placa. Uma placa simples de madeira com pintura azul-claro.

Lê-se: *Doca da Rosie*.

Fico olhando para ela por vários momentos antes de perceber que há um envelope no chão abaixo dela. Meu nome está rabiscado com a caligrafia alarmentemente perfeita de Ford. Pego e rasgo. Dentro há uma escritura de uma pequena parte da enorme propriedade de Ford. De acordo com o mapa, é longa e estreita e chega até os fundos da propriedade. É uma barreira entre as terras dele e as da minha família, e também é a seção que liga ao cais.

Todo esse tempo, esta doca não era minha. Mas quando foi que Ford disse não para mim?

O papel chacoalha em minha mão trêmula, e é com um nó no estômago que caminho até o final da doca.

Minha doca.

Preciso da paz e tranquilidade que não consegui encontrar antes, com os filhos de West por perto, para processar as últimas vinte e quatro horas.

Muito possivelmente os últimos meses.

Mas quando me sento, Ford e seus braços musculosos estão nadando no lago. O sol atinge suas costas já bronzeadas e gotas de água brilham em sua pele. Seu cabelo parece quase preto quando molhado e grudado na testa enquanto ele inclina a cabeça para respirar.

Ele é tão lindo que quase dói olhar para ele.

E devo ser algum tipo de masoquista, porque também não consigo

desviar o olhar.

Não sei quanto tempo fico aqui sentada observando-o. Tempo suficiente para que toda a minha raiva, todos os meus motivos para estar desapontada, pareçam redundantes e exagerados.

Ele *não* deveria ter contado a West o que fez. Não deveria ter transformado isso em algum tipo de vingança escolar.

E ainda assim, eu o conheço bem o suficiente para entender que sua besteira de alfa batendo no peito foi bem-intencionada. Ele nunca me machucaria. Não de propósito.

Estou triste por ele ter quebrado minha confiança desse jeito. Mas também sei que vou perdôá-lo. *Amanhã*.

Vou perdôá-lo amanhã porque não quero ser uma tarefa simples no que diz respeito a Ford Grant. O homem está muito acostumado a conseguir o que quer.

Eventualmente, ele para e surge, de costas para mim. Observo os músculos de suas costas e ombros se contraírem e relaxarem enquanto ele nada, olhando para a mesma vista que eu.

Exceto que meus olhos estão fixos nele, não no céu ou nas montanhas. Eu pergunto-me há quanto tempo estou olhando para Ford Grant.

Estou pensando que já faz muito tempo, mas eu estava muito alheia para ver. Muito convencida de que ele era cerebral demais para uma garota como eu. Muito convencida de que ele não gostava de mim. Muito convencida de que ele era *apenas* o melhor amigo do meu irmão, e eu era apenas a acompanhante irritante deles.

Estou pensando que Ford e eu estamos apaixonados há anos e apenas racionalizamos isso a ponto de parecer improvável, inventado... *impossível*.

Respiro fundo e ele vira-se para mim, surpreso com minha presença. — Rosie — ele respira meu nome como se fosse o próprio ar. Necessário. Parte integrante de sua sobrevivência.

Tudo o que faço é erguer meu copo em um brinde silencioso e engolir o nó seco na garganta.

Seu rosto está tenso e seu pomo de adão balança enquanto ele me olha. — Desculpe. Eu sinto muito.

Concordo com a cabeça rapidamente, piscando, desejando que a umidade que está acumulando-se atrás dos meus cílios afaste-se. — Eu sei. A doca, hein?

Ele concorda. — Direitos de ocupação.

— Ugh. — Pisco, enxugando os olhos. É claro que ele tem que estar arrependido e engraçado.

— Consegui que a mãe da Cora viesse visitar, o motorista a trouxe aqui para a festa amanhã. Então, ela está se acomodando no quarto de hóspedes.

E doce. Golpe triplo. Foda-se minha vida. Como vou ficar brava com esse homem?

Tomo um grande gole do líquido rubi. Maior do que qualquer conhecedor de vinhos aprovaria, mas dificilmente estou bebendo pelas notas de degustação no momento.

— Isso foi atencioso da sua parte.

Ele balança a cabeça, o som da água ondulando acompanhado apenas pelo som de um mergulho mais distante no lago. — Achei que Cora poderia ficar menos brava comigo desse jeito.

Eu viro minha cabeça. — Por que Cora ficaria brava com você?

— Porque eu... — Seus dentes cerram e um músculo em sua mandíbula estala enquanto ele procura as palavras certas. — Porque eu machuquei você.

Deixo meus olhos percorrerem-no. Este homem sério, estudioso e profundamente carinhoso. — Você machucou.

Não adianta fingir que não. O que aconteceu com meu trabalho não foi apenas uma violação, mas também extremamente embaraçoso. Eu gostaria que West não soubesse, ou pelo menos que eu tivesse

contado a ele, embora não ache que ele teria sido minha primeira escolha de pessoa para contar.

Provavelmente vou querer relembrar essa história um dia. Talvez seja bom tirar isso do meu peito. Talvez eu conte a Cora quando for a hora certa. Deixá-la saber que seus desentendimentos com idiotas chauvinistas ainda não acabaram, mas o fato dela falar do jeito que falou pode ser a mudança que precisamos.

Mas ainda não. Ela é muito pequena e Ford e eu somos muito recentes. Dito isto, quero poder dizer a ela que enfrentei esse obstáculo de frente, que não fugi e me escondi. Se ela pode chamar a atenção do professor, eu posso chamar a atenção de Stan.

— Gostaria das informações de contato do seu advogado.

Ele pisca.

— Por quê?

— Se West vai prestar queixa, eu também vou. Além disso, deve haver um caso de rescisão injusta aí.

O fantasma de um sorriso toca seus lábios e uma centelha de orgulho brilha em meu peito.

— E não vou expor todos os problemas do nosso relacionamento com sua filha. Eu nunca faria isso. Não é assim que funciona.

— Como funciona? — ele pergunta com seriedade, com uma voz tão baixa e olhos caídos. Meu coração se parte um pouco com a simplicidade de sua pergunta.

Ele vira os olhos para mim, ainda flutuando na água com facilidade.

— Funciona como se... eu fosse lamber minhas feridas por um dia. Porque você realmente me irritou. Mas não somos mais crianças, Ford. Não quero ficar brava com você e não quero contar a outras pessoas sobre os erros que cometemos. Dê-me esta noite. Volto amanhã.

Eu engulo. As palavras de sua mãe voltam para mim enquanto

estou sentada aqui olhando para um homem que me ama o suficiente para gastar milhões arruinando um cara por tocar minha bunda, um homem que dividiu suas terras só para que eu possa ter minha doca. — Porque outras pessoas podem não amar você do jeito que eu amo. Podem não perdoar você do jeito que vou. Você e eu? Somos uma equipe. Acho que sempre fomos.

Ele pisca rapidamente. Já há gotas de água em seu rosto por causa da natação, mas se eu fosse uma apostadora, arriscaria adivinhar que pelo menos uma delas é uma lágrima.

Sua voz sai rouca, áspera como uma lixa, enquanto ele alcança a escada de metal presa ao cais para se equilibrar. Ele olha diretamente nos meus olhos e eu o absorvo. — Acho que contei para West porque estava com medo do que faria se tivesse que guardar isso para mim. Parecia uma maneira simples de voltar aos papéis que sempre desempenhamos. Para mantê-lo como meu amigo e você como sua irmãzinha malcriada que tínhamos que proteger.

Eu rio. A piada é sobre Ford. Sempre serei a irmãzinha malcriada de West.

— Para evitar apaixonar-me por uma garota que não estava apenas fora dos limites, mas também indisponível.

Meu coração cai nas costelas quando percebo o quão torturado ele tem sido por minha causa.

— Eu estava tentando fazer o que era certo. E eu... — Ele passa a mão pelo cabelo, como sempre faz quando está agitado. — Estraguei tudo. Eu fiz muito. Eu meio que perdi o controle por causa do que aquele idiota fez com você. — Ele ri secamente. — Todos esses edifícios. Esta doca. Voltando para esta cidade. Aquela mancha de tinta ridícula e bagunçada no chão do meu novo escritório que acho que nunca conseguirei consertar, porque nada precisa ser consertado. Consciente, subconsciente, não sei como ou quando – nem sei se tinha plena consciência do que estava fazendo.

Uma lágrima rola pelo meu rosto enquanto ouço ele abrir seu coração para mim de uma forma incomum.

— Rosie, tudo que faço é por você. Eu sei que não sou necessariamente uma aposta segura agora, mas preciso saber...

Uma aposta segura. É a segunda vez que ele diz isso, e odeio isso. Balanço a cabeça enquanto coloco a taça de vinho nas velhas tábuas da doca e entro na água gelada. Mergulho com um suspiro agudo e abro os olhos sob a água verde da montanha. Deixo-me afundar por alguns instantes, aproveitando o choque do momento, deixando a água lavar as lágrimas que brotaram em meus olhos.

Há pedras abaixo de mim.

Bolhas de ar acima de mim.

E Ford na minha frente.

Suas mãos estão em mim, envolvendo minha cintura e puxando-me para a superfície antes mesmo que eu tenha tempo de chutar as pernas.

— Que diabos, Rosie! — ele grita para mim no minuto em que chegamos à superfície. Ele nos leva rapidamente para um lugar onde possa tocar o fundo, embora eu ainda não consiga.

Suas bochechas estão rosadas e seus olhos brilhando, do jeito que ficam quando ele está bravo. — Você está louca? Isso me assustou *pra caralho!* — Seu queixo estala e eu dou-lhe um pequeno sorriso em resposta. — Na verdade, não responda isso. Eu já sei.

Minhas roupas encharcadas estão pesadas, então envolvo meus braços em volta de seu pescoço e minhas pernas em volta de sua cintura. Seus braços quentes envolvem-me e suas mãos agarram minha bunda. — Deixei todas as apostas seguras para trás, Ford. Não quero um relacionamento seguro. Eu não quero um amor seguro. — Seus olhos dançam entre os meus e sigo em frente. — Eu quero bagunça e sarcasmo e... — Espio por cima do ombro o velho celeiro, transformado em um novo escritório, antes de voltar meu olhar para ele. — Eu quero um amor selvagem. Eu quero *você*, mesmo que você me dê vontade de empurrá-lo para dentro do lago, quebrar seu computador e jogar tinta em seu chão imaculado. Quero esse

sentimento que tenho com você, onde dói respirar quando você se afasta muito, onde minha pele coça incontrolavelmente quando você olha para mim. Onde o pensamento parece superestimado, porque ambos não sabemos nada e ninguém jamais se sentirá assim. Como nós.

Ele balança a cabeça e vejo uma lágrima solitária escorrer por sua bochecha já molhada, misturando-se com a água que já está lá. Como se nunca tivesse acontecido. Mas eu sei.

— Então vou ficar brava com você por mais algumas horas. E então vamos continuar. Serei caótica e você será meticoloso. Eu vou deixar você maluco e vai me insultar daquele jeito que não parece nada como um insulto e tudo como dizer *eu amo você*. E vamos fazer isso juntos.

Seguro suas bochechas e balanço levemente sua cabeça. — Porque quem mais iria me aturar?

Então ele abaixa a cabeça no meu peito e murmura: — Aturar você é minha coisa favorita a fazer.

* * *

Às 23h59, ouço uma batida suave na porta do barracão e, quando a abro, Ford está parado ali. Um lado de sua boca curva-se em um sorriso enquanto ele olha para o Rolex brilhante em seu pulso, repleto de pulseiras de contas. Como se isso de alguma forma o tornasse mais sal da terra e menos *eu compro dezenas de milhões em imóveis comerciais para merdas e risadinhas*.

Não dizemos nada por vários segundos, e então ele levanta o pulso, mostrando que o relógio bateu oficialmente meia-noite antes de cruzar a soleira da casa.

Ele aproxima-se de mim, segurando meu queixo e murmurando: — É oficialmente amanhã e estou cansado de ficar sem você — antes de deixar seus lábios nos meus. — Tenho algumas coisas que preciso

contar.

— Ok — murmuro entre beijos. — Depressa, diga-me para que eu possa usar melhor sua boca.

— Sinto muito — ele suspira. E posso ouvir a dor em suas palavras. Então: — Estou lhe dando metade da Rose Hill Records.

Isso me faz me afastar para olhá-lo nos olhos. — Não.

— Sim.

— Você realmente precisa parar de gastar seu dinheiro assim. É desagradável.

— Rosie, esse negócio — ele aponta para sua propriedade — não vale absolutamente nada agora. Não há lista de clientes, não há contratos. Existem alguns equipamentos que poderiam ser facilmente vendidos e duas pessoas que trabalham muito bem juntas. Por favor. Seja minha parceira de negócios, e se o lugar afundar... bem — ele passa a mão pelo cabelo e ri — então acho que você vai afundar comigo.

Eu engulo. Afundar juntos. Parece que já afundamos. Estamos muito entrelaçados para deixar o outro ir. Então aceno com a cabeça e dou uma risada: — Por favor, sou excepcionalmente boa no meu trabalho. Eu nunca deixaria esse lugar afundar.

Quando meus olhos pousam em seu rosto sério, seu olhar percorre minhas feições, em busca de uma afirmação silenciosa. E ele deve encontrá-la, porque ele concorda.

Eu aceno de volta.

Aí passamos a noite toda agarrados um ao outro nesse barracão, e ele nem reclama do meu rato de estimação.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Ford

Se alguém tivesse me contado há seis meses que eu estaria na sala de estar da casa de verão dos meus pais com a cabeça de Rosalie Belmont apoiada em meu ombro enquanto minha filha e dez de seus amigos assistiam à luta livre da WWE, comendo pizza e root beer floats, eu teria dito que ele estava por fora.

— Olhe para a nossa pequena nuvem de tempestade — Rosie murmura, com a mão nas minhas costas e o polegar preso sob meu cinto. — Divertindo-se na mesma sala de estar que costumávamos nos divertir. Não foi aqui que você e West pregaram aquele truque Ouija em mim?

Cubro minha boca com o punho. Eu não deveria rir da lembrança de Rosie e um monte de outras garotas gritando. Mas foi realmente engraçado. West escapou e bateu no disjuntor quando as coisas estavam tensas. Seguiram-se adolescentes assustadas.

Rosie deixou de gritar de terror e passou a abraçar-me. Eu a abracei com força e fiquei feliz por West não estar lá para ver.

— Não me lembro desse truque — minto. Definitivamente fomos nós.

— Você é um mentiroso, Junior. Tenho isso documentado em meu diário. Eu sei que foram vocês. West acionou o disjuntor; essa é a única coisa que faz sentido.

Meus lábios contraem-se. — Ou você e suas amigas invocaram um fantasma furioso. Quem pode dizer?

— Ford — ela diz, estreitando os olhos.

Abrindo um sorriso, dou de ombros, porque não quero incitar sua ira quando acabamos de fazer as pazes. Volto a concentrar-me em Cora. Algo em que *podemos* concordar. — É como se fosse uma tempestade inteira aqui. Essas crianças estavam correndo por Rose Hill há alguns meses? Ou Cora doutrinou todos eles? É um mar de preto e cinza. E por que as meninas dessa idade assistem a luta livre profissional?

O corpo de Rosie soluça de tanto rir. — Provavelmente pelo enredo.

Minha testa franze. — O quê?

— Mais ou menos como os meninos leem a *Playboy* para ver os artigos.

Eu enrijeço, a cabeça recuando ligeiramente. — Sem chance.

— Ford. Há homens bronzeados e viris, com grandes músculos, jogando-se uns contra os outros. Sim, acaso.

— Mas ela é...

— Quase uma adolescente? — Rosie bate-me com uma expressão que diz: *Você é estúpido?*

Engulo em seco e olho para Cora, que tem molho de tomate no canto da boca e aponta para a TV. — Oh, meu Deus. *Wild Side*. — Ela praticamente geme o nome do homem. — Ele é meu favorito. Nunca diz uma palavra e ninguém vê seu rosto.

O cara é enorme, com cabelos escuros e molhados e uma assustadora máscara de couro preto que cobre todo o rosto.

Rosie ri e cobre a boca com a palma da mão. — Por que nada sobre ela gostar disso me surpreende?

Eu apenas resmungo, não estou pronto para entender a ideia de que essa doce garotinha que acabou de entrar na minha vida está cobiçando homens gigantes vestidos de couro.

A campainha toca e Rosie dá um tapa na minha bunda antes de se afastar para atender. — Você fica aqui e fica carrancudo, papai urso.

Reviro os olhos quando ela sai, mas não consigo tirá-los dela enquanto ela atravessa a sala de estar, passa pela ilha da cozinha e segue pelo corredor. Sinto um puxão no centro do meu peito quando ela sai de vista. Quero segui-la, estar perto dela, mesmo sabendo que ela só se afastará por um momento.

É Marilyn quem chama minha atenção quando termina de conversar com meus pais e aproxima-se de mim.

É bom tê-la aqui. Uma boa surpresa. Cora chorou quando ela entrou ontem, e foi quando saí para nadar – para dar espaço a elas.

— Meu marido costumava me olhar assim, você sabe.

Olho para ela. Ela parece melhor. Mais brilhante. Muito mais saudável. Fico feliz em ver isso, embora isso faça meu estômago embrulhar. Porque também sei o que isso significa no longo prazo.

— Como se o mundo pudesse parar de girar se eu estivesse fora de vista.

Eu coro levemente. Sei que minha capacidade de esconder meus sentimentos por Rosie praticamente desmoronou nos últimos meses. Não tenho certeza se alguma vez fui *bom* nisso, mas definitivamente piorei substancialmente.

— Eu gostaria que Cora pudesse tê-lo visto naquela época. Ele era tão vibrante. — Ela pisca e eu desvio o olhar, sentindo um aperto na garganta enquanto a vejo lembrar-se do marido. — Tão saudável.

Ela está balançando a cabeça quando olho para ela. — Você gostou de tê-la por perto? — ela pergunta.

Um som suave e agudo fica preso na minha garganta. — Marylyn. Você está me matando aqui.

Ela dá um tapinha no meu ombro de um jeito maternal. — Você é um homem doce, Ford. Eu gosto muito de você. É uma pergunta simples. Isso tem sido um fardo para você? Se eu pensar em tentar retribuir tudo o que você fez, o peso disso será paralisante. E também sei que não foi para isso que você se inscreveu.

Engulo em seco ao ouvir Rosie, West e seus filhos na porta da frente. — Eu me inscreveria nisso repetidamente.

Ela sorri, e sua pele levemente enrugada se avoluma ao fazê-lo. — Quero que ela tenha um modelo masculino vibrante, saudável e feliz em sua vida. Eu quero que ela tenha amigos. E família. Eu quero que ela tenha isso. Este lugar tem sido tão bom para ela depois de tudo o que ela viveu. Vejo como ela é diferente aqui, a maneira como ela se recriou. Cresceu dentro de si mesma.

Com um aceno, ela gesticula pela casa, com os olhos brilhantes.

— Estou pensando... — Ela para, mordiscando o lábio inferior enquanto dois homens de malha jogam-se um sobre o outro em um grande anel quadrado. — Estou pensando que uma mudança de cenário também pode me ajudar a me recriar um pouco.

Eu fico imóvel, olhando para ela. Suspeito que sei o que ela está insinuando, mas não quero tirar conclusões precipitadas ou fazer suposições.

— Mas não quero fazer algo que infrinja sua liberdade ou seus planos. Eu não...

— Eu adoraria ter vocês duas aqui. — Deus, mal consigo pronunciar as palavras sem parecer engasgado.

Marilyn balança a cabeça uma vez, com firmeza.

— Posso comprar uma casa para você...

Agora ela revira os olhos para mim, uma pequena faísca que me lembra Cora. — Não me insulte. Vou comprar minha própria maldita casa. Você pode me encontrar um corretor de imóveis.

Meus lábios se pressionam enquanto luto para reprimir um sorriso.

— Ei, podemos sair de barco? — Cora grita.

— Claro — é minha resposta instantânea.

Mas então ela volta-se para as amigas e diz: — Quem quer passear de barco? Meu pai disse que vai nos levar!

E ela diz isso como se fosse a coisa mais casual do mundo. *O meu pai*. Não conversamos nem ficamos sentimentais sobre isso – não é o estilo dela. Ela é prática e está adaptando-se a uma nova fase da vida, como Marilyn acabou de dizer. Não acho que ela esteja substituindo o pai – e eu não gostaria que ela o substituísse –, mas é bom sentir que ela pode estar aberta para adicionar outro.

Eu fico olhando para ela por alguns instantes, absorvendo o momento, depois limpo a garganta. Os olhos lacrimejantes de Rosie encontram os meus do outro lado da sala, e eu sorrio para ela enquanto digo: — Vou ligar o motor. Vocês podem se trocar.

Então levo minha filha e suas amigas para passear de barco pela primeira vez.

* * *

Assim que a festa de fim de ano termina, Rosie leva-me de volta ao escritório. Seus dedos unem-se aos meus, nossos passos suaves na grama transformando-se em batidas surdas no deque de madeira.

— Você sabe que não trabalhamos aos domingos — resmungo. Porque aonde eu realmente quero ir com Rosie é para a cama.

Ela sorri para mim por cima do ombro, o queixo roçando a alça fina de seu vestido rosa. Seu cabelo cai em ondas soltas e voa como uma franja enquanto ela gira no local. A expressão no rosto dela é toda problemática e caprichosa e *eu vou ser uma pirralha agora*.

É um olhar que conheço bem.

Um olhar que aprendi a amar.

E enquanto ela se aquece sob os raios quentes do sol, emoldurada pelas montanhas atrás dela e por uma cama de Susans de olhos castanhos¹⁶ ao seu lado, fico impressionado com a necessidade avassaladora de beijá-la.

Paro no meio do caminho e a puxo em minha direção. Sua mão

pousa em meu peito e eu a cubro com a minha, envolvendo a outra em seu corpo e agarrando sua nuca.

— Esse maldito olhar, Rosalie — eu resmungo, examinando seu rosto.

Seus olhos estão brilhando e seu sorriso é suave. — Não tenho ideia do que você está falando.

É com um gemido frustrado e sem nenhuma restrição que coloco minha boca na dela e a beijo. É emocionante e envolvente e é o que sempre sonhei.

Beijar Rosalie Belmont quando e onde eu quiser.

Ela choraminga em minha boca enquanto aprofundo o beijo, os dedos agarrando minha camisa com força antes que ela se afaste.

— Vamos. — Sua voz está sem fôlego. — Eu quero mostrar isso a você. Acho que vai adorar.

— Você nua e curvada sobre minha mesa?

Ela revira os olhos e ri levemente. — Você pode querer me bater por isso primeiro, mas depois disso... sim. — Com uma piscadela, ela vira-se e entra no escritório, parecendo tão satisfeita consigo mesma que fico preocupado. Ela guia-me pelo assolho até que estamos bem em cima do desastre de tinta azul.

— Então, acontece que a loja de troféus e premiações fica aberta aos domingos. Peguei enquanto esperava pela pizza. O que me lembra, precisamos levar um pedaço que sobrou para Scotty.

Estou prestes a reclamar do apego dela ao rato quando ela aponta para a parede e, com certeza, há uma placa dourada gravada montada bem ao lado do chão.

Lê-se:

Amor Selvagem

Tinta sobre madeira.

Fico olhando para ela por não sei quanto tempo. Gosto de coisas ordenadas. Gosto delas precisas e organizadas. Sou exigente e tenho certeza de que minha irmã me chamaria de tenso e neurótico.

E, no entanto, nunca amei tanto uma bagunça.

Não tenho palavras, então puxo Rosie para um abraço forte, inspirando o cheiro açucarado de seu cabelo, saboreando a pele macia de seu pescoço contra meus lábios.

Ela aconchega-se em mim, e não sei quanto tempo ficamos assim, só que eventualmente afasto-me, coloco meu álbum favorito de Allah-Las no toca-discos e a puxo para o sofá de couro.

Passamos a noite toda abraçados, ouvindo música, exatamente como eu queria – desde a manhã seguinte em que a beijei pela primeira vez e a encontrei dormindo aqui.

Assim como sonhei antes mesmo de perceber que ela era o sonho.

EPÍLOGO

Rosie

— O que você está cantarolando? — Cora pergunta enquanto coloco toalhas limpas na prateleira do banheiro do primeiro andar.

Minhas sobrancelhas franzem. — Não sei.

— Isso foi “Pumped Up Kicks”?

Dou de ombros. — Talvez? Você e seu pai são os que têm ouvidos para música nesta casa.

Já se passou um mês desde o fim das aulas. Um mês de todos nós morando juntos.

É como brincar de casinha.

É bom demais para ser verdade.

— Você sabe que essa música é sobre um tiroteio na escola — Cora fala inexpressivamente, sua franja preta bem reta na testa.

Eu paro. Às vezes, ela é tão abrupta e mórbida que preciso de um segundo para me atualizar.

— *Sério?*

Ela balança a cabeça sobriamente.

— Mas parece tão feliz. Eu estava cantarolando feliz!

— Balançando a bunda também.

Eu corro, mas recuso-me a ficar envergonhada. Sou *eu* quem faz as tarefas depois de escurecer.

— Seu pai ensinou isso a você?

Ela assente. — Acabei de chegar do escritório. Ouvi um monte de coisas novas.

Um sorriso lento espalha-se pelo meu rosto. Isso tornou-se um passatempo favorito para eles. Eles sentam-se naquele sofá de couro, bebem root beer, ouvem música e conversam sobre isso. *Em profundidade.*

Próximas turnês.

Sintetizadores.

Auto-tune.

Pedais de guitarra.

Certa vez, entrei e os encontrei assistindo a um vídeo em que Jack White – que me disseram que na verdade *não é* Edward Mãos de Tesoura – constrói um violão com uma tábua velha, alguns pregos, um pedaço de barbante e uma velha garrafa de Coca-Cola.

— Bem, isso soa exatamente como o tipo de conversa de nuvens de tempestade que vocês dois teriam.

Eu reviro os olhos petulante por causa disso, mas isso não me incomoda nem um pouco. Esta semana, Marilyn comprou uma casa na cidade. Ford não acreditou, mas fez de todo o processo o seu negócio. Negociando preços, organizando mudanças – até o ouvi dizer a Marilyn que conhece um bom pintor chamado Scotty, com quem poderia conectá-la.

O mesmo Scotty que ele despediu por falar comigo.

Bastardo mesquinho.

De qualquer forma, saber que Cora estará por perto é a cereja do bolo. Prevejo muitas sessões musicais no escritório para esses dois. O estranho fim de semana em nossa casa. Um acordo de ir e vir quando quiser é o que parece.

— Falando em conversas que gosto de ter...

Eu bufo. — Oh, isso deve ser bom.

— Você já fez Bloody Mary?

— *O quê?*

Cora revira os olhos como se eu fosse idiota. — Você sabe... Bloody Mary. Onde você diz isso enquanto vira-se e depois a vê no espelho?

— Esta é uma marca tão importante para você. — Coloco a mão na boca enquanto o sentimento desaparece e os olhos de Cora reviram novamente. Mas ela também ri.

— Eu quero tentar isso. Mas não sozinha.

Mordo meu lábio inferior. — Tipo, no Halloween?

— Não. Agora mesmo.

— Agora mesmo?

Ela empurra-me para dentro do banheiro, de frente para o espelho. — Agora mesmo.

— Você sabe que fantasmas não são reais, certo?

Tudo o que Cora faz é arquear uma sobrancelha enquanto meus olhos caem para um toque rosa sobre seu ombro. Meu elástico de veludo. Vou ter que encher a meia dela com isso no Natal.

— Vamos, Rosalie. Você é covarde?

Eu passo ao lado dela, meu queixo caindo. — Garota, você acabou de me chamar de Rosalie e covarde de uma só vez?

Ela apenas segue em frente. — Ok. Vamos fazer isso.

Eu balanço minha cabeça. — Você precisa voltar para a escola. Alguma estrutura é boa para diabinhos como você.

Nossos olhos fixam-se no espelho e nós duas rimos. Isso foi mentira e nós duas sabemos disso. O verão tem sido o mais divertido. Cozinhando no fogo. Passeando de barco quando está calor. Cora até aprendeu a praticar esqui aquático.

— Então, temos que dizer Bloody Mary treze vezes. Ficando cada vez mais alto. No último, ela aparecerá no espelho.

— Ford vai pensar que somos malucas.

Ela dá de ombros. — Ele já acha. Além disso, ele foi para a casa de West. Ok. Vamos.

Uau. Ela está tipo... realmente empenhada nisso.

— Bloody Mary — ela começa com um sussurro, e eu atrapalho-me com o primeiro, tentando alcançá-la.

Então eu acerto o momento. — Bloody Mary, Bloody Mary, Bloody Mary, Bloody Mary, Bloody Mary — continuamos falando mais alto até que me preocupo com a possibilidade de alguém chamar a polícia. — Bloody Mary, Bloody Mary, Bloody Mary, Bloody Mary, Bloody Mary, Bloody Mary.

Nós olhamos uma para a outra antes de gritar o último.

— Bloody Mary!

Então todas as luzes da casa se apagam e eu grito, pulando o que deve ser alguns metros do chão.

Mas Cora? Cora está rindo. E eu percebo isto rapidamente. Ela e o pai estão fazendo uma piada adorável comigo.

Mas passar da luz brilhante para mergulhar na escuridão faz com que meus olhos tenham dificuldade para se ajustar.

— Ford, porra, Grant! — grito, esperando que, para o bem dele, ele me ouça alto e claro de onde quer que esteja o painel elétrico desta casa. — Você é uma criança crescida e vou matar você por isso!

Cora ri ainda mais.

— Acenda essas luzes *agora mesmo!*

Bato o pé como uma criança petulante.

E então assusto-me quando ouço o som rouco e divertido de sua voz bem na minha frente. — Ok.

Estou confusa com a forma como ele está tão perto, mas toda essa confusão evapora imediatamente quando as luzes se acendem e eu o observo.

De joelhos.

Com um sorriso torto.

E segurando um anel.

Uma enorme pedra rosa com corte almofadado colocada em uma delicada faixa de ouro rosa. Diamantes brancos menores flanqueiam a pedra central, dispostos de uma forma que se parece muito com folhas.

Seus olhos lembram-me folhas.

— Achamos que você precisava de um anel rosa — Cora deixa escapar, praticamente saltando no mesmo lugar.

Por trás de Ford, meu irmão aparece. Sorrindo exatamente como aposto que ele fez da última vez que fez essa piada comigo.

— Rosalie Belmont... — Ford começa, mas eu o interrompo.

— Não me venha com Rosalie. Você está seriamente me pedindo em casamento depois de assustar-me do jeito que fez quando era adolescente? Você não pode estar fazendo isso.

Ele dá aquele sorriso que faz meu estômago embrulhar. Seguido por uma piscadela que faz minha pele coçar. — Amei você então. Amo você ainda mais agora. Se não estamos levando um ao outro contra a parede, qual é o sentido?

Meus olhos ardem e pisco para Cora. Suas mãos estão em concha em seu rosto, e não tenho certeza se já a vi parecer tão... adoravelmente animada.

Cruzo os braços e inclino-me para dar uma olhada mais de perto no anel. Estou tentando parecer casual, mas minhas bochechas estão quentes e meu coração está batendo forte contra minhas costelas.

Quero jogar-me de joelhos e implorar que *ele* se case comigo.

Mas, em vez disso, inclino-me para perto dele, sentindo o cheiro de sua colônia exclusiva, e murmuro: — Talvez eu devesse dizer não. Ensinar uma lição.

Cora engasga e West ri.

Os olhos de Ford brilham com diversão. — Coisa certa. Diga não. Vou persegui-la, forçar este anel em seu dedo e ensinar-lhe uma lição, Rosie.

Agora eu sorrio. — Isso realmente parece muito divertido.

Antes que Ford termine de revirar os olhos, saio correndo do banheiro e passo por ele.

Eu saio pela porta da frente ao som das risadas do meu irmão e de Cora enquanto Ford claramente tenta se orientar. Logo que saio pela porta, corro a toda velocidade, a grama fazendo cócegas em meus pés enquanto uso a colina a meu favor, correndo em direção à água.

Em direção à *minha* doca.

Posso ouvir a respiração de Ford atrás de mim. Uma risada sem fôlego enquanto ele me persegue.

Meus passos ecoam pelas tábuas de madeira do cais enquanto corro em direção ao lago.

E ele segue.

— Você está invadindo, Junior! — eu grito de volta para ele, uma espécie de risada maníaca saindo da minha garganta.

Seu longo braço captura-me pela cintura enquanto ele puxa-me para ele, a poucos metros do final da doca. — Tente livrar-se de mim então, Rosie. Atreva-se. De qualquer maneira, estou fazendo com que tudo que é meu seja seu. Estou até renomeando o estúdio.

Minhas sobrelanceiras franzem.

— Eu queria dar-lhe o nome da cidade que aprendi a amar. Mas...

— Mas a Rose Hill Records não tem inspiração? — Os olhos de Ford reviram. — Sim, você mencionou isso.

— Então, como você está chamando isso?

Ele engole e observa-me com muito cuidado. Sua língua sai e ele a pressiona entre os lábios. Percebo que ele está *nervoso*. Este homem realmente acha que eu poderia não me casar com ele.

— Wild Rose Records. Pela garota que sempre amei. Mas como minha parceira de negócios, preciso da sua opinião.

Eu pisco. Meu coração bate mais forte. *Foda-me*, isso é romântico. Ser considerado meu chefe o incomodava. Ética e romanticamente. Ele estremece toda vez que isso surge, especialmente porque eu comecei a precisar de um emprego.

Ele mexe os pés, esperando que eu responda. — Eu sei que não é Rosie ou Rosalie. Mas Wild Rose Records parece...

— Meio idiota — termino para ele enquanto fungo e deslizo minhas mãos sobre seu peito largo. — Eu amo isso. Eu realmente amo isso. Mas não vou dar a você metade do meu dinheiro. Recuso-me — respondo enquanto ele olha para mim, balançando a cabeça, os olhos verdes brilhando.

— Rosie, cale a boca e case comigo — ele rosna com um toque de desespero na voz.

Então ele arranca minha mão de seu peito e coloca o anel em meu dedo.

Somos tão nós.

Eu ria se não estivesse tão fascinada pela maneira como ele brilha quando mexo os dedos.

— Sim. Sim. Definitivamente. Eu definitivamente quero me casar com você.

Muito.

Ele solta uma risada. — Graças a Deus.

Então meus dedos enrolam-se no algodão macio de sua camisa e puxo sua boca até a minha. Ele beija-me e eu sinto que poderia flutuar para longe.

Mas eu não flutuo.

Eu o seguro com força... e o puxo direto para a água comigo.

Querido Diário,

Esta noite, recebi um monte de amigas. Estávamos na casa dos pais de Ford, porque eles estavam fora esta noite, o que significava que poderíamos ter a casa inteira só para nós. Tenho certeza de que metade delas só apareceu porque estão secretamente obcecados por West.

De qualquer forma, Tarah trouxe seu tabuleiro Ouija, e eu estava convencida de que era muito estúpido. Obviamente, os fantasmas não são reais. Mas então nós cinco começamos a jogar e juro que a peça se moveu. Claro, Ford teve que entrar e nos ver jogando.

Apenas a munição mais fácil para ele usar em mim.

Então, eu o convidei para brincar com a gente, certo? Pensando que se ele participasse do jogo, isso neutralizaria seus planos malignos.

Exceto que Tarah parecia um pouco animada demais por tê-lo juntando-se a nós. Ela moveu-se imediatamente para abrir espaço para ele e sorriu de forma estúpida para ele.

O que significava que eu estava ajoelhada, encarando Ford e seu sorriso irritante e condescendente enquanto ela olhava e fazia olhos de admiração para ele.

Como se Ford algum dia gostasse de uma garota que gosta de Ouija.

A próxima coisa que você vai ver será essa vadia tentando ler as folhas de chá, as palmas das mãos ou as veias do saco.

Eu também não perdi o jeito que ela colocou os dedos nos dele.

Meio que me fez ter esperança de que *poderíamos* realmente conjurar um fantasma. Um que quebraria seus dedos por mim.

De qualquer forma, perguntamos aos espíritos se um de nós iria morrer jovem (se eu fosse uma pessoa pior, gostaria que fosse Tarah) e então aos poucos a resposta foi SIM.

O que teria sido estúpido, exceto que as luzes se apagaram naquele momento e eu perdi a cabeça.

Joguei depois, como se fosse legal. E eu nunca admitiria isso em qualquer lugar que não fosse aqui, mas eu estava com muito medo.

Acho que nunca gritei tão alto na minha vida, mas estava TÃO escuro e TÃO repentino. Virei-me para correr, mas Ford estava lá. Ele devia ter passado direto pelo tabuleiro, atravessando o caos de garotas gritando, para chegar até mim.

Ele estendeu a mão para mim e eu fui. Eu agarrei-me a ele.

Ele está muito menos magro do que costumava ser. Não tenho certeza de quando isso aconteceu, mas seus braços agora têm músculos. E ele até cheira bem.

Ok, muito bem.

Eu provavelmente deveria estar brava, porque tenho certeza de que West cortou a eletricidade como uma brincadeira.

Mas em vez disso, eu... não sei. Parece loucura, mas estou quase feliz por ele ter feito isso?

Ford segurou-me até que as luzes se acenderam novamente. Ele sussurrou: “Estou com você” contra meu cabelo e eu acreditei nele.

Eu nunca admitiria isso em nenhum lugar, exceto nestas páginas, mas senti-me segura em seus braços.

E fiquei desapontada quando as luzes se acenderam novamente.

EPÍLOGO BÔNUS

Cora

7 ANOS DEPOIS

Borboletas invadem cada canto do meu estômago enquanto ouço o diretor falar nos bastidores. Parece aquele momento em que uma montanha-russa chega ao topo da pista, levando à sua primeira queda.

E não é apenas o fato de que estou prestes a subir ao palco como oradora da minha turma de formandos. É que minha vida está aberta diante de mim. O futuro está ao meu alcance. O mundo é a porra da minha ostra.

E é assustador.

Ainda assim, eu mudo minhas feições para uma expressão um pouco entediada, endireito meus ombros e ajusto o elástico de veludo rosa em meu cabelo preto.

— E sem mais delongas, tenho o prazer de apresentar a oradora da turma deste ano, Cora Holland!

Eu engulo uma vez e forço meu Chuck Taylor brilhante que aparece por baixo do meu vestido azul para levar-me para o palco. Os aplausos são altos.

Mas não tão alto quanto a gritaria de Rosie e Willa que me atinge no minuto em que subo ao palco. Encontro-as na primeira fila, ao lado dos meus avós, e reviro os olhos envergonhados para elas. Mas também não consigo evitar que meus lábios se contraíam.

Nunca pensei que estaria aqui, em uma cidade pequena, formando-me na frente de tantos familiares que estão um pouco entusiasmados com o diploma do ensino médio. Você poderia jurar

que fiz meu doutorado em algo inteligente quando tudo que fiz foi abordar o básico.

Ainda assim, faz meu coração inchar e minha cabeça cair.

Mas não antes de meus olhos pousarem em meu pai. Ele está batendo palmas de uma forma completamente educada e levemente afetada – no verdadeiro estilo Ford. Mas são seus olhos que revelam. Eles brilham em verde e são suspeitosamente aguados enquanto ele rastreia cada movimento meu.

A visão dele, mesmo que minimamente emocional, faz meu nariz formigar. Eu aperto-o, passo a mão na ponta delicadamente e depois ofereço à minha mãe, que está sentada ao lado de Ford, um sorriso suave.

Então subo ao pódio, puxo o microfone um pouco mais para baixo e começo com um estranho: — Oi.

Juro que quase posso ouvir os sorrisos do público, embora as luzes do palco estejam fortes demais para ver alguém além das primeiras filas do auditório.

É estressante.

— Devo dizer — começo com uma risada — ter que fazer isso curou-me de qualquer ilusão de que eu poderia seguir os passos do meu avô e tornar-me uma espécie de estrela do rock.

O riso da multidão encoraja-me.

— Para quem não me conhece, meu nome é Cora Holland. Algumas pessoas me chamam de Cora Grant, e para mim tudo bem, porque estou extremamente orgulhosa de estar associada a ambos os sobrenomes.

Espio meu pai, vejo seus braços cruzados e lábios cerrados. Pobre cara. Esta não é a cena dele. Quase me dá vontade de rir.

Ao lado dele, no colo de Rosie, está minha irmã mais nova, Stevie. Ela está acenando para mim animadamente como se eu fosse a merda mais legal que ela já viu.

Eu sorrio e aceno de volta antes de me forçar a começar a falar novamente. — Veja, eu vim para Rose Hill há sete anos em circunstâncias um tanto incomuns. Cheguei aqui durante um período bastante sombrio da minha vida e encontrei um lar onde não esperava.

— Eu sinto que este deveria ser um discurso sobre abrir nossas asas, decolar e ver o mundo, escalar todas as montanhas, perseguir constantemente *mais*. Mas acho que se aprendi alguma coisa nos anos que passei aqui na Rose Hill High é que às vezes a vida é uma aventura que você não escolhe. Acho que a vida é um quebra-cabeça e às vezes você não sabe onde todas as peças vão se encaixar – e *tudo bem*. Mesmo quando isso nos deixa muito frustrados.

Zumbidos e acenos gerais filtram de volta para mim.

— Às vezes, você perde alguém que ama profundamente e parece que seu mundo está acabando. E então o universo lhe dá alguém novo. Alguém inesperado. Não é um substituto, mas outra peça do quebra-cabeça. Talvez apenas algumas horas atrás você não tivesse certeza de onde aquela peça poderia caber, você estava muito cego pela tristeza ou raiva ou o que quer que seja. Mas então um dia você está olhando para todos os pedaços do que parece ser uma vida em ruínas. E você vê isso. Como se fosse... tão óbvio que esta peça pertence *exatamente ali*. Então, de repente, com isso no lugar, você vê espaços para mais peças. E então, peça por peça, ano após ano. Essas peças? Elas começam a fazer sentido.

Rosie pisca para mim por cima da mecha de cabelo castanho da minha irmã, com feições positivamente cheias de orgulho. Isso faz meu peito doer.

— A verdade é que não sei qual será a imagem final. O quebra-cabeça é muito grande. Não quero sair pelo mundo pensando que sei *exatamente* o que quero fazer ou quem preciso ser. Eu quero mais curiosidades. Quero mais tempo para refletir sobre as peças. Quero mais oportunidades de ser surpreendida por esta vida. Quero aprender ao longo do caminho. Nunca quero sentir que tenho tudo planejado.

Meus lábios fecham-se e engulo a emoção na minha garganta.

— Mãe, obrigada por ser tão corajosa. Por me mostrar como é ser tão forte que você pode superar até mesmo os pontos mais baixos. Sua resiliência é uma inspiração para mim sempre. Eu amo você e serei eternamente grata por o universo ter me dado você.

Minha mãe está chorando agora. Sorrindo e balançando a cabeça. Eu pisco. É difícil assistir.

— Rosie, obrigada por me mostrar como é recriar-se com tanta graça e bondade. Seu coração – e humor – são uma inspiração. Serei sempre sua pequena nuvem de tempestade. Eu amo você e serei eternamente grata por o universo ter me dado você.

Eu vejo sua boca dizendo as palavras *eu também amo você* enquanto uma lágrima perdida escorre.

— Irmã Stevie. — Minha irmã mais nova dá uma risada. Ela tem três anos e é cheia de personalidade. Onde eu sou como Ford... ela é um pequeno raio de sol como Rosie. — Obrigada por me tornar uma irmã mais velha. Nunca pensei que alguém pudesse olhar para mim como se eu tivesse pendurado a lua do jeito que você olha. Espero ser o tipo de pessoa que sempre merecerá essa admiração sua. Eu amo você e serei eternamente grata por o universo ter me dado você.

Mais gritos felizes, palmas e um doce açúcarado: — Amo você, irmã Cora!

— Ford. — Meus olhos pousam nele. O meu pai. Biologicamente para começar, e em todos os sentidos que contam agora. — Pai. Pai bônus. Ford Grant *Junior*. — Essa frase rendeu-me um coro de risadas na primeira fila. Rosie, Greta e Senior acham isso especialmente divertido. Meu pai revira os olhos e cruza as pernas. Mas não perco a pulsação de sua bochecha, como se ele estivesse tentando não sorrir.

Limpo a garganta e sigo em frente. A emoção brota em meu peito. — Obrigada por ser aquela peça do quebra-cabeça que me mostrou um caminho a seguir. Não sou apenas a garota mais sortuda do mundo por ter sido criada por um homem incrível até os onze anos. Mas

então eu ganhei você?

Minha voz falha e eu cubro com uma risada ofegante e algumas piscadas.

— Devo ter sido uma maldita santa em uma vida anterior para ter essa sorte.

Olho para meu diretor, que está balançando a cabeça para mim por xingar. Mas seja como for, já terminei aqui de qualquer maneira.

O queixo de Ford treme e sei que esse tipo de atenção o deixa desconfortável. Eu sei que o elogio o deixa nervoso. Mas espero que ele esteja pronto para se contorcer, porque ainda não terminei. Ele e eu nos tornamos duas ervilhas na mesma vagem nos últimos sete anos e quero que ele saiba – *realmente* saiba – o que ele significa para mim.

— Obrigada. Obrigada por me amar antes de me conhecer. Obrigada por reorganizar seu quebra-cabeça para encaixar minhas peças. Obrigada por lutar por mim. E obrigada por... — paro para bater com o punho no peito — e obrigada por continuar o que meu pai começou, mostrando-me todos os dias como é um homem realmente bom. Meus padrões daqui para frente serão escandalosamente altos.

Há risadas, mas não perco a lágrima perdida que meu pai enxuga da bochecha em direção à têmpora, onde seu cabelo agora mostra uma estranha mecha prateada.

— Doug aprovaria — termino em lágrimas.

Então Ford acena para mim, os olhos cheios de lágrimas.

E eu aceno de volta.

Então volto minha atenção para o público. — Tudo isso quer dizer que, durante meu tempo aqui na Rose Hill High, aprendi muito sobre diferentes assuntos acadêmicos, mas acho que a lição mais importante que aprendi é que o mundo funciona de maneiras misteriosas. Pretendo saborear o mistério. E desejo o mesmo para o resto da minha turma de formandos, à medida que iniciam essa próxima fase de suas vidas. Para encerrar, gostaria de compartilhar

algumas palavras sábias do grande Zack de la Rocha — dou uma piscadela para meu pai agora — e essas são: a sala de aula é a última sala para se saber a verdade.

Eu termino aí. Afastando-me do microfone e vendo meu diretor suspirar perturbado. Ouço a risada de Ford em meio aos aplausos e meus olhos voltam para ele imediatamente. Ele está de pé. E batendo palmas. E desistiu de enxugar as lágrimas de orgulho que ficam sob seus cílios.

É seu orgulho bruto que me leva até a beira do palco, onde faço um gesto para que ele se aproxime de mim. Em três passos, ele está aqui, sorrindo para mim. Meus olhos ardem quando me agacho para encontrar seu olhar.

Mal consigo pronunciar as palavras, mas olho bem nos olhos do meu pai quando digo. — Eu amo você, grande nuvem de tempestade, e sou eternamente grata por o universo ter me dado você.

Ele abraça-me com força, bem aqui na beira do palco, enquanto sussurra asperamente em meu ouvido: — Eu também amo você, pequena nuvem de tempestade.

Então começa a próxima fase da minha vida. E quem sabe aonde isso me levará.

Afinal, isso é metade da diversão.

Fim.

[←1]

Nepo baby, abreviação de nepotism baby, é um termo que se refere a celebridades cujos pais tiveram sucesso nas mesmas carreiras. A implicação é que, como os seus pais já tinham ligação a uma indústria, a criança foi capaz de usar essas ligações para construir uma carreira nessa indústria.

[←2]

Um pequeno prato raso de vidro ou plástico com uma tampa solta, usado especialmente para culturas de bactérias.

[←3]

Uma palestra TED, é uma apresentação gravada em público que foi originalmente feita no principal evento anual do TED (tecnologia, entretenimento e design) ou um dos seus satélites ao redor do mundo. O TED é uma organização sem fins lucrativos dedicada a difundir ideias, geralmente na forma de palestras curtas e poderosas, muitas vezes chamadas de “conversas TED.”

Master in Business Administration (MBA) é um curso pós-graduação *lato sensu*. Trata-se de uma formação superior voltada para profissionais que buscam obter ou aprofundar conhecimentos nas áreas de Gestão e Administração.

[←5]

Esclerose Lateral Amiotrófica.

[←6]

Significa fazer algo difícil sem a habilidade ou experiência necessária.

[←7]

Gumby é um personagem de desenho animado, franquia de mídia associada criada por Art Clokey.

[←8]

Chiclete sabor frutas.

[←9]

Também conhecido como Lorde Voldemort, foi um bruxo mestiço considerado o mais poderoso bruxo das trevas de todos os tempos, da série de filmes Harry Potter.

[←10]

New Bowling é um evento em pista de boliche onde o boliche acontece sob iluminação especial, com lasers, música, etc.

[←11]

Muito Alto.

[←12]

Consiste na mistura de sorvete de baunilha e uma cerveja não alcoólica feita de casca da raiz da árvore sassafrás (root beer).

Segurança primeiro.

Aye, Aye, capitão, é uma forma de *sim, sim, senhor* e é usado na Marinha dos EUA para mostrar que a pessoa que diz isso seguirá uma ordem que foi dada e a seguirá antes de fazer qualquer outra coisa. Também mostra que a pessoa conhece a ordem e o que exige que ela faça.

[←16]

É uma espécie de planta com numerosas flores amarelas semelhantes a margaridas.